

# SEMENTES DA RESISTÊNCIA:



Associação Brasileira de Agroecologia

Presidenta: Fernanda Savicki de Almeida

Vice-presidente Nacional: Romier da Paixão Sousa

Vice-presidenta Norte: Danielle Wagner da Silva

Vice-presidenta Nordeste: Shirleyde Alves dos Santos

Vice-presidenta Centro-Oeste: Franciléia Paula de Castro

Vice-presidenta Sudeste: Natalia Almeida Souza

Vice-presidenta Sul Letícia: Hanna dos Santos Falcão

**Transcrições e revisões:** Marina Murta, Rosânia do Nascimento e Auda Pereira

**Preparação do texto:** Rosânia do Nascimento e Auda Pereira

**Revisão geral:** Marina Augusta Tauil Bernardo

**Revisão ortográfica e gramatical:** Karin Segalla

**Ilustração:** Mariana Sobral

**Diagramação e edição:** Gabriela L'Amour

**Fotografias:** Marina Augusta Tauil Bernardo e Maria Elisa Tauil Silva Bernardo

Financiadora: Fundação Heinrich Boll

Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde – VPAAPS /

Fundação Oswaldo Cruz



# SUMÁRIO

|                       |           |
|-----------------------|-----------|
| <b>Prefácio .....</b> | <b>10</b> |
|-----------------------|-----------|

Giovanna Nader

|                           |           |
|---------------------------|-----------|
| <b>Apresentação .....</b> | <b>13</b> |
|---------------------------|-----------|

Auda Pereira

Fernanda Savicki de Almeida

Marina Serra Murta Maia

Marina Augusta Tauil Bernardo

Rosânia do Nascimento

## PARAÍBA

|                                                                   |           |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>As mulheres, os quintais e os territórios da Paraíba .....</b> | <b>24</b> |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|

Shirleyde Alves dos Santos

## ONG CASACO

|                                                                 |           |
|-----------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>“O estudo é o cabo da enxada, vamos limpar o mato” .....</b> | <b>32</b> |
|-----------------------------------------------------------------|-----------|

Avany Josefa da Silva

Marina Serra Murta Maia

|                                                       |           |
|-------------------------------------------------------|-----------|
| <b>“Foi o roçado que me tirou da depressão” .....</b> | <b>34</b> |
|-------------------------------------------------------|-----------|

Francineide Barbosa de Oliveira

Marina Serra Murta Maia

|                                                            |           |
|------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Em Caturité, “a gente come com muita fartura” .....</b> | <b>39</b> |
|------------------------------------------------------------|-----------|

Josineide Matias Souza

Rosânia do Nascimento

|                                               |           |
|-----------------------------------------------|-----------|
| <b>A vida que (re)começa no quintal .....</b> | <b>41</b> |
|-----------------------------------------------|-----------|

Maria Aldionise da Silva

Rosânia do Nascimento

|                               |           |
|-------------------------------|-----------|
| <b>Sementes da vida .....</b> | <b>44</b> |
|-------------------------------|-----------|

Maria das Graças da Silva

Rosânia do Nascimento

|                                |           |
|--------------------------------|-----------|
| <b>O legado de Flora .....</b> | <b>47</b> |
|--------------------------------|-----------|

Maria de Fátima Alves Borba

Rosânia do Nascimento



**A herança de uma galinha dourada ..... 52**

Maria do Socorro de Souza Cavalcante

Rosânia do Nascimento

**Profissão, professora; ofício tradicional, agricultora ..... 56**

Maria de Fátima Lima

Rosânia do Nascimento

**O mar que virou sertão: os quintais produtivos do Cariri ..... 59**

Maria Gomes de Oliveira

Neli Gomes da Rocha

**“Minha raiz é a agricultura” ..... 62**

Maria José Pereira da Silva Mendes

Marina Serra Murta Maia

**“Havendo chuva, nenhum lugar é ruim, até a pedra brota” ..... 64**

Maria Leodalva Barros

Marina Serra Murta Maia

**Os frutos do Sítio Recanto e sua importância ..... 67**  
**na alimentação escolar de Alcantil**

Maria Marinheiro da Silva

Rosânia do Nascimento

**“Tudo isso foi mãe que me deu” ..... 70**

Rosinete de Freitas Bezerra

Rosânia do Nascimento

Marina Serra Murta Maia

**ALAGOA NOVA**

**Catucar quintal semeando o lema: “a gente trabalha com agroecologia, a gente sabe que o agrotóxico é ruim” ..... 73**

Cristina Moreira da Silva

Rosânia do Nascimento

**“O quintal é meu passatempo, às vezes, esqueço até da casa!” ..... 76**

Josulega Jorge da Silva França

Marina Serra Murta Maia

**“A casa de farinha existe desde a época da minha avó” ..... 79**

Adeilza Teófilo do Nascimento

Marina Serra Murta Maia

|                                                                                                                    |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Maria do Sindicato, Maria Zacarias, Maria de tudo .....</b>                                                     | <b>82</b>  |
| Maria Pequeno da Silva                                                                                             |            |
| Marina Serra Murta Maia                                                                                            |            |
| <b>“À sombra desta mangueira”, planta roçado, surge quintal .....</b>                                              | <b>87</b>  |
| Maria do Socorro Faustino dos Santos                                                                               |            |
| Rosânia do Nascimento                                                                                              |            |
| <b>“O conhecimento liberta” .....</b>                                                                              | <b>89</b>  |
| Tereza Maria da Silva                                                                                              |            |
| Marina Serra Murta Maia                                                                                            |            |
| <b>O retorno à terra natal como potência de vida .....</b>                                                         | <b>92</b>  |
| Rosa Pequeno da Silva                                                                                              |            |
| Rosânia do Nascimento                                                                                              |            |
| <b>Mulher que luta, mulher da luta, mulher dos movimentos .....</b>                                                | <b>95</b>  |
| Marizete Alves Vieira                                                                                              |            |
| Rosânia do Nascimento                                                                                              |            |
| <b>LAGOA SECA, REMÍGIO E AREIA</b>                                                                                 |            |
| <b>Na luta, na terra: defesa da educação popular camponesa .....</b>                                               | <b>98</b>  |
| Eliane Constantino Barbosa                                                                                         |            |
| Marina Serra Murta Maia                                                                                            |            |
| <b>A cientista da caatinga .....</b>                                                                               | <b>101</b> |
| Ivaneide Pereira da Silva                                                                                          |            |
| Marina Serra Murta Maia                                                                                            |            |
| <b>Quem tem medo da Agroecologia? .....</b>                                                                        | <b>103</b> |
| Sandra Alice Farias Alves                                                                                          |            |
| Rosânia do Nascimento                                                                                              |            |
| <b>Amor de mulheres, fortalecimento da terra e da união .....</b>                                                  | <b>107</b> |
| Joana Célia de Lima Moura                                                                                          |            |
| Gêlda Maria dos Santos Moura                                                                                       |            |
| Marina Serra Murta Maia                                                                                            |            |
| <b>PERNAMBUCO</b>                                                                                                  |            |
| <b>Mulheres camponesas e seus territórios: construindo a segurança alimentar e nutricional em Pernambuco .....</b> | <b>119</b> |

Gizelia Barbosa Ferreira, Wellington Costa da Silva, Luana Maria Jesus Moraes Lima, Renata Andrade Lima, Andressa Lauanda Lima Silva, Pablo Agnaldo do Nascimento Santos, Antônio Carlos Assis Reis, Talysson Daniel Santos da Silva e Gilberto Silva Soares, IFPE – Campus Vitória de Santo Antão

## **LAGOA DE ITAENGA**

### **Cuidar da terra é cuidar de si ..... 122**

Veronice Maria da Silva  
Josefa Severina Barbosa  
Maria Severina da Silva  
Marina Serra Murta Maia

### **“Tudo está em seu devido lugar” ..... 126**

Maria José de Santana Silva  
Rosânia do Nascimento

### **“Nosso espaço, nossa terra” ..... 129**

Maria José de Freitas  
Maria Luiza Ferreira de Freitas  
Silvânia Maria de Freitas  
Rosânia do Nascimento

### **Sítio Alegria, um sonho realizado ..... 132**

Rosinete José da Silva  
Marina Serra Murta Maia

### **Mulher, negra e camponesa! ..... 135**

Maria de Fátima de Souza  
Rosânia do Nascimento  
Marina Serra Murta Maia

## **ASSENTAMENTOS**

### **O recomeço ..... 138**

Maria José da Silva Monteiro  
Lucilene Florentino Monteiro  
Marina Serra Murta Maia

### **Ocupar e resistir, sempre! ..... 142**

Severina de Fátima Fernandes de Lira  
Rosânia do Nascimento

**A fundação ..... 146**

Maria Miriam da Silva  
Rosânia do Nascimento  
Auda Pereira

**Eu, mulher negra assentada, re-existo! ..... 150**

Maria José de Lima  
Rosânia do Nascimento

**Minha terra, meu sustento ..... 153**

Lenilda Cândido de Araújo Rodrigues  
Marina Serra Murta Maia

**PAULISTA**

**Sementes da esperança ..... 156**

Camila Lima (IFPE)  
Solange Samico (Marcha Mundial das Mulheres)

**As mulheres da Comunidade XV de Novembro ..... 157**

Marina Tauil Bernardo

**ALAGOAS**

**Mulheres assentadas, quintais produtivos,  
luta e resistências ..... 163**

Edcleide da Rocha Silva  
Arlla Katherine Xavier de Lima

**DOM HÉLDER**

**“Meu sonho é ser professora” ..... 167**

Antonia da Silva Calheiros  
Rosânia do Nascimento

**Por direitos sexuais e reprodutivos no campo, já! ..... 170**

Geni Nazário Santiago da Silva  
Rosânia do Nascimento

**Eu, mãe solo ..... 173**

Luciana Maria da Silva  
Rosânia do Nascimento

**Águas da memória de uma menina negra assentada ..... 175**

Maria Letícia da Silva  
Rosânia do Nascimento

|                                                                      |            |
|----------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Em meio a perdas e ao luto, a luta de mulheres liberta .....</b>  | <b>179</b> |
| Maria Madalena da Silva                                              |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>Precisamos falar da saúde das mulheres camponesas .....</b>       | <b>182</b> |
| Maria Rita Rosa dos Santos                                           |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>Plantar a agrofloresta, colher sociobiodiversidade .....</b>      | <b>186</b> |
| Regina Maria da Silva                                                |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>Mulher Originária .....</b>                                       | <b>189</b> |
| Zilma Maria dos Santos Lima                                          |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>FIDEL CASTRO</b>                                                  |            |
| <b>Na força do meu axé .....</b>                                     | <b>192</b> |
| Maria Helena de Moraes                                               |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>FLOR DO BOSQUE</b>                                                |            |
| <b>“O meu quintal é a minha cozinha” .....</b>                       | <b>198</b> |
| Josefa Águeda Póvoas Marinho                                         |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>Caminhar devagarinho .....</b>                                    | <b>205</b> |
| Marilene Mota                                                        |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>Os sonhos não morrem no coração de<br/>uma mulher negra .....</b> | <b>209</b> |
| Julita Maria Cavalcante do Nascimento                                |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>A paisagem de um assentamento rural é polifônica .....</b>        | <b>215</b> |
| Josefa Olindina da Silva                                             |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |
| <b>Alumiar a caminhada .....</b>                                     | <b>219</b> |
| Maria José Cavalcante                                                |            |
| Rosânia do Nascimento                                                |            |

|                                                  |            |
|--------------------------------------------------|------------|
| <b>Galega e o galinheiro agroecológico .....</b> | <b>225</b> |
| Marinalva Celestina da Conceição                 |            |
| Rosânia do Nascimento                            |            |

## **PADRE EMÍLIO APRIL**

|                                          |            |
|------------------------------------------|------------|
| <b>Dona Magal, matriarca negra .....</b> | <b>229</b> |
| Madalena da Rocha Silva                  |            |
| Edcleide da Rocha Silva                  |            |
| Rosânia do Nascimento                    |            |

|                                         |            |
|-----------------------------------------|------------|
| <b>A etnomatemática camponesa .....</b> | <b>234</b> |
| Maria do Socorro Soares Chicuta         |            |
| Rosânia do Nascimento                   |            |

## **PEDRA TALHADA**

|                                            |            |
|--------------------------------------------|------------|
| <b>Dar ouvidos aos nossos sonhos .....</b> | <b>238</b> |
| Ivanilda Alexandre da Silva                |            |
| Rosânia do Nascimento                      |            |

## **ZUMBI DOS PALMARES**

|                                             |            |
|---------------------------------------------|------------|
| <b>“Deixa a minha história falar” .....</b> | <b>243</b> |
| Silvaneide dos Santos da Silva Mota         |            |
| Rosânia do Nascimento                       |            |

|                                     |            |
|-------------------------------------|------------|
| <b>A agroecologia é tempo .....</b> | <b>249</b> |
| Maria Lucilene dos Santos           |            |
| Rosânia do Nascimento               |            |

|                                        |            |
|----------------------------------------|------------|
| <b>Posfácio   Colheita farta .....</b> | <b>257</b> |
| Manoela Viana                          |            |

|                                         |            |
|-----------------------------------------|------------|
| <b>Referências bibliográficas .....</b> | <b>260</b> |
|-----------------------------------------|------------|

# Prefácio

| Giovanna Nader

## Prefácio | Giovanna Nader

Quando criança, não me lembro de descascar legumes na cozinha, visitar hortas ou frequentar feiras. Nasci e cresci em Araguari, uma cidade do interior de Minas Gerais, no bioma do Cerrado. Apesar das inúmeras cachoeiras, passei minha infância e adolescência sem perceber que as árvores baixas com troncos retorcidos davam lugar a quilômetros e quilômetros de um mesmo tipo de folhagem. Nunca fui ensinada a ter nenhuma relação com o que comia, salvo colocar os alimentos no carrinho de compras quando ajudava minha mãe no supermercado.

A minha relação com a alimentação saudável veio anos mais tarde e é relativamente recente. Ela aconteceu em 2018, com o nascimento da minha primeira filha, naquele período crítico do puerpério em que ficamos infinitamente mais sensíveis, que comecei a me deparar com notícias sobre a crise climática e o aquecimento global. Num ímpeto de proteção àquela geração que seria impactada, que já estava viva e nos meus braços, entendi, para além de inúmeras outras descobertas, a importância em priorizar alimentos agroecológicos e sem agrotóxicos. Me lembro da minha primeira feira orgânica, que diferente de uma feira tradicional, o feirante era tanto quem vendia quanto quem tinha acompanhado todo o processo de plantação daquele alimento, e me contava, com brilhos nos olhos, sobre o tempo de espera e as dificuldades de fazer comida brotar da terra.

Pouco a pouco, fiz uma rede potente de fornecedores de quem comprava meu próprio alimento, e passei a fazer parte de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). Até que, graças ao destino e à Fundação Heinrich Böll, em 2022 iniciei a criação de um podcast<sup>1</sup> sobre agrotóxicos. Ao mesmo tempo que me chocava com a grandiosidade do agronegócio e os números alarmantes, como o fato de o Brasil ser o maior consumidor de agrotóxicos do mundo, também me encantava com o universo da agroecologia como solução e contraposição ao modelo de plantação tradicional.

Nesse mesmo ano, pisei pela primeira vez em um quintal agroecológico. Foi no município de Areia, na Paraíba, a 50 quilômetros da capital João Pessoa. Fui recebida pela Célia e a Gêlda<sup>2</sup>, um casal de camponesas do sítio Terra Viva, de dois hectares, no assentamento Celso Furtado. Aliás, não havia apenas Célia e Gêlda para me receber naquele dia, não. Havia também cachorras, cabras, galinhas, horta, pomar, ervas medicinais. E também cisterna, galpões, armazém de sementes.

1. Com apoio da Fundação Heinrich Böll, o podcast "O veneno mora ao lado", apresentado por Giovanna Nader, série dividida em 6 episódios produzidos pela Rádio Flutuante, dedicou-se a apresentar a relação entre os usos dos agrotóxicos para atender aos interesses do agronegócio no Brasil. Disponível nos tocadores de podcasts.

2. A história de vida do casal compõe esta coletânea. Conferir o capítulo "Amor de Mulheres, fortalecimento da terra e da união".

Nessa mesma viagem, participei de um encontro de mulheres agroecológicas. Era o primeiro encontro presencial após um longo período de pausa devido à pandemia do coronavírus. Ali eu vi troca de saberes, de afeto, rede de apoio. É lindo ver a maneira leve com que essas mulheres falam sobre seus quintais e conhecimentos da terra.

Existe ternura, sim, mas também muita luta. A troca de experiências entre elas faz com que criem barreiras de resistência aos avanços do agronegócio, contra os fazendeiros, o agro, o machismo do sistema, a violência dos homens, a desvalorização de seus trabalhos e o veneno. E ainda assim, elas conseguem alimentar, hoje, uma boa parte da população brasileira.

Foi ali, em Boqueirão, na Paraíba, em um encontro da Associação das Mulheres Agricultoras da região, o CASACO, que me fascinei pela vivência compartilhada, pelas histórias, e pelo grau de organização e politização dessas mulheres. Foi lá, também, que entendi na prática que a agroecologia não existe sem o feminismo.

Tem tudo isso em um quintal agroecológico, que segue reflorescendo e ganhando força.

Enquanto escrevia este prefácio, veio-me uma vaga lembrança do quintal da minha avó, com plantações de morango em latões, alguns canteiros e galinhas soltas. Minha avó era uma dessas mulheres, assim como provavelmente as suas, e todas as mulheres que vieram antes delas e foram tiradas desse lugar. Por isso, fica aqui o meu convite para ler este livro de coração aberto, envolver-se com as histórias contadas, engajar-se nessa luta, e eu prometo que você nunca mais vai pensar em um homem numa larga plantação quando o papo for agricultura de verdade.

# **Sob os olhares da equipe do Projeto Territórios Livres**

| Auda Pereira

Fernanda Savicki

Marina Murta

Marina Tauil

Rosânia do Nascimento

## Sob os olhares da equipe do Projeto Territórios Livres

### | Auda Pereira

O que falar de um projeto que foi um divisor de águas na minha vida? Posso começar dizendo o quanto mudou meu pensamento, fazendo-me enxergar possibilidades e estratégias que até então não imaginava que tinha, sentindo-me protagonista da minha história. Assim, a cada dia que passa, sinto-me incentivada para alcançar novos rumos. O projeto Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia chegou batendo, literalmente, na minha porta acompanhado de uma pessoa “que não existe”, Marina Tauil, que me oportunizou a vivência com as mulheres agricultoras daqui dos assentamentos Chico Mendes I e II, Ismael Felipe e Nova Canaã. Até então, conhecia o processo de luta, mas não sabia da realidade vivida por cada uma delas e, de igual forma, pude conhecer as mulheres agricultoras de Lagoa de Itaenga e da Ocupação XV de Novembro, ambos localizados em Pernambuco, que contaram as suas histórias de vida emocionantes.

Visitar cada quintal, ouvir cada mulher, me fez perceber o quanto somos diferentes e, ao mesmo tempo, tão iguais. Apesar de estarmos distantes, morando em territórios diferentes, as histórias e a realidade de uma é muito parecida com a da outra. São mulheres guerreiras e batalhadoras que enfrentaram, e ainda enfrentam, muitas barreiras em suas trajetórias pessoais e coletivas para garantir os seus espaços nesse mundo, e que por meio das suas resistências e lutas políticas estão se tornando escritoras dos seus futuros.

As experiências adquiridas tomaram uma proporção ainda maior quando participei do Seminário Territórios Livres, realizado no espaço do SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa, em Glória do Goitá-PE), no qual pude conhecer pessoalmente as mulheres do estado da Paraíba e ouvir as suas histórias de vida. Tive a oportunidade de participar de um momento marcante para cada pessoa que esteve ali, em que nos reunimos ao redor de uma fogueira, nos emocionamos e rimos com os textos lidos sobre as histórias de vida de cada mulher, e em especial, quase não consegui ler o texto da minha mãe, Maria Miriam da Silva<sup>3</sup>, do Assentamento Chico Mendes I, localizado no município de Tracunhaém-PE. Participamos da construção de um rio, que foi surgindo no decorrer de cada visita, oficina, reu-

---

3. A história de vida da Maria Miriam da Silva intitulada “Fundação” consta nesta coletânea.

nião, formação política, a criação da sementeira da Ocupação XV de Novembro, ações e práticas que foram feitas durante toda a trajetória do projeto durante o lapso temporal de 2021 e 2022.

Inicialmente, comecei a participar do projeto desestimulada, me perguntando o porquê de ser convidada para participar de um projeto tão importante como esse e, agora, com os olhos cheios de lágrimas ao escrever este texto, vejo como tenho superado tantos medos e anseios. Sinto que cresci como pessoa ao longo de todos esses processos vividos coletivamente. Jamais havia imaginado que uma mulher negra, assentada da Reforma Agrária, filha de agricultora, pudesse alcançar tantos lugares e se reconhecer como um ser humano capaz de fazer aquilo que deseja, pois só basta querer e lutar para conquistar. Tenho algo comigo que serei eternamente grata, primeiramente, e sempre, a Deus, e às instituições que me ensinaram muito. Tenho uma frase que levo comigo: “O SERTA me fez valorizar e ter amor pela terra onde moro, a CPT (Comissão Pastoral da Terra) me fez ter amor pela comunidade onde vivo e a ABA (Associação Brasileira de Agroecologia), por meio do projeto Territórios Livres, me fez ter amor por mim”. Grata por tudo.

## **| Fernanda Savicki de Almeida**

Nasci numa família branca, de classe média, com muitas pessoas envolvidas no serviço público, especialmente professoras e professores da rede pública, como minha mãe e meu pai. Ambos se separaram cedo e o trivial, infelizmente, fez parte da minha vida: a ausência total da figura paterna. Mesmo em tempos muito difíceis, financeiramente falando, pois era uma mulher com salário de professora provendo um lar com duas crianças, minha mãe nunca deixou a peteca cair. Havia ajuda, sempre houve uma família apoiando por trás, por isso afirmo, que mesmo com todas as dificuldades, sei dos meus privilégios.

Estudei em escola pública, sou muito orgulhosa disso. Foi a educação pública, gratuita e de qualidade que me deu as condições de crescer, a partir do trabalho da minha mãe, e de me desenvolver, a partir dos meus estudos. Me formei engenheira agrônoma na universidade pública, num momento em que as universidades públicas passaram a ser valorizadas novamente, entretanto, nem próximo do que deveriam ser subsidiadas e apoiadas, e ainda com uma grande disputa de recursos com as universidades privadas. Eram as gigantes corporações educacionais

transformando a educação em mercadoria e influenciando políticas públicas. Mas ainda assim, resistimos. Fiz militância política e conheci a Agroecologia. Desabrochei e construí meu caminho.

Ao me graduar, imediatamente começo minha vida profissional como extensionista, que sou e sempre serei, na reforma agrária e com Agroecologia, outro privilégio dos tempos e das condições em que vivi. Eram tempos de estabelecimento de políticas sociais, conquistadas com muita história de suor, sangue e violência. Sou muito grata ao MST do Paraná por tudo que aprendi, vivi, experienciei, chorei, lutei, compreendi e melhorei como ser humano. Meus anos em Terra Rica me marcaram e me definiram. O mesmo para o MST de Santa Catarina, que me recebeu com muito carinho quando decidi enveredar pelos caminhos da pesquisa. Foi nessa trajetória que entendi que não preciso deixar de ser extensionista para ser pesquisadora, até porque na minha concepção de Ciência, essas duas faces são da mesma moeda. As metodologias participativas e as pesquisas-ações me mostraram que é possível e é coerente com o que sou, e mais ainda, com o que me move, a Agroecologia. E foi essa história pessoal e profissional que me possibilitou concursar e trabalhar na Fundação Oswaldo Cruz, instituição da qual sou muito honrada de fazer parte. E a partir dessas aproximações do campo da Saúde e da Agroecologia, tenho encontrado o meu alicerce profissional e minha força motriz.

Sempre fui da ABA, estive no primeiro e no segundo CBAs, cujo desdobramento foi a fundação da nossa associação em 2004. Em 2017, lá em Brasília, junto com outros e outras pessoas, fundamos o Grupo de Trabalho de Saúde, do qual fui coordenadora no seu primeiro ciclo. Entrei para a diretoria estatutária em 2020, como segunda vice-presidenta. Em 2022, assumi como primeira vice-presidenta e agora, muito recentemente, por uma série de ajustes que foram necessários fazer, estou na presidência. Também tenho muito orgulho e sou muito grata à ABA pelos aprendizados e oportunidades impossíveis de valorar.

E por que contar a minha história? Porque somos feitas de memórias e transformamos nossas realidades a partir delas! Porque nós, mulheres, precisamos contar e valorizar as nossas histórias para construir nosso futuro. Porque foi fruto da história da ABA, construída por muitas outras pessoas antes de mim, que nos oportunizaram ser chamadas para participar de um edital para projetos sobre os impactos dos agrotóxicos no Brasil, dando ênfase às consequências para as mu-

lheres. Nossa tarefa era trazer os anúncios, a Agroecologia, nossa expertise. E aí entra um pouco da minha história. Nossos anúncios estão presentes em todas as etapas dos projetos. Coletivamente decidimos que seria um projeto de mulheres, coordenado por mulheres e executado por mulheres. A luta antirracista, o feminismo, a decolonialidade e a participação são premissas inegociáveis e estão nas nossas bases éticas, metodológicas e analíticas.

E não é que não há nada mais potente que anunciar a Agroecologia como transformadora dos sistemas agroalimentares, a partir das histórias de mulheres que estão resistindo, existindo e enfrentando o esbulho do agro-hidro-minero negócio nos seus territórios impactados? Socializar suas histórias é uma estratégia potente de enfrentamento, sim, não na lógica da morte trazida pelos agrotóxicos e suas consequências, mas na perspectiva da vida, que pulsa nos corpos e territórios onde estamos mulheres. E contando histórias, criamos memórias e fazemos História. Uma História coletiva, pungente, plural e cheia de cores, sabores e afetos.

## **| Marina Murta**

Quando eu nasci, em 1990, minha família – pais, avós e bisavós – já habitavam a Grande Fortaleza. Cresci criança de metrópole, em apartamento, com muros e espaços coletivos cimentados e acinzentados. Meus pais nunca mexeram com a terra ou com plantas, nem sequer para manejar ornamentais em vasos. Meus avós também já estavam longe do chão, embora minha avó paterna se dedique a cuidar de algumas plantas aromáticas e medicinais no prédio onde ela vive.

Essa breve história pessoal que compartilhei não é tão pessoal assim. Quando fiz o curso técnico em agroecologia do SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa – Glória do Goitá-PE), aprendi com o educador pernambucano Abdalaziz de Moura que o processo de “estar longe do chão” faz parte de milhares de histórias familiares que vivenciaram o êxodo rural no Brasil. Efeito de um trabalho minucioso da construção de um imaginário negativo sobre a vida rural (Moura, 2003), realizado para retirar as pessoas do campo e forçar as suas existências em centros urbanizados. Enquanto isso tudo foi construído, simultaneamente ocorria o aprimoramento de técnicas agrícolas industriais e os agrotóxicos começaram a chegar. Em 1930, 70% das populações brasileiras<sup>4</sup> era rural. E em 1970 esse número já estava invertido<sup>5</sup>. Foi uma coerção para que as pessoas se precarizassem, perdessem

4. Esse dado pode ser consultado no artigo *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*, do pesquisador Fausto Brito (2006).

5. Existe uma grande complexidade no que se entende por “populações brasileiras”. Falando de forma geral sobre a demografia rural colonial, a chegada dos invasores europeus gerou grandes conflitos com os povos originários de Abya Yala. Comunidades indígenas foram e ainda são assassinadas, perseguidas e coagidas a abandonar os seus territórios. Também temos as populações afrodiáspóricas que se estabeleceram no campo, muitas delas organizadas em quilombos – territórios de resistência ao escravagismo do

suas terras e esquecessem os seus territórios. Para que esquecessem como plantar, como olhar o céu, como se orientar por marcadores temporais presentes na natureza, como se organizar comunitariamente, como cuidar dos animais, manejar o roçado, coabitassem o universo com outras formas de vida.

Felizmente, muita gente que “esqueceu” voltou a lembrar. Há também aquelas inúmeras pessoas que lembram perfeitamente e fazem questão de guardar e manter vivos os conhecimentos antigos, que vão desde a forma de semear e manter um roçado à prática da solidariedade comunitária, o cuidado com a vida, com o meio ambiente. É por essa razão que neste livro temos a presença de diversas histórias de mulheres que falam sobre retomadas ancestrais pela terra, que versam sobre a importância de preservar o conhecimento das(os) mais velhas(os) sobre como manejar o solo, as plantas, e cuidar dos animais; que apontam a importância do território como um fundamento de constituição de identidade, luta, história coletiva e ancestralidade; que reverenciam a agência das plantas como seres capazes de auxiliar o cuidado com a saúde mental humana (ouvimos em vários relatos que o contato contínuo com elas proporciona momentos prazerosos de relaxamento e contemplação); que contam sobre a importância de guardar as sementes crioulas, da paixão, e como esse ato impacta positivamente na preservação da agrobiodiversidade, e que cada tipo de semente remete à memória, ao afeto, ao sentimento, a lembranças, que são assentamentos de outros tempos (diferente das sementes transgênicas, que apenas servem ao acúmulo capitalista de grandes corporações).

As histórias aqui presentes são de mulheres que, a despeito de todas as nuances de lutas cotidianas contra o capitalismo, o patriarcado e o racismo, seguem resistindo em seus territórios, encantando o mundo a partir das particularidades de seus quintais, contextos familiares e territoriais. Sobre isso, o que ensina a filósofa italiana Silvia Federici (2022) pode se aplicar às experiências na resistência cotidiana aos agrotóxicos das mulheres que compõem esta publicação:

Nesse contexto, os esforços para rerruralizar o mundo – por meio da recuperação de terras, da liberação dos rios e suas barragens, da resistência ao desmatamento e, o que é fundamental para nós – a revalorização do trabalho reprodutivo – são cruciais para nossa sobrevivência. São a condição não só para sobrevivermos fisicamente como também para um “reencantamento” da terra, pois reconectam o que o capitalismo dividiu: nossa relação com a natureza, com os outros e com nosso corpo. Essa reconexão nos permite

---

patriarcado agroindustrial. Além disso, houve também a chegada de trabalhadores camponeses europeus ao Brasil para substituir a mão de obra escravizada e para o branqueamento da população, através de políticas públicas eugenistas de cessão de terras aos imigrantes da Europa.

escapar da força gravitacional do capitalismo e, mais ainda, recuperar uma sensação de completude em nossa vida (Federici, 2022, p. 273).

Ao passar a integrar, em 2022, a equipe do projeto Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia, tive a oportunidade de começar a ouvir as gravações das histórias de mulheres que abriam as portas de suas casas, de seus corações e de suas ancestralidades para as pesquisadoras do projeto. Ouvi e transcrevi áudios de histórias densas, profundas e cheias de significado que ecoaram em mim por muito tempo. A escritora estadunidense/chicana<sup>6</sup> Gloria Anzaldúa, no texto *Lendo com o pé na boca* (2021), diz que “uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue, seu posicionamento e ponto de vista particulares” (Anzaldúa, 2021, p. 144).

Compartilho com Anzaldúa a percepção de que nossas falas são intrínsecas ao chão que pisamos, porque é de onde percebemos o que se passa conosco ali e ao nosso redor. É a partir deste solo que existe um ponto de vista, de onde ouvimos, olhamos, percebemos e, assim, formulamos as nossas interpretações do que captamos. Pedi muita licença para escrever as histórias das mulheres aqui presentes, a partir do que eu havia escutado. Sendo eu uma pessoa branca, não-binária e crescida em metrópole, estava ciente que seria um desafio grande e que era preciso ter muito cuidado: no sentido de cautela, para evitar danos e transtornos, mas também no sentido de zelo, para, por meio da escrita, proporcionar carinho, esmero e consideração por todas as mulheres que integram esta publicação. Sem os devidos cuidados, a maneira como uma pessoa de fora percebe um contexto pode ser colonizadora, invasiva e deturpada. Existem inúmeros casos na antropologia, e em outras ciências, que agiram e agem dessa forma. Contudo, a percepção de alguém de fora também pode ser respeitosa, potencializadora e curativa, uma vez que o cuidado na forma como alguém te percebe pode vir a ressaltar aspectos, qualidades, atributos e caminhos que, muitas vezes, não conseguimos perceber em nós e/ou para nós.

Portanto, busquei me aproximar ao máximo da ética amorosa proposta pela filósofa estadunidense Bell Hooks (2020), em que as bases fundamentais são o amor como uma ação transformadora que opera através do cuidado, respeito, compromisso, integridade e vontade de cooperar. Assim como nos estudos agroecológicos, aprendemos sobre a importância das plantas companheiras em um

---

6. *Chicana(o)* é um termo para se referir às pessoas estadunidenses que tem ascendência mexicana. Anzaldúa (2021) “Nós somos uma raça entre-raças. Ainda somos mexicanos em termos de ancestralidade racial, mas somos norteamericanos que foram educados nas escolas dos EUA e cresceram absorvendo e consumindo os valores dominantes” (Anzaldúa, 2021, p. 184).

Sistema Agroflorestal (SAF), espero que nossos encontros nas diferenças sejam complementares e que propiciem crescimento mútuo, a partir de uma ética amorosa, de uma prática de escuta guiada pelo cuidado.

Por fim, expresso profunda gratidão pela oportunidade de realizar este trabalho junto à equipe Territórios Livres e admiração imensa por essa constelação de mulheres-estrelas que encantam o mundo.

## **| Marina Tauil**

Já fui feirante. Aos 13 anos eu vendia na feira os queijos que minha mãe fazia. Eu ia com meu irmão mais novo, todos os sábados pela manhã. A gente ia de carroça – ou prancha, como os cariocas falam, e a gente sempre chegava mais tarde do que todos os outros vendedores. Não sei se era a distância, nossa tranquilidade, ou os tempos diferentes de fazermos as coisas, mas não tinha jeito: sempre éramos os últimos a chegar. Lembro dos olhares de reprovação, dos risos com leve tom debochado e até dos sussurros que pareciam vir no vento: “eles não têm jeito”.

Então, em dias de alegria, nem acabávamos de colocar os queijos na banca e o dono da pastelaria, o “Japonês”, vinha e arrematava toda a produção pelo preço que pedíamos. Eram os dias de glória! Parece que o coração chegava a sorrir. Mas, claro que na maioria das vezes as vendas eram feitas um a um. Me recordo que ao mesmo tempo que sorria para o freguês, implorava em pensamento: “compra, por favor”. E houve dias difíceis. Quem mora na Baixada Fluminense sabe do calor que faz. E queijo minas, não aquele curado, mas, sim, o fresco, a cada hora que passa começa a soltar o soro, perder o formato, deixar de ser tão fresco. Então, a alternativa era oferecer – e cabe aqui, algumas vezes quase que implorar – para o dono da pastelaria comprar. Acabava que o trabalho de uma semana era vendido pela metade do preço. Mas, muitas vezes ouvíamos um sonoro “não” e voltávamos para casa com a sensação de frustração por não ter conseguido vender, e pela falta que o dinheiro faria, vencidos pelo cansaço e com os queijos que não poderiam mais ser comercializados.

Porém, mudaram o formato da feira. Passou a ser cobrada uma taxa para montar a banca. Eram tantas normas de adequação impostas pela vigilância sani-

tária que, operacional e financeiramente, praticamente se tornou inviável se adequar para vender na feira. Mesmo conhecido como o melhor queijo da região, não valia mais a pena comercializá-lo naquele espaço. Passamos então a vender de porta em porta, e muitas pessoas passaram a ir comprar em nossa casa. Não entendia de construção de leis naquela época, do termo “artesanal” ou “tradicional”, nem imaginava que as pessoas poderiam ter problemas com lactose, só lembro dos pães de frigideira com uma baita fatia de queijo que comíamos pela manhã. Parece que ainda hoje consigo sentir o cheiro e o sabor. Se soubesse, teria repetido mais cafés da manhã, subido mais vezes ao curral para ver minha mãe os preparando, teria conversado mais com meu irmão durante a ida às feiras, e teria tentando sorrir para cada feirante quando chegasse por lá. Hoje sei que existem pessoas por trás de cada banca montada na feira!

Quem diria que aquela menina, aquela adolescente feirante, que morria de vergonha de chegar atrasada na feira, hoje integraria, como coordenadora e pesquisadora de campo, a equipe do projeto Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia? Então, cada vez mais acredito que nada é por acaso nesta vida. De algum modo, os “meus pés na feira” ajudaram a humanizar meu olhar para quem está por trás das bancas, mas nunca imaginei que visitar os quintais produtivos, realizar formações, ter a oportunidade de ouvir as histórias e vivenciar os territórios e as lutas dessas mulheres, iria me transformar da forma que me transformou. Quem me conhece sabe que ando cada vez mais dizendo: “isso é resultado do Projeto também, mas não vai estar escrito no relatório”, me referindo à r-existência que o projeto trouxe para a minha vida. Então, não vou conseguir descrever em palavras o campo aberto que me tornei por meio do trabalho nesse projeto, mas quero aproveitar para deixar meu “obrigada, mãe, por me abrir a porta da feira, da agroecologia, da vida”. E também agradeço cada abraço acolhedor que recebi de cada mulher que conheci por intermédio do projeto, por toda acolhida com afeto que recebi das docentes parceiras – que hoje integram minha caminhada – e, claro, pela equipe de pessoas humanizadas que tenho a oportunidade de integrar. Vida longa às Mulheres que lutam e ao Projeto Territórios Livres!



## **| Rosânia do Nascimento**

Em 2021, candidatei-me à vaga do edital público de pessoa pesquisadora do Projeto Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia, da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) em parceria com a Fundação Heinrich Böll Brasil. Apostei naquilo que a antropóloga amazônida Zélia Amador de Deus (2020) denomina biografia etnográfica. Nascida em uma fazenda de gado bovino na Ilha de Marajó, no Pará, a antropóloga visibiliza as políticas cotidianas protagonizadas pelas mulheres de sua família e comunidade, possibilitando-lhes o direito à escolarização formal em Belém do Pará.

Assim como Zélia, eu também sou neta de um vaqueiro e de agricultores/as negros/as. Outra parecença em nossas trajetórias é que carrego desde a tenra idade o lema “ninguém é melhor do que eu”. Essa ideia persistente na cabeça de outras tantas mulheres negras e/ou pessoas camponesas, nos permite a força e a sabedoria para investir nos estudos acadêmicos como possibilidade de visibilizar os nossos projetos ancestrais e políticos, afinal, foram mulheres negras como Zélia Amador de Deus que lutaram para assegurar a implementação da política de cotas nas universidades brasileiras.

O que a história de vida de Zélia Amador de Deus tem a ver com este livro? Diferente de outras cartas de intenções escritas para pleitear uma vaga de pesquisa em uma instituição ligada à produção de conhecimento, a ABA, rasurei criativamente os protocolos a fim de deixar transparecer minha história de vida familiar. Inspirada na antropóloga amazônida, teci uma biografia etnográfica da minha família assentada de Ouriçangas, Reforma Agrária de Angical, Oeste da Bahia, apoiada na relação com a obra *Torto Arado*, do geógrafo e escritor baiano Itamar Vieira Junior (2019). Na intersecção com as artes, contei como a questão da terra perpassa desde o início da história de vida até a formação acadêmica, tendo se constituído como a principal frente do ativismo político.

Dito isso, recupero o que afirma a agroecóloga Auda Pereira, nesta coletânea, nós nos juntamos como afluentes caudalosos ao rio que se configurou o Projeto Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia. Desse modo, “o corpo negro

carrega consigo a história de muitos povos. No corpo de cada um de nós, onde quer que estejamos, existem muitas histórias gravadas. [...] Porque não é só a nossa história individual que estamos construindo” (Amador de Deus, 2020, p. 39).

Em junho de 2022, ingressei oficialmente no projeto com essa perspectiva política. A pesquisa já estava em andamento há alguns meses, tendo Marina Tauil, Ailsa Arcanjo e Auda Pereira, com apoio e articulação política de outras entidades e organizações parceiras do referido projeto, realizando a etapa do campo nos estados da Paraíba e Pernambuco, no Nordeste brasileiro. Assim, além do processo de participação coletiva e colaborativa da escrita das histórias de vida das agricultoras que compõem esta coletânea, pude participar da construção do Seminário Territórios Livres, em 2022.

Na feitura dos textos, dispomos das gravações das entrevistas e das fotografias realizadas em campo. Para cada agricultora do projeto constituímos esse deságue das histórias–afluentes no rio Territórios Livres, portanto, fez-se de suma importância interligar história pessoal, familiar e comunitária aos desafios sociais e territoriais enfrentados por elas nas instâncias públicas e privadas.

Em segundo lugar, os textos situam a conjuntura política e econômica vivida no Brasil e no mundo, haja vista que o referido projeto foi efetivado em plena pandemia de Covid-19, diante de um governo federal negacionista, responsável por promover ataques e o desmonte dos direitos sociais e das políticas públicas conquistadas e direcionadas para a agricultura familiar e/ou agricultura de base agroecológica. Destacamos aqui o dispositivo do Poder Executivo direcionado para enfraquecer a autonomia do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), ou seja, o intuito foi atingir a Política e o Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Nesse sentido, há de se pontuar a progressiva diminuição do orçamento federal destinado a efetivar a tecnologia social conhecida como Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva (Programa Cisternas), voltado para o semiárido brasileiro (Castro, 2021).

Logo após a realização do Seminário Territórios Livres, ocorrido no SERTA de Glória do Goitá, em Pernambuco, as interlocuções trocadas com as agricultoras, por meio de uma mística, foram reunidas e levadas a sério para finalização dos textos que apresentamos nesta coletânea. Nos dispomos, entre os meses de no-

vembro e dezembro do ano de 2022, a realizar ligações individuais por vídeo-chamada de um aplicativo de conversas, a fim de ler as histórias de vida destas mulheres para elas mesmas.

À medida que líamos em voz alta e ritmada, sozinhas ou acompanhadas por sua parentela, filha, amiga, outra agricultora que fez parte do projeto, ali pela tela de um celular, sentíamos os olhos marejados recordarem dos nomes de pessoas, que aos poucos se somavam ao texto colaborativo pela grafia-vida de avós, tias, madrinhas, filhas e filhos, lugares, riachos, serras, árvores que constituíam a paisagem cultural e afetiva delas; reportando à lida e aos desafios enfrentados em uma sociedade machista e racista. Elas recordam dos artefatos (jereré, balaio, enxadas, foice, arado, redes) usados no quintal, roçado, lagoas, riachos e rios, muitas pediram para inserir novas passagens da infância, da vida adulta, elas queriam marcar com poética e firmeza o fazer-se mulher, mãe, avó, mulher da luta e que labuta, enfim, marcando sua autonomia, re-existência e liberdade.

A cada momento em que elas interromperam a leitura para dizer como queriam ser apresentadas, elas escreveram suas histórias, o ato político de fazer-se agricultora, camponesa, mulher que detêm o poder sobre a terra vivida, e não apenas uma propriedade, e a ciência de produzir alimentos livres de agrotóxicos. Foi assim, como nos disse anteriormente a agroecóloga Auda Pereira, mulher negra assentada, de Pernambuco: “essas mulheres foram se tornando escritoras do seu futuro”.

\*\*\*

Esta coletânea está organizada em três seções principais, convocamos que a leia no seu sentido poético e político. Cada parte é como um afluente que caminha em direção ao rio-agroecológico, por isso elas são inter-relacionadas e espiraladas. Um livro escrito por muitas mãos de mulheres e aberto com o prefácio de Giovanna Nader. Decidimos iniciar pelo estado da Paraíba, pois foi o primeiro território onde pusemos os nossos pés e sonhos, portanto, e o projeto é aberto com apresentação escrita pela professora Shirleyde Alves dos Santos (UEPB). Neste rio acima, as histórias de vida das agricultoras estão dispostas em três territórios-afluentes: ONG CASACO, onde situam-se treze textos de agricultoras dos municípios de Alcantil, Caturité, Boqueirão e Caraúbas, ambos no Território Cariri Oriental Paraibano; Alagoa Nova, no Território Borborema, neste município entrelaçam-se

oito textos de agricultoras e, na sequência, quatro textos finais de agricultoras dos municípios de Lagoa Seca, Remígio e Areia, também no Território da Borborema.

No rio abaixo, em Pernambuco, com a apresentação coletiva de Gizelia Barbosa Ferreira, Wellington Costa da Silva, Luana Maria Jesus Moraes Lima, Renata Andrade Lima, Andressa Lauanda Lima Silva, Pablo Agnaldo do Nascimento Santos, Antônio Carlos Assis Reis, Talysson Daniel Santos da Silva e Gilberto Silva Soares, do IFPE – Campus Vitória de Santo Antão, encontramos três afluentes, sendo cinco textos de Lagoa de Itaenga e, na sequência, cinco histórias das agricultoras dos Assentamentos Chico Mendes I e II, Ismael Felipe e Nova Canaã. Para desaguar em outras possibilidades da agricultura urbana, no texto final, com a apresentação de Camila Lima (IFPE) e Solange (Marcha Mundial das Mulheres), reunimos as re-existências de quinze mulheres da Ocupação XV de Novembro, no município de Paulista, em Pernambuco. Intitulado “Colheita farta”.

No estuário, o rio agroecológico deságua em Alagoas. Esta seção é aberta por um texto primoroso escrito por Edcleide da Rocha Silva e Arlla Katherine Xavier de Lima. Nele, elas apresentam as histórias de 20 agricultoras assentadas distribuídas nos Assentamentos de Fidel Castro em Joaquim Gomes, Flor do Bosque em Messias, Dom Helder Câmara em Murici, Zumbi dos Palmares em Branquinha e Padre Emílio April/Sítio Gordo em União dos Palmares. Herdeiras do processo de quilombagem, essas mulheres e suas antepassadas enfrentaram opressões estruturais, como o racismo e o sexismo, mas ainda assim, de suas mãos brotam a agroecologia direcionada para a soberania alimentar e nutricional. Dos seus corações, essas mulheres reescrevem novas histórias emancipadoras.

O posfácio foi escrito por Manoela Vianna, consolidando a parceria exitosa que a ABA estabeleceu com a Fundação Heinrich Böll Brasil.

Assim como as águas e a terra, que esses afluentes encontrem forças nas nossas sementeiras políticas.

**Boa leitura!**

## Referências

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

ANZALDÚA, Gloria. **Lendo com o pé na boca**. In: A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

BRITO, Fausto. **O deslocamento da população brasileira para as metrópoles**. Estudos Avançados, 20(57), 221–236. 2006 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200017>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

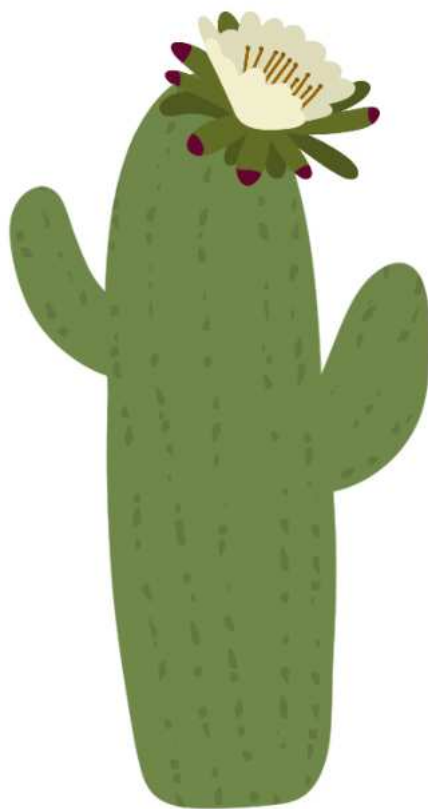
CASTRO, César Nunes. **Avaliação do programa nacional de apoio à captação de água de chuva e outras tecnologias sociais (Programa Cisternas), à luz dos objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília-DF; Rio de Janeiro-RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2021.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns** / Silvia Federici ; tradução do Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022. 320 p. : il., color.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / Bell Hooks. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

MOURA, Abdalaziz de. **Princípios e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS: uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo**. Glória de Goitá: Serviço de Tecnologia Alternativa, 2003.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.





# **As mulheres, os quintais e os territórios da Paraíba**

## **| As mulheres, os quintais e os territórios da Paraíba**

Shirleyde Alves dos Santos (Universidade Estadual da Paraíba)

Se quer mulher valente/ Veja a mulher camponesa/ Lutando pela defesa/  
Da sua querida gente/ Enfrenta chuva e sol quente/ Pedra xexo e lamaçal  
[= seixo]/ Acha tudo natural/ Naquela estrada espinhosa/ Quer ver mulher  
corajosa/ Visite a zona rural (Maria da Soledade Leite – poeta, repentista e  
cordelista paraibana)

Lembro bem do primeiro contato com o projeto, da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia, ainda antes de ter esse título, antes da submissão e aprovação pela Fundação Heinrich Böll Brasil. Lembro que fiquei encantada e nem imaginava que parte do projeto seria desenvolvido na Paraíba, muito menos que me envolveria de corpo, alma e coração.

As mulheres, os quintais e os territórios da Paraíba chegaram ao projeto pelas mãos de Fernanda Savicki, que já conhecia um tanto das ações desenvolvidas por aqui na luta contra o uso de agrotóxicos e pela agroecologia. Posteriormente, o convite para integrar a equipe local, enquanto NERA/UEPB, veio junto com uma grande responsabilidade: indicar as mulheres. Não hesitei e, de pronto, convocamos uma reunião com o GT Mulheres da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), Paraíba. Não poderia ser diferente: aprendemos, na agroecologia, a importância das parcerias, das mãos dadas, dos processos construídos coletivamente.

Como estávamos saindo da fase crítica da pandemia do Covid-19, tudo aconteceu de forma virtual até a chegada de Marina Tauil na Paraíba. Mulher, mãe de duas Marias, pesquisadora e coordenadora do projeto, Marina lhe deu vida e trouxe vida para as mulheres. Cada quintal visitado trazia uma explosão de sentimentos. Cada história, única. Cada mulher, única. Cada vida, única. Foram horas, dias, meses de muita conversa, trocas, choros e risos.

Inicialmente, a meta do projeto era de 15 quintais. Aqui, apresentamos a história de 26 mulheres e seus 25 quintais. Como chegamos a esse número? Respondendo com outra pergunta: como estabelecer limite com tanta história para ser contada? Cada mulher aqui traz uma infinidade de outras mulheres, desde suas

ancestrais até suas filhas, netas; traz seus territórios, suas bandeiras e suas lutas; traz também dores, alegrias e muita coragem. Como disse a poeta Maria da Solitude, “quer ver mulher corajosa/ visite a zona rural”.

Espero que essas mulheres, seus quintais e seus territórios sirvam de inspiração para tantas outras que ainda estão silenciadas.

## Avany Josefa da Silva



### **“O estudo é o cabo da enxada, vamos limpar o mato”**

“O estudo é o cabo da enxada, vamos limpar o mato”, assim dizia o pai de Avany Josefa da Silva, mais conhecida como Vany. Quando criança, Vany se dedicou exclusivamente ao trabalho nas plantações junto à sua família. Sua memória compartilha lembranças de uma história guiada pela luta e pela sobrevivência, em que se versou desde a primeira infância. Depois de um dia inteiro de trabalho, ir à escola era mais um desafio para ela e os irmãos: 40 quilômetros a pé, no total, para ir e voltar. Vany foi até a 4ª série. Para continuar o ensino fundamental e o ensino médio, Vany e as crianças de sua geração tinham como única opção estudar à noite, porém, os pais não permitiam. Naquele contexto, caminhar uma distância considerável durante a noite não parecia uma boa ideia aos seus pais, os caminhos eram ermos.

O pai de Vany ensinou a ela e ao irmão o trabalho da agricultura: roçar, adubar, plantar e colher. Assim, ele podia ir às feiras e vender o que fora produzido enquanto os filhos cuidavam das plantações. Com o pai, os filhos aprenderam a cultura de manejo da terra livre de venenos. Nunca usaram agrotóxicos e até hoje essa escolha é uma herança que permanece com Vany. Ela afirma que “agrotóxico é só doença pra nós” e prefere esperar para plantar alimentos livres em seu quintal do que se enveredar pelos caminhos tortos do veneno. Vany explica que o quintal é uma autonomia alimentar e um investimento em saúde a longo prazo. Para ela, o quintal é uma oportunidade de produzir “uma verdura, uma fruta, porque na feira é muito difícil de encontrar sem aquele veneno perigoso”.

Vany tem o maior prazer quando vê os tons de verde espalhados pelo quintal e pelo roçado, ama “as coisinhas tudo verde, tudo bonita”. E embora tenha sido uma pessoa-chave no trabalho com agricultura familiar – ensinado pelo pai desde que ela era uma criança –, Vany desabafa que precisa ganhar mais confiança em si mesma para voltar a plantar. Ela se pergunta se a resposta está literalmente em suas mãos, ou como podemos ver em seus próprios dizeres: “eu não sei se é a minha mão, não tenho sorte de plantar um pé de planta, um pé de flor, um pé de fruta e ver ele brotar”. Agora, da última vez que nos reencontramos, Vany tem repensado que uma das respostas pode ser a dificuldade de adubar a terra, ela usa esterco de gado e como não cria esses animais, ela tem que comprar de terceiros, mas a agricultora permanece firme nos caminhos da agricultura agroecológica.

Fran<sup>7</sup>, amiga e vizinha, intervém com um sorriso: “É porque ela não tem lugar certo ainda pra cuidar”. Todas as mãos têm dedos verdes latentes, basta querer aprender falar a língua das sementes e escutar a Terra. É se envolver no feitiço de um manejo adequado para o território/clima, observando-o com o coração aberto. Nem sempre o que funciona em um lugar vai funcionar em outro. A Terra muda. E a seca na região onde Vany vive é um dos desafios que demandam criatividade e escuta. “O tempo de seca é muito sério. Mas se Deus quiser eu vou fazer a minha horta”, ela afirma, prometendo a si mesma, assim, diz: “eu quero fazer uma hortinha pra ficar bem fechadinha e não entrar pinto de galinha nenhum. Meu sonho agora mesmo é passear e cuidar do quintal”.

Avany Josefa da Silva  
Marina Serra Murta Maia

---

7. Fran também está presente nesta publicação. Leia a história dela no capítulo “Foi o roçado que me tirou da depressão”.

## Francineide Barbosa de Oliveira



### “Foi o roçado que me tirou da depressão”

Francineide Barbosa de Oliveira é do município de Alcantil<sup>8</sup> e vive com duas filhas, Rubiane Francineide da Silva e Rubiene Francimar da Silva, e dois netos chamados Enzo Ranniel da Silva e Maria Heloísa da Silva Alves, no sítio Lagoa de Jucá. Fran, como é chamada carinhosamente em sua comunidade, recebe a equipe Territórios Livres com um dos netos no colo. Ao longo de toda a conversa, a pequena Maria Heloísa serenou, ouvindo as histórias. Já o canto dos galos entremeiam a contação da agricultora.

“Eu lembro do cheiro do bolo da minha avó”, relata ela, falando de suas memórias de infância. Ganhar uma porção de bolo da avó materna Santina era um delicioso incentivo pela longa viagem a pé até o alagamar do rio Paraíba, o mais

8. Alcantil está localizado no Cariri oriental da Paraíba, localizado na Região Metropolitana de Campina Grande. O município está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. O município está inserido na unidade geoambiental das Superfícies Dissecadas Diversas, com relevo bastante movimentado, moderadamente dissecados, com solos pobres e rasos, exceto nos vales estreitos e profundos. As altitudes variam entre 300 e 700 metros. A vegetação é composta por Floresta Caducifólia, Cerrado e Caatinga.

próximo do seu sítio. Fran, ainda criança, descia a serra até a casa de sua avó com uma trouxa enorme de roupas. Chegava e encontrava a avó já esperando com uma trouxa maior ainda. E assim as duas caminhavam por horas, cada uma carregando um fardo de vestimentas para lavar na beirinha do rio.

Depois de lavar e estender todas as peças, chegava o momento da pescaria com a avó. “Os peixes iam caindo de pouquinho dentro do jereré<sup>9</sup>. Era a coisa mais rica da vida. Não tinha celular nessa época, então tudo fica na memória. Até hoje consigo ver as piabas saltitando. Minha avó me ensinou muito”, reverencia Fran, risonha. Com seu bom humor nato, ela conta sobre os seus avós, Santina e Joãozinho, que moravam em Raposo, comunidade marcada por muitas pessoas que iam embora para as regiões Sul e Sudeste em busca de novas oportunidades de trabalho. Mas havia os “persistentes que criavam animais, comiam caças, pescas, mistura”, e seguiam resistindo com os desafios daquele território. Fran nos conta que ela aprendeu a resistir com eles.

Aos 13 anos de idade, a agricultora ainda não havia pisado em uma escola. Com um irmão mais velho, José Barbosa de Oliveira, que sofre com deficiência mental, e a mãe, Severina Barbosa Oliveira, que tinha doença de pulmão, ela, ainda bem nova, assumiu junto ao pai as responsabilidades de cuidar das cabras, das galinhas e dos plantios. Ele seguia a pé por cerca de 8 km para trabalhar diariamente em uma fazenda da região, ela ficava tomando conta de tudo. E desse trabalho familiar que chegava a renda para “comprar roupa de ano e ano, chinelas e remédios”, se precisassem.

O pai de Fran sempre a levava para plantar no inverno. Ele foi uma grande referência. Teve uma época em que ele decidiu retomar os estudos primários. Saía a noite e assim que aprendeu a ler, transmitiu esse saber para a sua filha. Assim, mesmo que de forma tardia, quando Fran conseguiu realizar a matrícula em uma escola, ela já reconhecia as letras do alfabeto. Assim como a sua tia-avó, Madrinha Menininha, que tinha uma horta e fazia louças de barro, durante a adolescência junto com a prima Zelma, passou a cuidar dessa parente que “tinha uma hortinha que era a coisa mais linda da vida”. E hoje fala com orgulho que foi daí que nasceu seu amor pelo quintal.

Ela conta que a Madrinha Menininha trabalhava com louças de barro para

---

9. Aparelho de pesca cuja rede afunilada é de malha trançada e se prende a um aro frequentemente provido de cabo, sobretudo para pesca em águas rasas e para apanhar crustáceos e peixes miúdos.

vender e que aproveitava todos os recipientes, mesmos os quebrados, para plantar. A equipe Territórios Livres, observando que Fran tem a mesma atitude, constatou: “parece que isso influenciou você, hein, Fran? Então foi daí que você aprendeu a aproveitar os recipientes também! Um conhecimento transmitido, né?”. Fran ri e concorda.

Embora tenha vivido uma infância com uma ligação cotidiana ao plantio e à criação de animais, foi apenas em 2020, devido à chegada da pandemia do Covid-19<sup>10</sup>, que Fran começou a se dedicar integralmente ao seu quintal. Antes da pandemia, Fran estava envolvida em muitas tarefas e trabalhos. Quando caiu em si, percebeu-se adoecida. Por conta do isolamento social, um dos efeitos da pandemia, ela começou a ter tempo para dedicar-se ao quintal e ao roçado. “Se não fossem as plantas, o quintal e o roçado, acho que eu estaria doente até hoje. Meu filho Robson José da Silva também se apaixonou pelo roçado. Foi o roçado que me tirou da depressão”. O que lhe trouxe a cura foi começar a plantar em seu quintal.

Esse movimento também lhe trouxe a compreensão de que o importante é começar, mesmo que o seu espaço seja pequeno ou restrito. Um dos ensinamentos que Fran nos transmite é que não é necessário esperar ter a própria terra para trabalhar. “As condições financeiras não me proporcionaram ainda a minha terra, o roçado onde eu trabalho é na terra de meu filho e de meu ex-marido”. Um dos grandes sonhos de Fran é ter terra porque “a gente que gosta de agricultura, a gente precisa viver isso. O contato com a terra é essencial”.

O pai João Teófilo de Oliveira, conhecido por Dandinha, e a mãe de Fran, Dona Severina, tiveram sete filhos, sendo Fran a segunda do casal. Eles sempre foram agricultores e nunca usaram agrotóxicos no quintal. Por essa razão, Fran também nunca usou venenos em suas plantações. “Agrotóxico é uma coisa muito ruim, não gosto nem de falar”, ela afirma e acrescenta: “Não consegue matar o que a gente chama de praga”. O próprio ecossistema da caatinga traz as respostas que precisamos, é uma questão de observar com sabedoria e paciência. “Aqui tem sapo, não deixe criar lagarta”.

Fran tanto sabe disso que pratica essa forma de manejo em seu quintal, que é a extensão de sua casa. Ali ela se dedica profundamente ao cultivo de suas plantinhas: vários tipos de cactos, abundantes espécies medicinais, temperos e

---

10. A pandemia do Covid-19 fez com que o isolamento social fosse adotado globalmente como uma das medidas de segurança sanitária, até a chegada das vacinas. Esse isolamento social foi diferente de diversas maneiras para cada grupo social.

cheiros. “Tenho cebolinha, tansagem, mostarda, coentro, espinafre e rúcula. Hortelã miúda, gorda, levante, boldo do chile, mastruz, alecrim, saião. Hortaliças eu tenho poucas por causa da temperatura”.

Para Fran, o quintal significa “um lugar de paz, de vida. Se me tirarem o quintal, eu morro. Se não tiver um espaço pras minhas plantinhas e galinhas, eu nem vivo”, tamanha é a intensidade da dedicação com o seu quintal. Podemos ver pela delicadeza como são arrumados os seus cactos, tanto apreço por eles. O carinho no cuidar dos bichos, das plantas.

Para seguir plantando a sua saúde e a sua paz, Fran sonha em implementar tecnologias de reutilização de água. “Uma casa desse tamanho, com esse tanto de gente, acaba gastando muita água. Eu sou a pessoa que mais economiza água na vida. Não consigo jogar água fora. Porque eu tenho esse monte de planta passando sede. Então, não jogo as águas fora, aproveito tudo. Quero aproveitar as águas de boa qualidade. Porque as águas que eu uso na lavagem de roupas, por exemplo, eu coloco nas plantas mais fortes. É o jeito possível de aproveitar água de sabão, para não jogar fora”.

A realidade do semiárido faz com que Fran tenha uma visão e manejo diferentes da água, pois sua história – assim como a de sua comunidade e de muitas pessoas que habitam o bioma caatinga e o clima semiárido – é marcada pela longa espera por um balde de água salgada para dividir entre 4 pessoas da família. Em 2006, Fran entrou para o Programa Cisterna<sup>11</sup>, sendo uma das beneficiadas. “O Programa Cisterna nos trouxe uma real melhoria. E depois eu fiquei acompanhando o programa durante o ano de 2007”, ela nos conta. Nessa experiência, foi reconhecida pelos integrantes como articuladora de comunidade<sup>12</sup>. Contudo, na época, o ex-marido não deixava. “Eu tinha a costura como fonte de renda. Faltava um estalo. Participar de coletivos e movimentos sociais mudou o conhecimento, coisa que nenhuma universidade pode dar. Porque é viajar, conhecer gente, são conquistas”.

Fran declara um amor e grande respeito para com a ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro e com a Associação CASACO, onde também trabalhou. Foi por meio dessas organizações que Fran teve outras oportunidades na vida, que ela nunca imaginou que teria. Como mulher e mãe, Fran conta à equipe Territórios Livres que atravessou uma separação difícil do ex-marido. Foi um momento crítico

11. “A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive por meio de políticas públicas, o projeto político da convivência com o Semiárido. É uma rede porque é formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONGs, Oscip, etc. Essa rede conecta pessoas organizadas em entidades que atuam em todo o Semiárido defendendo os direitos dos povos e comunidades da região. As entidades que integram a ASA estão organizadas em fóruns e redes nos 10 estados que compõem o Semiárido Brasileiro (MG, BA, SE, AL, PE, PB, RN, CE, PI e MA)”. Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia> Acesso

de transição, em que, à época, seu “sonho era apenas ter uma casa e comida para cuidar dos filhos”. Fran sobreviveu e prosperou.

Para Fran, ser mulher é ter a capacidade de coordenar muitas funções, “somos capazes de alcançar e de realizar muitas coisas”. E feminismo é se reconhecer, “enxergar qual é o nosso lugar de direito. O que posso fazer, o que tenho que fazer. Então, valorizamos o próprio trabalho e o trabalho das outras pessoas”. Quando recuperamos a nossa autonomia e o nosso direito a existir, trabalhar, entrar em uma universidade, ser quem somos e nos expressar, nós nos tornamos mais fortes, vitais e irradiamos luz por onde passamos, assim como Fran.

Francineide Barbosa de Oliveira  
Marina Serra Murta Maia



### **Em Caturité, “a gente come com muita fartura”**

Em Caturité, no Cariri Oriental Paraibano, vive a agricultora Josineide Matias Souza, conhecida na comunidade por Neide. Ela abre as portas da casa para apresentar orgulhosamente o quintal, pois como acrescenta, desde o início da prosa, “a gente come com muita fartura”. Ao redor da cisterna que fica no centro do quintal, um pote de barro serve de apoio para o crescimento dos pés de couve e das mudinhas de hortaliças, um pouco mais à frente, a cebolinha cresce em uma lata.

Todo pedaço de chão do quintal pode ser aproveitado para cultivar plantas medicinais, árvores frutíferas e hortaliças, até mesmo os cacos de um moringa se transformam em um ambiente acolhedor para as suculentas. A agricultora Josineide decidiu recentemente começar uma nova horta, a construção em formato

da letra “l” conta com drenagem e foi devidamente coberta por um sombrito e tela. Dentro de pouco tempo as sementes de alface, tomate e couve começarão a germinar e, no futuro breve, os frutos saudáveis serão comercializados nas feiras da região.

Quando não está cuidando das hortaliças com a mãe, Maria Matias de Andrade, e a irmã, Severina Matias Souza Nascimento, a agricultora gosta de regar as plantas ornamentais como as onze-horas e espadas-de-são-jorge, ela tem diferentes tipos e cores. Costuma deixar o adubo orgânico reservado ao lado das caqueiras para repor os nutrientes e, assim, elas crescerem sadias.

As lides envolvendo o preparo da terra, plantio e colheita, ela aprendeu com a avó materna, Adélia Gomes de Andrade, que trabalhou na terra até os 80 anos, em Caturité, e ensinou para a descendência dos Matias valores imprescindíveis como a positividade, ressalta Neide. Quando perguntada sobre alguma lembrança especial da matriarca da família, a agricultora destaca que “a forma de trabalhar e organizar as coisas, a forma de aguar as fruteiras”, pois antes da instalação da cisterna de calçadão no fundo da pequena propriedade, ela, ainda criança, percorria um cadinho de chão atrás de água nos açudes e outros reservatórios naturais.

Para Josineide, o quintal é o espaço do trabalho familiar, é aconchego, autonomia e desperta muitos sentimentos também. Por isso, diz: “eu amo trabalhar no quintal apesar das dificuldades no verão para aguar, mas mesmo assim a gente faz o rodízio, a gente tem a cisterna de calçadão para aguar as plantas, a gente procura sempre manter, por mais difícil que seja, a gente inventa”, acrescenta.

Descendo para o roçado da família, já quase no sopé da serra em meio a boniteza da caatinga, Neide mostra a plantação de palmas, que é usada na região como alimento forrageiro para os bodes, cabras, ovelhas e gado vacum. Assim, a agricultora conclui que “o quintal é uma fonte de renda para minha família, a gente come, vende e dá”, e ressalta a importância das trocas solidárias e do compartilhamento de frutas in natura, como o umbu e a acerola, tão comuns na vizinhança.

Josineide Matias Souza  
Rosânia do Nascimento

## Maria Aldionise da Silva



### A vida que (re)começa no quintal

Em Lagoa de Jucá, distrito de Alcantil, Paraíba, vive a agricultora e costureira<sup>13</sup> Maria Aldionise da Silva, mais conhecida por Dione. Anos atrás ela teve que interromper os cursos de ensino superior nas áreas de matemática e biologia iniciados na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Dione nos conta que se deslocava para Campina Grande, uma cidade média localizada há pouco mais de 70 km de onde havia nascido. As dificuldades inerentes à permanência universitária foram aumentando e refletiram nos obstáculos socioeconômicos e culturais enfrentados desde o início da sua escolarização formal.

Durante a infância, Dione recorda ir a pé para a escola, o itinerário era feito com outras colegas da redondeza que aproveitavam as sombras dos pés de ave-

13. No Cariri Paraibano, lócus da pesquisa, o trabalho domiciliar exercido pelas mulheres no espaço rural está imbricado nas relações de gênero, reconfiguradas por programas de desenvolvimento do Nordeste no século XX. Em sua dissertação de mestrado, Elaine Maurício Bezerra (2011) investiga as atividades do Pólo de Confeções do Agreste de Pernambuco a partir da inserção da força de trabalho de origem rural e feminina do Cariri Paraibano. Como vimos ocorrer em campo, esse cenário respondeu pelo aumento dos deslocamentos das famílias camponesas, mais tarde, algumas foram assentadas em projetos de reforma agrária ou buscaram novas formas de apropriação da terra.

lozes<sup>14</sup> para se protegerem do sol forte. A vida nunca foi fácil, mas a memória da jovem está entrelaçada à afetividade familiar. Do pai, Dione emociona-se ao recordar das sutilezas. “Ele é muito trabalhador e transmitiu isso para os filhos, essa coisa de gostar de trabalhar. Antigamente, quando a gente era criança, ele era um pouco rígido, hoje em dia, ele mudou bastante. Mas mesmo assim, outro dia eu estava lembrando com umas amigas minhas que eu dormia no sofá e acordava na cama”. O ato paterno de cuidar do sono marcou profundamente os olhares e as marejadas memórias que ela guarda da família.

Da mãe, Dona Maria das Graças, ela herdou o cuidado pelas plantas medicinais e ornamentais, o apego ao cultivo no quintal e o ensinamento de manter os sonhos vibrantes, “sonhadora, minha mãe imagina mil coisas”, diz emocionada. A partir da sua entrada recente nas atividades da Associação CASACO<sup>15</sup>, Dione tem dito trocar e aprender a respeito do combate ao uso dos agrotóxicos, “eu já usei, porque na época que tem lagartas é bem difícil de controlar, mas naquele dia eu vi na palestra que é prejudicial”, revela.

No quintal de casa, Dione orgulha-se do que conquistou depois da recente construção da sua residência, e aproveita para tecer os fios de esperança que a nova vida representa, “a gente vive sempre no trabalho, o quintal é algo que deixa a gente em paz, tira daquela rotina de sempre costurar o tempo todo, quando a gente chega aqui tem uma frutinha nova, uma flor nova”, afirma. Ela mostra, orgulhosa, o plantio dos pés de goiaba, acerola, banana, laranja, pinha, maracujá, pitaya, melancia. O cuidado se estende para outros subsistemas complementares, incluindo plantas medicinais como o capim santo, mastruz, alecrim e hortelã.

No seu conjunto, como aprendido com sua família camponesa, o quintal compreende às árvores frutíferas e às plantas medicinais que garantem o auto-consumo e as práticas tradicionais de cuidado e atenção à saúde. Como se trata de uma área situada no Cariri Paraibano, o abastecimento advém de uma cisterna com capacidade de até 10.000 litros de água, que é usada nos cuidados de higiene pessoal e nas regas diárias das plantas. Para o consumo humano, Dione utiliza a água do poço próximo à sua residência, que passa por um processo de dessalinização até chegar apropriada ao filtro de barro da casa, cuidadosamente ornado pela jovem.

14. Podendo ser grafada ‘avelós’ ou ‘aveloz’ (*Euphorbia tirucalli* L.), é uma planta xerófila de origem africana que ocorre frequentemente no semiárido nordestino.

15. Desde o início dos anos 2000, a Associação de Lideranças, Organizações, Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri Paraibano – CASACO – exerce importante papel político e organizativo na região do Cariri Paraibano. Anualmente, no município de Alcantil-PB, organiza a Festa da Agricultura Familiar.

Dione é uma mulher recém-casada com Aílton Barbosa da Silva. A jovem evangélica compartilha o ofício de costureira e agricultora, ao mesmo tempo que trabalha fora, ela retoma com afinco os pequenos cultivos no quintal da nova casa. Depois de se juntar às andanças coletivas da Associação CASACO, revela alimentar muitas aspirações, como adquirir algumas mudas de coqueiros, “eu tenho vontade de ter um pé de coco, eu não encontrei ainda, gosto muito de árvores frutíferas”. A voz doce da jovem camponesa expressa o conhecimento ancestral adquirido ao fazer vingar cada muda que ela, pacientemente, deposita no chão e rega com esmero. Com o passar do tempo, Dione tem visto brotar a biodiversidade em seu quintal, que garantirá, em seus próprios dizeres, “mais dinâmica” ao seu ofício, pois ela pretende se dedicar integralmente ao seu módulo rural.

Maria Aldionise da Silva  
Rosânia do Nascimento

## Maria das Graças da Silva



### Sementes da vida

Chovia naquele dia em que a equipe Territórios Livres chegou no Sítio Raposa, município de Alcantil, no Cariri Paraibano. Antes de adentrar na residência da senhora Maria das Graças da Silva à procura de acolhida, uma pequena travessia em meio a alguns caprinos criados no quintal da pequena propriedade. A senhora aposentada apontou para uma cabritinha criada enjeitada<sup>16</sup>, “mãe dela ano passado quando deu as crias, dois cabritos e uma cabrita, enjeitou essa, aí comecei dando leite na mamadeira”. Logo de início, foi possível constatar que o manejo dos caprinos é também um ofício mantido pelas mulheres, revelando o domínio das práticas e conhecimentos tradicionais da boa convivência com o semiárido e a caatinga.

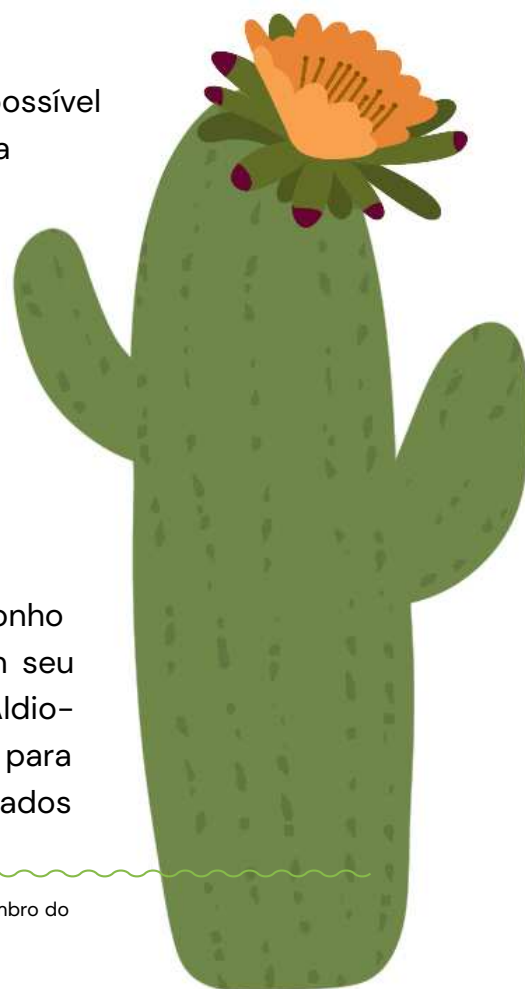
16. Forma nativa para tratar as crias do rebanho que passaram por desmame em função da morte da mãe ou da sua recusa em nutrir o rebento.

É preciso reportar as andanças feitas em outro quintal de Lagoa de Jucá, no município de Alcantil-PB. Tudo começa com a história de um álbum de casamento da jovem Maria e o amor por uma mãe de nome homônimo. Considerando as parecenças fisionômicas entre ambas, foi confessado que aquela tez era conhecida: “a gente viu a senhora no álbum de casamento da sua filha<sup>17</sup>”. Tratava-se de Maria Aldionise da Silva, a jovem costureira rural que (re)começou o seu próprio quintal ativando os conhecimentos aprendidos com a sua família camponesa.

Assim, depois dessa prosa inicial, a conversa seguiu pelos fios da memória de Maria das Graças, filha mais velha de treze irmãos. Desde menina, ela conta ter sido responsável pelos cuidados dos/as irmãos/ãs mais novos/as. A agricultora do Cariri lembra bem-humorada da manha de uma delas, Maria José da Silva, cinco anos mais nova, que “só queria viver no braço e no quarto”. Existem outros momentos da infância que nem sempre são fáceis de recordar, como as vítimas de mortalidade infantil ocorridas em sua própria família. Em uma narrativa comovente, ela marca a importância dos ensinamentos aprendidos na beira do rio Paraíba e nos caminhos trilhados a pé, até alcançar os roçados plantados nos sopés da serra. As crianças se juntavam à lida da agricultura familiar durante o “inverno” do Cariri.

Logo na entrada da sua pequena propriedade é possível observar um cômodo da residência rural construído para conservar, armazenar e manter adequadamente as diversas variedades tradicionais de milho e feijão. É um dos bancos comunitários de Sementes da Paixão, que a torna guardiã dessas variedades ancestrais e beneficia toda a comunidade. Para ela, “alguns ficam dizendo que não tem nada não, a gente tem a semente boa aqui no banco, foram feitos os testes, eu sempre ofereço e digo que tenho a semente”, acrescenta.

Para a aposentada Maria das Graças, o maior sonho é acompanhar o crescimento dos futuros netos/as em seu quintal produtivo, pois os três filhos, Maria Áurea, Maria Aldionise e Alejandro saíram recentemente da casa materna para construir novas famílias, no entanto, mantêm os pés fincados



17. Trata-se da referência ao diálogo mediado no campo por Marina Tauil, advogada e membro do GT de Mulheres da ABA.

na terra. Uma coisa é certa, a filha mais velha vai deixar para a sua descendência grandes saberes e conhecimentos, indo das práticas de cultivo de milho, fava, jerimum e feijão ao manejo tradicional de caprinos.

Como vimos, isso tudo se dá na vida cotidiana, como o envolvimento da agricultora aposentada na consolidação do Banco de Sementes Paixão<sup>18</sup>, nacionalmente considerada uma referência de agricultura familiar e agroecológica. Certamente a continuidade dos saberes dos antepassados do Cariri Paraibano pode contar com essa sábia, cujas mãos habilidosas fazem toda diferença na caminhada pela autonomia, soberania alimentar e nutricional.

Maria das Graças da Silva  
Rosânia do Nascimento

---

18. Ver LONDRES, Flávia. **As sementes da paixão e as políticas de sementes na Paraíba**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014.

## Maria de Fátima Alves Borba



### O legado de Flora

Essa é a história de Maria de Fátima, mulher camponesa, mãe da Flora, agricultora agroecológica, contando como promoveu o retorno da família para o campo durante a pandemia de Covid-19. Assim como a história do campesinato brasileiro ensina, diante da decepção com as políticas institucionais ligadas à reforma agrária, podem surgir novas lutas e disputas, hoje, cada vez mais protagonizadas por mulheres engajadas e comprometidas em realizar a transição da agricultura convencional para modelos de agricultura agroecológica.

Há pouco mais de um ano, Maria de Fátima vive com a família no Sítio Cavaco, município de Boqueirão, Cariri Paraibano Oriental. Ela convida a equipe Territórios Livres para conhecer de perto a plantação de palmas e outros cultivos realizados

no quintal, explica detalhadamente cada método e prática utilizadas, e faz questão de destacar os desafios enfrentados enquanto “uma pessoa que não tem terra”, pois a área de pouco mais de 0.3 hectares é arrendada.

No pequeno sítio, como acrescenta Maria de Fátima, o trabalho é realizado “junto, assim como ele tem o curso de agroecologia, ele dá muito mais palpite com relação à parte técnica, mas a gente decide o que vai fazer lá embaixo junto, que tipo de fruta plantar, a gente sempre dialoga junto”, se colocando como parte atuante nesse processo.

Durante o percurso pelo quintal, o riso frouxo da equipe surpreendida por um lagarto saindo de um arbusto animou ainda mais as narrativas da agricultora agroecológica. Descemos juntas abaixo da plantação de palmas para conhecer outro segmento do sítio, que, na realidade, impressiona devido à importante iniciativa de recuperação de área degradada da caatinga, que se dá por meio da plantação de umbu e moringa em sistema de nucleação, e da instalação de curvas de pedra como contenção do voçorocamento.

Antes disso, a agricultora narra como a agroecologia remonta a história da família e a sua trajetória individual. Ou seja, a ancestralidade, o pertencimento e a formação política fortalecem os caminhos trilhados em defesa de uma agricultura de base agroecológica e feminista.

No primeiro momento, ela recorda que o pai trabalhava com a criação de animais e dispensava o uso de agrotóxicos, no entanto, relata contrariada que as filhas foram afastadas dessa lida durante a infância, desempenhando pequenas tarefas domésticas e deslocamentos constantes para a cidade. Contudo, Maria de Fátima se tornou camponesa nas vivências cotidianas. Durante as férias escolares ela corria, jogava bola, tomava banho de rio com outras crianças e saltitava nos riachos dos sítios Paulo de Souza, em Caturité, onde a tia paterna Zuleide e a prima Margarida tinham um sítio. Ela narra algumas cenas pueris em que conversava com as plantas típicas da caatinga e as ovelhas. Sentia-se fortalecida pelo seu laço ancestral com o campo.

A agricultora agroecológica destaca que a consciência de si e das lutas que trava vêm promovendo profundos refazimentos de si, o último deles foi aproximar

a pequena Flora, sua filha, das vivências do campo para que ela “tivesse a oportunidade de vivenciar isso, a nossa raiz camponesa, a nossa cultura camponesa que vem da nossa ancestralidade, ela traz isso dentro de nós, é a solidariedade, o cuidado com a vida, com o meio ambiente, são esses princípios que eu quero trazer para a minha filha. A minha maior herança é ela”, diz convicta que a semente já foi lançada.

Nas últimas três décadas, o pai, Adalberto Alves Borba, e a mãe, Severina Barbosa Alves, tiveram muitas dificuldades em permanecer na terra. A inexistência de um título institucional dificultou o acesso às políticas públicas de crédito rural<sup>19</sup>. Hoje, a parentela aguarda melhores condições para reproduzir a vida camponesa com sustentabilidade. A expectativa é recompor a família e, enquanto isso, o núcleo familiar se organiza em prol da construção das novas residências, beneficiamento dos roçados e a criação de animais em um sítio próprio. Assim, ela prospecta a consolidação de um “espaço de formação humana e de experiências, um lugar bom de se viver e agroecológico”, relata.

Esse sonho tão bonito a acompanha desde a tenra idade, a formação política iniciou junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e nos “movimentos sociais do campo, e foi isso que enraizou dentro de mim a vontade de resgatar as minhas raízes camponesas e voltar para o campo. Comecei pelo CASACO, pelo programa P1MC<sup>20</sup>. Participei do MST e da Pastoral da Juventude Rural, esse desejo sempre esteve em mim”, arremata.

Maria de Fátima concluiu o ensino médio em Boqueirão e logo depois começou o curso de Serviço Social na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, finalizada com apoio de pessoas da Pastoral da Juventude Rural. Antes de decidir territorializar o espaço que sempre lhe pertenceu na região, ela participou do Acampamento do Quebra-Quilos<sup>21</sup>. A agricultora conta que a incidência política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) deu-se a partir da ocupação legítima do imóvel rural improdutivo Fazenda Angicos/Olho D'Água, localizado entre os municípios de Campina Grande e Boa Vista.

Assim, foi na luta pela terra que Maria de Fátima conheceu o esposo, Gerson. A união teve como ponto principal o amadurecimento da consciência de si, e ela acrescenta que “a gente só consegue caminhar se tiver forte por dentro”, em

19. No Brasil, os programas de incentivo à agricultura familiar consideram as/os produtoras/es rurais como usuários reais e/ou potenciais desde que residam na propriedade ou área próxima; possuam no máximo quatro módulos fiscais de área (no que se refere à agricultura, e seis módulos fiscais para os casos de pecuária); tenham o trabalho familiar como base de exploração do estabelecimento e renda bruta anual.

20. Reconhecida como uma tecnologia social, essa política pública foi desenhada e implementada pelo governo federal, em 2003, com a participação social de diversas entidades e organizações como a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Para conferir a

segundo plano, o amor e o comprometimento com a agroecologia consagrou os passos seguintes do casal.

Ontem e hoje, os espinhos e o rubor de cada flor que nasce das cactáceas confirmam o sonho daquela menina que corria em meio às ovelhas e conversava com as plantas. Ela está de volta ao campo, na potência de uma mulher perseverante e na figura de uma mãe determinada em prover à filha, Flora, a conexão com a ancestralidade camponesa, afinal, “ser mulher é ser resistência, é cuidar da vida”, reflete. O riacho do Boqueirão em que brincava na infância, significa nos dias atuais a necessidade dessa mulher e sua família batalharem pela sustentabilidade hídrica, autonomia e soberania alimentar e nutricional.

Assim sendo, no dia a dia de um quintal há muitas adversidades ligadas ao uso de agrotóxicos. Maria de Fátima afirma com orgulho que não faz o uso do veneno em suas produções, incluindo hortaliças, frutíferas e plantas medicinais, os pés de pimenta, acerola, coentro, babosa, cidreira, amoxicilina e saião são zelados com base nos pressupostos agroecológicos.

No entanto, a agricultora revela o descontentamento promovido pela ação indireta vinda de outros sítios: “o meu vizinho tinha plantado tomate com muito veneno e, basicamente, quase todos os dias o veneno vinha para cá, eu sentia, a gente fechava todas as portas, mas o vento vinha. Fiquei muito triste, porque aquele vento que estava vindo para cá, estava contaminando a minha produção e a gente não podia fazer nada”. Assim, ela denuncia que o “agrotóxico é a morte, agrotóxico é doença, é o fim da vida, porque ele mata tudo que toca de forma imediata, como os passarinhos e as abelhas, o solo e a gente também”.

Para Maria de Fátima, a cena de contaminação da horta de coentro a entristeceu profundamente. A revolta é legítima, tendo em vista como ela interpreta os significados de um quintal que, em suas próprias palavras, significa “o espaço da vida, de restaurar as energias e as forças. É um espaço onde eu posso me encontrar, porque lá fora a gente aprende a escutar o outro e aqui eu consigo me ouvir”.

A história de vida dessa agricultora agroecológica é inspiradora em vários sentidos, demonstra a sua re-existência e produz transformações radicais no modo de produzir e reproduzir a vida no semiárido nordestino. Nesse sentido, ela

---

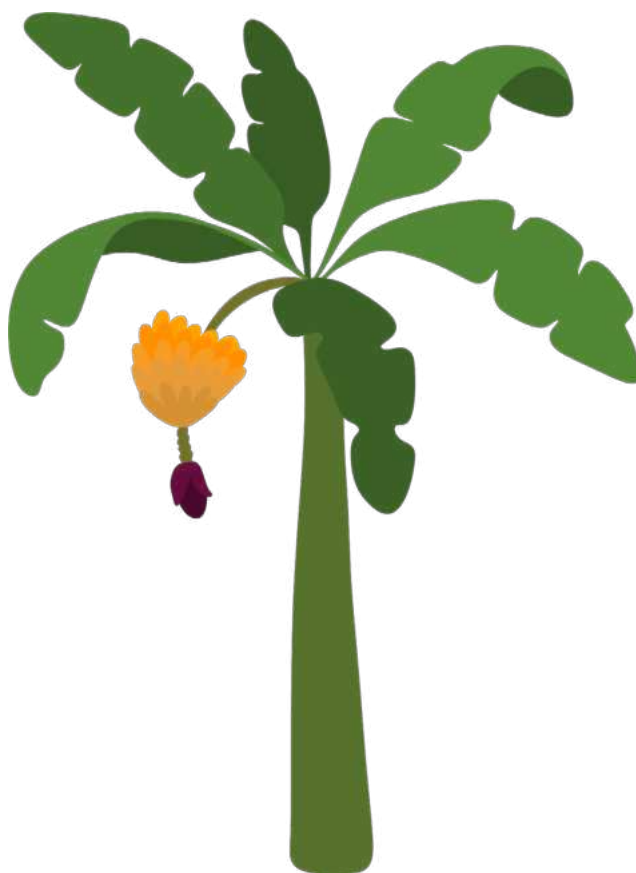
relação intrínseca entre sustentabilidade hídrica e gênero no Nordeste, veja PONTES, Emílio. A estreita relação entre mulher e água no semiárido: o caso do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa-PR, v.4, n.1, p. 14-21, jan/julho de 2013.

21. O nome do referido acampamento do MST faz referência à revolta popular histórica deflagrada por feirantes da Paraíba em desacordo com o sistema de medidas implantado durante o Império.

recebeu com muita esperança o projeto Territórios Livres, trazendo a lume algumas reflexões valiosas que devem ser levadas adiante pela coletividade que se congregou à iniciativa. Pois “o projeto, primeiramente, vai fortalecer a gente como mulher, a gente pode produzir e mostrar a visibilidade do nosso trabalho”, relata animada.

Em segundo lugar, Maria de Fátima traduz ao mundo o que os Territórios Livres ambicionam transformar, “a gente vai criar uma rede de mulheres fortes para continuar reproduzindo a vida e fortalecer todas as mulheres que estão reservadas, escondidas, quietinhas, que produzem, mas que, às vezes, acham que não produzem nada”, que as suas palavras e ações tenham a capacidade de polinizar a esperança em outros quintais produtivos e em espaços agroecológicos.

Maria de Fátima Alves Borba  
Rosânia do Nascimento



## Maria do Socorro de Souza Cavalcante



### A herança de uma galinha dourada

A conversa com a aposentada sergipana Maria do Socorro de Souza Cavalcante, mais conhecida nas redondezas por Dona Côca, 59 anos, começou com a história de uma galinha dourada. A vizinha Maria de Fátima<sup>22</sup>, segurando no colo a pequena Flora, caiu na risada e provocou a agricultora a compartilhar com a equipe Territórios Livres a anedota. No entanto, Dona Côca achou melhor reservá-la para o final da entrevista. Ela elencou como pauta inicial a sua experiência com os agrotóxicos na época em que trabalhou com o cultivo de tomates e pimentões em uma fazenda de terceiros, até a tomada de consciência política a respeito das consequências produzidas pelo veneno, como ela prefere designar os agrotóxicos.

A pauta inicial apontada por Dona Côca diz respeito à forma como esta agri-

22. Maria de Fátima é uma agricultora agroecológica que também participou do projeto Territórios Livres (ABA), o seu texto intitulado "Profissão, professora: ofício tradicional, agricultora" pode ser conferido nesta coletânea.

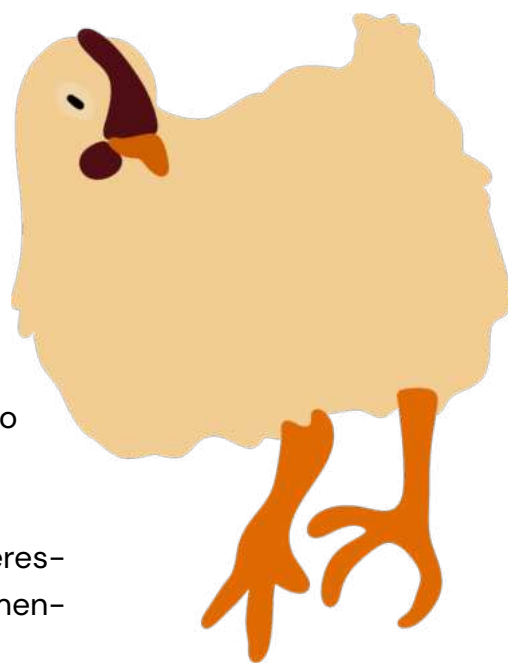
cultora se apresenta e define a sua pequena propriedade baseada na agricultura familiar de base agroecológica. Assim, ao nosso ver, é muito importante, aqui, articular dois pontos: a) compreender a dinâmica do uso continuado de agrotóxicos em propriedades pequenas e médias do Nordeste; b) entender a transição da agricultura familiar para as bases agroecológicas, partindo da contextualização das disputas pela terra na região, o que envolve tensionar a subjugação histórica e política de camponeses/as à lógica do latifúndio. Ou seja, a busca de novo padrão produtivo com tecnologias agroecológicas caminha no sentido de potencializar a ancestralidade e a cultura que perfazem o saber-fazer de agricultoras como Dona Côca, no Cariri Oriental paraibano (Zamberlam; Fronchetti, 2012).

Maria do Socorro de Souza Cavalcante, a Dona Côca, prossegue alinhando a nossa pressuposição.

Toda vida eu fui agricultora, uma agricultura antiga, porque os avós e os pais da gente trabalhavam naquelas condições, a gente aprendeu, ficou trabalhando com eles: queimar e limpar a terra, era o que eles faziam. Para eles, na cabeça deles, era o bom que eles faziam. Assim, a gente cresceu assim fazendo junto com eles, porque os filhos aprendem dos pais e avós. Aí quando a gente conheceu esse programa da CASACO, aprendemos muita coisa. Aprendemos que não se pode usar veneno, aprendemos a labutar e separar as sementes, o que é bom pra terra, o que é bom para as plantas, aprendemos a lutar com o solo e estamos até hoje nessa luta.

Dona Côca afirma em seu relato a importância da luta política para mudar as suas práticas com a agricultura. A forma como fecunda a terra e colhe seus frutos foi alterada a partir do momento em que a agricultora passou a integrar, em 2011, a ONG CASACO. Veja que o saber-fazer, passado de geração em geração pela família de Dona Côca, a constituiu como agricultora, porém, ela aprende, ensina, troca, mobiliza os saberes ancestrais aplicando, na atualidade, as práticas advindas dos princípios agroecológicos defendidos por entidades como a ONG CASACO.

A geógrafa Larissa Bombardi (2017) oferece uma interessante metáfora para pensar a relação da terra com os alimen-



tos produzidos pelas mulheres. Ela segue defendendo que o princípio arquetípico do feminino – aqui entendemos que não é exclusivo apenas aos corpos das mulheres cisgêneras – volta-se para a perspectiva do trabalho realizado pelas agricultoras nos roçados próximos às suas casas e nos quintais produtivos. Para a autora, a palavra “terra” é substantivo feminino em nossa língua vernácula, o mesmo se observa em outras línguas de matriz latina (italiano, francês e espanhol). Assim, foi no advento da Revolução Verde que a agricultura capitalista tornou-se o minotauro que nos assombra, na esteira da alegoria arrolada por essa geógrafa, a agricultura foi masculinizada na medida em que o alimento transformou-se em commodity.

Voltando para Dona Côca, ela disse: “A minha visão é que o agrotóxico não é legal, não. O agrotóxico é um mal pra gente, pra saúde, pra geral, né? O agrotóxico é uma coisa ruim”. Para Larissa Lombardi (2017), o crescente uso de agrotóxicos no Brasil responde à escala industrial da produção agropecuária. No peso que exerce sobre a balança comercial brasileira, as culturas que mais são produzidas com agrotóxicos são: soja, cana, milho, algodão e café.

No relato de Dona Côca, ela diz que o primeiro contato que teve com os agrotóxicos ocorreu na década de 1980, quando trabalhou com culturas de milho, feijão, tomate e pimentão. É importante reiterar que o uso revela que ela e a família trabalhavam para terceiros, o que explica o nível de exploração de trabalho visível na vulnerabilização deste grupo social. Em um rico relato, ela diz:

Quando moça, com 16 e 17 anos, eu trabalhei com uma mulher do outro lado do açude aqui que trabalhava com essa cultura, uns trabalhavam pra eles mesmo, outros trabalhavam para os patrões. Eu nunca me dei, adoeci. Quando eu ia trabalhar com a colheita de tomate e pimentão, inchava o meu rosto. É sinal que não me fazia bem, né? Assim, eu achava que era o sol quente, mas quando fui entender o que era o agrotóxico, aí fui entender que era dele o inchaço, eu não me dava com ele, depois do trabalho chegava em casa inchada, as mãos e os pés.

Assim, a ONG CASACO desempenhou papel fundamental na conscientização política dos perigos do uso de agrotóxicos nas pequenas e médias propriedades no Nordeste, oferecendo às agricultoras capacitação técnica voltada para aprofundar os seus conhecimentos familiares. Desse modo, incentivando-as a adotar, cada vez mais, os manejos naturais nos quintais produtivos e roçados, como o uso

de fertilizantes, fungicidas e inseticidas naturais feitos à base do extrato de nim, alho, mamona, fumo e babosa, como nos contou a agricultora.

Antes disso, houve muitas histórias e é necessário retomar a anedota apresentada no início deste escrito. Ela ganhou, há quase três décadas, uma galinha da sua mãe. À medida em que crescia à solta no quintal, Dona Côca foi observando a penugem meio dourada da franga, como localmente nos referimos à fase em que a galinha ainda não é poedeira. A agricultora manteve a genética de suas galinhas douradas – manejo produtivo este, aprendido com a sua mãe –, ou seja, antes mesmo das orientações técnicas e da capacitação de criadores/as de galináceos oferecidos por órgãos estatais e entidades. De geração para geração, esse saber-fazer de agricultoras, como Dona Côca, nos leva a refletir sobre as bases da pretensa neutralidade do conhecimento científico.

Portanto, a agroecologia não visa desprezar a agricultura familiar praticada, historicamente, pelos camponeses/as no Brasil. Ela recupera as premissas das heranças ancestrais, culturais, espirituais-religiosas e simbólicas alinhadas à ciência que preconiza a harmonia entre a produção de alimentos e todos os demais seres vivos – humanos e não-humanos – que integram aquela terra/território.

Foi assim que aprendemos com Dona Côca que o quintal produtivo pode ser definido como os arredores da casa que têm os limites divididos da seguinte forma: “da cerca pra lá, é gado e porco, e do lado de cá, as galinhas e as hortas”. Nessa forma de organizar a produção do Sítio Bento de Cima, ela e o esposo, o senhor José Cavalcante, conseguem colher os alimentos provenientes das hortaliças, leite, ovos, queijo, galinhas e cabras.

Maria do Socorro de Souza Cavalcante  
Rosânia do Nascimento

## Maria de Fátima Lima



### **Profissão, professora; ofício tradicional, agricultora**

Maria de Fátima Lima, ou melhor, a Professora Fátima, vive no município de Alcantil, no Cariri Paraibano, em uma casa com um de seus netos, o jovem Hairlon Silva Freire. Uma longa estrada no magistério compõe a história dessa simpática senhora de sorriso doce. Em sua pequena propriedade tem galinhas, cactáceas e plantas medicinais. Com profunda admiração, recebemos a sua história. A Professora Fátima nos conta, com sua voz tranquila, que começou a sua jornada em Boqueirão, na educação municipal aos 19 anos de idade e que lecionou como professora por vinte e oito anos. “Me aposentei com um salário mínimo há 10 anos”.

A professora narra com muito carinho a sua infância junto a seus pais, Fernando Eugênio de Lima e Iracema Maria de Aguiar, sempre na luta e na agricultura.

Trabalhavam juntos no roçado e que, mesmo com suas responsabilidades junto à agricultura familiar, ela recebeu todo o incentivo e o apoio dos pais para estudar e ser professora. Tornar-se professora, além de agricultora, e estar junto à luta camponesa graças à educação, foi uma das maiores heranças recebidas da família. Assim como seus pais lhe mostraram o caminho, desde jovem, traz consigo esse legado tão importante: “sempre ensinar, estar na luta da e pela agricultura”. O quintal é um lugar onde ela mantém ainda mais viva a memória do tempo em que ficava junto à família, onde trabalhava e brincava. Onde, desde menina, aprende com as plantas. A Professora Fátima compartilha conosco que sente muito prazer ao estar ali cuidando das plantas e dos animais, que “conversa com a natureza e tudo passa”, mesmo nos dias mais difíceis quando ela se sente estressada. O quintal, para ela, é um lugar de paz e meditação. É no quintal onde ela pode reviver tudo o que aprendeu com a família. Já faz onze anos que saiu do Sítio Berengué e mudou-se para uma área mais tranquila em Lagoa de Jucá, reforçando com bom humor que “o natural é bom demais!”.

A Professora Fátima demonstra entusiasmo com as mudanças que pretende para a sua propriedade e nos conta os planos para um futuro próximo: implementar alguns canteiros com hortaliças, para que possa separar os alimentos produzidos e, assim, aproveitar mais os espaços ainda vazios. Também quer aumentar a sua produção de plantas, inserindo uma maior variedade de frutíferas (acerola, limão, banana, goiaba e graviola) em seu sistema.

O solo e a seca ainda são desafios no território onde vive, mas a Professora Fátima consegue fazer a reutilização da água da chuva que cai no inverno e, assim, colhe fava e feijão. Acompanhando a agricultora em um passeio pelo seu quintal, ela compartilha com a Equipe Territórios Livres que quer ampliar e otimizar as tecnologias aplicadas ali, diz que é um sonho. A horta, ela quer ver murada, “toda cheia de canteiros”. Também quer adotar mais alternativas para o reuso da água que destina à rega das plantas.

E como regente do quintal, deseja para si “muitos anos de vida com saúde”. Com grande satisfação, ela nos conta que já é um sonho realizado ver seus filhos, Hécio, Hemeson Noaldo, Hemília Fernanda e Hélio, com suas respectivas famílias e envolvidos com agricultura. É como mirar a continuidade da própria vida que ela teve com seus pais.

Um dos sonhos que sonhamos juntas com a Professora Fátima foi imaginar uma feira para que os produtos pudessem ser comercializados uma vez por mês em Campina Grande, cidade média que fica há uns 80 km de Lagoa de Jucá. Com o acontecimento mensal dessas feiras agroecológicas, a Professora Fátima completa: “além de promover as feiras, são momentos em que poderão haver oficinas, aproveitando o espaço da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Centro de Arte e Cultura”.

Fátima fala da importância de fortalecer os coletivos de mulheres na agricultura e que as feiras são momentos chave para a socialização dessas mulheres. É também quando elas poderão conversar sobre as tecnologias e as metodologias que cada uma tem aplicado em seus quintais produtivos, ampliando o repertório coletivo sobre como lidar com a seca e a quentura, opções mais agroecológicas para lidar com os eventuais desequilíbrios nos quintais, como as pragas, além de como conseguir multiplicar e manter as mudas livres de veneno e guardar as Sementes da Paixão<sup>23</sup>.

Maria de Fátima Lima  
Rosânia do Nascimento

---

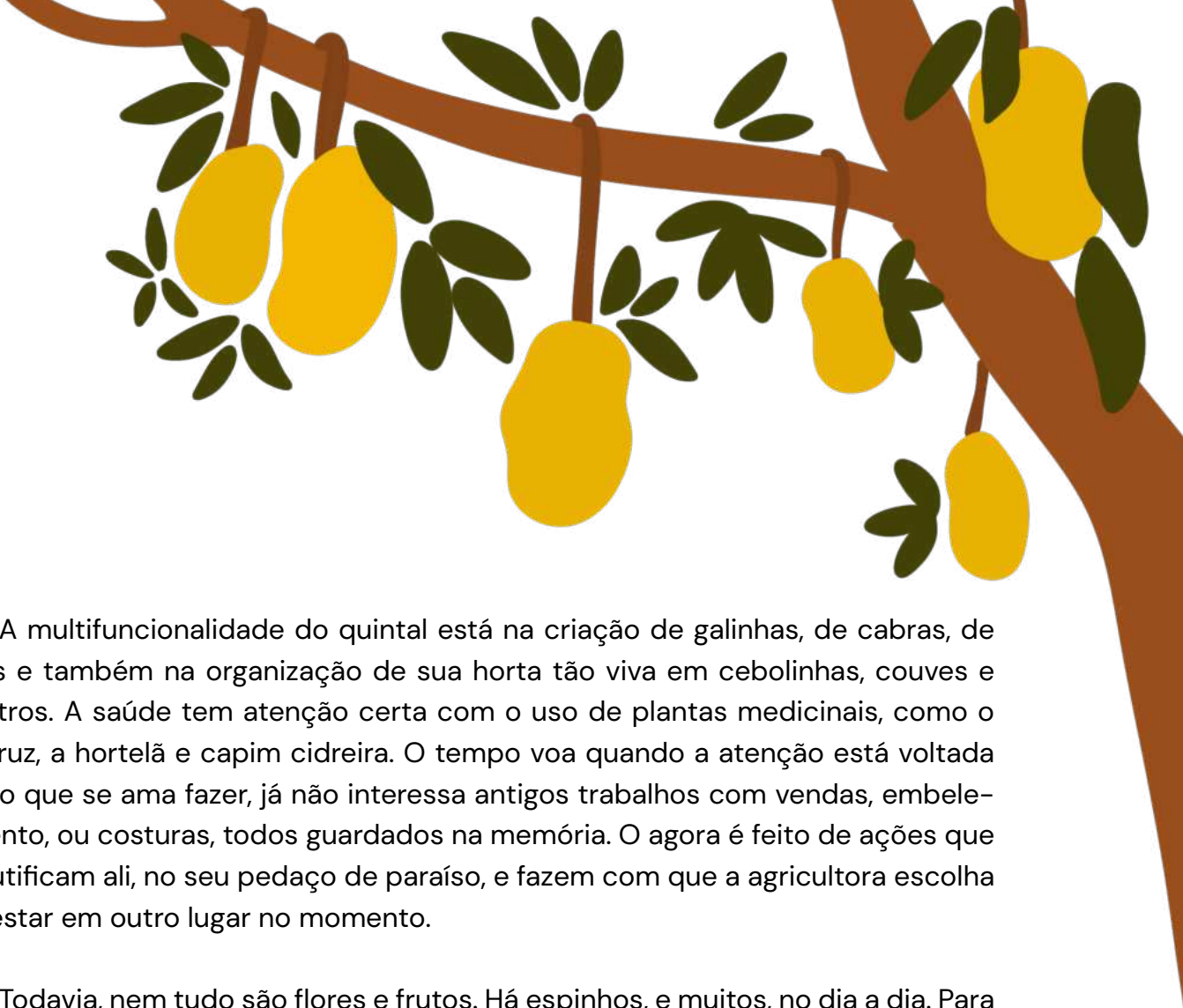
23. Frente a iminente ameaça de contaminação das sementes crioulas, ou as sementes da paixão, como são conhecidas no estado da Paraíba, a Rede de Sementes do Polo da Borborema vem organizando desde 2016 a campanha “Não planto transgênicos para não apagar minha história”. Você pode conhecer a campanha neste link: <<https://aspta.org.br/2016/08/29/campanha-nao-planto-transgenicos-para-nao-apagar-minha-historia/>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

## Maria Gomes de Oliveira



### O mar que virou sertão: os quintais produtivos do Cariri

O projeto Territórios Livres da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), destina centralidade ao Quintal Produtivo conduzido pelas mãos habilidosas de mulheres agricultoras para o sustento de sua família. O foco de nossa reflexão hoje está localizado no Cariri Paraibano, um quintal que não é apenas um quintal. É um lugar que, nas palavras de Maria Gomes de Oliveira, “produz vida”. Esta mulher agricultora, que é feminista em sua essência, traz a ancestralidade feminina no manejo com o seu pedaço de chão, inspirada no que aprendeu com sua mãe e com a sua avó. Nem a água salobra, nem o sol escaldante esmorecem a gana em retirar o alimento da terra, em cuidar do legado materno na forma de plantas que contam a sua história naquele espaço. Ou das memórias do pai, no ato de curtimento do couro e da ordenha do leite, que ilustram sua trajetória de vida no Cariri.



A multifuncionalidade do quintal está na criação de galinhas, de cabras, de perus e também na organização de sua horta tão viva em cebolinhas, couves e coentros. A saúde tem atenção certa com o uso de plantas medicinais, como o mastruz, a hortelã e capim cidreira. O tempo voa quando a atenção está voltada para o que se ama fazer, já não interessa antigos trabalhos com vendas, embelezamento, ou costuras, todos guardados na memória. O agora é feito de ações que se frutificam ali, no seu pedaço de paraíso, e fazem com que a agricultora escolha não estar em outro lugar no momento.

Todavia, nem tudo são flores e frutos. Há espinhos, e muitos, no dia a dia. Para cada novo desafio, a certeza que se pode contar com o apoio de outras mulheres da região. E assim como a árvore da pinha que resiste ao sal da água e ainda assim gera frutos, também a vontade de ser melhor como pessoa, como agricultora autodidata e as mil e uma outras sapiências que carrega, frutifica. Aprendeu reza com a avó, aprendeu muito com a sua mãe e atualmente compartilha saberes com as mulheres da Associação CASACO, espalhando sabedoria pelo seu Cariri.

Para Maria Gomes, ser mulher “é tudo” e “eu só desisto de alguma coisa se eu não puder falar, então eu fico na minha casa”. Ela afirma que desde muito nova nunca foi de aceitar o que foi destinado às mulheres de sua realidade. Quis estudar, quis mexer e revirar a terra, para dela retirar o sustento de muitas vidas. Assim como Maria Gomes, são muitas as mulheres que transformam o “quintal de casa” em um quintal produtivo. E mais que isso, metamorfoseado de Território Livre do químico mortal. Para Maria Gomes, “o problema das pessoas é o seguinte: você usa um defensivo convencional uma vez, uma semana [...] aquilo vai matar tudo que encontrar, acaba com a vida, acaba com os passarinhos e os passarinhos têm que comer lagartas”.

A sua narrativa potente expõe uma realidade presente em todo o Brasil e manda um recado direto para quem pensa que agrotóxicos são isentos de efeitos na saúde: “eu acho que não tem conversa para eles, tipo, você não morre hoje mas em longo prazo. Ele apenas não mata logo, mas por que as pessoas estão doentes? É muito câncer. E aqui, se usa desordenadamente, até as vasilhas jogam no rio. Planta aqui, chove, cai para o rio, para a água. Fica naquele rodízio, veneno vai e veneno volta. Não tem meio termo para o veneno”. A análise certa apontada por Maria Gomes não é mero alarde, e sinaliza a necessidade de mudanças estruturais de comportamento, tanto localmente, quanto globalmente. Ser um Território Livre exige muito mais do que mera retórica, requer ações. E Maria Gomes tem feito sua parte diariamente em seu quintal e de forma coletiva na Associação CASACO, gerando ecos por onde passa, transformando vidas.

Maria Gomes de Oliveira  
Neli Gomes da Rocha

## Maria José Pereira da Silva Mendes



### **“Minha raiz é a agricultura”**

Maria José Pereira da Silva Mendes, mais conhecida como Dona Leninha, nascida e criada em Alcantil, na Paraíba, conta que na antiga casa onde morava tinha muita coisa plantada: romã, pé de coco e acerola. Em Lagoa de Jucá, realizada com a sua casa nova pronta, a agricultora conta que o quintal significa “um lugar de potência, de gostar”. Sempre foi afeiçoada à agricultura e ao cuidado com as plantas. “Minha raiz é a agricultura. Minha mãe sempre plantava, e dela eu continuei”.

Leninha já plantou erva cidreira, hortelã, couve, alecrim e coentro. “É tão bom um coentro do dia em casa, novinho. Você tá na cozinha e tira um pouquinho”. Dessa forma, ela acrescenta que “o importante é estar sempre plantando e mexendo na terra”. A agricultora também encomendou um casal de perus para levar

para o Sítio Amador, que fica próximo da sua atual residência, pois é lá onde se criam os animais.

Leninha conta que cursou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Nessa época, para seguir com os estudos, era necessário ir até a sede de Alcantil. Como não havia transporte escolar, o pai, José Pereira da Silva Irmão, conhecido como Zé Gallego, não a deixava ir: “Ele era muito rígido”. Apesar da rigidez, Dona Leninha conta que ele lhe passou muitos valores: “Ele me criou para ser uma pessoa honesta, com coragem para enfrentar as coisas, sem medo de trabalhar e de ir à luta, sempre levantar e seguir em frente”. A mãe, Josefa Anália da Conceição, conhecida na comunidade por Zefinha, era tudo. “Uma mulher batalhadora, fazia vassoura e da batata do umbu sabia extrair a farinha”, conta emocionada.

Cresceu com 5 irmãs e 3 irmãos. A infância teve as marcas e a presença da violência doméstica. O pai tinha várias outras mulheres e ainda assim destratava a sua mãe. Apesar disso, Dona Leninha conta que a infância “foi maravilhosa”. A família morava num sítio perto de um riacho. “Eu vivia pescando, pegava passarinho. Hoje em dia já não acho certo, mas eu pegava. Eu só vivia no meio do mato, caçando, pescando. Era bom demais”, ela recorda, com gosto. “Sítio antigamente era bom, ninguém mexia, vivia de porta aberta. Hoje em dia algumas coisas desaparecem. Não dá nem coragem de ficar sozinha lá”, observa.

O sonho de Dona Leninha é viver sossegada, tranquila, estar bem, ter a comida do dia a dia. Ao lado dos seus 2 filhos, Clisman Wesley Pereira da Silva e Kauã Mendes da Silva, ela conta com a família para a realização diária desta aspiração, a agricultora deseja aprender cada dia mais como aumentar e melhorar o seu próprio bem estar. “Eu continuo plantando o que eu gosto, que foi o que meus pais me passaram, e vou assim até onde Deus quiser”.

Maria José Pereira da Silva Mendes  
Marina Serra Murta Maia

## Maria Leodalva Barros



### **“Havendo chuva, nenhum lugar é ruim, até a pedra brota”**

“Dá muito algodão aqui, sabia? Algodão é resistente”, nos ensina Maria Leodalva Barros, mais conhecida em sua comunidade por Dona Carminha. Enquanto passeávamos pelo Sítio Ramada, nós observamos uma grande diversidade de espécies frutíferas cuidadas com muito carinho pela agricultora: noni, manga, coco, acerola, goiaba, jabuticaba, romã, pinha, caju, tamarindo, mamão, banana, carambola e laranja, são algumas que avistamos. E, orgulhosa, Carminha conta que em cada pé de fruta tem uma ou mais mudinhas crescendo. Já tem até para quem destinar uma das mudas de pinha, por exemplo. Dona Fátima<sup>24</sup>, que também mora em Alcântil e vai ficar feliz em recebê-la.

Dona Carminha aprendeu a ser agricultora com a mãe, Ana Maria da Con-

24. Para ler a história de dona Fátima, veja a página 52.

ceição, que sempre trabalhou no roçado, assim como o pai, Manoel Severino de Barros, e seus avós paternos, José Severino de Barros e Maria Senhorinha da Conceição. O ofício foi passando de geração em geração. Na região de Dona Carminha, o lugar não é muito propício porque o terreno é pedregoso. Ela diz que ali é um palmo de terra e embaixo tem muita pedra. “A gente cuida bem, rega. Mas por conta da estiagem é mais complicado. Havendo chuva, nenhum lugar é ruim. Até a pedra brota. O problema da gente é a falta de chuva mesmo”, observa.

Lembrar de quando era criança suscita muitas memórias boas, mesmo que fosse também uma época complexa por conta das dificuldades financeiras, segundo ela relata. Para Carminha, era muito agradável ir trabalhar no campo com a mãe e os irmãos. “Comecei a trabalhar a partir dos 6 anos, que foi quando comecei a ir pro roçado com a minha mãe. Como formiguinhas, eu e meus irmãos fazíamos a colheita no roçado. A minha irmã mais velha ficava em casa fazendo a comida. Éramos 10 filhos. A gente plantava de tudo: milho, algodão”. Ela se emociona, relembrando a época em que brincava bastante com muita liberdade.

Além de muitas árvores frutíferas, Carminha tem uma boa diversidade de plantas medicinais sob os seus cuidados. Tem a hortelã, a erva cidreira, o capim santo, erva-doce, espinheira-santa e a colônia. Ela nos ensina: “E tem outras plantas ali que eu nem sei o nome. Eu uso as plantas medicinais do quintal pra curar várias enfermidades. A folha da goiabeira, por exemplo, é excelente para melhorar disenteria, cólica e dor de barriga no geral. Vem muita gente aqui buscar folhas para fazer o chá”.

Do quintal ela conta que já vendeu muitas coisas que produziram ali. Hoje em dia, quando precisa de algum dinheiro, tem a criação de animais que traz um suporte mais sólido, já que a produção de hortaliças e de legumes fica em segundo plano na época da estiagem. Assim, Carminha cuida de galinhas, porcos, vacas, que também são para o consumo familiar. Em alguns trabalhos em que precisa carregar um peso para lá ou para cá, o jumento batizado de Carrapicho é apoio e companhia.

Há quase quatro décadas, Dona Carminha vive em sua casa com o seu esposo, o senhor José Antônio da Silva, com quem teve duas filhas, Andreza Meira da Silva e Alcione Magna da Silva. Mas quem há oito anos cuida do quintal é ela.

“Gosto demais de trabalhar no quintal, faço sozinha. Se eu passar 8 dias fora, meu marido deixa secar tudo. Eu já aviso a ele pra não deixar as minhas plantinhas morrerem. Eu digo assim: Se pra você não significa nada, pra mim é tudo. Eu amo as minhas plantas, as flores principalmente”.

Ela participa da ONG CASACO, do grupo de Agricultores e Experimentadores e do Fundo Rotativo. O marido acha que participar das associações é besteira. Dona Carminha pensa o contrário. Para ela, participar dos movimentos é importante porque traz novos conhecimentos e trocas com agricultoras diferentes. “Desde que eu casei eu já botei as minhas regras. No começo, eu sempre esperava por ele. Ele dizia pra ter paciência. Mas um dia a minha paciência se esgotou e eu comecei a fazer do meu jeito”, e foi assim que Dona Carminha conquistou seu espaço e fez escolhas autônomas. Aprendeu a andar de bicicleta e de moto porque, para ela, “é muito importante ter independência para poder resolver os nossos próprios negócios”. Porém, após um episódio de susto com um motorista alcoolizado, ela começou a titubear. “Vou parar, vai que eu me esborracho, levo uma queda? Fiquei traumatizada. Já passou, mas o medo ficou. Nossa vida vale muito”, relata.

Um dos sonhos de Dona Carminha é fazer um melhor aproveitamento de água em sua propriedade e instalar um tanque de reuso. Embora tenha duas cisternas – uma para a produção e outra para o consumo humano –, o tanque funcionará para otimizar e expandir a horta. “As plantas precisam beber muita água, então, eu procuro cuidar molhando de 3 em 3 dias. Fico triste quando vejo as plantinhas murchando por falta d’água”. Um outro sonho que ela tem é ampliar o seu leque de habilidades: fazer curso de cabeleireira e montar um salão estão no horizonte dos seus objetivos. Além de embelezar a vida com as flores onze-horas, primavera, girassol, flamboyant, rosa do deserto, lírio branco e rosa, caiberinha, que tanto gosta de plantar em seu quintal, também gostaria de trabalhar com o embelezamento das pessoas.

Maria Leodalva Barros  
Marina Serra Murta Maia

## Maria Marinheiro da Silva



### Os frutos do Sítio Recanto e sua importância na alimentação escolar de Alcantil

Em 2009, Maria Marinheiro da Silva começou a produzir alimentos em sua pequena propriedade para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)<sup>25</sup>. Do Sítio Recanto, cujo apelido carinhoso é Barbosa, localizado no município de Alcantil, no Cariri Paraibano. Em seu quintal, a família Silva chegou a produzir alface, couve, pimentão e cebolinha para atender ao programa suplementar de alimentação escolar.

Durante três anos seguidos, Maria Marinheiro e sua família, composta por 10 filhos/as e 10 netos/as, ofereceram produtos de qualidade para a merenda escolar, além do mais, a renda mensal aumentou. No entanto, os açudes ao redor do sítio

25. Segundo a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, cerca de 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas. Disponível em: <<https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/pnae/pnae-eixos-de-atuacao/pnae-agricultura-familiar>>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

foram secando em decorrência da estiagem que atingiu o Cariri, o que dificultou a sua permanência no programa.

Para a agricultora aposentada, as tecnologias sociais advindas das políticas públicas federais e estaduais, ligadas à transferência de renda e estímulo à inclusão produtiva, tiveram papel importante para sua família permanecer no campo. No decorrer do seu relato, Maria Marinheiro ressalta três programas ao menos, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que no seu escopo prioriza a aquisição de produtos orgânicos e agroecológicos produzidos pela agricultura familiar e territórios tradicionais, o extinto programa Bolsa Família<sup>26</sup>, e o Programa Um Milhão de Cisternas, o P1MC.

Contando com o apoio de algumas filhas, Vilma Gilderlane Marinheiro da Silva e Valquíria Maria da Silva, Maria Marinheiro se dedica atualmente à horta, cultivando pés de pimentas malaguetas, linhaça e plantas medicinais, como hortelã miúdo, capim santo e saião. Ela manifestou muito interesse em adquirir mudas de mangueiras, sendo que algumas tentativas foram feitas no quintal, “eu tinha muita vontade de ter outros tipos de frutas, como a manga, a gente já plantou e até colhi uma manguinha enxertada ali, mas não se criou, não”, conta a agricultora.

Depois que se aposentou, ela revela ter se dedicado à criação de galinhas, por exigir menor esforço físico em relação a outros animais de porte maior como o gado vacum, caprinos e ovinos. Nos últimos tempos, Maria Marinheiro e um de seus filhos, José Severino da Silva, enfrentaram alguns problemas de saúde e “parece que o quintal desmoronou junto comigo”, lamenta. Ao lado de Fran, sua vizinha, ela nos convidou para conhecer de perto a cisterna de calçadão no fundo do quintal. Nesse momento, a agricultora fez questão de compartilhar as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, principalmente referentes a inexistência da coleta dos resíduos sólidos e a baixa qualidade da água para o consumo humano.

Quando perguntada sobre os significados de ser mulher, a agricultora aciona as memórias ligadas ao seu processo de escolarização formal, acrescenta, “meu pai nunca botou a gente na escola, eu mesma fui e me matriculei”. Assim, as dificuldades de meio século atrás, no Cariri, eram outras, por isso a interrupção dos estudos durante a infância corroboram as opressões de gênero a que meninas e mulheres estavam submetidas na realidade do campo.

26. Deve-se ressaltar o impacto positivo do extinto programa Bolsa Família para o aumento da qualidade dos indicadores sociais do Nordeste, especialmente no que tange à escolaridade dos filhos/as e netos/as das famílias camponesas. Sob outra perspectiva, a literatura destaca a centralidade das mulheres em disputar estratégias para participação social e política em suas comunidades e espaços públicos. Ver FAVERO, Celso Antonio; SANTOS, Stella Rodrigues dos (Orgs). **O campesinato e o Bolsa Família no semiárido do Nordeste**. Salvador: EDUFBA; EDUNEB, 2016.

Hoje, ela está cada vez mais consciente dos papéis sociais hierárquicos da sociedade patriarcal. Maria Marinheiro defende que a principal força motivadora para seguir na caminhada é a possibilidade de se juntar a outras mulheres agricultoras da sua comunidade, por isso, ela participa ativamente das formações e dos projetos das entidades e associações que atendem o território do Cariri Paraibano.

Maria Marinheiro da Silva  
Rosânia do Nascimento



## Rosinete de Freitas Bezerra



### **“Tudo isso foi mãe que me deu”**

O caminho que permite acesso ao sítio Luís Gomes, no município de Caraúbas, ainda parecia molhado, mas Rosinete de Freitas Bezerra informou à equipe Territórios Livres que a chuva bateu por aquelas bandas semanas atrás. Depois de sete anos de estiagem, a água que caiu do céu durante três semanas seguidas foi importante para vingar a produção do quintal e ainda render uma boa prosa entre as/os associadas/os da ONG CASACO.

Anos antes, a implementação da política pública de sustentabilidade hídrica em quintais produtivos do Cariri Oriental motivou Rosinete e sua família a retornarem para o estado da Paraíba. Em 2009, Nega, carinhosamente chamada assim em sua comunidade em respeito à sua negritude, e seu esposo Reginaldo Bezerra de

Lima, conheceram a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). De reunião em reunião, o casal tomou conhecimento do projeto “cisternas pequenas” voltado para atender as famílias camponesas.

A felicidade em mexer na terra e dela extrair seus próprios frutos apressou a mudança. Assim, Rosinete se instalou na atual propriedade em que reside com a família em 2011, antes mesmo de terminada a construção da residência e das duas cisternas que possui na área, a cisterna pequena (P1MC) e a cisterna de calçadão (P1+2). Depois de 25 anos de união, ela e Reginaldo chegaram a viver e trabalhar com gado em pequenas propriedades rurais de terceiros, em outros estados do Nordeste, cinco anos destes, vivendo em Formosa do Rio Preto, no Oeste da Bahia. Então, o casal decidiu recomeçar a vida em seu estado de origem, a Paraíba.

Para Nega, é tempo de ressignificar o que é ser filha de Luís José de Freitas e Inácia Santos de Freitas; e neta de agricultores/as (a avó materna, Severina Maria da Conceição e o avô paterno, Antônio José de Freitas), afirmando o quintal como o “lugar onde a gente pode plantar, pode também criar, é isso que eu entendo por quintal”. Com os seus antepassados, ela também aprendeu a celebrar os conhecimentos tradicionais na lida com a terra e a água, por isso ela defende que o “agrotóxico é veneno que mata, nunca usei e nem mesmo os meus pais, eles nunca trabalharam com essas coisas”, defende a agricultora.

No sítio Luís Gomes, os frutos da terra reverberam nos avanços da educação formal da família, ela nos apresenta ao filho do meio, José Raul Bezerra, acrescentando: “esse rapaz também vai entrar na agroecologia, mas o sonho dele não é ser agroecólogo e, sim, veterinário”. Nega gosta de bendizer os sonhos dos três filhos relatando as dificuldades enfrentadas por ela durante a juventude vivida nos anos 1990, a agricultora foi a única entre quatro irmãos a concluir o ensino médio. Recentemente, os caminhos abertos no curso de agroecologia pela filha mais velha, Valéria Bezerra de Freitas, inspiraram a parentela dos Bezerra, principalmente por sua pesquisa sobre as sementes crioulas da caatinga, realizada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Sumé. O caçula, Jeremias Bezerra de Freitas, mora com ela e trilha o mesmo caminho na agricultura familiar de base agroecológica.

Quanto à renda familiar, o salário do senhor Reginaldo compõe a maior parte

fixa, ele ocupa o cargo de presidente no Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Caraúbas. No entanto, as práticas cotidianas das mulheres na agroecologia vai para além das questões ligadas à produção dos alimentos e geração de renda fixa, elas protagonizam o respeito à natureza e à cultura, valorizam os saberes ancestrais e a biodiversidade das plantas e animais, como nos ensina a autora Anne Geraldi Pimentel (2020)<sup>27</sup>.

Em seu relato, a agricultora do Cariri Oriental demonstra ter consciência da sua participação decisiva para enfrentar a estrutura agrária sexista, conforme abaixo:

O que a gente tem aqui ainda não dá para sobreviver sem trabalhar fora. Eu não consigo só depender de Reginaldo. Eu preciso de um chinelo, um esmalte, uma calcinha, de um batom. Tudo depender dele, eu não consigo. O que ele trabalha dá para sustentar a casa? Sim. Dá para sustentar a gente com a alimentação, mas você sabe, a mulher gosta de suas coisas e de sua independência.

Quando perguntada a respeito dos significados de ser uma mulher camponesa, Nega responde que ser mulher é “ser guerreira, a mulher é um faz-tudo, aqui eu faço de tudo um pouco, cuido da casa, cuido lá fora, ainda saio para trabalhar fora, eu cuido do marido e dos filhos”. Para além disso, a agricultora é associada da ONG CASACO, participa do grupo de mulheres desta entidade e atua como tesoureira da Associação de Criadores/as de Caprinos e Ovinos de Caraúbas.

Na horta, onde se planta e produz diversas mudas, na plantação de palmas, nos pés de acerola e na criação de galinhas e bodes, em tudo há um pouco de Rosinete. Ou melhor, em tudo há muito trabalho, saberes e conhecimentos geracionais de mães, reiterando que a matriarca da família, Dona Inácia Santos de Freitas, “sempre foi da roça, teve e criou a gente na roça, tudo que eu sei hoje, olho pra trás e digo: tudo isso foi mãe que me deu, deu o saber para eu aprender, que trago comigo até hoje”, concluiu emocionada.

Rosinete de Freitas Bezerra  
Rosânia do Nascimento  
Marina Serra Murta Maia

---

27. PIMENTEL, Anne Geraldi. **Agroecologia: insurgência pela vida**. Curitiba: CRV, 2020. (Coleção Natureza e Povos).



### **Catucar quintal semeando o lema: “a gente trabalha com agroecologia, a gente sabe que o agrotóxico é ruim”**

No início de 2010, Cristina firmou residência no Sítio Cotias, município de Alagoa Nova, Território Borborema<sup>28</sup>. Ela conta que chegou por ali recém-casada e a primeira providência tomada pelo casal foi combater a tiririca<sup>29</sup>, que crescia desenfreadamente em volta da residência. A agricultora revela que ela e o esposo adotam, ainda hoje, formas sustentáveis no controle dessa praga, pois “como a gente trabalha com agroecologia, a gente sabe que o agrotóxico é ruim”.

Estando há cerca de dez anos no território, o quintal da família aumentou de extensão e novos conhecimentos foram adquiridos para preparar a terra, como explicado pela própria agricultora, “quando eu cheguei era um terreno cheio de

28. O Território Borborema localiza-se na Mesorregião do Agreste Paraibano, se limita ao Norte com o Rio Grande do Norte, ao Sul com Pernambuco, a Leste com a Mesorregião da Mata Paraibana e a Oeste com a Mesorregião da Borborema. Esse território é constituído por 21 municípios: Alagoa Nova, Algodão de Jandaíra, Arara, Areia, Areial, Borborema, Campina Grande, Casserengue, Esperança, Lagoa Seca, Massaranduba, Matinhas, Montadas, Pilões, Puxinanã, Queimadas, Remígio, São Sebastião de Lagoa de Roça, Serra Redonda, Serraria e Solânea (Brasil, 2010).

29. A tiririca (*Cyperus rotundus*) é uma erva daninha, de origem asiática, encontrada em áreas tropicais de todo o mundo. No Terri-

pedregulhos, não dá muitas coisas assim, mas já tentei plantar e sempre que chega o período de estiagem, aí tenta morrer, e morre. Mas nesse ano tô tentando fazer um canto com mudas em vasos”, explica.

Na pequena propriedade há espaço para o experimento de mudas, ao mesmo tempo em que se concilia a criação de galinhas, porcos e gado bovino. Um quintal em sua diversidade e sem veneno cativa a agricultora, especialmente considerando a disponibilidade de frutos e plantas presentes no cotidiano familiar, pois “a gente sempre quer uma planta medicinal, uma organização ao redor de casa sempre é boa, a depender do quintal vai ter um fruto pra gente comer. Aqui na minha casa, por exemplo, não tem muitas plantas medicinais, mas tem sempre banana, laranja, maracujá e mamão”, acrescenta.

Hoje, Cristina tem menos acesso às plantas medicinais em seu quintal do que gostaria, mas foi lidando com elas durante a tenra idade que o amor pela agricultura floresceu. A mãe desempenhava trabalhos domésticos conciliando com os pequenos cultivos nos arredores da casa, aprendeu com o seu pai a trabalhar nos roçados, e foi incentivada por ambos a permanecer na terra.

Cristina nos conta que é irmã gêmea, ela recorda de um período em que viveu com outros parentes. A criação compartilhada trouxe a oportunidade de constituir frutuosas sociabilidades e aprendizagens:

Boa parte da minha vida, antes de me casar, eu morei com um tio. No caso, era de frente para a minha mãe, toda hora eu tava vendo ela, meu pai. A mulher do meu tio sempre teve as plantinhas medicinais dela, ela sempre tava lá, capinando, limpando mato, tudo lá no quintal. A gente sempre trabalhou em conjunto. Foi com ela que aprendi.

É assim que se fortalecem os laços de família e se propiciam espaços para as crianças circularem entre uma pequena propriedade e outra, cumprindo um importante papel social. Neste entrar e sair da casa da tia para a casa da mãe, Cristina aprendeu a catucar o quintal, a identificar ervas daninhas, como a tiririca e, de outra forma, teceu também relações de parentesco e compadrio. É nesse contexto que as brincadeiras fazem sentido com o seu modo de vida camponês, pois durante a infância compartilhada ao lado das amigas da redondeza, ela “brincava de fazer comida uma na casa da outra e de batizar as bonecas”, revela.

---

tório Borborema, como nos ensina Cristina, a planta também pode ser chamada de “cebolinha”.

Veza ou outra, ela e as amigas se encontram, o sentimento que exprime é “como se ainda fossem crianças”, mas cada qual arrumou um casamento e seguiu seu próprio caminho. No entanto, as experiências femininas têm sido ressignificadas a partir do momento em que se deu conta que “ser mulher é ser independente de tudo, ter a nossa valorização, ser valorizada, do jeito que anda o mundo, é ser independente em nossa vida”, remontando as pautas aprendidas por meio de sua participação na Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, ocorrida anualmente em seu território.

Quando perguntada em relação aos sonhos que nutre na atualidade, Cristina parte para a inspiração freireana, surpreendendo com a seguinte passagem: “O meu sonho é mudar o mundo, não é nem o mundo, são as pessoas, ainda tem muita gente ignorante no mundo”. Tudo isso ela elaborou após enfrentar a insegurança para comercializar os frutos colhidos em seu quintal nas feiras agroecológicas locais.

Para a agricultora, “quando eu fui para a feira pela primeira vez eu me senti lá embaixo, por exemplo, aí depois eu fui gostando, foi um sonho que eu nem sabia o que era uma feira”. Hoje, ela constrói com orgulho esses espaços, sendo que a renda maior da sua família vem daí. Se porventura a estiagem comprometer a produção, Cristina não pensa em titubear para pedir a contribuição da vizinhança, o que importa é a solidariedade e sua presença nas feiras, conta.

Cristina Moreira da Silva  
Rosânia do Nascimento

## Josulega Jorge da Silva França



### **“O quintal é meu passatempo. Às vezes, esqueço até da casa!”**

Frutíferas, criação de galinhas e galos muito formosos, suculentas e uma babosa de respeito. Essas são as partes de um universo que compõem o quintal de Leide — o nome pelo qual Josulega Jorge da Silva França é mais conhecida na região de Alagoa Nova<sup>30</sup>, município brasileiro do estado da Paraíba, onde vive.

Leide mantém o seu quintal com muita alegria, entusiasmo e dedicação. “Eu adoro meu quintal, pra mim é tudo. É meu passatempo. Às vezes, esqueço até da casa!”, conta ela para a equipe Territórios Livres. O quintal é um espaço cuidado com muito zelo por ela há pelo menos 16 anos.

30. Alagoa Nova é um município brasileiro do estado da Paraíba, localizado na Região Metropolitana de Esperança. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 19.146 habitantes. Área territorial de 122 km².

Os avós Joventina e Antônio também eram agricultores. Sua avó, ancestral de quem fala com muito carinho, sempre teve muitas espécies de plantas medicinais ao redor de casa, hábito que herdou para a vida. Foi justamente uma das primeiras características que notamos ao chegar à casa de Leide: as belas flores plantadas ao redor da casa azul, em um contraste muito lindo de cores, proporcionando beleza e encantamento. “E aí de quem mexer nas minhas plantinhas!”, ela desafia, brincando. Mas a gente sabe que é um assunto sério, Leide cuida delas com muito esmero.

Uma das plantas que Leide nos contou que ainda quer conseguir é o jambo, conhecido por suas belíssimas flores e propriedades medicinais. Conversando conosco, falou também da pinha, que pretende plantar mais.

Pensando nas espécies que gostaria de conseguir e na fatura que já tem em seu quintal, durante a conversa surgiu a ideia da possibilidade de trocar mudas com as outras mulheres participantes do projeto Territórios Livres. Café, jambo, pinha, graviola, dália – essas são algumas que ela quer. De preferência, todas livres de venenos, porque “agrotóxico é morte”, enfatiza ela entre risos e censuras. É uma palavra proibida, que não deve ser mencionada? Leide justifica o pudor dizendo que é porque o “agrotóxico é uma coisa muito terrível, aos poucos vai matando as pessoas”, e começa a narrar diversos casos de conhecidas que sofreram em decorrência do uso do mesmo, estando inclusive afastadas das participações nas feiras.

Durante a conversa, ela nos contou que morou um período de sua vida no município de Vargem Grande Paulista, em São Paulo, e chegou a trabalhar por dez anos em uma plantação de crisântemos, onde fazia a aplicação de agrotóxicos por recomendação dos proprietários, descendentes de japoneses. Nessa época, ela tinha muita bronquite alérgica, mas agora não tem mais. Essa é uma das razões para articular a troca de mudas com as outras companheiras participantes do projeto: um incentivo para guardar e espalhar espécies livres de venenos.

Além disso, oportuniza algo que é muito importante para Leide: uma maior participação das mulheres em movimentos que sejam favoráveis à construção e fortalecimento da autonomia feminina e da independência financeira delas. Leide fala sobre o quanto foi importante para ela mesma estar envolvida com movi-

mentos, associações e atividades de crescimento individual e coletivo, e por isso, acredita que assim como ela, outras mulheres precisam participar.

Um outro projeto que Leide está se preparando para concretizar é a criação de um espaço com melhor infraestrutura para a criação de suas galinhas, para que possa protegê-las da chuva. Atualmente, o espaço é modesto: coberto no teto, mas com as laterais em ventilação. Com uma melhor estruturação do espaço, abre-se a possibilidade de comercializar os ovos que as galinhas produzem, que por enquanto, são apenas para uso de sua família. Levando os ovos caipiras para as feiras, abre-se a oportunidade para aumentar a renda. A principal fonte do faturamento da família já é proveniente do trabalho com a horta. Leide participa das feiras em Esperança, Areal e Campina.

Além de uma melhor infraestrutura para a sua criação de galinhas, um sonho de Leide para um futuro próximo é colocar um freezer e aumentar o espaço do local em que a agricultora e a família utilizam para trabalhar com as polpas de frutas. Leide nos conta que só de já ter a cozinha para este trabalho específico “já é um sonho realizado!”. Goiaba, acerola, manga, cajá e cajarana são algumas das frutas que se transformam em polpas na cozinha de Leide.

Ao lembrar de sua infância, conta com humor saudoso como era ao ar livre: subia em árvores, comia frutas do pé, corria e pulava. Destaca que eram horas aproveitadas bem “diferentes da infância de hoje em dia”, referindo-se às crianças que hoje passam o dia no celular. Herdou de sua mãe, Dona Terezinha, a educação, além da força para trabalhar e criar os seus quatro filhos: Michel, Thaís, Diego e Thalia. Hoje, ela vive com eles em uma casa azul, com canteiros de flores ao redor.

Josulega Jorge da Silva França  
Marina Serra Murta Maia

## Adeilza Teófilo do Nascimento



### **“A casa de farinha existe desde a época da minha avó”**

O aroma da citronela inicia a nossa conversa com Adeilza Teófilo do Nascimento, mais conhecida como dona Lia. Citronela é uma de tantas ervas que tem em sua propriedade. Lia conta que faz 54 anos que mora no município de Alagoa Nova, nascida e criada. Cresceu com a avó paterna e 3 irmãos. Foi com a avó que aprendeu o encanto dos chás de ervas medicinais. “Eu cuidei por 11 anos da minha avó, sempre fazendo chá pra ela. Aprendi com a minha avó a deixar o quintal assim”. A herança da avó pode ser vista nos canteiros da horta e na grande variedade de plantas medicinais que são cuidadas por Lia. O quintal é tudo para ela. “Já é uma maravilha só pelas plantas medicinais e os chás que se pode tomar com o que tem aqui”. Ela também nos mostrou as frutíferas e a sua criação de animais, ovelhas e galinhas. É do quintal e do roçado que Lia faz a sua renda familiar. “Gosto

de trabalhar no meu quintal, até porque é a nossa sobrevivência”.

“Aqueles pés de laranja ali, estão vendo? As laranjinhas murchas por causa da seca. Aí desde que começou a chover a gente não agüou mais. Olhe, essa chuva de agora, pra chegar nela deu 4 chuvaradas fortes. Você olhava daqui até ali e era água que não acabava mais”. Na ocasião de nossa visita, de fato, a paisagem estava verdejante. Lia conta que um de seus sonhos já realizados foi a cisterna que tem em casa, essencial para os períodos de seca e quentura.

Na lista dos sonhos que estão na fila de realizações, há o desejo de ajeitar a casa de farinha. “Meu sonho era reformar e arrumar ela. Essa casa de farinha existe desde a época da minha avó”. Também compartilha conosco que quer aprender a melhorar o manejo das plantações, descobrir alguma forma de lidar com as pragas da forma mais natural possível. Lia passa longe de agrotóxicos; ela nos conta de uma experiência de intoxicação que teve quando foi morar num sítio com uma tia, no município de Alagoa Nova. “Dentro de casa ela tinha um produto de matar formiga, só que era dentro do quarto. Um certo dia eu comecei a ficar com o corpo todo intoxicado: era braço, perna, ficava tudo duro. Eu não conseguia dormir com roupa, muitas vezes eu dormia no chão porque a sensação na pele era muito desagradável e eu precisei de ajuda médica”.

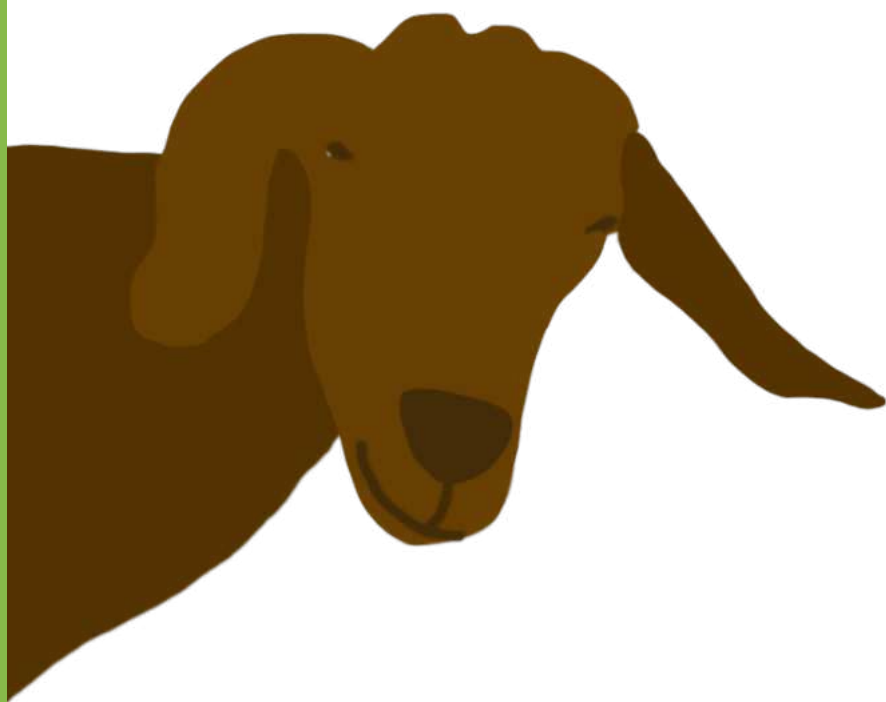
Lia relata que os médicos estudaram muito para conseguir detectar o que estava acontecendo com ela. Foram muitas perguntas. “Me perguntaram o que eu comia, o que eu tinha dentro de casa de produtos químicos. Aí foi quando me disseram que era o produto de matar formigas, que era por conta disso”. Ela diz que fez o tratamento indicado, mas percebeu que a sua visão ficou prejudicada depois da intoxicação. Nunca mais enxergou como antes. “Agora, quando eu sinto qualquer produto, mata-mata, baygon e até mesmo um verniz, o cheiro forte já me dá reação. Quando eu chego em casa, vou direto tomar leite”. Infelizmente, Lia é uma das tantas pessoas que vivem no campo e que foram intoxicadas. O cenário para a população em geral piorou nos últimos 4 anos, com a liberação de mais de 200 agrotóxicos<sup>31</sup>. Mas a população camponesa ainda é a que mais sofre pelo contato direto com os venenos.

A trajetória de Lia, contudo, a conduziu para uma participação ativa nos movimentos sociais: igreja, AS-PTA, marchas de mulheres agricultoras, associação e

31. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/agrot%C3%B3xicos-banidos-na-ue-e-eua-encontram-terreno-f%C3%A9rtil-no-brasil/a-61004105>>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

sindicato são algumas das organizações que ela está envolvida. A articulação é fundamental para que se possa construir repertórios de enfrentamento às situações de violência: desde os agrotóxicos ao machismo. “(Nós, mulheres) sofremos muito, passamos muita coisa. Claro que tem coisas boas, mas tem muitos pedaços ruins”, ela lamenta. Se por um lado existe sofrimento e opressão, por outro existe o movimento. Mover-se e não se sentir atada e presa. “Os movimentos trouxeram muito conhecimento, muita amizade”, Lia dividiu conosco. “A gente (as vizinhas) sempre foi unida, mas fortalecemos ainda mais os laços depois de começar a participar dos movimentos. Nos ajudamos mutuamente em tudo”.

Adeilza Teófilo do Nascimento  
Marina Serra Murta Maia



## Maria Pequeno da Silva



### **Maria do Sindicato, Maria Zacarias, Maria de tudo**

Maria Pequeno da Silva também é conhecida como Maria do Sindicato, Maria Zacarias, Maria de tudo. É uma constelação de Marias em uma só pessoa. Uma brisa permeia a nossa conversa, enquanto caminhamos juntas sob um sol bem quente pelos arredores do Sítio Cutias. “As plantas secaram com a quentura. O pinhão roxo, que é bom pra benzer.”, observa ela, compartilhando conosco uma avaliação geral das plantações. Embora alguns indivíduos botânicos tenham secado, Maria nos mostra que o milho já nasceu. Ela conta que em breve fará os bercinhos entre um pé e outro para plantar o feijão e a macaxeira. “Era tanta chuva que eu tava mofando, tava doida por um solzinho!”, ela exclama, bem humorada.

“Alguém quer uma cobertura?”, Maria oferece um sombrite para a equipe

Territórios Livres. É um gesto de gentileza oferecido a nós, visitantes, para tornar a caminhada mais confortável embaixo do sol vigoroso do semiárido paraibano. A nossa equipe, sintonizada com o clima, a vegetação e com o território, elege absorver vitamina D. A verdade é que estamos arrebatadas com a beleza do lugar, como se a intensidade do sol estivesse par a par com a nossa admiração.

A casa de Maria Pequeno parece uma pintura. Há uma intensa variedade de flores exuberantes, dalias, violetas, cravina, croton, hortênsias, moela de galinha, abacaxizinho roxo, rabo de raposa, girassóis, sorriso, saudade, trepadeira, além de diversas frutíferas, jaca, manga, graviola, goiaba, laranja e caju. Somos conduzidas por um belíssimo caminho florido. “A natureza é muito importante! Olha que cachinho lindo, branquinho!”, aponta Maria. Além das flores, que se derramam em beleza, passamos por pés de seriguelas, sapotis, pitombas e coqueiros. Uma caminhada sinestésica, com cheiros, cores e sabores desfrutados. Porém, nem tudo são flores e frutos, e Maria conta que na época de chuvas intensas é complicado. Os caminhos ficam quase impossibilitados de passagem. Mesmo os carros, não são todos que passam. E ela alerta apontando: “olha a casinha que as formigas estão fazendo; ainda vai chover muito”. Maria fala que a situação de chuva intensa pode ser bem séria: conta que quando criança quase morreu junto a outra irmã, Severina, numa enchente. Um dos irmãos, Severino, e um vizinho chamado Isaías, foram os que agilmente as salvaram.

Contudo, é um clima semiárido. E há dois meses, antes da nossa visita, Maria Pequeno contou que por lá estavam praticamente chorando por água: “Os açudes secos, os pés de planta morrendo. A gente nunca viu isso aqui. Agora, graças a Deus, nessa época vem muita chuva. Temos alguns reservatórios, mas só pra gente beber e consumir aqui, não tem como manter as plantações. Precisamos melhorar os reservatórios de água”.

O passado e o presente vão se entrelaçando na nossa conversa e no chão que pisamos. Enquanto estamos olhando a pequena propriedade, Maria Pequeno mostra o feijão grande, brotado de sementes que vieram do Rio Grande do Sul. Mostra que ao redor da plantação de macaxeira, de mandioca, do feijão gandu e do maxixe, tem as casas dos parentes. E, enquanto isso, conta que ali na região, antigamente, no tempo das suas bisavós e avós, quem padecia de bexiga (como é conhecida a catapora) tinha que se isolar. A cachaça era o remédio que usavam

para lavar as feridas. Porém, não raro as pessoas morriam. Nesse caso, “não tinha choro, não tinha vela, não enterravam nem em caixão. Enterravam por aí, também no outro lado da mata e lá na encruzilhada”, conta ela.

Subindo uma pequena ladeira, sentimos nosso sangue circular por todo o corpo, junto ao calor do sol. Perguntamos à Maria como foi passar a infância por ali. Muito contente e satisfeita pelas memórias, ela narra de forma divertida que participou de muitas brincadeiras de criança: boneca, casinha, correr, pular, bola. Maria conta que as crianças iam nas enchentes dos rios tomar banho e brincar. A infância foi um período muito feliz. “Eu só pisei na escola aos 7 anos. Tive 7 anos pra brincar!”, ela ri. E faz uma observação sobre a infância que ela observa em seu território nos tempos atuais: “hoje em dia as crianças não brincam mais. Minha filha, Mikaela Alves Pequeno, mesmo já não tendo a mesma qualidade de infância que eu tive. Era muita brincadeira. E quando adolescente, a gente ia às novenas e também começavam os namoros. Era tudo muito bom”.

Maria Pequeno vive com uma filha, Mikaela, e o esposo Givanildo Alves Pequeno. Ela é formada em técnica de enfermagem e hoje é agricultora. Para ela, formar a família foi um dos sonhos realizados. “É uma benção pra mim, sou muito orgulhosa de ter conseguido formá-la”. Agora Maria quer expandir o seu trabalho. “Eu pretendo não parar por aqui. Eu quero tentar trazer mais gente pro meu barco. Quanto mais gente, união, força, melhor fica”, ela diz, referindo-se à agricultura familiar e aos movimentos de luta pela terra.

Para a agricultora, as pessoas acham lindo e admiram, mas “nem todo mundo quer viver o que eu vivo. É uma escolha. Dizem que não tem tempo. Não que eu tenha sobrando. A gente não tem tempo, realmente. Agora mesmo eu tô cheia de roupa pra botar no varal. Mas é isso, se a gente não abrir mão de certas coisas, a gente não vai viver coisas que são importantes também”. No caso de Maria, significa criar tempo – mesmo com todos os afazeres relacionados ao trabalho doméstico, às responsabilidades políticas e comunitárias – para viver o quintal, que, para ela, é tudo. “Eu amo meu quintal, é onde eu respiro melhor. É onde eu vou buscar energias positivas. É bom demais amanhecer o dia no quintal, agradecer ao universo por tudo o que é dado”. Ela declara seu amor pelas flores desde que se compreende como gente, tendo sempre cultivado em um pequeno jardim desde que era uma criança. “Toda vida gostei de plantar minhas flores e minhas plantas.

E não gostava que ninguém mexesse. Acho que veio de mim mesmo, não foi de ninguém, não”.

Em nossa caminhada pelo sítio, nós fomos surpreendidas por uma grande variedade de espécies: frutíferas, hortaliças, plantas medicinais, ornamentais, criação de galinhas e gado. Ao perguntarmos sobre os agrotóxicos, Maria afirmou que nunca fizeram uso. A única coisa que viu o pai, Zacarias Pequeno da Silva, fazer foi colocar algo no buraco das formigas, mas nem isso a família manteve como prática. Não utilizam e até sabem de uma amiga que não se sente bem só de passar por perto de plantações onde as pessoas manipulam agrotóxicos. Certamente, fazer parte de organizações e associações têm um grande impacto na forma como se maneja o seu quintal e o seu roçado. Ela diz que está em movimento e em rede, “trouxe muito conhecimento sobre a agricultura e sobre a vida como um todo, além de muitas amizades. Se não fossem os movimentos eu jamais conheceria tanta gente, inclusive vocês (da equipe Territórios Livres)”.

Maria Pequeno nos contou que caminha junto com a AS-PTA e o Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Alagoa Nova. Além disso, é coordenadora dos fundos rotativos solidários do Polo Sindical da Borborema, uma rede que reúne cerca de 13 sindicatos, de Solânea a Queimadas. O ativismo político pode ser comprovado em seu engajamento e envolvimento profundo com a organização da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, promovendo intercâmbios culturais e oficinas periódicas, a fim de trocar e aprender com outras mulheres e homens camponeses. A luta não finda aí, ela também está na vice-presidência da Associação dos Sítios Cotias e Adjacências – Antônio Supino do Nascimento.

Sobre o significado de ser mulher, Maria tece as seguintes reflexões conosco: “é muito bom. Mas na sociedade em que a gente vive hoje, a gente não tem direito, somos discriminadas e desrespeitadas. Se estamos num lugar é sempre o homem que quer ter vez e voz. A mulher deve ser valorizada igualmente. A gente está procurando o nosso espaço e a gente vai conseguir isso, nem que seja para nossas netas e bisnetas, porque acho que nem para geração das nossas filhas nós vamos conseguir”.

Embora algumas estruturas como o patriarcado e o racismo causem diariamente revolta e produzam sequelas, especialmente nas pessoas mais vulneráveis

das hierarquias históricas e socialmente postas, Maria Pequeno diz que “quando uma mulher está sofrendo, estamos todas nós sofrendo juntas, o racismo e a discriminação recaem sobre três classes: mulheres, pobres e negras”. Ela exprime uma humildade histórica que revela a maturidade de uma mulher negra, mãe, agricultora e enfermeira em relação ao próprio tempo: as mudanças que precisam ser feitas hoje, ainda em vida, são sementes de liberdade e eqüidade que precisam ser plantadas diariamente para que as gerações vindouras possam colher com fartura.

E por falar em sementes, plantios e fartura, ficou combinado que a nossa próxima visita ao quintal de Maria Pequeno será para participar da colheita de feijão. “Da próxima vez vocês venham pra pegar feijão! Um tempo depois, recebi uma visita de Luxemburgo, pegamos feijão, milho, fava. Foi tão bom!”, bendiz a continuidade da nossa parceria.

Maria Pequeno da Silva  
Marina Serra Murta Maia



## Maria do Socorro Faustino dos Santos



### **“À sombra desta mangueira”, planta roçado, surge quintal**

Em mais uma andança pelo Território Borborema, a equipe do Territórios Livres chegou na pequena propriedade de Maria do Socorro Faustino dos Santos, no município de Alagoa Nova-PB. Vestida com a camisa da 10ª Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, a agricultora nos recebeu e continuou os seus afazeres enquanto mantinha as mulheres, sua vizinha Mariinha e nós, entretidas em suas falas animadas. A vista das serras e das plantações, tão ricas em biodiversidade, encanta os olhos de quem chega por ali, e Maria do Socorro reconhece a potencialidade da paisagem, ela diz ver muita boniteza nos cuidados diários com o quintal.

Em volta de uma frondosa mangueira, o crescimento da plantação de man-

dioca orgulha a agricultora, e em outra área do quintal cria-se galinhas, porcos e cabras. A agricultora afirma participar ativamente dos plantios e das colheitas, só não realiza o preparo da terra. O casal e os dois filhos jovens, Wellington Faustino dos Santos e Halisson Faustino dos Santos, permaneceram na propriedade herdada da família de “Camarão”, alcunha do seu esposo Ademar Faustino da Costa. A família vive da renda gerada pela comercialização dos produtos dos roçados nas feiras, principalmente das bananeiras e, recentemente, outra parte dos rendimentos advém da aposentadoria da agricultora.

Aos domingos, há muito divertimento na casa da família, pois os/as seis filhos/as e os/as netos/as vêm visitá-la frequentemente. As crianças correm livremente pelo quintal e roçados, aproveitando o ar puro que sopra do Planalto da Borborema e riem tentando alcançar as galinhas que são criadas soltas na pequena propriedade. Maria do Socorro diz que imagina o seu quintal assim, um espaço livre para as criações e pessoas. No seu tempo de menina, além de nutrir o sonho de ser bailarina, ela também brincava com outras crianças da redondeza, de correr, toca e puxa-puxa.

Percorrendo o quintal, Maria do Socorro oferece à equipe algumas acerolas colhidas diretamente do pé, a empolgação continua na apresentação das plantas ornamentais, conta que o amor pelo verde da natureza é tão grande que se pudessem, ela e o esposo, “Camarão”, levariam mais espécies de plantas nativas para dentro de casa. Ainda no quintal, ela nos mostra onde fica organizada a lenha, pois em se tratando de uma família grande e com reuniões dominicais animadas, o fogão e a lenha sempre estão arrumados para preparar os alimentos colhidos do quintal e receber todos/as com muita fartura.

Maria do Socorro Faustino dos Santos  
Rosânia do Nascimento

## Tereza Maria da Silva



### “O conhecimento liberta”

Tereza Maria da Silva nos recebeu em seu Sítio Juá de Cima, município de Alagoa Nova, no estado da Paraíba, vestida com uma camiseta azul claro que tinha a fotografia de um tênis e uma frase significativa: “Alguns dirão que é sujeira, eu direi que é história”. A frase divertida da camiseta chama atenção porque, embora não tenha nada a ver com os assuntos que conversamos com Tereza, fizemos uma relação com o imaginário construído sobre as pessoas que lidam com a terra, com o plantio, com a criação de animais. Para muitas pessoas distanciadas do solo e da agricultura, a terra é “suja”. Como dito por Ana Maria Primavesi na Cartilha da Terra, “Alguns acham que a terra é somente barro que suja os pés. São as pessoas que vivem nas cidades e que, portanto, asfaltaram as ruas para não enlamear seus sapatos” (2020, p. 17). O barro e a lida no campo contam histórias. E a de Tereza é

a biografia de uma agricultora de berço que se tornou professora.

A professora Tereza nos conta que veio de um tempo muito sofrido: “as escolas eram muito longe, meu pai, José Severino de Abreu Irmão, tinha 13 filhos que dependiam da agricultura para sobreviver”. A família almoçava e jantava um pouquinho de feijão. “Graças a Deus as coisas melhoraram depois que eu me casei e comecei a trabalhar”. A professora nos conta que a infância foi marcada por dificuldades, sofrimento e sacrifício. Ainda assim, o pai de Tereza transmitiu a ela e aos seus irmãos um grande ensinamento: “a educação vale tudo”. O pai da professora, de origem humilde e com poucas condições, dizia sempre que “a gente tinha que ir à escola. Nunca deixou nenhum dos filhos sem matrícula. E graças a Deus eu consegui me formar em Pedagogia e em Sociologia, e sempre trabalhei como professora”. Além de Tereza, outras duas irmãs, Gerlane e Ana, concluíram o ensino superior. Diante de uma realidade sociocultural marcada pelo machismo estrutural é curioso e inesperado que, de 13 filhos, apenas as filhas mulheres ingressaram na universidade. Nenhum dos filhos homens chegaram ao mesmo patamar de educação formal.

O compromisso com o estudo era pacto na família, assim como a divisão de trabalho no roçado. Todos os filhos tinham as suas responsabilidades. Tereza conta que eles chegavam do campo morrendo de cansaço e de suor, não havia tempo para deixar o corpo esfriar. Tomavam um banho e saíam correndo para a escola. “Valeu a pena. Sei que cheguei onde cheguei pelo esforço que eu fiz”.

A mãe de Tereza, Josefa Maria da Conceição, era dona de casa. “O pai era dessas pessoas antigas, rigoroso. Somos 13 filhos, mas ela chegou a parir 20. Ele não deixava ela tomar nenhum tipo de remédio. O médico chegou a dizer que se ela engravidasse novamente ela corria risco grave de morte. Ela foi muito sofrida no tempo que criou a gente. Ela era muito responsável na nossa criação. Mas não teve a oportunidade de ser quem ela queria ser naquela época”, conta.

A história da mãe da professora Tereza é uma de tantas histórias que conhecemos ou já ouvimos de diversas outras mulheres: o gênero tornar a liberdade de ser, de ir e vir, algo escasso ou inexistente. “Tem muita coisa que tá dentro do ser mulher. E não está respeitada entre nós enquanto sociedade. Eu luto para isso, para que seja”. Nesse sentido, a participação da professora em movimentos

sociais trouxe muito repertório na forma de olhar para a realidade: por meio dos encontros que Tereza participou na AS-PTA, nas reuniões da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia do Polo da Borborema, do sindicato, “tudo isso foi uma amplidão dentro da minha mente. Depois da pandemia ficou menos participativo, mas a gente saía fazendo os encontros nas comunidades e sempre foi fortalecedor. A minha formação em Pedagogia e em Sociologia também contribuiu, porque se você tem conhecimento de algo fica mais fácil de você se defender desse algo”, pontua Tereza.

Participar de movimentos e articulações nos faz crescer enquanto indivíduos ao nos colocar em contato com outras formas de ler e pensar o mundo, além de potencializar nossos desejos de realizações. Em relação ao manejo em quintais produtivos, por exemplo, Tereza conta que sempre fez e manteve, mas que o contato com os projetos da AS-PTA a incentivou a aumentar a sua frequência de cuidado e a valorização ao quintal, uma extensão da casa. “Quintal e agricultura eu amo, foi como eu me criei. Nas horas que sobravam, mesmo nos tempos que eu estive como professora, quando eu tinha a oportunidade, eu estava lá plantando”, relata.

Em um passeio pela propriedade, encontramos algumas plantas medicinais, como o mastruz, a hortelã, a cidreira, o alecrim, a babosa, o macassá. Agora, um dos objetivos de Tereza é aprender a manejar as pragas que aparecem nas plantações, “a gente não quer usar agrotóxicos. Meu esposo mesmo perdeu muitas das abelhas que ele criou por conta de um vizinho que aplicou na propriedade dele, próximo da gente. As pessoas usam esses venenos para matar inseto e mato, mas que na verdade não servem pra nada, só para prejudicar”.

Esses são alguns dos desafios de conviver próximo de quem ainda carece de informações necessárias para perceber os malefícios e abandonar o uso de agrotóxicos. Para Tereza, “o conhecimento liberta”, premissa básica de uma professora. Assim, o horizonte em comum é que as vidas sejam respeitadas, todas elas: insetos, animais, plantas, pessoas, planeta. Encontrar soluções não agressivas e danosas é uma tarefa que todas e todos nós precisamos trazer para casa, para o campo, para os nossos quintais e famílias, aprendendo sempre com todas as vidas, humanas e não-humanas, que estão ao redor, que convivem conosco.

Tereza Maria da Silva  
Marina Serra Murta Maia

## Rosa Pequeno da Silva



### O retorno à terra natal como potência de vida

As mulheres camponesas do estado da Paraíba possuem pioneirismo quando se trata da luta pela terra no Brasil. Na década de 1980, a organização política feminina possibilitou a realização do I Encontro das Mulheres Trabalhadoras Rurais da Paraíba e o estado foi sede da criação do Movimento de Trabalhadoras Rurais do Nordeste (Lima, 2017)<sup>32</sup>. Hoje, elas estão nos sindicatos, associações, encontros e marchas promovendo a agroecologia e a visibilidade do trabalho feminino nos arredores dos quintais, como nos conta a agricultora Rosa Pequeno da Silva.

Nos últimos anos, novas perspectivas ambientais e sociais foram germinadas no intuito de congregar o direito humano à água, à agroecologia e ao combate da violência contra as mulheres do campo. Para Rosa Pequeno, moradora do sítio

32. LIMA, Aline Barboza. Camponeses e feiras agroecológicas na Paraíba. 2017. Tese (**Doutorado**). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Cotias, município de Alagoa Nova, inúmeras famílias dessas comunidades que haviam migrado anteriormente para as capitais do Sudeste têm retornado à Paraíba.



A agricultora reflete que a agroecologia, cada vez mais crescente no Território Borborema, anda junto com o enraizamento dos/as filhos/as na terra. Na década de 1990, ela e o marido resolveram “arriscar” a vida na cidade do Rio de Janeiro, mas quando perceberam o aumento da violência urbana no bairro Rio das Pedras, Zona Oeste carioca, decidiram retornar ao campo justificando que “não era nem por nós dois. Graças a Deus que quando a gente viveu lá ninguém mexeu com a gente, mas o tempo vai passando e os filhos vão crescendo e chegando na adolescência, e você sabe como é que é”, acrescenta.

Assim, a depender do cenário político das suas respectivas comunidades, as mulheres camponesas são capazes de promover a migração da família para os centros urbanos a fim de garantir o direito à educação para seus/suas filhos/as. Da mesma forma, aproveitando a oportunidade de políticas públicas e iniciativas autônomas de permanência no campo, elas tecem redes e podem fazer o movimento de retorno para protegê-los de outras violências.

No passado, a mãe de Rosa Pequeno “queria muito que a gente estudasse, até hoje ela sente muito por não saber ler e escrever porque a mãe dela não deixou. Só não seguimos mais em frente por causa das condições que não tinham pra gente continuar a estudar na cidade, então, paramos por aqui mesmo na 4ª série”, conclui. Para ela, o retorno foi uma oportunidade para afirmação da sua identidade e cultura, afinal, “nós nascemos aqui e continuamos sendo agricultoras com a nossa mãe, a gente aprendendo com eles dois, com os pais”, diz.



Quando perguntada sobre como se sentiu em estar de volta a Alagoa Nova, Rosa destaca que encontrou uma esfera muito potente, principalmente diante do surgimento da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia no território. Ela acrescenta que “desde que cheguei aqui eu só perdi uma, já vai na 13ª marcha e só perdi uma de quando começou, porque ainda não tava morando aqui”. Para a agricultora, as marchas possibilitam a criação de intercâmbios e conhecimentos que passam pela valorização feminina,



em suas palavras, é “tudo na vida, a gente se sente bem, a gente ser realizada, ser dona de casa e ser independente também, graças a Deus, e a não se calar”.

Tudo isso Rosa Pequeno da Silva demarca apresentando a rede construída na vizinhança e, por vezes, evocando parecenças ancestrais, fazendo questão de mencionar outra mulher agricultora de sobrenome homônimo, Maria Pequeno. Durante muito tempo, o trabalho das mulheres na agricultura estava associado ao plano secundário, principalmente em espaços de decisão e poder. Assim, depois de reafirmados os laços locais, Rosa decidiu participar como diretora da Associação do Sítio Cotias. A entrada das mulheres na arena política como sindicatos, associações e movimentos foi muito importante para a inserção de temas muito caros à realidade vivida por elas e, muitas vezes, àquelas que acometem suas famílias.

Na vida cotidiana, Rosa informa que parte da renda da família é gerada por meio da comercialização de produtos do quintal em feiras agroecológicas e dos programas de redistribuição de renda. Ela justifica que a área onde se planta “não é tão grande, mas de tudo um pouco a gente gosta de ter”, como árvores frutíferas, incluindo laranja, abacate, jaca e bananas. Ela passa boa parte do dia nos “arredores de casa, eu não vou pra dentro dos matos, não, fico aqui varrendo os meus terreiros. Meus arredores de casa são isso, cuidar das minhas galinhas”, reitera.

Rosa Pequeno da Silva  
Rosânia do Nascimento

## Marizete Alves Vieira



### Mulher que luta, mulher da luta, mulher dos movimentos

No Sítio Cotias, município de Alagoa Nova-PB, conhecemos a presidenta da associação comunitária local, Dona Marizete. Ela mora com o marido, o senhor Luzinaldo João Vieira e o filho Iago Alves Vieira, em uma pequena propriedade herdada de seu pai, já falecido, o senhor José Alves Pequeno. A família trabalha nos roçados e passa horas do dia dedicada a preparar a terra, plantar e colher os frutos que ela dá. Depois disso, D. Marizete participa da comercialização dos produtos em feiras na cidade de Alagoa Nova, o roteiro começa às sextas-feiras, quando o filho leva uma caixa cheia de produtos para a cidade, ficando em um local organizado pela parceria do sindicato rural com a AS-PTA. Aos sábados, a agricultora e o marido levam na garupa da moto da família outros produtos produzidos por ela, como tapioca, bolo e beijú.

A estratégia da AS-PTA e do sindicato é romper com o isolamento das famílias rurais locais, encorajando principalmente as mulheres camponesas a comercializarem e trocarem experiências a partir dos princípios agroecológicos, “porque eu achava difícil a gente ter um canto próprio, assim, pra trabalhar na feira. A gente tinha vontade, mas não tinha um banco e um lugar certo pra gente”, reitera Dona Marizete. A participação ativa a levou a refletir sobre a sua importância para além da figura de mãe e esposa, hoje, ela se diz muito animada e confiante por gostar “de ser mulher, mulher que luta, mulher da luta, mulher dos movimentos”, conta.

Em sua caminhada em defesa da agroecologia, Dona Marizete aprendeu a ressignificar os afetos e as re-existências dos antepassados em sua vida. Ao recuperar as memórias da infância, viu que a feira sempre esteve presente pela ligação ancestral ao seu avô paterno, João Alves Pequeno, pois ele “gostava muito de fazer a feira de Alagoa Nova vendendo farinha. Meu pai também já vendeu farinha, ficou no lugar dele”, relata.

Desde pequena, “vivendo tudo junto e trabalhando na enxada”, compartilhava a labuta diária com a família. No passado, Dona Marizete observava o pai sair de casa em todo alvorecer. Aos cinco anos, ela começou a pegar a menor enxada da família para contribuir nos roçados ao lado de outros irmãos. Em relação à figura da mãe, Neusa Alves Pequeno, a agricultora ressalta como a religiosidade popular e a cultura foram repassadas pelas mulheres do Território Borborema para as crianças, “achava engraçado que ela saía para as novenas com a gente de noite no mês de maio. Ela saía com a lamparina na cabeça, como se dizia, e nós saíamos atrás dela pra alumiar”, diz.

Dona Marizete herdou a religiosidade da mãe e nos dias atuais é zeladora do dízimo na igreja católica. Paralelamente, ela atua pela primeira vez como presidenta da associação local, a Associação dos Moradores do Sítio Cotias e Adjacências, “gosto sempre de trabalhar com a igreja e com a comunidade”, reafirma. O quintal e o engajamento feminino cresceram com o tempo, ela conta que o primeiro “cresceu porque minha mãe faleceu e eu fiquei tomando conta do espaço onde ela tratava das plantinhas dela”, e o segundo, pelos encontros construídos em luta com outras mulheres do Território Borborema.

Em se tratando dos espaços do quintal, “é o meu terreiro, minhas plantinhas,

meus pés de frutas, minhas galinhas e os meus porcos”. Dona Marizete concilia o trabalho nos imensos roçados com o cuidado diário das plantas medicinais, incluindo alecrim, cânfora, arruda e cidreira. Com o projeto Territórios Livres, a agricultora revelou à equipe que pretende aprofundar, durante as oficinas e palestras, os conhecimentos tradicionais para iniciar a sua própria horta, o terreno já existe, agora falta realizá-la.

Recentemente o filho mais velho, Tiago Alves Vieira, arrumou uma companheira, a jovem Maria Bethânia, e passaram a morar juntos na cidade, mas a partir de janeiro do ano que se aproxima, eles desejam retornar ao sítio de Dona Marizete para criar o pequeno filho, Angelo Isaac, pois entendem a importância do menino crescer no modo tradicional, como foram criados.

Marizete Alves Vieira  
Rosânia do Nascimento



## Eliane Constantino Barbosa



### Na luta, na terra: defesa da educação popular camponesa

Na chegada à casa de Eliane Constantino Barbosa fomos surpreendidas com uma placa muito bonita e significativa: “Bem-vindo, se você está aqui é porque faz parte de nossa história.” Não por acaso, Eliane é formada em História pelos Movimentos de Educação do Campo – PRONERA<sup>33</sup> e nos recebeu calorosamente em seu lar, localizado no município de Remígio<sup>34</sup>, entre o Curimataú e o Agreste da Paraíba.

Eliane é educadora popular e tem experiência com formação de base no setor de informação e educação de mulheres do MST e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Remígio. Ao se afirmar como uma mulher feminista, ela percebe ter que lidar com adversidades próprias dos estereótipos atribuídos às mulheres. Por isso,

33. PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, ocorrido em 1998, foi o resultado das reivindicações e pressão dos Movimentos Sociais Populares do Campo. O programa foi criado ainda no vigor da mística que permeia o conjunto do Movimento e da sociedade pelos massacres de Eldorado do Carajás e Corumbiara. Foi por meio da Portaria Nº. 10/98, do extinto Ministério Extraordinário de Política Fundiária, e posteriormente instituído como política pública pela Lei 11.947, de 16 de junho de 2009 e regulamentado pelo Decreto 7.352/2010. O Pronera traz em suas raízes, sangue, lutas, marchas, sofrimentos, conquistas e muitos sonhos realizados. Disponível em: <<https://mst.org.br/2022/04/16/pronera-24-anos-de-conquista-e-resistencia-na-edu->

precisou aprender a ignorar determinados julgamentos, característicos do pensamento machista, embora tenha afirmado que “às vezes não é possível ignorar”. Eliane, como mãe solo, formada em nível superior, é integrante de uma família em que a mulher ser mãe sem marido e ter graduação não eram atributos comuns, muito menos incentivados. Seu avô, Antônio Clementino – mais conhecido por Zé de Mila, não era favorável, nem mesmo a sua avó, Francisca Maria Tomázia, que ela a chamava carinhosamente de Mãe Chiquinha.

Sua família, desde os bisavós, residiu na Fazenda Queimadas, e Eliane é uma guardiã de sua história ancestral. Ela contou à equipe Territórios Livres que seus antepassados se diziam “empurrados da terra”, porque não tinham condições de fazer um registro de posse. Um fazendeiro os expulsou do espaço e a família se estabeleceu em um assentamento. Sua motivação para o estudo da Educação do Campo vem do “sentimento ancestral” da necessidade de recuperar a terra onde viveram e vieram. Eliane foi a primeira da família a ter um curso superior, significando essa conquista ainda mais pela dimensão de ser uma mulher.

O pai, Marivaldo Barbosa dos Santos, faleceu quando ela tinha apenas três anos de idade, e por isso ela conviveu mais com seu avô que, apesar de rígido, é sua referência paterna. Como referência materna, Eliane fala com muito carinho de sua mãe, Creonice Constantino Barbosa, “ela é tudo”. A filha coruja reconhece: “se eu for metade do que minha mãe é, já estou muito feliz”. Ela conta que sua mãe foi uma mulher que trabalhou como empregada doméstica, teve três filhos, e quando surgiu a oportunidade de reaver a terra assentada, deixou tudo para trás e voltou para este espaço junto de sua família. Sua avó Francisca foi benzedeira. Mãe Chiquinha rezava para “mau olhado, peito aberto” e a ensinou que “a reza é quem nos escolhe”.

Revivendo essas memórias, Eliane conta que hoje tem muitas plantas medicinais. É por meio do quintal que ela consegue fazer o que gosta. Para ela, significa algo muito forte: “resgatar aquilo que vivenciei desde pequena”. Ela pertence à terra em que reside desde o tempo dos seus antepassados, sendo que a dedicação ao quintal produtivo nos últimos três anos ocorreu após ela ter enfrentado problemas de saúde em sua família, o que a levou a afirmar a sua ancestralidade camponesa.

---

[cacao-do-campo%E2%99%A2/](#). Acesso em: 8 de agosto de 2022.

34. Remígio é um município brasileiro do estado da Paraíba. Está localizado na Região Geográfica Imediata de Campina Grande. O município está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005.

Com isso, assim como as águas, ela encontrou esteio e força na parceria com outras mulheres do território. Juntas, elas criam peças de barro, que Eliane pinta caprichosamente e, a partir dessas trocas coletivas e solidárias, elas são comercializadas em feiras da região: Quitanda da Borborema, Feira Territórios Livres, Feira Agroecológica de Remígio, e em outros eventos e festivais. Para ela, o reencontro com as amigas do passado, como Dona Zefinha, Eliane – sua xará –, Ega, Marizete, Nena e Vânia foram especialmente importantes para o fortalecimento de sua caminhada. Com elas, sente-se apoiada e incentivada a valorizar a ancestralidade que perpassa o artesanato camponês e a agricultura, ofícios estes que eram realizados pelas mulheres da sua família.

Conversando e passeando, fomos apresentadas às plantas sem utilização de agrotóxicos de seu quintal: pé de bucha, milho, feijão, abacaxi de jardim, rosas, morangos, flamboyant amarelo, tomate cereja, ora-pro-nobis, macassá, manjerição e várias suculentas que ela leva para a feira. Eliane deseja ampliar as atividades que realiza em seu território: quer plantar espécies que fazem sombra e uma estufa para as plantas que cultiva, porque assim propiciam o manejo em boa convivência com o clima semiárido. Ela avalia que isso vai ajudar com a questão da água escassa. Assim como muita gente da região, ela ainda depende de carro-pipa.

“Meu sonho é tão grande!”, ela exclama e nos conta que queria muito que “as mulheres tivessem igualdade!”, e deseja passar esse ensinamento para o filho, o jovem Pedro Henrique. E ao refletir conosco sobre o que significa ser mulher, Eliane diz que “ser mulher é um processo. Todo dia é uma descoberta”. A agricultora nos conta sorrindo que “sem dúvida, estudar foi um sonho conquistado”. Eliane é uma agente fundamental na construção do sonho de liberdade para as mulheres, equidade de gênero e bem-viver.

Eliane Constantino Barbosa  
Marina Serra Murta Maia



## A cientista da caatinga

Ivaneide Pereira da Silva vive no Assentamento Oziel Pereira, no município de Remígio, na Paraíba. Chegamos à sua casa e encontramos lindas peças de cerâmicas pintadas à mão. Depois, adentrando em seu quintal, nos deparamos com a grandeza de seu horto. Neide, como a chamam carinhosamente, é conhecida em seu território por ter se tornado uma grande entusiasta da ciência da caatinga, ela é a horticultora de rosas do deserto (*Adenium arabicum*, *Adenium obesum*). Foi a partir de 4 sementes, conseguidas com o cunhado Silvan Pôrto, que Neide começou o seu roseiral. Hoje, ela possui um horto com dezenas de mudas, entre rosas do deserto, cactáceas e suculentas. Uma placa com letras azuis e fonte arredondada sinaliza: “Da Neide: produtos naturais”.

Uma parte expressiva da renda da família de Neide vem das mudas que são vendidas diretamente em sua casa, em feiras na região, no Festival de Flores em Areia e na Feira Nordestina, em Natal-RN, ela se dedica especialmente às rosas do deserto. “Você vai polinizando e conseguindo variações. Branca, amarela, rosa”, conta ela, animada. É um mundo de experimentações e possibilidades. Diretamente do Sul da África e da Península Arábica, a rosa do deserto necessita de um clima desértico para desenvolver florações vibrantes. Essa espécie, uma das que são cuidadas por Neide, se adaptou muito bem ao clima semiárido, quente e seco na maior parte do ano.

O caule da rosa do deserto é engrossado na base, uma adaptação para guardar água e os nutrientes em locais áridos. Olhando de perto, há uma similitude com as tecnologias de armazenamento de água, como as cisternas largamente utilizadas no Nordeste. Para Neide, a cisterna foi um divisor de águas em sua vida, pois somente após conseguir armazenar a água da chuva, ela conseguiu começar a ter as suas plantinhas. “Antes, vivia na casa do pessoal pedindo um balde de água ou outro”.

Pela grande capacidade de armazenamento aquático que tem a cisterna, Neide consegue continuar com o manejo de seu horto, mesmo quando está no período da seca. “É muita água que uma cisterna consegue armazenar”. De fato, uma cisterna pequena de 1 metro de diâmetro por 2 de altura, por exemplo, consegue armazenar pelo menos 6 mil litros de água, o que já traz aos quintais produtivos, de quem precisa se preparar para longos períodos de seca, um cenário de abundância.

Na ocasião da visita ao seu quintal, Neide nos ensinou que para plantar é preciso observar e ter muita paciência, não é fazer de qualquer jeito, e que as pessoas costumam se achar desprovidas de “dedo verde”, porque não sabem que as plantas que são comercializadas costumam ser manejadas no substrato. A agricultora, que também é uma cientista da caatinga, diz: “A culpa não é de quem compra, e as pessoas choram, ficam tristes. A plantinha morre e você se sente culpada. Mas, na verdade, são cultivadas no substrato. Você tem que chegar em casa, tirar ela da terra, lavar a raiz todinha e mudar o substrato. Como as pessoas não sabem disso, não fazem do jeito certo. Pegam as plantas, colocam no sol. Aí desse jeito as plantas queimam e morrem”.

Ivaneide Pereira da Silva  
Marina Serra Murta Maia

## Sandra Alice Farias Alves



### Quem tem medo da Agroecologia?

Durante a jornada do Territórios Livres no Nordeste, as paisagens da caatinga nos impressionaram. A biodiversidade parecia falar em todo o entardecer, os cheiros e as texturas das frutas nativas se misturavam às lágrimas, risos e abraços das mulheres transformadoras da realidade do Semiárido. Percorrendo o trajeto de chão batido em direção ao sítio Olho D'Água do Rio, no município de Lagoa Seca, Paraíba, nos deparamos com uma verdadeira alameda de xique-xique e mandacaru. Já da cancela da pequena propriedade de Sandra Alice Farias Alves, foi possível avistar a casa amarela e os seus arredores, com muita vida.

O pai de Sandra comprou o sítio em 1975, da mão de um coronel da região, para construir a sua própria família. De lá para cá, a luta para permanecer no cam-

po não cessou. No atual pedaço em que mora com o esposo Edivan, à primeira vista, é quase impossível não remeter à explosão de cores e formatos das várias espécies de flores, samambaias e suculentas. A diversidade das plantas ornamentais toma conta de vários cantos da pequena propriedade, elas estão dispostas em mandalas, crescendo sobre troncos de árvores ou convivendo em harmonia com outras plantas em um cercadinho de telhas. Por ali, e em todo lugar, a vida teima em mostrar o seu poder transformador.

Para muitas agricultoras paraibanas, o quintal extrapola a ideia de uma área linear ou quadrilátera. Ele incorpora os sentidos e sentimentos que as mulheres estabelecem em determinado espaço, começa em frente à cozinha, cresce nos arredores da casa e finda no roçado. Com Sandra, aprendemos outra terminologia: “Para mim, tudo ao redor de uma casa é o quintal. Se você também tiver uma casa de depósito, ao redor daquela casa você pode considerar o quintal. Se você tiver um lugar para criar as galinhas, ao redor também eu posso considerar o quintal. Se você tiver um banheiro fora de casa, ao redor daquele banheiro está o quintal”.

Para a agricultora, o quintal produtivo consolidou o espaço de autonomia e emancipação às mulheres camponesas justamente pela possibilidade de conciliar os vários papéis que elas desempenham na agricultura familiar. Elas são filhas, netas, mães, solteiras, esposas, sogras, religiosas, agricultoras, professoras, engenheiras agrônomas, técnicas, agroecólogas e, independentemente do nível educacional, aqui se faz necessário interseccionar gênero, raça, sexualidade, religião e faixa etária – todas elas cruzam as histórias de vida com os seus conhecimentos ancestrais.

Ainda que expulsas do campo pela lógica capitalista patriarcal, racista e patrimonialista, elas retornam, aprendem e constroem os movimentos sociais, podendo ativar e alargar os saberes, os métodos e as práticas que constituem a identidade e a cultura camponesa.

O quintal da casa em relação à agricultura familiar é o lugar que a gente tem uma diversidade de culturas, é o ambiente que você pode conservar ele para germinar as sementes, um exemplo, eu tô na cozinha, aí eu corto um pimentão e jogo a água das sementes e do tomate, quando chove, nasce uma diversidade. Para quem é mãe, é uma forma de educar os seus filhos, a criança vê a semente quando germina, aí vê o pezinho de milho crescendo, assim, é uma forma de você mostrar para ele a importância da agricultura.

Como Sandra defende acima, o quintal é o laboratório da agricultura familiar. Os filhos e filhas de uma agricultora até podem aprender sobre cultivos em um banco escolar tradicional, mas são as mães que ensinam mais do que uma cartilha ilustrada por uma editora e as crianças aprendem com o crescimento da vida. As mulheres agricultoras apresentam os experimentos que manipulam no seu cotidiano rural e remontam à ancestralidade que as forjou. Aqui, a criança pode catucar, mexer, comer e, principalmente, sentir-se protagonista do modelo científico, porque ele não é patenteado por alguém externo ao território, e é vivido em profunda imersão. A transmissão dos conhecimentos envolve a família camponesa em uma comunidade pedagógica, principalmente composta por mulheres e crianças.

Para o campo da ciência agroecológica, a interdisciplinaridade é um dos pilares fundamentais (Siliprandi, 2015). Com o experimento científico que se dá na porta da cozinha de uma agricultora, como Sandra demonstra a seguir, a geografia pode ser vivida. Ela nos ensinou sobre ciências no exemplo anterior e diz que as agricultoras re-existem no Nordeste e lidam o tempo todo com os estereótipos comuns ligados ao clima e a vegetação típicos da região (semiárido e caatinga, respectivamente). Então, como as mulheres podem produzir o ano todo, diante das adversidades ambientais, ecológicas e climáticas? Ao contrário do que fomos acostumadas a pensar, elas são sujeitos políticos, sociais e históricos daquele bioma. Assim, em boa convivência com a natureza, encontram saídas criativas para continuar cultivando a vida.

A agricultora Sandra Alice prossegue afirmando que a resposta adequada para as questões anteriores podem ser encontradas na potencialidade dos quintais produtivos, eles são os ambientes da vida. Ela diz que “a gente já viu a experiência da mulher começar a observar a posição da casa, a depender da posição da casa, tinha uma parte do lote que fazia muita sombra na tarde e ela conseguiu produzir usando aquele ambiente, porque ali o sol não bate e ela conseguiu plantar algumas hortaliças”, explica. Assim, as agricultoras sabem que durante a estiagem é difícil retirar o sustento dos roçados, por isso elas ativam os conhecimentos que detêm sobre os astros para garantir a autonomia alimentar e nutricional das famílias nos arredores de casa.

A forma como Sandra recorre à oralidade para expressar os conheci-

tos ancestrais encanta profundamente a todas que a escutam, ela debate com qualquer pessoa a respeito dos retrocessos dos últimos quatro anos do Governo Bolsonaro referentes às políticas públicas dirigidas à agricultura familiar de base agroecológica. Ela própria já foi beneficiada com o Pronaf Mulher<sup>35</sup>, hoje, fica entristecida com o desmonte do programa.

Para a agricultora, a conjuntura política e econômica atual evidencia o confronto de dois modelos de produção de alimentos, de um lado, o agronegócio, e do outro, a agroecologia. No cerne da diferenciação está o que se entende por alimento. A própria Sandra interroga: “O que é o alimento de verdade? O alimento de verdade é produzido da terra, eles tiram a substância da terra sem nenhum aditivo, são sementes da própria região, não são sementes modificadas, isso realmente é um alimento de verdade. Se tiver qualquer outra substância, não é um alimento de verdade”, e defende sua postura política a favor da Agroecologia.

Em momentos de crises ecológicas, Sandra acredita que “a agroecologia tem espaço. Uma coisa é que o **agronegócio tem medo da agroecologia**, ele não quer deixar ela ter espaço, porque se deixar, ela vai crescer. É um pensamento de futuro, a gente tá vendo, a degradação tá sendo grande”. Assim, a agricultora profetiza que a sociedade se conscientize das degradações socioambientais que assolam, principalmente, a Amazônia, o cerrado e a caatinga, e roga ainda que a justiça social e ambiental seja apoiada nos pressupostos agroecológicos e na emancipação feminina.

Sandra Alice Farias Alves  
Rosânia do Nascimento

35. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), voltado para as agricultoras, é uma política pública fruto das reivindicações das entidades representativas femininas e rurais. Deve-se salientar que, inicialmente, até o Plano Safra 2003/2004, ainda não se configurava como uma linha de crédito específica, e sim como uma política afirmativa no escopo do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A criação da linha veio no ano seguinte para fomentar a emancipação e autonomia econômica das mulheres camponesas. Ver DUARTE, Ana M<sup>a</sup>. Mulheres na Reforma Agrária e políticas de crédito: avaliação do PRONAF Mulher em assentamentos de Monsenhor Tabosa-CE. Dissertação (**Mestrado**). Universidade Federal do Ceará. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas. Fortaleza: UFC, 2010.

## Joana Célia de Lima Moura e Gêlda Maria dos Santos Moura



### Amor de mulheres, fortalecimento da terra e da união

Gêlda e Célia são um casal de agricultoras que expressam a intensidade de um encontro de vidas. O amor, o carinho, o fortalecimento mútuo e a partilha de sonhos entre elas movem mundos. Este texto conta a história de vida das duas, pois trata-se do mesmo quintal – extensão da casa onde elas vivem juntas há cerca de 10 anos no município de Areia<sup>36</sup>. Porém, cada uma tem as suas particularidades. Começaremos falando do quintal, território comum do casal, e depois falaremos um pouquinho da imensidão que são as histórias de vida de cada uma.

#### O quintal de Gêlda e de Célia:

Além de um lugar de cuidado, paz, meditação e busca de energias positivas, o quintal é um dos pilares da renda de Célia e de Gêlda. No início, quando elas

36. Areia é um município localizado nas regiões geográficas intermediária e imediata de Campina Grande. Areia possui como bioma predominante a Mata Atlântica, com áreas menores de caatinga, e abriga o maior remanescente de Mata Atlântica do agreste da Paraíba.

chegaram, tudo era bem diferente do que é hoje. As árvores não existiam, o pai de Célia havia desmatado tudo. Funcionava no local, uma oficina de desmanche de carros. Portanto, começaram do zero e tudo o que existe lá hoje foi esforço, carinho e dedicação do casal para com a terra que as acolheu.

**Célia:** O quintal me ensinou a aprender com a natureza, a produzir e a vender os produtos, e transformou minha vida. Inverno ou verão, eu consigo tirar o nosso sustento, aprendi a tirar alimento pra gente. Além disso, tem também o fato de ser um lugar para tirar as energias negativas da mente, tem a questão espiritual que é importantíssima pra mim. Aprendi a gostar de quintal com a Gêlda. Eu venho de outra cultura. Eu sou de Cassange, e lá a cultura é baseada em criar animais de grande porte, ou então cabras, e plantar feijão e milho, bem diferente de Boqueirão. Então, conhecer hortaliças e uma maior variedade de plantas, eu aprendi com a Gêlda. A horta e as plantas eram um desafio, eu não conhecia nada. Eu só sabia o que era alface e coentro. Eu não sabia diferenciar uma brócolis de uma couve-flor. Gêlda me ensinou. Eu não sabia fazer um canteiro, nem muda. Toda planta minha morria. Achava que era porque a minha mão era ruim, mas descobri que é porque eu não sabia mesmo, é que a gente tem que aprender a manejar. Aqui a gente planta dois hectares de milho, feijão e batata doce. Em geral, quando chega o verão a gente reduz o cultivo para plantas medicinais e algumas hortaliças. Ano passado foi histórico porque a gente conseguiu manter a produção de um ano para outro. Em janeiro entrando a chuva a gente conseguiu ter couve à vontade. Então a gente conseguiu dar outra vida.

**Gêlda:** Pra mim, o quintal produtivo é minha paixão. Quando eu acordo, a primeira atividade do dia que eu faço é a irrigação do quintal. Eu praticamente passo o dia lá quando não tem aula na universidade. Nesse formato remoto<sup>37</sup>, eu fico assistindo aula e produzindo umas mudinhas. Eu levo o tablet lá pra debaixo da chuva e fico por ali escutando as aulas, que são maravilhosas, e trabalhando com as minhas plantinhas. Traz uma paz. Eu acho que sou parente de minhoca, porque gosto de mexer na terra. As plantas trazem saúde. Às vezes, a Célia diz assim: “Gêlda, tô com uma dor de cabeça, uma cólica menstrual”. E eu digo: “Mulher, vá ali na horta. Pegue uns galhinhos de uma planta e faça um chá”. Então a farmácia é aqui na porta de casa. Geralmente, o quintal é uma pequena área que a gente cuida próximo a casa, porque facilita no cuidado. Que é onde a gente coloca as plantas medicinais, hortaliças. E por ser próximo a casa, a gente sempre tem um

37. Durante a pandemia do Covid-19, as universidades públicas e privadas adotaram o modo de ensino remoto para dar continuidade às atividades e projetos.

cuidado maior. E esse quintal dura o ano todo. Abriu a porta, nossos olhos estão vendo o quintal. Já tem o contato direto com ele. Por mais que a gente tenha nossos roçados, a horta no inverno também fica bem grande. Quando chega a época do verão tem essa redução da produção, e em geral o quintal sustenta. É em si o que nos sustenta quando baixa mais a produção. Porque a maioria das mulheres do assentamento tem o seu quintalzinho produtivo. Não igual ao nosso, porque a gente comercializa a nossa produção e por isso ele é um pouco maior. Mas todas as mulheres têm alguma plantinha medicinal e ornamental.

**Célia:** Eu sou muito sensível ao mal olhado, ao olho grande. Às vezes, eu tô mal, pego um alecrim, um manjerição, tomo um banho e melhora.

**Gêlda:** Todo quintal tem uma planta medicinal, de babosa a hortelã, o que for. A questão da farmácia é algo que hoje em dia o mundo pede por isso. É muito necessário.

**Célia:** Antes de viver junto com a Gêlda, eu tinha uma cólica menstrual de desmaiar e ficar de cama. E se chegasse o dia de fazer entrega, eu ia perder a entrega, tamanha era a dor. Esse mês eu tive um pouquinho de cólica. Quando eu tomo chá das plantas daqui eu não sinto quase nada, só um desconforto básico, mas nada que me derrube. A artemísia é um grande remédio.

**Gêlda:** No quintal a gente produz de tudo, de plantações diversas à criação de animais. A gente trabalha bastante com plantas medicinais. Nós começamos com dois pallets e agora temos três bancadas de medicinais. Também temos muitas hortaliças.

**Célia:** Tem a criação de caprinos, que é meu xodó. E trabalhamos com esterco, com a compostagem de esterco. Comercializamos tudo o que produzimos aqui. Começamos pela necessidade de renda. Você leva pra uma feira, a perda é muito grande. E não é valorizado. Você perde o seu tempo e os seus produtos. Então começamos a fazer entregas em Campina Grande. A gente pegava o ônibus cheias de sacolas pesadas e íamos para os bairros entregar. E assim começou em 2018. Aí fomos nos organizando e conseguimos comprar um carrinho velho. E fomos melhorando as condições, a Gêlda arrumou um serviço como articuladora no Orçamento Democrático<sup>38</sup>. A gente começou a produzir as cestas Terra Viva –

38. O Orçamento Democrático Estadual (ODE) é o instrumento no qual os cidadãos são convidados/as a participar das decisões do governo estadual sobre a melhor forma de aplicação do dinheiro público em suas obras e serviços. Este instrumento de democracia participativa foi implantado pela primeira vez na Paraíba em âmbito estadual e se tornou realidade como um compromisso assumido pela atual gestão. Na estrutura do Governo do Estado da Paraíba, o OD está sob a coordenação da Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento, Gestão e Finanças. Disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/ode/o-que-e-o-ode>>.

Saberes e Sabores, foi uma ideia de Gêlda muito bonita. Porque a terra vai dando os saberes e os sabores, né? Fez 4 anos dia 19 de julho de 2022. Começamos e estamos fazendo até hoje. Com a chegada da pandemia, nós observamos um aumento nas vendas. No começo a gente só entregava o que produzia aqui na nossa propriedade, mas com o passar do tempo nós conhecemos outras mulheres e decidimos que íamos juntar as mulheres para fortalecer a economia feminina. Então, a macaxeira a gente começou a descascar e congelar no freezer para armazenar. Batata doce a gente também entrega, goma de tapioca, laranja. Muita coisa.

**Gêlda:** E assim conseguimos nos organizar nesse sentido. As frutíferas a gente pega com as agricultoras do município de Alagoa Nova: Josulega (Leide) e Edileuza. A gente sempre tenta sempre fortalecer as mulheres, e as frutas de época a gente pega com elas. As mudas as pessoas criaram o costume de pedir. Foram aparecendo uns projetos, o povo foi pedindo, se organizando. E hoje a gente comercializa as mudas e o esterco. No quintal a gente tem as plantas-mães, de onde a gente tira as mudinhas pra vender. E nas bancadas é onde a gente coloca as mudas. Cada espécie a gente produz uma quantidade. Por exemplo: agora vamos produzir camomila, aí produziremos de 15 a 20 mudas.

**Célia:** Estamos com 15 animais. Temos 5 cabras que são grandes já. Ano passado, que a chuva foi melhor, a gente fazia queijo e comercializava. Estamos querendo voltar essa produção de leite. Porque uma das nossas maiores dificuldades é a água, né? Sempre bate. Por nós morarmos numa região que é considerada de fora do Território da Borborema<sup>39</sup>, ficamos de fora. A gente não conseguiu a cisterna calçadão que dá uma alavancada muito grande na vida da produção das mulheres. Quando você tem uma cisterna calçadão, você tem o equivalente a 5 carradas de água. É uma coisa que a gente não tem. O que dificulta a nossa lida é a questão de não ter armazenamento de água. A questão não é não ter água, nós temos a chuva. Mas a questão é que não temos onde armazenar essa água, não temos reservatório suficiente.

**Gêlda:** No período de chuva a cisterna foi pensada porque no inverno tem os barreiros com água. Mas no verão, quando a gente não tinha cisterna, a gente também não tinha onde armazenar a água. Se você tem um dinheirinho pra comprar água, você vai colocar onde? Então, a cisterna veio nos auxiliar com isso. Porque quando chega a época do verão, a gente tem como comprar um cadinho de água

---

39. Gêlda e Célia moram em uma área de transição entre Brejo e Curimataú.

e armazenar. E como o programa acabou<sup>40</sup>, muita gente está com essa necessidade agora. Houve um grande período de estiagem que afetou a todo mundo. No litoral mesmo, o pessoal ainda tem um pouco de água, mas por aqui, todo mundo ficou sem. Então as pessoas não tinham cisterna e nem um reservatório de água. É pouco, mas ainda é alguma coisa. Para gente que tem essa produção de hortaliças e de plantas medicinais, se a gente tivesse um reservatório de água maior, na época da chuva a gente conseguiria armazenar para o verão. E a gente só tem porque a gente sonhou e conseguiu construir. No início não tínhamos nada. Hoje a gente tem mais de 200 mudas de medicinais, muitas hortaliças, temos a nossa criação. Então assim, a gente conseguiu. Se fizesse oficina de reutilização de água, de comercialização...

**Célia:** Com o reservatório aberto a água evapora. A cisterna é tampada e o sol não leva embora. Então seria uma forma da gente conseguir resolver nosso problema. A gente teria condições de elevar para outro patamar a nossa vida. Se a gente tivesse uma cisterna calçadão a gente conseguiria manter o quintal no verão sem precisar reduzir a produção.

**Gêlda:** A Célia se identifica mais com a criação animal e eu com a horta, então a gente divide tarefas. E quando demanda um serviço de nós duas, a gente se ajuda. Em relação às produções, a gente reutiliza tudo da propriedade. Porque se a gente for comprar, o retorno financeiro não abarca. Fazemos polpa também. Mas a gente não tem máquina, então a gente combina com minha mãe, Edileuza, minha irmã, Valéria (Lu) e o meu pai, Germano, e faz junto. A gente pega as frutas com as outras agricultoras da região, porque aqui no assentamento tem gente que tem laranja, mas pulveriza com agrotóxicos essa laranja, e a gente prefere não pegar, preferimos as frutas das agricultoras que trabalham com frutíferas agroecológicas. Aqui temos que driblar: agrotóxico, herbicida, formicida, agroquímico. São muitos nomes utilizados, ficam usando outras formas de nomear para confundir. Já mudam o nome pra ficar bonitinho e passar no uso.

**Célia:** Os próprios agricultores que ainda não têm essa consciência se chateiam quando você fala sobre os malefícios dos agrotóxicos, eles ficam com raiva.

**Gêlda:** Acho que falta consciência. Na época do inverno aparece muita lagarta. Aqui a gente faz caldas. Calda de angico, calda de neem. Todo ano a gente

---

40. O programa para construção de cisternas foi atacado veementemente durante o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (2019–2022). Uma das estratégias foi a redução drástica do orçamento destinado para a construção de cisternas no Nordeste.

depena o pé de neem pra fazer as caldas. Tudo o que a gente usa é aqui da nossa propriedade. Não trazemos nenhum insumo de fora. A gente não sabe o que vem de fora, não há garantias. O pessoal agüou as plantações com carrapaticida, e nem pode colocar isso porque esse produto é feito para pulverizar os animais. Se já é agressivo para os animais, imagina pra lavoura? A única coisa que o povo conhecia era o carrapaticida que já era muito ofensivo. Inclusive há relatos de agricultores com problemas de saúde. Tem um menino ali embaixo cheio de problemas renais por conta do carrapaticida. Agora o povo tá conhecendo o mata-mata, que é pior ainda.

**Célia:** Por isso que o MAPA<sup>41</sup> exige da gente as barreiras de proteção, não é só por conta da transgenia. Mas sim, por conta de que se algum vizinho vier utilizar algum produto, aquela barreira segura, não deixa passar. Como nós já vimos as pessoas aqui usarem o carrapaticida para matar lagarta, a gente faz umas barreiras de proteção e só planta no meio da terra, que é pras árvores segurarem esse tipo de coisa, porque a gente nunca sabe quem tem usado veneno. Eu não sabia o que era veneno, nem agrotóxico, comecei a entender do assunto por conta de Gêlda. Foi quando ela começou a ficar doente que eu aprendi o que é mata-mata e glifosato. Aqui nessa região o uso de agrotóxicos sempre foi muito menor, acredito que por isso eu não tenha tantos problemas de saúde.

**Gêlda:** Quando a gente consegue combater com os produtos naturais, a gente combate. A gente expulsa. Quando não, a gente vai lá, arranca a cultura e joga fora. É melhor perder a cultura do que perder a saúde. Se eu soubesse o mal que os agrotóxicos fazem e o que eles iriam me causar, eu nunca teria usado. Eu teria procurado uma outra forma de trabalho, teria dado um outro jeito, mas jamais teria usado. Porque todo o dinheiro que eu ganhei durante os 20 anos que trabalhei na agricultura envenenada, eu gastei o equivalente no primeiro ano que os sintomas começaram a aparecer. É uma coisa que não compensa. E eu jamais usaria na minha lavoura, por uma questão de consciência. Não só porque eu vou consumir o produto, mas porque temos que pensar no outro. Porque o que eu não quero pra mim eu não posso querer pra outra pessoa.

\*\*\*

Nesse momento da conversa em que adentramos no assunto dos agrotóxicos, vamos ler/ouvir/sentir a história de vida, a luta e a sobrevivência de Gêlda.

---

41. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Exposta desde a infância e por mais de 15 anos de sua vida aos agrotóxicos, a agricultora foi diagnosticada com uma doença dada por incurável. Um médico chegou a diagnosticar que a mesma deixaria de andar. Mas ela resiste até hoje. “Eu tenho que ser maior que essas coisas”. Nesse sentido, Gêlda tem sido gigante. A cada ano que passa, a agricultora descobre algum desequilíbrio em seu sistema imunológico. Já venceu até um câncer de tireóide e segue resistindo mesmo com as plaquetas em observação, embora às vezes elas fiquem muito baixas.

**Gêlda:** A pulverização eu fiz pouquíssimas vezes. Mas eu trabalhava na colheita. E enquanto a gente fazia a colheita do tomate, do pimentão, do feijão, o pessoal tava pulverizando, então a gente tomava “o banho”. E teve uma época, eu lembro quando eu era criança, tinha uns 8 pra 9 anos, eles pulverizaram com trator. Os pés de tomate eram bem maiores que eu, eles plantavam tomate de vara. O trator pulverizava e a gente tomava aquele banho. Passava por cima da gente. Era em propriedades de grandes produtores de hortaliças. Naquela época a gente não tinha consciência dos males dos agrotóxicos. E a gente aproveitava os vasilhames e os vidros dos agrotóxicos. A gente cortava e usava pra tomar água. Os que eram de lata a gente reutilizava pra fazer café. A gente não sabia. E quem sabia, não passava pra gente o perigo. Só que eu passei muito tempo nesse trabalho, fiquei mais de 20 anos trabalhando com agrotóxicos.

Às vezes, tinha sangramento nasal, mas achava que tinha a ver com uma pneumonia que eu tive aos 6 anos de idade. Mas eu já tinha me curado da pneumonia, então não sabia o que era. Mas sabe aquela coisa? A gente precisava trabalhar, precisava do dinheiro, não sabia dos males que os agrotóxicos faziam e a gente continuou. Aí quando foi em 2012, eu parei. Comecei a me sentir fraca, não aguentava nem carregar mais uma caixa de tomate nas costas, nem na cabeça. E resolvi parar. Eu já tinha escutado falar da agroecologia porque entrei no Movimento Sem Terra em 2007 como acampada. E foi naquele processo de formação que participei das atividades do movimento e de algumas formações. Falava-se muito em agroecologia e dos malefícios dos agrotóxicos. Comecei a ficar muito preocupada. E quando eu parei mesmo foi em 2012. Em 2014, adoeci, as plaquetas foram para 10 mil<sup>42</sup>. Comecei a me sentir fraca e fui num médico, ele pediu exame. Aí ele viu as plaquetas baixas. Eu sei que eles repetiram o meu exame 3 vezes. E eles ficaram naquela enrolação porque eles não sabiam o que era porque eu não apresentava outra coisa, a não ser o cansaço e uma queimação, parecia que meus

---

42. O valor normal da contagem de plaquetas no sangue do adulto, e de uma criança, varia de 150.000 a 450.000 por microlitro de sangue. Disponível em: <<https://medicoresponde.com.br/qual-a-quantidade-normal-de-plaquetas/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

braços e minhas pernas estavam pegando fogo, mas eu não sentia febre. Sentia queimação, mas eu não tinha febre, uma coisa muito estranha. E eles ficaram me enrolando até que a Célia ameaçou colocar no Ministério Público se eles não tomassem uma atitude. Foi quando me encaminharam para especialistas, paro o Hospital Universitário de Campina Grande. Fiquei internada lá durante 3 dias.

E nesse tempo eles me deram uma série de medicamentos, fiz muitos exames. Resultado: eles não descobriram o que eu tinha. Porém, a médica que estava fazendo o acompanhamento do meu caso diagnosticou que as minhas questões de saúde estavam relacionadas à exposição aos agrotóxicos. E ela colocou lá na minha alta que tinha sido isso, porque eles não encontraram nada. Teve um médico que me deu tanta raiva quando eu estava internada, que queria por fim da força que eu declarasse que usava drogas ilícitas. Eu lá, deitada, “só as tiras”, eles me deram um medicamento muito forte que me fazia dormir. O médico me perguntava e insistia que eu usava drogas e eu dizia “moço, eu nem conheço. Olhe, não é destratando quem usa não, mas eu sou uma agricultora lá do campo, eu nem conheço isso”. E ele ficou insistindo. A reação era como se eu tivesse usado droga, mas eu fiquei com muita raiva. Não queria mais voltar nesse hospital. Quando eu tive alta, as plaquetas ainda não estavam nem em 100.000, não estavam controladas. Não conseguiram controlar. Aí eles passaram outros exames pra fazer. Tive que fazer um exame que na época custava mil reais, a eletroneuromiografia. E o município não oferecia esse exame. Fizemos uma vaquinha. E nesse exame apareceu uma polineuropatia. Aí eu fiz esse exame e o médico disse que eu estava com polineuropatia.

Fui encaminhada para o neurologista, mas depois de um tempo ele me dispensou, porque disse que o meu caso não tinha jeito. Disse que eu ficaria sem andar e sem as faculdades mentais. Eu disse: “não, tenho que ser maior que essas coisas”. E fiz acompanhamento com uma neurologista particular. Por sorte comecei a trabalhar com o Orçamento Democrático e dava pra tirar um pouco de dinheiro pra fazer o acompanhamento numa clínica popular. Aí com o tempo, a médica disse “olha, você vai ficar usando o medicamento e eu não posso fazer mais nada por você”. Aí a médica disse que eu não podia deixar de usar o medicamento, mas estava me fazendo mal. Chegava a noite, ficava com falta de ar, dor nas pernas. Aí parei, mas adoeci de novo. Acho que devo ter dado umas 4 entradas no hospital. Consegui ser encaminhada para o hemocentro de João Pessoa e lá a

médica descobriu o problema da queda de plaquetas. Até hoje eu não sei porque eu tenho plaqueta baixa.

De vez em quando elas baixam. Ano passado eu tive um câncer na tireóide e fiz a remoção. Todo ano eu tenho que descobrir alguma coisa. Eu estou aqui para superar essas coisas. E vocês acham que eu vou morrer por isso? De jeito nenhum. Problema é pra gente resolver. O bom é que o diagnóstico do médico não deu certo e eu tô aqui viva até hoje. A gente foi com a Shirleyde (professora da UEPB) na praça da Fiocruz em Pernambuco fazer uma denúncia para a ONU. Nessa época foi feita a denúncia dos agrotóxicos, a denúncia daquele vazamento de óleo no mar<sup>43</sup>, que teve no Nordeste todo, entre outras coisas. Só sei que todo espaço que eu tenho oportunidade de denunciar, eu falo.

A gente não saiu do Cariri por conta da repressão. A gente nem chegou a falar muito. Logo assim que eu adoeci, em 2014 e 2015, apareceu a oportunidade de vir pra esse lote, que é uma região de Areia, mais produtiva. Onde a gente morava era no Cariri e lá é muito seco. A gente decidiu vir pra cá por conta da produção. E se tornou melhor pra mim a questão de acesso. O pessoal do CASACO, no município de Boqueirão, de vez em quando sofre ameaças brabas. Os grandes produtores de lá não querem saber. Eles produzem com o máximo de agrotóxicos que eles podem.

\*\*\*

Além da constante luta pela vida e pela saúde de Gêlda, ela e Célia precisam lutar contra o patriarcado. Como um casal lésbico que habita a zona rural, Gêlda e Célia estão sempre precisando impor respeito e limites. Célia nos conta que já passaram por inúmeras lesbofobias. “Mas antes de tudo eu sou bruta. O meu vizinho uma vez chegou aqui, passou a cerca e veio dar opinião, se meter. E eu disse a ele: ‘se eu precisasse de opinião de um macho eu tinha casado com um, ou então chamava meu pai ou meus irmãos. Na minha casa mando eu’. Ele disse que era falta de macho, por sermos duas mulheres sozinhas”.

O relato de Célia revela um dos sustentáculos do pensamento patriarcal e heterocentrado: a incapacidade de reconhecer que uma mulher estar com outra mulher configura uma companhia, não necessitando, portanto, da presença de um homem cisgênero. Ver duas mulheres juntas e achar que estão “sozinhas” – ainda

---

43. O óleo bruto que Gêlda cita na conversa é referente ao vazamento que gerou um gigante desastre ambiental. Ocorrido em 2019, atingiu pelo menos nove estados do Nordeste. Você pode ler mais sobre esse assunto aqui: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50131560>>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

que juntas – é uma das inúmeras violências de gênero que as mulheres sofrem, sejam elas lésbicas, bissexuais ou heterossexuais<sup>44</sup>. No caso de Célia e de Gêlda, é a tentativa frustrada do machismo estrutural em atacar e desvalidar o casamento e a união das duas agricultoras.

Célia afirma que “ser mulher é um desafio porque você já nasce guerreira. Não é fácil viver numa sociedade machista, patriarcal, homo e lesbofóbica, com todo tipo de fobia que existe nesse tipo de sociedade. Lhe criticam porque você é mãe e deixa o filho em casa, lhe criticam porque você é lesbica. Lhe criticam ‘só fala assim porque quer ser homem, porque é lesbica’, e eu retruco ‘eu falo assim porque eu sou mulher e não vou deixar homem nenhum me engolir’. Nós já nascemos vencedoras e guerreiras, já viemos com um peso muito grande nas costas. Você ser mulher, dona de casa e mãe já é difícil, imagina ser dona de casa, lésbica, e morarem duas mulheres na zona rural”.

A história de ambas é de muita resistência, tanto por conta das questões de saúde, financeiras, do clima, como também estruturais do patriarcado. Se hoje Célia só se queixa de cólicas menstruais como desequilíbrio de saúde, é porque hoje vive em dias menos turbulentos com a ameaça de violência. A agricultora conta que a infância foi muito difícil por conta do pai. Ela diz que “era bruto demais. Não tinha carinho, nem afeto. A mãe era muito oprimida. Se separou do pai por ameaça de feminicídio”. Célia conta que quando era criança ela e os irmãos costumavam acordar com os gritos do pai ainda na madrugada, para que fossem trabalhar. Tinham medo dele por seu jeito rígido e violento. Embora não bebesse, “de noite entravam uns espíritos nele e queriam matar a família. Ele dormindo do nada levantava da cama e começava a amolar a faca. Ninguém dormia com medo de morrer”. Célia conta que só foi aprender a dormir depois de casada. De modo geral, a infância e o início da adolescência foram marcadas por pouca comida, “pouco tudo, era a gente sempre trabalhando pesado e não via retorno em nada. Se ganhasse um cabrito, uma galinha, o pai vendia”.

Conta ela que aos 17 anos teve uma depressão muito grande. “Eu não suportava ouvir a voz de ninguém. Até que eu conheci um médico que me tirou desse estado. Eu cheguei de cadeira de rodas, já tinha tido duas paradas cardíacas. Eu não falava mais, não comia. Ia morrer, o corpo estava parando de funcionar. A mente também já não dormia. Mas o médico quis conversar comigo e ele disse: ‘Bom

44. Faz-se relevante lembrar que em 2016 duas jovens argentinas foram assassinadas no Equador enquanto faziam uma viagem de férias. Além da comoção pela morte, criou-se na internet as hashtags #ViajoSola e #Viajosozinha para defender o direito da mulher de ir e vir. Além disso, as hashtags confrontaram a violência sistêmica de afirmar que as duas estavam viajando “sozinhas”, já que eram duas e estavam juntas. Esse tipo de comentário não existiria se o mesmo estivesse ocorrido com homens. Você pode relembrar dessa notícia aqui: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/viajosozinha-como-morte-de-duas-turistas-argentinas-levou-debate-sobre-assedio.html>>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

dia. O que aconteceu?', e eu não respondia. E ele começou a puxar assunto, falar sobre o meu passado. Quando eu me dei por mim, eu estava falando e em pé. No final das contas, o médico me disse: 'Faça o que gosta', e eu gostava de dançar".

Hoje, vivendo em Areia com a esposa Gêlda, Célia sonha em vê-la bem. "De 10 anos de casamento, nós vivemos 3 anos com ela bem de saúde. Meu sonho é que ela fique boa". Um outro sonho é passear por Minas Gerais. Dos sonhos que já realizou, ela fala da casa própria. "Por mais simples que seja, você não pagar aluguel é um sonho pra qualquer mulher". Em breve, Célia quer ter um galinheiro para produzir a própria carne. "Eu já tive mais de 100 galinhas aqui. Mas tem que escolher: ou galinhas, ou a horta. E eu preciso da horta para pagar as contas".

Joana Célia de Lima Moura  
Gêlda Maria dos Santos Moura  
Marina Serra Murta Maia





# **Mulheres camponesas e seus territórios: construindo a segurança alimentar e nutricional em Pernambuco**

## **| Mulheres camponesas e seus territórios: construindo a segurança alimentar e nutricional em Pernambuco**

Pensar em territórios é pensar em pertencimento, identidade, relação profunda com a cultura, modos de vida, ambiente e todas as dinâmicas desse lugar-fazer. Nessa relação coevolutiva entre seres humanos e o ambiente, as mulheres desempenham um papel central em todas as dinâmicas que ocorrem na propriedade e nos territórios que atuam. Seja selecionando material genético, animal ou vegetal, que contribuam para a segurança alimentar e nutricional das famílias, ou construindo outras estratégias que contribuam para a manutenção e/ou melhoria dos seus modos de vida.

Tudo isso pode ser observado nas ações das mulheres camponesas de Tracunhaém e de Lagoa de Itaenga. Apesar de serem mulheres com histórias diferentes no percurso do acesso a terra, percorreram caminhos semelhantes e se reencontraram a partir de sua origem, enquanto mulheres negras e camponesas.

O projeto construiu espaços para o compartilhamento dessas histórias de vida e foi mais adiante quando construiu estratégias de comercialização para garantir a geração de renda, indo além do fluxo de produtos e promovendo o fluxo de conhecimentos.

Assim, surge a Feira Agroecológica Territórios Livres do IFPE–Campus Vitória de Santo Antão, quinzenalmente, fruto da parceria da ABA com o IFPE–Campus Vitória de Santo Antão e com as mulheres dos Assentamentos Chico Mendes, Ismael Felipe, Nova Canaã, em Tracunhaém, e das comunidades de Imbé e Marreco, ligadas à ASSIM, em Lagoa de Itaenga. A Feira se consolida não só como espaço de comercialização, mas também como um ambiente de valorização dessas mulheres e de seus modos de vida, possibilitando a socialização e os diálogos de saberes, em que elas compartilham seus sentimentos, suas experiências, modos de produção, formas de agir, receitas e visões de mundo.

Nessa caminhada estão Dona Miriam, Auda, Alba, Lucilene (Dona Dora), Lenilda, Severina Fátima, Fátima (Dona Ia), Leninha, Rosinete, Veronice, Maria José, Maria Jorge e tantas outras mulheres que, em seus territórios e em seus cotidianos, constroem estratégias para o bem-viver, e que têm promovido a sensibilização de

jovens estudantes, professores/as, técnicos/as e o público em geral, em relação à produção de alimentos. Essas mulheres contaram suas histórias sobre o impacto dos agrotóxicos em seus territórios, mostraram suas estratégias de resistência, e trouxeram seus produtos in natura e beneficiados, que são frutos dessa resistência que já estava lá, em cada ação, e que começa a ser vista fora dos seus territórios.

Sentir-pensar as realidades vivenciadas tem sido o guia da equipe do IFPE-Campus Vitória de Santo Antão para construir com elas novos projetos em que possamos atuar conjuntamente, fortalecendo e dando visibilidade às suas ações. Pois são elas que tomam a frente e que realmente tem construído os Territórios Livres de agrotóxicos, do patriarcalismo, do racismo, da fome e da miséria. E para elas, todo o nosso reconhecimento e agradecimento. Viva as mulheres camponesas!

Gizelia Barbosa Ferreira, Wellington Costa da Silva, Luana Maria Jesus Moraes Lima, Renata Andrade Lima, Andressa Lauanda Lima Silva, Pablo Agnaldo do Nascimento Santos, Antônio Carlos Assis Reis, Talysson Daniel Santos da Silva e Gilberto Silva Soares, IFPE – Campus Vitória de Santo Antão.



## Cuidar da terra é cuidar de si

Veronice Maria da Silva é conhecida também como Vera e vive em Marrecos, onde nasceu e cresceu. Vera é formada em Letras – Inglês e já fez de tudo um pouco na vida: viveu uma vida religiosa em congregação, já foi auxiliar de produção em uma fábrica de chocolate, professora. “Passei por vários processos, mas não me encontrava. Eu me sinto muito bem nesse ambiente que eu estou, depois de tantos processos que passei, deixar de ser agricultora nunca mais. Posso fazer outras coisas para agregar, mas deixar de ser agricultora, não. Porque é onde eu me identifico, é onde eu me sinto mais favorável para o meu desenvolvimento enquanto pessoa”.

Vera sempre esteve envolvida com plantio. Em 1999, surgiu o SERTA – Serviço

de Tecnologia Alternativa, que chegou à região por meio de alguns agricultores/as que estavam frequentando as formações. Vera conta que “a agroecologia foi chegando por intermédio desses agricultores, depois o meu pai e o irmão começaram a participar dessas formações. Então a partir desse incentivo, eles começaram a plantar. Cavaram uma cacimba para ajudar na produção e logo começaram a levar os produtos para feira de Olinda e Boa Viagem. Eles foram aprendendo um jeito novo de plantar. Na época chamavam de hortaliças orgânicas, aprenderam a importância de um solo rico em nutrientes, da diversidade de coisas, de plantas, enfim, um jeito diferente de cultivar, de agregar valor à produção”. A forma de manejar o solo foi sendo adotada pela família que, mesmo antes, quando plantavam no moldes convencionais<sup>45</sup>, nunca utilizaram venenos, “nem pra matar o alho, nem nada, a gente sempre usou alternativas naturais. Naquele tempo nós plantávamos macaxeira, cará, fava, feijão, batata doce, tudo era cultivado para o consumo da família, não comercializávamos”.

Na propriedade da família existe uma casa de farinha, onde Vera beneficia a mandioca na produção de goma, farinha e beiju. Também beneficia a cúrcuma e o urucum. Existem duas propriedades, uma que é da família e outra que é de Veronice. Cada pessoa da família é destinada a cuidar de áreas diferentes da produção. Uns plantam macaxeira, inhame, batata doce, enquanto outros ficam responsáveis por cuidar das hortaliças. Tem também os que cuidam dos gados de corte, e Veronice fica na parte do beneficiamento. Assim, todos colaboram para a produção na propriedade.

A diversidade de frutíferas agroecológicas é grande. Durante a visita, a equipe viu seriguela, cajá, acerola, caju, mamão, manga, sapoti, goiaba, pinha, jaca, pitanga, amora, coqueiro e maracujá. Além das frutas, tem o cultivo de algumas hortaliças, como alface, couve-flor, coentro, rúcula e agrião. Observamos também algumas medicinais, como os manjeriço roxo e verde, além de erva cidreira. A criação de animais abrange porco, bode, carneiro, vaca e boi de corte. Uma outra fonte de renda da família são as flores que são cultivadas para comercialização em feiras.

Maria Severina da Silva, conhecida na comunidade como Maria do Machado, é a mãe de Veronice. Ela conta que começou a trabalhar aos 7 anos. Ainda não sabia trabalhar, mas começou ajudando o pai no roçado. A função de Maria era arrancar os matos, mesmo errando, aprendeu como diferenciar mato de feijão

---

45. Canteiros com uma única espécie plantada. Monoculturas.

e de milho. Os pais não tiveram muito acesso à educação formal. Maria acabou impedida de acessar o Ensino Fundamental II<sup>46</sup>, porque não havia escola em seu município. Ela conta com muito carinho que a avó, que diz ter sido uma mulher muito trabalhadora, lhe ensinou a ter gosto pelo plantio. “A gente tem que plantar, tem que cultivar! Porque quanto mais a gente planta, mais um dia a gente vai melhorando a produção e as nossas condições”, relembra Maria, das palavras e dos gestos de incentivo da avó. E assim ela tomou gosto pelo roçado, mesmo sem muita formação.

Conta Maria que brincavam, faziam casinha de boneca e almoçavam no roçado mesmo. E que no dia que saiu a aposentadoria da avó, ela lhe disse: “Minha neta, vou comprar uma vaquinha pra você fazer a sua vida”. E então ela foi à casa da vizinha e disse que compraria a bezerra. E assim foi. Maria conta, sorrindo largo, que até hoje tem frutos da vaquinha que foi dada de presente a ela pela avó. Uma bezerra de ouro.

O pai de Maria queria que ela vendesse a vaca. Maria não deixou, e conta que criou 11 filhos com essa vaquinha: “Todo ano a vaquinha tinha filho e eu também tinha. E então, eu não comprava leite, a vaca dava muito leite”. Os filhotes da vaca também foram presentes de Maria a seus filhos. E assim os filhos cuidam do gado. Sobre o quintal, Maria do Machado fala que para ela “o quintal é tudo na nossa vida. Tudo o que eu ponho pros filhos, netos e bisnetos, tudo vem do quintal. Eu me casei, tive esses meninos tudinhos, mas nunca me afastei do meu quintal. Cultivo coentro, cebolinha, chás. Tudo tem aqui”.

O sonho de Maria é que todos trabalhem e vivam do quintal. “Meu filho saía pra trabalhar na cana de açúcar e eu dizia: meu filho, nosso quintal dá pra viver dele, não precisa trabalhar fora. Então, esse ano ele não saiu e ficou aqui. Comprei mais boi e agora estamos aqui, vivendo do quintal. As carnes dos bois são saudáveis e aqui podemos vender pra comunidade e ter para o próprio consumo”.

A tia de Veronice, dona Josefa Severina Barbosa, é chamada de Finha desde pequena. Passou a gostar muito de flores por causa de sua mãe, que gostava muito de plantar e lidar com as plantas. O que mais gosta de fazer no quintal é plantar. Conta que está aprendendo a plantar agora, pois “quando era solteira, só limpava”,

---

46. Da antiga quinta série em diante.

agora que passou um tempo em São Paulo, desde seus 20 anos, diz que “aprendeu a voar”.

Sobre a infância, conta que “queria passear e me divertir, mas não podia, meu pai botava pra trabalhar”, narrando que não teve a “alegria de ser criança”. Fala que a lembrança de seu pai não é muito boa, porque “era só trabalhar”. Sobre sua mãe, lembra que ela era “muito recolhida, tinha muito medo de gritar o que ela era”. Dizia para sua mãe que “ela tinha que ser mais forte e determinada”. Da sua avó, gostava demais, pois a mesma dizia que “ela devia ser determinada”, e a recorda como uma referência de mulher muito mais forte.

Passou a gostar muito de flores por causa de sua mãe, que gostava muito de plantar e lidar com as plantas. O quintal, para dona Finha, é “cultivar, plantar. Eu me divirto e ocupo a mente trabalhando junto a terra, ninguém fica perturbando a sua mente”. Ela conta que nunca esqueceu a terra, mesmo quando foi morar em São Paulo. Finha se diz convicta que ser mulher é ser guerreira: “Ser determinada, saber o que quer”. Seu sonho é ter uma casa maior, e atualmente mora na casa de seus pais enquanto termina a construção da sua.

Conta que quer ter uma piscina e ficar em repouso refrescando a mente. Já realizou o sonho de ter uma casa em São Paulo, que deixou com sua filha. Não tem mais vontade de voltar para lá, diz que cansou da cidade.

Veronice Maria da Silva  
Josefa Severina Barbosa  
Maria Severina da Silva  
Marina Serra Murta Maia



## Maria José de Santana



### Tudo está em seu devido lugar

Nos arredores da casa de Maria José de Santana Silva – conhecida carinhosamente por Dona Mocinha – há muita boniteza para ser avistada. Do lado esquerdo da residência passa uma pequena estrada margeada com alguns coqueiros, e no meio disso tudo, a casa parece abraçada pelo jardim, composto pelas cores diversas dos crisântemos e onze-horas. A paisagem bucólica é tão convidativa que os pés de mamão, limão e manga parecem insistir em acompanhar a harmonia das flores.

O sítio está localizado na comunidade de Marrecos, no município de Lagoa de Itaenga<sup>47</sup>, Pernambuco, e como ela nos contou: “Tudo está em seu devido lugar”. Para Dona Mocinha, “o quintal para mim é limpo, é ter minhas plantas, minhas fru-

47. Localizado na Mata Norte de Pernambuco, o território rural é composto por 19 municípios: Aliança, Buenos Aires, Camutanga, Carpina, Chã de Alegria, Condado, Ferreiros, Glória do Goitá, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa de Itaenga, Lagoa do Carro, Macapara, Nazaré da Mata, Paudalho, Timbaúba, Tracunhaém e Vicência.

tas, minhas hortalças tudo arrumadinhas”, confirmando a nossa primeira impressão. Ainda sobre a sensação que tem diante da organização do espaço construído pela família, principalmente fruto dos seus cuidados enquanto mulher camponesa e mãe, ela diz poeticamente que o quintal “é você abrir a porta de manhã logo cedo, ver a brisa do sol bater no seu rosto e dizer: mais um dia de lutas e batalhas, que a gente vai prosseguir até o final da tarde”, ensina o seu mantra matinal.

Na pequena propriedade, existe uma casa de farinha que Dona Mocinha deseja muito reformar, pois ela tem grande importância para a comunidade local, já que é onde se beneficia a mandioca na produção de farinha, beiju, goma e massa de mandioca. A renda principal vem do quintal, porém, ela e o esposo trabalham fora de casa para dar conta das despesas com a criação dos quatro filhos, crianças e adolescentes, e que Dona Mocinha faz questão de nomear na sequência do/a maior para o menor: Beatriz Vitória, Bianca Maria, Arthur Guilherme e Brenda Manoela.

Na área de pouco menos de 1,5 hectares, as atividades estão divididas entre a criação de animais, a horta e os roçados. Em frente à residência de Dona Mocinha, a horta traz muita diversidade, incluindo a produção contínua de coentro, rúcula, alface, rabanete, cebolinha, acelga, alho poró, cebolinha de cabeça, agrião, quiabo, pimenta de cheiro, pimenta biquinho e tomate. Por trás da casa tem a plantação de abacaxi e banana, e no fundo da propriedade ficam os porcos, as galinhas e os bodes.

No sítio, o casal divide a responsabilidade pela criação dos animais, eles compram os porcos pequenos e depois da engorda, vendem para o corte. Os caprinos exigem cuidados pontuais com a ração, por isso ficam sob o encargo da sogra de Dona Mocinha, a aposentada Maria Jorge Santana da Silva. A agricultora pernambucana acrescenta que o casal sai para trabalhar de madrugada e não têm hora para chegar em casa, “quem é que vai cuidar? Vai deixar o bicho passando fome? Não. O porco, já digo assim, o meu filho Arthur Guilherme vai e bota uma ração, entendesse? O meu esposo, antes de sair, vai e joga uma ração”, justifica.

A vida de uma mulher camponesa é marcada pelo volume de trabalho exaustivo e desigual, pois além dos conhecimentos passarem pelas mãos e coração delas, ainda enfrentam as discriminações de gênero em seu cotidiano familiar. Dona

Mocinha conta que “por ser mãe de três, quatro filhos, parece que a gente não pode ir além, não pode trabalhar. Aí quebrou a cara, porque você tem que trabalhar para conquistar o que é seu, para não estar dependendo de ninguém, entendeu?”, rebate os estereótipos da sociedade patriarcal.

Pensando na criação dos pequenos, ela conta com a rede de apoio familiar, quando falta algum/a professor/a na escola, os filhos ficam na casa da avó, “eu não tenho medo que falte comida, tenho medo que falte educação, entendesse?”, reafirma. Durante a infância, Dona Mocinha também contou com o aconchego da avó paterna, Dona Luiza, e ela reconhece que caso algum filho caia doente ou necessite de atenção e cuidado, haverá sempre uma mãe por Beatriz, Bianca, Arthur e Brenda.

Nos últimos quatorze anos vivendo no sítio, Dona Mocinha aprendeu a andar coletivamente, por isso tem participado da Associação dos Produtores Agroecológicos e Moradores do Imbé, Marrecos e Sítios Vizinhos (ASSIM). Em suas vivências, aprendeu em comunidade que precisa se emancipar e valorizar cada passo trilhado a favor da agricultura agroecológica, pois são as mulheres que cuidam da produção livre de veneno. Refletindo sobre isso, Dona Mocinha se orgulha inclusive da insistência em garantir a certificação dos produtos orgânicos<sup>48</sup> produzidos pela família na pequena propriedade, pois “se é para eu levar o alimento à sua mesa, uma comida saudável, então vamos trabalhar pelo certinho”, defende.

Maria José de Santana Silva  
Rosânia do Nascimento

---

48. Lei Nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003, publicada no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no qual o Ministério do Meio Ambiente estava a cargo da ministra Marina Silva.



### **“Nosso espaço, nossa terra”**

Na comunidade de Marrecos, no município de Lagoa de Itaenga, Pernambuco, vive a família Freitas. O envolvimento com a agroecologia é contado por três mulheres agricultoras, uma mãe e duas filhas. No início do século XX, o bisavô paterno de Maria José de Freitas e Silvânia Maria de Freitas, o Senhor Fortunato, tinha “uma mercearia em área de engenho e lá ele tinha as áreas que arrendava e produzia. Com o dinheiro das vendas da produção, conseguiu comprar um sítio numa área de 19 hectares. Quando ele faleceu, essa terra ficou para os filhos e a gente, os netos, ficaram com 2 hectares e 4 contas”, relata primeiramente, Maria José.

No entanto, as heranças familiares dependem das contingências, como nascimento, morte e a própria disputa pelos bens e propriedades, alterando com-

pletamente o curso da vida da descendência. Foi o que aconteceu com a avó, herdeira de Maria e Silvânia, Dona Severina, que ficou viúva muito jovem tendo que cuidar sozinha dos filhos. Nesse tempo, o pai, Arnaldo Sebastião de Freitas, estava com apenas 8 anos de idade, então, a família seguiu para o Recife a convite de uma tia que exercia a função de trabalhadora doméstica.

Tratando-se de uma região marcada pela concentração da terra nas mãos dos proprietários das usinas sucroalcooleiras, o destino da pequena propriedade da família não fugiu à lógica capitalista, como Maria José documenta:

As terras ficaram um pouco abandonadas, ninguém tomava conta, era uma campina muito grande, não tinha fruteira, não tinha nada. Há 28 anos na atual área em que residimos, meu pai resolveu vir morar no Sítio Batalha, até então ele trabalhava em áreas cedidas da barragem do Carpina, e ele veio tomar conta aqui da terra. De início foi uma luta porque a família não queria entregar a documentação. Mas mesmo assim conseguimos construir a nossa casa com muito esforço.

A engenheira agrônoma Maria José catuca as lembranças de menina a fim de demonstrar os desafios enfrentados pela família na década de 1990. Ela tinha cerca de 5 anos de idade, mas recorda que os tijolos da casa foram feitos pela família de forma manual. Como a área estava abandonada há anos, os beneficiamentos dos roçados, quintal e residência foram iniciados conjuntamente. Assim, a mãe, Maria Luiza, carregava baldes e mais baldes de água na cabeça para poder fazer os tijolos. Contando com a colaboração de amigos/as da família, em um mutirão conseguiram finalizar a construção da casa.

Passados alguns anos, o pai seguia trabalhando nas plantações de cana da região. Do outro lado, Maria Luiza insistia na criação de pequenos animais no quintal da família, trazendo as filhas para a lida diária. As melhorias começaram a chegar no início dos anos 2000, quando a filha caçula do casal, Rubenice, avançou nos estudos e por meio disso ela participou do PETI<sup>49</sup>. Como se sabe, um dos propósitos desta iniciativa de erradicação do analfabetismo escolar era o envolvimento da família. Dona Maria Luiza começou a participar das formações políticas e das capacitações apoiadas pelo SERTA, em Glória do Goitá. Tudo isso aproximou a família dos projetos voltados para a comunidade de Marreco e, mais tarde, a família Freitas começou a produzir alimentos orgânicos e a comercializá-los em pontos e feiras do Espaço Agroecológico de Boa Viagem, no Grande Recife.

49. O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) teve início, em 1996, como ação do Governo Federal, com o apoio da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para combater o trabalho de crianças em carvoarias da região de Três Lagoas (MS). Sua cobertura foi, em seguida, ampliada para alcançar progressivamente todo o país num esforço do Estado Brasileiro para implantação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento do trabalho infantil, atendendo as demandas da sociedade, articuladas pelo Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI). Em 2005, ocorreu a integração do PETI com o Programa Bolsa Família, o que trouxe mudanças significativas para o aprimoramento da gestão da transferência de renda. Disponível em: <<https://>

Para Maria José, as políticas públicas implementadas a partir do ano de 2005 na região foram determinantes na vida da família. Ela faz questão de destacar o papel desempenhado pelos movimentos sociais, entidades e, principalmente, pelos projetos advindos da extensão rural levada para o município pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Com isso, as filhas de Maria Luiza começaram a sonhar com um diploma acadêmico.

Mais tarde, Maria José se formou engenheira agrônoma e “minhas irmãs são técnicas e a mais nova, Rubenice, é formada em agronomia e tem mestrado. Estamos dentro de um projeto voltado para idosos aqui na comunidade, pelo Conselho de Idosos de Lagoa de Itaenga, para fortalecer esse nosso trabalho de agroecologia”, conta orgulhosa.

Maria José nos conta ainda que “o trabalho começou com as plantações de inhame, mandioca e batata doce”. Depois, ela e a família fizeram cursos de capacitação para trabalhar com hortaliças. O quintal produtivo “é onde você pode ter uma diversidade de alimentos, desde o plantio de hortaliças à criação de pequenos animais, é onde tem a nossa fonte essencial de alimentação e bem-estar”, acrescenta a engenheira agrônoma Maria José. Na horta, plantam-se espécies alimentícias, medicinais, culturas de alface, cenoura, pepino, cebolinha, alho-poró, rabanete, rúcula e espinafre. O pomar enche de orgulho e garante boa parte da renda familiar, conseguindo produzir frutas típicas como seriguela, sapoti, pitomba, cajá, caju, umbu, tamarindo e jenipapo.

Quando perguntada em relação aos projetos atuais da família, Silvânia conta que hoje a família usa a cozinha da casa, por isso, o desejo em construir, de fato, uma agroindústria familiar, no intuito de aumentar a produção para alcançar a credibilidade e o maior número possível de feiras, espaços agroecológicos, empórios e, quem sabe, até os supermercados da região. Ela trabalha com o beneficiamento das hortaliças e costuma cuidar também das criações de animais, como galinhas, guiné e patos. A irmã, Maria José, arremata dizendo que o quintal produtivo “é onde tem todo o nosso resultado da qualidade de vida. É uma terapia ter esse contato com o solo, com a natureza, e nos permite muita saúde”, conclui.

Maria José de Freitas  
Maria Luiza Ferreira de Freitas  
Silvânia Maria de Freitas  
Rosânia do Nascimento



## Sítio Alegria, um sonho realizado

As feiras atravessam a história da humanidade. Em dias específicos como fins de semana ou datas festivas, lá estavam as camponesas com os seus produtos à mostra em uma banquinha, espalhadas por diversos espaços públicos. As feiras exalam cheiros, texturas, sabores, circuitos, itinerância, sociabilidades e vivências. Lembrando que nem sempre a moeda corrente de um país foi o meio primeiro ou a razão crucial para que as pessoas pudessem trocar e compartilhar, afinal, o ato de mercadejar se fundou em lugar político e cultural.

Hoje, essa premissa não é diferente. As mulheres agricultoras da Zona da Mata, Norte de Pernambuco, têm nos ensinado que as feiras ressignificam os lugares de aquisição e trocas de habilidades e conhecimentos, possibilitando o pro-

cesso de emancipação feminina, a valorização e o reconhecimento social do trabalho exercido por elas nos roçados e quintais produtivos (Siliprandi, 2015).

Dos quintais produtivos até as feiras e os espaços agroecológicos da Região Metropolitana do Recife, os caminhos são trilhados pelas agricultoras como Rosinete José da Silva, conhecida por Nete, natural de Carpina e residente em Lagoa de Itaenga. Às quartas-feiras, ela leva para o Espaço Agroecológico de Santo Amaro, localizado na Praça do Campo Santo, no Recife, alguns caixotes de frutas: manga, caju, jaca; hortaliças: alface, cebolinha, cebola, quiabo, salsa, pimenta de cheiro, alho-poró, jiló, acelga, rúcula, coentro; além de plantas medicinais, como o capim santo, o manjerição roxo e verde, a hortelã miúda e a erva cidreira.

Aos sábados, Nete marca presença no Espaço Agroecológico de Setúbal, localizado na Avenida Marechal Juarez Távora, no famoso bairro de Boa Viagem. A agricultora conta que a decisão de participar desses espaços alinhou-se à defesa da agricultura de base agroecológica, pois, como ela diz: “Graças a Deus não se utiliza agrotóxicos. A gente já começou no orgânico, temos certificação. Para mim, os agrotóxicos são um prejuízo à saúde. Se o povo bem pensasse, nunca usava”, acrescenta.

Da infância, ela guarda boas memórias, diz que o pai foi uma pessoa ímpar em sua formação humana e marcante na construção da identidade camponesa. Há 14 anos, infelizmente, ele faleceu. A mãe, ainda viva, soube educar os filhos com firmeza e ternura, rompendo os paradigmas patriarcais da sua época para trabalhar fora de casa como professora. Nete aprendeu a mexer no quintal com a avó. Os laços de parentesco maternos se entrelaçam à raiz mais conhecida da cultura do Norte e Nordeste, a macaxeira. Uma planta que produz muitos produtos – como farinhas, raspas, massa de puba, tapioca, beiju e álcool – aproximou Nete, sua avó e a agricultura, pois foi ela que lhe ensinou os primeiros segredos para vingar as sementes na terra.

Depois de outros atravessamentos próprios da vida, Nete retomou a lida com a agricultura junto da filha mais velha. Dessas mãos nasceram os primeiros pés de coentros, e a partir daí, começaram a plantar outras hortaliças. Elas gostaram tanto dos processos e dos resultados, que o quintal, que começou pequenininho, agora está grande. Os animais (galinhas, perus e carneiros) também foram incorporados

à pequena propriedade. Rosinete diz que “quando a gente começou a morar aqui, era só ao redor da casa mesmo. Eu tinha o sonho de ter o sítio e de trabalhar”, hoje o Sítio Alegria é um sonho concretizado.

A principal fonte de renda da família provém da prefeitura municipal e do quintal produtivo de quase 1 hectare, no qual trabalham a agricultora, “o meu esposo, a minha filha, meu genro e mais uma pessoa de fora que ajuda também”. No total, são quatro filhos, sendo que duas moram atualmente em outro estado. A luta das agricultoras agroecológicas se dirige a enfrentar as várias dificuldades, como o acesso à água potável, “mas através do Pronaf<sup>50</sup> conseguimos cavar um poço, e graças a Deus conseguimos a nossa água, e assim a gente vai levando a nossa vida. E isso é edificante por tudo o que eu tenho no quintal produtivo. Eu pensava que nunca ia conseguir cavar um poço, porque o povo dizia que era caro”, explica.

Para além dos entraves nos acessos aos recursos naturais e materiais, as agricultoras enfrentam as desigualdades na intersecção de gênero, classe, raça/etnia, região e territorialidades. Para chegar nas madrugadas de quartas e sábados na Região Metropolitana do Recife, as agricultoras agroecológicas de Lagoa de Itanga atravessam estradas vicinais ruins e problemas com a logística dos produtos, pois muitas não possuem automóveis particulares, precisando do apoio das secretarias municipais e estaduais. Nesse sentido, a participação e o envolvimento dessas mulheres agricultoras com os movimentos sociais e as redes autônomas são decisivos para repensar a representação e o reconhecimento delas nos espaços públicos e privados.

Foi pensando nisso que Rosinete reelaborou os significados referentes à sua posição como presidenta eleita da Associação dos Produtores Agroecológicos das Comunidades Imbé, Marrecos e Sítios vizinhos (ASSIM). Ela diz que “eu já fui presidente uma vez, mas a maioria das coisas quem resolvia era um menino que tinha aí. Aí eu dizia que não queria mais ser presidente não, porque no dia que eu for presidente, ou eu sou ou eu não sou. Meu Deus, que coragem que eu tive. Será que sou eu mesmo?”, relata. Desse modo, a agricultora demonstra como a ousadia e a autoafirmação foram centrais para fortalecer o gozo e direitos plenos à sua presidência.

Rosinete José da Silva  
Marina Serra Murta Maia

50. No período do Governo Bolsonaro, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e outras políticas públicas para o campo passaram por um processo de contrarreforma agrária, como defende o geógrafo Paulo Roberto Raposo Alentejano (2020). Ver ALENTEJANO, Paulo Roberto. As políticas do Governo Bolsonaro para o campo: A contrarreforma agrária em marcha acelerada. In: Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 29, p. 353 – 392, ano 2020.

## Maria de Fátima de Souza



### Mulher, negra e camponesa!

Para muitas agricultoras do município de Lagoa de Itaenga, no estado de Pernambuco, o quintal é o conjunto dos arredores de uma casa. Essa também é a compreensão da senhora Maria de Fátima de Souza, carinhosamente chamada, em sua comunidade, de Dona Ia. O apelido com apenas duas vogais soa muito afetivo aos ouvidos atentos à sua história de luta. Ao mesmo tempo, a agricultora revela que o problema de saúde que acomete a sua coluna vertebral é decorrente dos intensos anos dedicados ao trabalho com a agricultura e a criação de animais. Como toda criança camponesa, o trabalho começa acompanhando a família nas lidas diárias dos roçados.

Enquanto uma senhora negra, Dona Ia, que com muito orgulho se autodeclara

pretinha, carrega no corpo as marcas de quem teve que lidar desde muito cedo com a exploração do trabalho e, por consequência, com as opressões históricas e sociais que cercam as mulheres negras camponesas.

Por outro lado, é preciso reiterar que são as mulheres negras que seguem à frente da produção de alimentos na agricultura familiar. Elas que avolumam a linha de frente dos acampamentos e assentamentos rurais no Brasil (Pacheco; Pereira, 2017)<sup>51</sup>, pois se tem sido dito que os alimentos chegam à mesa dos/as brasileiros/as pela força dos pequenos produtores rurais, é preciso reconhecer que essa produção se dá na intersecção de territorialidade, região, raça, classe e gênero, fruto de histórias negras femininas carregadas nos corpos-documentos das camponesas nordestinas, como Dona Ia (Nascimento, 2021).

Da família, Dona Ia faz questão de olhar para o passado ressignificando a figura do pai, José Severino de Lima, “hoje me arrependo por não ter estudado, mas não foi porque o meu pai empatava. Vejo pessoas que dizem que o pai não as deixava estudar. Não, eu não. Estou com 52 anos, então, uns anos atrás a gente não pensava no amanhã”. Em se tratando de camponesas negras, a construção desse horizonte social, que Dona Ia prefere chamar de “amanhã”, deve ser analisada com certo cuidado, pois o período relatado é marcado pela inexistência de políticas educacionais nacionais e estaduais direcionadas para os contextos rurais do Nordeste.

Assim, o relato recorrente de camponesas que abandonaram a escola deve-se muito ao machismo impregnado nas figuras do pai, irmãos e cônjuges. Ao mesmo tempo, é preciso salientar outro prisma, pois o analfabetismo continua sendo um projeto do Estado que afeta, ainda hoje, a maior parcela desses idosos (Peres, 2011)<sup>52</sup>. Como nos ensina Dona Ia, ela lutou para que os filhos e filhas tivessem outras lentes para enxergar a educação, “eu mesma tive os meus filhos, incentivando muito para eles estudarem, o pai dos meus filhos não conseguiu estudar por causa do pai, ele perdeu a mãe muito novo, então, ele não teve a oportunidade de estudar. Hoje, graças a Deus, as minhas filhas estudaram”, conta orgulhosa.

Para Dona Ia, o seu modo de vida passa pela valorização da ancestralidade. Ela recorda que foi seguindo os ensinamentos maternos que aprendeu a lidar com a terra, com os animais, fazendo farinha, colhendo feijão de corda. Tudo isso fez

51. “A resistência negra brasileira também é mulher negra camponesa”. Disponível em: <<https://mst.org.br/2017/11/30/a-resistencia-negra-brasileira-tambem-e-mulher-negra-camponesa/>>.

52. Cf. PERES, Marcos Augusto. In: Revista Sociedade e Estado – volume 26, número 3. Setembro/Dezembro, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/FzpMmtCqpRNfzPFxbKHfd9D/?lang=pt>>.

questão de passar adiante para os filhos Tiago Manoel e Jadilson, que desde pequeninos tinham gosto por aprender as artes da terra. “Meus meninos, pequeninhos, já tinham vontade de trabalhar, já queriam aprender a mexer na casa de farinha, a plantar uma macaxeira, um feijão”, conta.



Embora as filhas Maria José e Tarciana Maria, que migraram para São Paulo, estejam bem, levando a vida, Dona Ia desabafa que “é difícil a distância, mas é melhor elas estarem lá para não ter que trabalhar com a enxada”. A agricultora não quer que as filhas, que estudaram muito, também tenham hérnia de disco, como ela. No entanto, estar longe de quem a gente ama e quer bem não é confortável. “Quem sabe um dia elas não retornem para o sítio que foi dos seus pais”. A prece é feita próxima da casa de farinha construída na época de sua mãe, Maria José de Lima.

Maria de Fátima de Souza  
Rosânia do Nascimento  
Marina Serra Murta Maia





## **O recomeço**

### **O quintal de Dona Zezinha**

Residente do Assentamento Chico Mendes I há 25 anos, no município de Tracunhaém, Pernambuco, Dona Zezinha conta que não gosta de ficar parada. O ofício de agricultar é justamente para quem tem gosto pela mudança, pois a cada dia há diversas novas tarefas por fazer: uma planta que nasce, um milho que já se pode colher, um feijão que já está na hora de bater, as galinhas para alimentar e até mesmo o solo, que também precisa ser alimentado, para melhor desenvolvimento das plantas.

Ela nos conta que seus pais eram agricultores e que foi assim que ela aprendeu o ofício com o qual até hoje se ocupa. “O quintal é maravilhoso. Pra mim é uma

terapia. A gente planta, colhe, vive em uma boa, não tem aperreio. Pra mim é maravilhoso, eu gosto". Mesmo sob o sol quente, ela gosta muito de trabalhar e mexer na terra. Conta que pela manhã cedo gosta de limpar os arredores da casa, pois ela acha muito lindo o "quintal todo limpinho". Após esse ritual matinal, ela cuida das plantas, sua predileção. "Onde eu ando eu levo um pé de planta", ela conta e declara que "o quintal é infinito".

Dona Zezinha conta que a conquista do assentamento é a realização de um sonho que era compartilhado com o esposo Arlindo Florentino Monteiro. Relata que passaram 5 anos em uma Fazenda Paraíso, no atual município Igarassu, que plantavam e criavam. E a dona da fazenda vendeu sem avisar ninguém.

Um certo dia, chegaram os tratores derrubando tudo. Saíram de lá sem direito a nada. Foram plantados em uma terra do cunhado de Zezinha, perto do atual assentamento de Pitanga, em Monjope. Um dia, estavam na feira e foram convidados para ocupar onde hoje é o assentamento Chico Mendes. No início, Dona Zezinha titubeou, ficou com medo de participar. Mas o esposo frequentou as reuniões, até o dia em que ele comunicou: "minha véa, hoje é o dia da gente viajar". Ela o viu pegar uns pedaços de pau e colocar no carro. E ali, decidiu que iam juntos participar da ocupação.

Ainda acampados, plantaram muitas coisas: feijão, coentro, alface, pimentão, milho, macaxeira, batata, entre outros. E, assim, iam à feira de Igarassu levar fatura para vender. Depois de 9 anos vivendo embaixo da lona preta, sendo intimidados com agressões verbais pelos opositores à ocupação do MST, o casal conseguiu ganhar a posse da terra. "A gente sofreu muito pra conquistar essa terra", ela relata, dando ênfase na palavra "sofrer".

Em 2005, foram a Brasília, Distrito Federal, com um balaio cheio de batata, macaxeira, inhame e feijão para mostrar ao então presidente Luiz Inácio Lula da Silva a sua produção. Dona Zezinha conta que ele disse: "voltem, que daqui a uns dias vocês terão a terra de vocês pra vocês trabalharem. E deu 3 meses, saiu a emissão de posse. Passamos muita coisa pra ganhar essas terras. Muita gente até desistiu. Mas graças a Deus, até hoje eu estou na minha terra e vivendo bem".

Dona Zezinha diz que tem dois sonhos para realizar. Um deles "Deus já rea-

lizou, que é a minha terra e a minha casa. O outro é um trator pra poder cultivar minhas plantas”. Nas plantações, ela usa o adubo do estrume de galinha e de boi, e se recusa com firmeza a usar os agrotóxicos: “é veneno, eu não gosto, não concordo porque ele traz muita doença”. Ela tem vontade de aprender a manejar fungos e mofos, e fala sobre a perda de jaca, que às vezes ocorre pelo mofo.

### **O quintal de Dôra**

Em 2000, com 24 anos, Dôra migrou para São Paulo. Começou a trabalhar na área da limpeza e conseguiu uma oportunidade, na mesma área, em um hospital. Mas foi ficando doente e o hospital lhe remanejou para o cargo de escriturária. Posteriormente, o hospital deu-lhe a oportunidade de fazer um curso técnico em Enfermagem. Conseguiu trabalhar na área e ali permaneceu por algum tempo. Mas o seu sonho mesmo era voltar para sua terra de origem, “lá eu já não estava me sentindo bem, o clima de lá era muito frio”, conta. Seus pais já estavam na terra onde ela vive. Conseguiu, por fim, voltar para Pernambuco.

Com o pai doente e a mãe precisando de ajuda, eles começaram a plantar e a vender os produtos, como a couve, na feira em Igarassu. “Eu queria ter um ponto de venda diferente do meu pai, porque eu já tinha a minha família. Comecei com 50 maços e terminei o ano com 450 maços de hortaliças. Tenho muitas vendas e muitos clientes. Mas, devido a pandemia isso diminuiu muito. Eu vendia 450, hoje só consigo chegar aos 150”. Até hoje, uma grande parte da renda da família de Dôra vem do quintal. O marido José Pessoa Silva, que é pedreiro, começou a sair para trabalhar fora de casa por conta das dificuldades que foram sendo acentuadas<sup>53</sup> com pandemia de Covid-19.

A infância de Dôra foi marcada pela influência do pai, que foi com quem ela aprendeu a gostar do quintal. “Tudo o que ele fazia dava muito certo. Ele é como se fosse um herói pra gente”. A mãe sempre incentivou que ela e os 4 irmãos, Lucineide, Lucicleide, Lucivaldo e Luciano, seguissem o caminho certo. “Até hoje, na nossa caminhada, nós 5 caminhamos por caminhos certos. Fui com uma irmã para São Paulo e lá nós construímos o nosso patrimônio”.

Depois de viver muitos anos em São Paulo trabalhando em uma profissão que, segundo ela, era estressante, Dôra demonstra felicidade e entusiasmo ao contar sobre o seu dia a dia com o novo ofício. “A agricultura é muito boa. A enxada mata

---

53. A economia mundial atravessou grandes transformações durante a pandemia. No Brasil, a inflação aumentou e também foi observado a perda do poder de compra de pessoas com renda de até 5 salários mínimos. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2022/03/10/analise-efeitos-da-pandemia-de-covid-19-a-alta-da-inflacao-no-brasil-e-no-mundo>>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

a fome de muita gente. Se as mulheres soubessem o quanto traz subsistência. Algumas pessoas dizem que acham feio estar segurando uma enxada. Enquanto eu sou muito grata. Porque eu não saio de casa pra trabalhar pra ninguém, eu trabalho pra mim. Eu deixei minha profissão de lado e busquei outra que realmente me satisfaz”.

Para Dôra, o quintal é tudo: “É onde eu me sinto bem do que eu faço. Eu sou grata por aquilo que eu levo para os meus clientes e eu me sinto realizada. Dá um brilho na tua vida, você sente satisfação por ser quem é e pelo o que faz. Levanta o teu astral”. Ela conta que tem 480 pés de cítricos, como laranja e limão, tem manga, goiaba, caju, coqueiro, jaca, pupunha, abacaxi, macaxeira, inhame, feijão verde, hortaliças, além de outras plantas, como romã, manjerição, hortelã miúda, anador, boldo do Chile, hortaliças e plantas ornamentais.

Além das plantações, ela cria porcos e cabras. Conta que gostaria de plantar mais frutas no quintal “até pra preservar as nascentes” presentes na região. “Somos ricos em nascentes. Aonde meu pai cavou, a gente cultiva”. Dôra conta que o marido faz muda de tudo o que ele encontra e que eles não usam agrotóxicos. “O uso de agrotóxicos não é bom pra ninguém, então a gente incentiva as pessoas a não usarem. A gente ensina como as pessoas podem adubar com resto de comida, adubo da própria cabra que a gente cria, adubo bovino”. Dôra demonstra o interesse em obter mais conhecimentos para ampliar e aperfeiçoar a sua produção e fala sobre a importância de incentivar outras mulheres camponesas a trabalharem com a agricultura familiar. Para ela, ser mulher é “ser independente, que conquista seus ideais, que não vive à sombra do outro. Eu nunca vivi à sombra de ninguém, senão à minha própria”.

Maria José da Silva Monteiro  
Lucilene Florentino Monteiro  
Marina Serra Murta Maia



## Ocupar e Resistir, sempre!

Durante o ano de 1996, a audiência televisiva permaneceu ligada à narrativa da novela *O Rei do Gado* (TV Globo). Na telinha, a disputa entre duas famílias de imigrantes italianos/as refletia como a concentração de terras e o poder econômico foram instituídas no Sudeste do país. A abertura marcada por um majestoso rebanho bovino em pastagens infinitas escondia a realidade violenta enfrentada por milhares e milhares de famílias despossuídas de terra.

Para alguns, a trama foi importante para apresentar o cenário político do campo, decorrido pouco mais de dois meses do Massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará. No entanto, o folhetim alargou na opinião pública diversos estereótipos dirigidos às comunidades negras<sup>54</sup> e ao Movimento dos/as Trabalhadores/as

54. Em sua coluna intitulada “Terra Nostra só para os italianos”, a filósofa Sueli Carneiro (2018) afirma que a trama global reforçou diversos estereótipos em relação às comunidades negras, como o servilismo e o infantilismo das personagens negras/as apresentadas aos telespectadores brasileiros. A autora afirma que a TV é responsável por fomentar o imaginário excludente e racista do Estado-nação. Ver CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Rurais Sem-Terra, como a falsa pressuposição que este último promovia a invasão ilegal das propriedades privadas.

No Nordeste, a trama televisiva insuflou o medo da violência institucional contra as experiências dos/as acampados/as do Complexo Prado, como relata Dona Zeza, uma das primeiras mulheres agricultoras a chegar na ocupação legítima do antigo Engenho Prado, em fevereiro de 1997 (CPT, 2013). Atualmente, um dos grandes desafios do MST é reconstituir a sua própria narrativa a partir das lutas políticas que protagoniza no país, pois o Governo FHC, os políticos estaduais e locais pernambucanos opunham-se desfavoravelmente à reconquista da dignidade perdida para os latifúndios do Território Rural Mata Norte.

Com o espírito de colher as histórias das mulheres assentadas agricultoras em favor da transição agroecológica, o projeto Territórios Livres aportou no Assentamento Nova Canaã, localizado no município de Tracunhaém, Pernambuco. Por lá, conhecemos Severina de Fátima Fernandes de Lira, ou simplesmente Fátima, que nos contou sobre a sua participação e engajamento, em 2007, na ocupação das terras improdutivas dos Engenhos do Grupo João Santos.

As práticas agroecológicas feministas ensinam que é muito importante ouvir as mulheres agricultoras tecerem as histórias familiares atreladas à sua trajetória de/na luta, é como quem diz, “eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita<sup>55</sup>”. Severina de Fátima Fernandes de Lira apresenta-se em primeira pessoa, assim:

O meu nome é Fátima, sou filha de Antônio e Vicência, tenho 14 irmãos, contando comigo, vim de uma família muito humilde. O meu pai desde sempre foi agricultor. Nasci no município de Goiana e o meu pai sempre trabalhou como agricultor, mas ele nunca teve a sua terra própria, ele sempre trabalhou e criou os 14 filhos com muita dificuldade, aquela família bem humilde que dividia um ovo para dois. Então, a gente foi crescendo e ele foi querendo mudar a história dele.

Diferentemente do que é veiculado pela mídia, como Fátima explica, as famílias que ocupam as áreas improdutivas são justamente aquelas historicamente excluídas e expulsas do campo em um cenário de profunda concentração de terras. Estamos tratando de uma coletividade camponesa, que apesar dos reveses

---

55. Ver KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020, p.28.

capitalistas e sexistas impostos à sua realidade, possuem ancestralidade e vivências fincadas na terra.

No contexto familiar do casal Antônio e Vicência, eles trabalharam durante anos em terras dos usineiros da região, sendo que os direitos sociais e trabalhistas eram inexistentes e/ou sequer respeitados quando se tratava da agricultura familiar. Diante da opressão sofrida, como a dificuldade dos/as filhos/as acessarem uma escola pública, foi inescapável cair no imperativo ideológico de que “aquela vida não seria boa para ele e para nós, os filhos. Os pais sempre acham que a vida do interior não é para os filhos, ele plantou uma bola de iname, vendeu e comprou uma casa pequena na cidade de Igarassu”, acrescenta.

A máxima “mudar de vida”, que cresceu ouvindo dos pais, como relata Fátima, expandia-se para outros cantos das cidades daquela região, pois os Fernandes de Lira não foram os únicos expulsos das usinas sucroalcooleiras, que passaram a dividir cubículos em Igarassu. Existiam inúmeras outras famílias que moravam nas periferias e passavam por dificuldades semelhantes. Com o passar do tempo, o senhor Antônio ficou desempregado, os filhos e filhas, vendo a situação da família saíram à procura de trabalho, o que acabou levando Fátima para o trabalho doméstico.

Nos arredores dos municípios daquela região, surgiram algumas notícias sobre a ocupação de terra que se realizaria, apoiada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2013). O senhor Antônio seguia desempregado, porém “o sonho dele sempre foi ter o seu pedacinho de terra para trabalhar, aí foi em um período que ele conheceu um rapaz que fazia esse Movimento Sem-Terra, convidou ele para fazer parte dos Sem-Terra”, Fátima explica. Desde o início, ele participou timidamente das reuniões em Igarassu e mesmo sem saber direito o que era o MST, ele e Dona Vicência seguiram para o acampamento em 1997, os filhos já crescidos permaneceram na cidade de Igarassu.

A vida em um acampamento do MST não foi fácil, somente a organização política interna e de apoiadores da sociedade civil para permitir o acesso à água potável, por exemplo. Além disso, a brutalidade policial, a violência imperiosa dos jagunços dos usineiros do Complexo Prado e as ordens judiciais de despejos impediam uma noite de sono tranquila, era preciso fazer vigília a todo custo para

cuidar da segurança de todos, principalmente das mulheres, idosos e crianças.

Para Fátima, o senhor Antônio foi um guerreiro, participando “daquela luta pesada dos conflitos com a usina, com os policiais. Ele passou nove anos acampado até conseguir conquistar, hoje, o pedacinho de terra que ele tanto sonhava”, diz emocionada. Depois de dez anos de luta e resistência ocupando o antigo Engenho Penedinho, os pais de Fátima propuseram para ela firmar relações mais profundas no Assentamento Nova Canaã, pois diferentemente das gerações anteriores da família, os netos e as netas de Antônio e Vicência poderiam acessar uma Escola sem perder a conexão com as raízes camponesas.

Nos dias de hoje, Fátima e o neto Alejandro vivem em uma área de pouco menos de 0.5 hectares. Para a agricultora, o encontro com a agroecologia modificou os seus olhares sobre o passado da família e a própria produção de alimentos. Ela sente que pode “levar o que estou aprendendo com a agroecologia, ensinar as minhas amigas a importância da gente ter um quintal saudável”, afirma. Para algumas mulheres agricultoras agroecológicas, esse contato acontece no seio do próprio movimento social, como nos ensina Emma Siliprandi<sup>56</sup> (2015), ou seja, o viés político leva ao modelo sustentável de produzir alimentos ancorados nos princípios tradicionais, no respeito à cultura e à natureza.

A defesa que Fátima faz é que o quintal produtivo permite a soberania alimentar e nutricional da família como pilar da re-existência na terra, assim, ela planta e colhe os frutos de uma vida toda. Em suas palavras, “o quintal é minha vida, quando eu acordo e vejo as minhas plantações, os meus pés de frutas, minhas lavouras, minhas galinhas, que estão pequeninhas, mas eu tenho. Para mim, é tudo”, diz realizada.

Na pequena área, a agricultora agroecológica consegue plantar sem precisar de agrotóxicos, ela reitera que em determinadas épocas do ano consegue produzir com qualidade cultivares de milho e feijão. Usando a água da cisterna do próprio quintal, também dedica-se às árvores frutíferas, como manga, abacate, seriguela, caju, acerola, banana, jaca, limão, laranja, os pés foram plantados nos arredores da casa da família.

Severina de Fátima Fernandes de Lira  
Rosânia do Nascimento

---

56. SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, a agricultura e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.



## A fundação

No Assentamento Chico Mendes I, localizado no município de Tracunhaém<sup>57</sup>, em Pernambuco, a equipe Territórios Livres se encantou com a potencialidade de uma jovem camponesa chamada Auda Maria da Silva Pereira. A agroecóloga, filha da Irmã Mira, integra o projeto Territórios Livres (ABA) como pesquisadora, e juntas visitamos os quintais das mulheres agricultoras de Pernambuco compartilhando experiências e aprendizados. De certo modo, estamos aprendendo com ela, sua mãe e tantas outras mulheres agricultoras que percorrem os passos dessa jornada, semeando e colhendo os frutos da agroecologia.

Apresentada a inspiradora Auda, é chegada a hora de conhecer a mulher destemida que a criou, sua mãe, responsável por ensiná-la a cultivar em seu cora-

57. Ver CHAGAS, Ivone Augusta. Transição agroecológica em assentamento rural: uma experiência dos assentamentos de Chico Mendes III em São Lourenço da Mata e Paudalho, Pernambuco. Dissertação (**Mestrado**). Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. João Pessoa: UFPB, 2016.

ção o amor pela terra. A história de Maria Miriam da Silva, carinhosamente conhecida por Irmã Mira, já começa a contrapelo da história canavieira.

Eu, criança, já morava em sítio, mas como o sítio era da Usina São José, ela tirou a gente, derrubou o nosso sítio mesmo antes da gente sair, derrubou de coqueiro a cajueiro, derrubou tudo que tinha no sítio e levou a gente para um lugar que não tinha nada, só tinham umas casas de taipa que eles fizeram para cada morador. Era uma vila, as casas de pau a pique, e não tinha um pé de nada e nem podia plantar. Se você plantasse um coqueiro no quintal, o vigia da usina entrava de porta adentro e arrancava, poderia até bater em você.

Durante a infância, a Irmã Mira ficou órfã do pai, Antônio Dias da Silva, e da mãe, Anália Dias da Silva. Apesar da tenra idade, a agricultora conseguiu aprender muitos conhecimentos da agricultura tradicional na convivência com a figura paterna, como fazer fogo a lenha, ela conta. Entre o período dos 5 aos 10 anos de idade, as perdas familiares modificaram profundamente o transcurso da sua vida. Assim, até os 14 anos ela foi criada pela irmã mais velha, Maria Lúcia da Silva. A partir disso, ela começou a trabalhar no Recife como trabalhadora doméstica. Casou-se muito jovem, aos 18 anos, e teve três filhos durante os 22 anos em que permaneceu no enlace matrimonial: Auda Maria da Silva Pereira, Alba Maria da Silva Pereira e Ezequias Severino Pereira Filho. Hoje, já são duas mulheres e um homem adulto.

No tempo em que trabalhou em “casa de família”, a Irmã Mira diz ter mantido o sentimento de um passarinho preso em uma gaiola, ela dormia no trabalho enquanto os filhos menores ficavam sob os cuidados de uma prima mais nova ou, muitas vezes, sequer tinham com quem contar. Tudo isso a preocupava a ponto de tirar-lhe o sono e a tranquilidade. A distância social que ela percorria do bairro periférico em que morava com a família, em Botafogo, no município de Itapissuma, até o bairro de condição mais abastada em que trabalhava como doméstica, em Olinda, reacendeu um sonho antigo: “o meu sonho era voltar a viver em um sítio”, relata.

Em 1997, a Irmã Mira decidiu entrar para o movimento social organizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Durante os 22 anos em que tomou essa decisão política, ela relatou pelo menos três momentos em que lutou para permanecer com dignidade na terra. O primeiro, compondo as mais de 500 famílias que ocuparam o Engenho Prado, Engenho Papicu e Engenho Taquara. Vale reiterar que

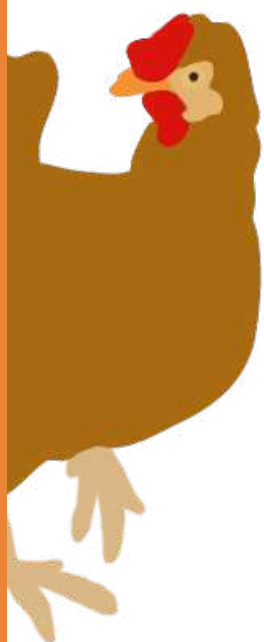
ainda na infância, ela viu a família ser expulsa do Engenho Jardim da Usina São José, então, a participação no movimento social que ocupava os latifúndios improdutivos respondeu, de alguma forma, à restituição simbólica da história dos/as seus/suas ancestrais.

Em 2007, ela voltou novamente com a filha Auda, 12 anos, na tentativa de “salvar” o casamento. Em 2009, após se separarem, resistindo aos despejos ilegais a favor da reintegração de posse dos usineiros, a agricultora, as filhas e o filho vieram de uma vez por todas, ao contrário da tentativa frustrada, em 2006, quando o ex-marido não havia permitido a vinda da família. Enfim, depois de vencer as violências simbólicas do casamento, a Irmã Mira e sua família acompanharam o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) regularizar o assentamento para as primeiras famílias de Chico Mendes I.

Atualmente, no sítio em que vive existem três famílias assentadas que compartilham a mesma área, somando cerca de oitos pessoas. Na residência da Irmã Mira, vivem ela e o atual companheiro, o senhor Luiz Pedro. A organização da vida prescinde do tempo e espaço espaciais em respeito à natureza. O trabalho familiar divide-se igualmente entre o tempo-espaço dedicado às partes mais altas da pequena propriedade durante o inverno, e as partes baixas, cultivadas durante o verão.

Para a agricultora, a área pode ser segmentada entre a casa e o sítio. Em relação à produção e ao cultivo, Irmã Mira compreende que o roçado é o local em que as famílias plantam inhame, feijão, milho e batata. No quintal, ela cultiva hortaliças, árvores frutíferas (abacate, manga, jaca), plantas medicinais (manjerição, cidreira, hortelã, terramicina) e também cria porcos e galinhas.

Quando perguntada sobre as maiores dificuldades enfrentadas ao longo dessas décadas de luta, Irmã Mira não titubeia, fala da discriminação de gênero sofrida por ser mulher e mãe de três crianças, insistindo em permanecer em um assentamento para realizar o seu maior sonho: conquistar a terra. Nessa hora, ela afirma que “só pelo fato de você não ter um esposo, as pessoas já acham que você é tudo que não presta e mais



um pouco". A resposta é confirmada pelo apoio da filha, Auda, "ficavam dizendo que painho não conseguiu dar conta da parcela do roçado, tua mãe que é mulher vai conseguir? Vai não! E, hoje em dia, mainha é referência quando tem reunião", diz orgulhosa.

Na sequência, elas apresentam os significados do quintal produtivo ligado à emancipação feminina e a oportunidade de tecer uma vida com autonomia, conforme a seguir:

O quintal é uma oportunidade de vida melhor, porque eu acho assim, que quem trabalha por si próprio é diferente de quem trabalha para os outros. Quando a gente veio, teve gente que deu quinze dias, gente que deu um mês, dois meses, mas até hoje a gente está aqui. E gente que deu quinze dias, até hoje, não mora em nada que é dele, não planta nada. E a gente continua na batalha, porque dizia que o meu ex-esposo não conseguiu, eu não conseguiria como uma mulher, que era muito difícil. **A gente não começa de vez, a gente começa do começo, e quando dá fé, já está no final.**

No passado, ela recorda que morar em uma estrutura de lona preta provocava muita vergonha na filha Auda, na verdade, ela sofria muito com a discriminação dos colegas da antiga escola por ter sido uma criança acampada, pois "as pessoas por serem assentadas já são criticadas, as pessoas ao olharem e verem você com nada, aí que você é xingado mesmo", reitera. Hoje, a jovem Auda percorre um frutuoso caminho como agroecóloga atuante nos movimentos sociais e entidades parceiras, o sonho da Irmã Mira está concretizado.

Todavia, os sonhos dessa agricultora agroecológica não têm fim, eles crescem como a consciência política que tomou da sua trajetória de batalhas e vitórias. Recentemente, ela tem refletido sobre o momento em que se tornará uma ancestral, ela quer deixar uma fundação para os filhos, "quando eu for embora daqui, quero deixar isso aqui tipo fundado para que meu filhos vivam mesmo e sobrevivam daqui. Tenho visto muitos sítios em que os pais, avós fundaram ali e foram construindo, construindo e quando partiram, quer dizer, ficaram as lembranças, mas ali ficou erguido um suporte para que a família se mantenha ali", profetiza.

Maria Miriam da Silva  
Rosânia do Nascimento  
Auda Pereira

## Maria José de Lima



### Eu, mulher negra assentada, re-existo!

No Assentamento Ismael Felipe, situado na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, vive a agricultora Maria José de Lima, conhecida nos arredores do seu sítio como Dona Zinha. A agricultura respondeu à autodeclaração<sup>58</sup> do Territórios Livres, afirmando-se uma mulher negra muito orgulhosa das suas raízes. No passado bem distante, essa região ficou conhecida por abrigar uma das maiores experiências de resistência transatlântica em território pernambucano, o Quilombo do Catucá.

Como nos ensina Beatriz Nascimento<sup>59</sup> (2021), “quando um quilombo caía pelas forças da repressão, pouco tempo depois outro se levantava e tornava-se visível para a cidade”. O Catucá caiu, no entanto, podemos dizer que simbolicamente

58. Deve-se salientar que a equipe Territórios Livres compreende a autoidentificação étnico-racial, no Brasil, a partir dos parâmetros estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou seja, as categorias utilizadas durante o campo foram: parda, preta, branca, indígena, amarela e quilombola. Segundo o Estatuto da Igualdade Racial, a população negra é entendida como a soma de pessoas autodeclaradas pardas e pretas.

59. NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 245.

mente se reergueu, representado pelas lutas políticas dos assentamentos de Nova Canaã, Chico Mendes e Ismael Felipe, no município de Tracunhaém, no estado de Pernambuco.

Na década de 1990, Dona Zinha foi incentivada pelo irmão a incorporar o Movimento dos/as Trabalhadores/as Rurais Sem-Terra (MST). Ela suspeitava que seria difícil a resistência na ocupação das fazendas improdutivas do Complexo Prado, mas a agricultora e o marido decidiram arriscar mesmo assim, deixando os filhos na cidade. Afinal, o histórico familiar revelava a dificuldade no acesso a terra, então, era necessário conquistá-la coletivamente.

Para a agricultora, “o que eu passei não foi fácil, foram 9 anos debaixo de uma lona preta, na beira da pista, não foi fácil, não”, relata. A história da luta e conquista da terra no Assentamento Ismael Felipe foi enfrentada, em sua maioria, pelas famílias camponesas sendo apoiadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). No entanto, a organização política considerou importante trazer para a experiência, as pessoas e famílias desterritorializadas e moradoras das periferias dos municípios circunvizinhos, pois haviam sido exploradas e expulsas do campo depois da falência das usinas sucroalcooleiras.

Para Dona Zinha, a luta pela terra a duras penas restituiu o direito a uma história pessoal, porque a sua vida entre os 4 aos 11 anos foi marcada por perdas familiares irreparáveis. Assim, de “lembrança boa da infância, eu não tenho quase nada, porque eu perdi os meus pais cedo, sofri na casa de um e de outro, na casa de vó e de tia, bem dizer que não tive quase infância”, lamenta.

Dona Zinha confessa que quando chegou, há cerca de 20 anos, no acampamento do MST, “não sabia nem pegar numa enxada, aí depois que eu vim pra cá, eu fui aprendendo”. Em 2006, a agricultora diz que sentiu pela primeira vez o que era estar em seu próprio pedaço, foi quando passou de acampada dos Engenhos da Usina para uma das primeiras mulheres assentadas de Ismael Felipe. Nos dias atuais, ela demonstra muita profundidade em conhecimentos relacionados a terra, criação de animais e plantio, desempenhando com muita habilidade as atividades do campo. Ela gosta de plantar e tirar os matinhos e as ervas daninhas que invadem as culturas da plantação.

Recentemente, ela ficou viúva, o que deflagrou problemas emocionais, pois recorda que desde o começo ela e o esposo retiravam juntos as primeiras varas de uma capoeira, usadas para delimitar inicialmente os arredores da casa. Hoje o quintal é cercado por uma tela adquirida em um projeto voltado para o referido assentamento. Somado a isso, Dona Zinha está com a coluna comprometida, por isso tem evitado a lida pesada dos roçados, preferindo dedicar-se à criação de animais de pequeno porte, como gansos, galinha d'angola e galinhas nativas.

Ainda diante dos reveses da vida, ela mantém a fé frequentando duas igrejas, a católica e a evangélica, a Assembleia de Deus. Ela reside na casa com duas filhas, a família é grande e tem hora que tem mais de dez pessoas na comunidade. Quando chegamos em seu quintal, a horta estava desativada, mas acrescentou que “vou começar tudo de novo, eu gosto mais de plantar verdura, coentro, cebola, eu me dou muito com isso, eu me apego à horta”, confirma.

Para a agricultora, “o quintal significa um meio de vida”, é o espaço em que se vende o que planta, como limão, acerola, abacate e graviola. No decorrer da vida no Assentamento Felipe Ismael, ela revela ter aprendido, principalmente, com o grupo de mulheres da Comissão Pastoral da Terra (CPT):

O que a mulher tem direito de fazer dentro de casa, o homem também tem. O meu fazia porque eu botava, porque se eu fosse da maminha, não. Do jeito que eu tenho mão para pegar, você tem que pegar também, leve a sua roupa e toalha para o banheiro. Ele vinha e lavava a pia cheia de prato e bacia, só não gostava de lavar panela. Isso eu até perdoava porque tem coisa que eu não gosto de fazer também. Agora ele varria a casa e fazia tudo. Agora se eu fosse uma dessas que mimam, ele montava era em cima de mim, que nem eu vejo muitas por aí.

Nos últimos tempos, as reuniões das mulheres foram diminuindo de frequência, em sua análise, deve-se aos problemas com os custos dos deslocamentos entre as comunidades e os assentamentos. Dona Zinha lamenta muito o lapso de agitação política comunitária, pois acredita que o retorno das atividades, principalmente os encontros e oficinas das mulheres e juventude, são imprescindíveis para seguirem firmes na luta política pela terra e em defesa da agroecologia.

Maria José de Lima  
Rosânia do Nascimento

## Lenilda Cândido de Araújo Rodrigues



### Minha terra, meu sustento

Durante quase toda a infância, Lenilda Cândido de Araújo Rodrigues morou em Três Ladeiras, em Igarassu-PE. Ela guarda viva na memória o dia da mudança da família feita para o acampamento Monjope, principalmente a imagem da mãe, Dona Auricélia Maria Ramos, conduzindo a criançada. O tempo foi passando e Lenilda cresceu em outro acampamento, chamado Pitanga. A luz que entrava pelas frestas do barraco de lona preta reluziam os sonhos de menina, manter a família unida e conquistar um pedacinho de terra. Havia momentos em que a esperança brilhava mais do que o nascer do dia, em outros, as mortes violentas teimavam em prender os seus sonhos em uma longa noite. Ela ainda era muito pequena, mas não conseguiu esquecer o dia em que dois jovens acampados tombaram naquele pedaço de chão.

Depois de alguns anos, o INCRA cumprindo o que reza a Constituição cidadã, regularizou a situação das famílias de Pitanga. Como nos disse Lenilda, “ganhamos a terra, então, eu e os meus irmãos, Laudenir, Laudecir, Ladijane e Lenilson, começamos a plantar inhame, macaxeira, feijão, vivíamos da agricultura”. O terreno foi conseguido pelo pai, José Cândido de Araújo Filho, que marcou profundamente a trajetória de Lenilda. “Ele sempre dizia que antes de morrer queria deixar um lugar para os seus filhos”, relembra com emoção.

Os avós eram agricultores também e desde sempre Lenilda foi ensinada a manter-se longe dos agrotóxicos. “É um veneno que a gente sabe que se usar vai prejudicar”. Ali na região onde vive, na Zona da Mata Norte, tem banho de agrotóxico nos canaviais. Ela nos contou brevemente o caso de uma pessoa conhecida que está internada até aquele momento por conta de intoxicação.

Lenilda conta que se casou aos dezesseis anos de idade e teve uma filha, Keliane Rodrigues da Silva, e o esposo quis mudar para o acampamento Chico Mendes I, em Tracunhaém. No início ele veio sozinho e ela foi com a filha já no final da luta da lona preta, perto “de ganhar as terras”, acrescenta. Quando estavam lá, Lenilda teve seu segundo filho, Mayck Ariel Rodrigues. E foi nessa época também que a família descobriu o problema de saúde do seu esposo. “Já fazia tempo que ele se queixava de algumas dores, mas foi aqui que o problema se agravou”. Ele foi diagnosticado com um problema no fêmur e por conta disso começou a caminhada difícil da família por hospitais na cidade de Recife. Após um ano de idas e vindas aos médicos, foi realizada uma cirurgia para a colocação de platinas. “Oito anos depois o corpo dele rejeitou as platinas e tiveram que ser retiradas, até hoje ainda tem buracos no local e tem que fazer curativo todo dia e não sara. Ele precisa andar com o auxílio de muletas, com muita dificuldade”, relata.

O cotidiano de Lenilda é marcado pelo cuidado com o esposo e o trabalho no quintal. A renda da família vem da agricultura familiar e da aposentadoria do esposo. “É uma luta constante, mas Deus tem nos ajudado. Eu continuo trabalhando, planto minhas coisas, crio meus bichos e vamos vivendo”. Trabalham nas plantações Lenilda, a filha, o filho e o genro. “Pra mim, meu quintal é tudo, porque é onde a gente trabalha perto de casa, é mais prático, e porque é de onde vem a renda”, conta.

Caminhamos pelas plantações de coentro, tomate, pepino, maracujá, macaxeira, inhame coqueiro, jaca, laranja, siriguela, manga, limão, mamão, goiaba. Tudo muito formoso, diverso e variado. Além dessas espécies, também conversamos sobre as plantas medicinais. Lenilda conta que a família tem colônia, capim santo, hortelã miúda, hortelã grossa, boldo do Chile, chambá, e explica que são utilizadas no cotidiano para o feitiço de medicinas caseiras. Além das plantas, a família tem criação de galinhas, perus e patos.

Lenilda fala que ser mulher é “ser guerreira, é gostar de fazer as coisas”, e acredita que é importante participar de projetos e articulações para acessar conhecimentos “e levar para as pessoas também”. Sempre tem algo que podemos aprender uns com os outros e, sem dúvida, nos inspira a melhorar o nosso ofício.

Lenilda Cândido de Araújo Rodrigues  
Marina Serra Murta Maia



## Sementes da Esperança



### **“Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”**

Incrustada no município do Paulista, localizada na região metropolitana do Recife-PE, o projeto Territórios Livres encontrou a comunidade XV de Novembro por meio dos laços de amor espontâneos que a vida cria. Nesta rota improvável adicionada aos rumos do projeto, mulheres que marcham em caminhos tortuosos se encontraram e se fortaleceram por meio de atividades que as fizeram refletir sobre seu direito de EXISTIR. Para elas, parece que sempre foi mais urgente resistir, persistir, não desistir, porém trabalhar o direito à existência em um corpo de mulher nunca foi prioridade na vida da maioria daquelas que ali estavam.

A construção de um espaço amoroso e seguro é trabalho coletivo, é esforço de muitas que marcham por todas. Ao chegar na comunidade, o projeto encontra as companheiras da Marcha Mundial das Mulheres, que já construíam saídas a tantos gargalos da existência, como a fome, o desamparo durante o isolamento da Covid-19 e as diversas formas de violência que rondavam a vida das mulheres da XV de Novembro. E dessa integração, o jardim de alimentos e a Sementeira Esperança foram fortalecidos, alimentando primeiro a alma e depois o corpo.

As flores, que tornavam o jardim uma realidade, floresciam a cada rega de esperança e força, e a cada dia mais um botão se abria para sonhar com um dia melhor. Os alimentos plantados neste jardim foram assunto de tardes de risadas, sabores e saberes, em um curso que trouxe momentos de compartilhamento e leveza. Aquelas tardes eram o melhor motivo para sair de casa, conviver e viver momentos em que se marchava com os pés fincados no chão. Aquela alegria toda ia da cozinha para as feiras dos Espaços Agroecológicos nos Institutos Federais de Pernambuco de Paulista e Vitória de Santo Antão, onde a comunidade ocupou a escola e dividiu suas receitas e plantas.

A caminhada continua e sem tantas pessoas não seria possível formar essa multidão em busca de esperança. Nossos profundos agradecimentos para: Andrea Butto, Gizélia Ferreira, Quislom Judson, Benoni Codácio, Bel e Iraci.

Seguiremos em marcha pela vida das mulheres e por territórios livres! Viva a Agroecologia!

### **As Mulheres da Comunidade XV de Novembro**

“Eu sou eu”, e é com essa frase, dita por Ivanilda ao responder sobre qual seria sua cor, que iniciamos o texto sobre as Mulheres da Comunidade XV de Novembro. Ocupação localizada no Município de Paulista – PE, em uma área da Companhia Pernambucana de Saneamento (COMPESA). E já nesse início mora a dificuldade de contar a história dessas mulheres que residem em um local com extrema precariedade, fragilidade e vulnerabilidade. Mulheres que diariamente enfrentam iluminação precária, instalação hidráulica que garante o acesso à água de forma escassa, fome, violência, estragos causados pelas condições climáticas, como alagamentos na estação da chuva, além de todos os impactos que poderiam ser o

enfoque desse texto. Mas não é sobre isso que queremos falar!

Sim, segundo os relatos, constatamos que a maioria dessas Mulheres tem baixa escolaridade, sobrevivem com ajuda do auxílio emergencial, são provenientes de família de agricultores que foram tentar a sorte na cidade grande, sofreram e/ou sofrem com o ciclo de violência doméstica, habitam em situação precária, e como disse Isabel, “ou a gente come ou a gente compra material para construir a casa”, mas é só isso? Será que é somente isso que temos para falar das Mulheres da XV de Novembro? Não! Não é essa a realidade que define ou definirá nenhuma mulher que vive ali.

Falar sobre as Mulheres da XV de Novembro é ampliar o olhar, retirar as vendas dos olhos e finalmente compreender que por trás de cada mulher existe um ser único. E como disse Ivanilda, “eu sou eu”, pois realmente encontramos um ser único em cada relato que escutamos, em cada abraço que recebemos, em cada sorriso que nos acolheu e ao som de cada lágrima que compartilhamos. E são dessas sensações e sentimentos, que transbordam, que queremos falar de luta e de afeto!

A ideia inicial era trabalharmos em cada quintal produtivo, e assim foi feito. Aceitamos prontamente o sorriso e o convite de Elizama: “venha conhecer meu quintal, eu tenho um pé de...” e lá foi ela adentrando pelas vielas e a gente indo atrás. O quintal da D. Rosa, como carinhosamente é conhecida, possui uma diversidade de plantas, cheiros, cores e sabores produzidos em baldes coletados no lixo para reciclar. “Eu tenho até galinha”, comenta ela mostrando o pequeno espaço localizado embaixo de um pé de mamão lotado de frutas. E são casos como o de Dona Rosa que ressignificam o exercício do bem viver nesse local, pois mesmo não tendo terra para plantio, essa mulher transformou sua residência por meio do cultivo de alimentos saudáveis, do visual colorido vindo das flores e com o cheiro que exala dos temperos cultivados.

Como disse Dona Rosa, “mulher é lutadora, batalhadora, ela coloca uma coisa na cabeça e vai atrás”, e é com essa determinação que outras mulheres se envolveram no caminhar do projeto na Ocupação XV de Novembro. Mas antes precisamos pontuar o trabalho realizado por Solange Samico, companheira da Marcha Mundial de Mulheres – PE, que diariamente, durante a semana, vai até a

comunidade voluntariamente realizar o que for preciso. “Eu fazia outros trabalhos, mas parece que faltava alguma coisa, agora com esse trabalho eu me sinto bem”, conta Solange em uma das várias vezes que nos acompanhou pela ocupação. Sem a presença dessa mulher, não teríamos o acesso que tivemos. E é dessa determinação, junto com outras companheiras, que surge, então, o trabalho na horta comunitária “Sementeira da Esperança”.

Com a escolha feita de forma coletiva pelas mulheres envolvidas com o trabalho na horta, o nome “Sementeira da Esperança” surge trazendo muitos significados e o relato de Edjane. Morando há onze anos na ocupação, ela apreende a voz dessas mulheres e o refletir na escolha desse nome: “acho que já trabalhei tanto, já sofri tanto, já lutei tanto na vida que parece que não tenho mais forças, mas me sinto uma guerreira e vou seguir lutando”. Esperança, do verbo esperar, do vocabulário freireano, de agir almejando um resultado. E foi pela junção dessas mulheres para a construção de uma horta, que uma casa locada ao lado da ocupação foi sendo transformada em um espaço comunitário com reuniões, encontros, cursos, almoços coletivos e, principalmente, com o fortalecimento individual e coletivo dessas mulheres.

Mãe de quatro crianças, conta com orgulho que voltou a estudar à noite. Maria José relata que “tanto eu aprendo como ensino, pois fui criada na roça e eu sei alguma coisa, mas acho que aprendo mais do que ensino”. E assim, o espaço da horta comunitária se tornou um ambiente de troca de saberes. Com a presença da docente Andrea Butto, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), parceira do projeto Territórios Livres (ABA), foram realizados mutirões semanais para a implementação da horta e a organização coletiva de trabalho, além da oportunidade de geração de renda para essas mulheres, pela comercialização no Espaço Agroecológico Territórios Livres, inaugurado no IFPE campus Paulista, em parceria com a docente Camila Lima. E como observa Bruna, “a horta vai trazer experiência”.

Infelizmente, ainda não dá para saber se a horta comunitária possibilitará a realização do sonho de todas as Mulheres da Ocupação XV de Novembro. Como relata Silvia, “eu queria que minhas filhas fizessem cursos, o que eu não fiz”; Maria da Conceição, “meu sonho é ver meus filhos bem”; Bruna, “queria um lugar melhor para meus filhos, dar um quarto, brinquedos”; Maria Augusta, “sonho um dia ser

feliz”, assim como Eliane, “ser feliz”. Mas é justamente por isso que Esperança foi até incluída no nome do local, pois como disse Geni, “se todo mundo seguir lutando, vai dar certo”, complementado por Vera, “com a chavinha, ela vai levantando”.

Muito além de somente um espaço de uma horta comunitária, a construção de um coletivo refletirá de outras maneiras na vida dessas mulheres, pois o processo de fortalecimento se constrói durante a caminhada. Como pode ser visto na resposta de Maria Luiza, indagada sobre sua participação nos mutirões: “Eu me sinto uma guerreira, uma lutadora”. E é com essa Esperança, do verbo esperar, que desejamos que essas mulheres sigam sendo sementes de esperança com todo afeto que demonstram em suas falas, em seus abraços e em suas lutas, pois como disse Maria da Conceição, “mulher é um ser tão forte”.

Camila Lima (IFPE)

Solange (Marcha Mundial das Mulheres)

Sementes da esperança

As mulheres da Comunidade XV de Novembro

Marina Tauil Bernardo





**Mulheres  
assentadas,  
quintais  
produtivos, luta  
e resistências**

## **| Mulheres assentadas, quintais produtivos, luta e resistências**

Edcleide da Rocha Silva<sup>60</sup>

Arlla Katherine Xavier de Lima<sup>2</sup>

Nos quintais produtivos, as camponesas alagoanas utilizam sementes crioulas que vão além de simples grãos, elas geram vidas, cultivam conhecimentos, compartilham saberes, colhem histórias, somam sonhos e multiplicam lutas e resistências.

As Mulheres Camponesas de Alagoas são assentadas da reforma agrária, dos Assentamentos, Fidel Castro em Joaquim Gomes, Flor do Bosque em Messias, Dom Helder Câmara em Murici, Zumbi dos Palmares em Branquinha e Padre Emílio April/Sítio Gordo em União dos Palmares, todos localizados na mata alagoana. Essas mulheres lutaram, conquistaram sua terra e vêm reescrevendo suas histórias, conquistando direitos, produzindo alimentos saudáveis, conservando a biodiversidade, preservando os conhecimentos tradicionais e levantando a bandeira de luta pela agroecologia. Essas mulheres estão de retalho em retalho costurando, tecendo um novo bordado que fortalece as comunidades, as relações e a coletividade, visando a transformação. Por meio dessas sementes, as alagoanas são construtoras de uma nova narrativa: a de descobrir-se e construir-se feminista, com identidade camponesa e popular.

Fazem parte da história de um povo que resistiu à escravidão e que foi protagonista nas lutas históricas do Quilombo dos Palmares, o maior quilombo que já existiu na América Latina e Caribe, um território fortalecido pela diversidade de cultura, costumes e povos e comunidades tradicionais. Na atualidade, continuam sendo vítimas, da monocultura escravocrata, da hegemonia de um modelo de agricultura, que degrada o solo, que explora os bens da natureza e que escraviza nossas mulheres e suas famílias. Ter acesso à terra para essas mulheres representa dignidade, reparação histórica e a realização de um sonho. Sonhado por anos, por muitas companheiras e marcado pelo enfrentamento do patriarcado, do machismo e do racismo.

É através da agroecologia, vista como estandarte de um projeto de sociedade voltado para a soberania e segurança alimentar e nutricional, produção de comida

---

60. Camponesa, militante do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC e doutorado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

02. Militante do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC e estudante de Agronomia do Campus de Engenharias e Ciências Agrárias – CECA da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

de verdade que essas mulheres estão construindo uma nova relação humana e da humanidade com a natureza. Tecendo a ousadia nas experiências de produção da biodiversidade, no desenvolvimento da autonomia financeira e da seguridade social, que emergem ao semear sementes de história. Unidas pela mãe terra e pela esperança transformadora, elas vão criando uma rede de apoio mútuo que fortalece suas comunidades através dos movimentos sociais populares e feministas. Com mãos calejadas e corações esperançosos, essas mulheres reescrevem suas histórias, cultivando um futuro mais justo e sustentável para si e para as gerações vindouras.

Esses alimentos são comercializados nos espaços das feiras agroecológicas, dos quais participam enquanto espaços de organização, formação e lutas, se tornam espaços de partilha dos seus produtos, conhecimentos e vidas, promovendo saúde através da alimentação saudável e a preservação do meio ambiente. A troca de saberes ancestrais com tecnologias sociais ganham força nas partilhas de guardar as sementes para um próximo plantio, nas cantigas, poesias e receitas que passam de geração em geração e de comunidade em comunidade, impulsionando a construção de uma memória histórica.

O som das risadas e das conversas animadas nas reuniões comunitárias ecoa como um símbolo de resistência e união, é o semear, a colheita, o multiplicar, o partilhar e o guardar as sementes que lhe fazem protagonistas de suas histórias. As crianças, observando suas mães e avós, familiares aprendem desde cedo o valor da terra e da coletividade, carregando consigo a chama da esperança transformadora.

É com esse sentimento de sonho e resistência, que finalizamos essa apresentação de sessão convidado o público para se encantar na poesia (canção) de Vitória Paixão, ela que é quilombola do agreste alagoano e militante do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC.

MULHER ALAGOANA

(Vitória Paixão – Quilombola / AL– 2019)

Mulher alagoana

Tem prazer na vida

Mulher alagoana  
Não ficar pra trás  
Vai se realizando um pouco a cada dia  
Elas são de luta, esperança e paz!

Na beira da praia  
Ou nas matas húmidas  
Mulher do agreste, diz que é bom sonhar  
Salve as ribeirinhas lá das lagoas,  
Índias e quilombolas do sertão e do mar!

Vem de muito longe  
Esse elo de amor  
Da nossa bisavó  
Da mãe que nos criou  
força que se proclama  
num colo protetor

Alagoana eu sou  
Minha mãe é  
Fonte da minha vida  
Razão de ser mulher  
Alagoana, flor de Mariá  
Filhas de Dandara!  
E das índias KOIUPANKÁ

Mulher alagoana  
Tem prazer na vida  
Mulher alagoana  
Não ficar pra trás  
Vai se realizando um pouco a cada dia  
Elas são de luta, esperança e paz!

## Antônia da Silva Calheiros



### **“Meu sonho é ser professora”**

Atualmente, Antônia está no terceiro período do curso de Pedagogia. Para chegar à faculdade particular, na cidade de Murici, às sextas-feiras, a agricultora caminha um pouco pela estrada de chão até pegar a condução. Ela explica a decisão de retomar os estudos: “hoje em dia a gente só consegue as coisas se estudar. Se a gente não estudar, se esforçar, a gente não consegue nada. Primeiro, comecei a trabalhar fazendo faxina na escola, aqui no Dom Hélder. Depois a diretora disse que me tiraria da limpeza, ‘vou botar na cozinha’. Hoje já cozinhei até para casamento, depois terminei o ensino médio e pensei assim: vou cursar uma faculdade porque meu sonho é ser professora. Vocês ainda vão me ver na sala dando aula”..

No lote, ela vive com o marido, pois os três filhos do casal já se casaram,

embora continuem a residir em outros lotes no mesmo assentamento rural dos pais. Mensalmente, ela organiza os produtos da terra em caixas para levar para a Feira Sustentável Sabor do Campo, organizada no corredor Vera Arruda, em Macaíó, pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh). “Levo de tudo, laranja, banana, doce, macaxeira, coco, jaca, abacaxi, óleo de coco”, acrescenta Dona Antônia.

Sobre a infância, ela recorda que “saía para matar com minha mãe para buscar lenha pra ela cozinhar, isso foi em Passo de Camaragibe, eu sou de lá. A minha mãe, Dona Rita, teve nove filhos, ela falava pra gente aprender de tudo, porque nem todo tempo a gente ia ter mãe. Todos os meus irmãos são trabalhadores, criei meus filhos também nessa regra”. Em relação ao pai, ela relata que ele foi uma figura masculina amorosa com as crianças, porém morreu cedo, aos 40 anos, vítima do crime de assassinato. Apesar das dificuldades enfrentadas por Dona Rita, ela reuniu forças para criar os filhos, reconstituiu a vida casando-se novamente, e assim, ela e o novo cônjuge lutaram conjuntamente para a família permanecer no campo, “nunca morei na cidade, nunca, a minha vida toda sempre foi na área rural”, acrescenta Dona Antônia.

Assim, ela conta que passou grande parte da vida morando na Fazenda Mumbuca, até atingir a idade que ela se casou, mas o enlace não logrou êxito. Depois da separação do primeiro casamento, ela arrumou um segundo esposo com quem vive até hoje. A família não participou do acampamento que deu origem ao Assentamento Dom Hélder Câmara, mas um dos filhos tinha histórico de trabalho na antiga fazenda. No processo de regularização da terra de cerca de 70 famílias, em 48 lotes, realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os funcionários da autarquia federal decidiram incluir a família de Antonia no cadastro, tendo em vista a relação de pertencimento e trabalho comprovados por um segmento de assentados/as, “tá vendo? Deus me ouviu. Hoje ele tem os documentos do INCRA e hoje vive assentado, então a terra aqui é dele. Mas depois de 25 anos, o homem da fazenda botou a gente pra fora, lá a gente trabalhava na roça também, daí meu marido entregou o trabalho, mas eu não queria morar em Murici, não gosto de morar na cidade, só pra passear. O meu filho disse que podia fazer a casa aqui, que era nosso mesmo, daí a gente fez essa casinha aqui onde a gente mora há uns seis anos”, arremata.

Dona Antônia revela que nem ela nem a vizinhança usam agrotóxicos em suas plantações no roçado e nos quintais produtivos: “Aqui nessa região ninguém usa veneno não, foi proibido, quem disse foi o professor Leandro que veio dar aula aqui. Ele começou a fazer um trabalho aqui pra implementar a produção orgânica, a vizinha daqui participa do SPG (Sistema Participativo de Garantia). Aqui se eu usasse o veneno, eu não tinha uma abelha mais, elas vão embora só de sentir o cheiro, e um caixote desse é caríssimo, está custando R\$1.500,00 cada um”. Assim, para a agricultora, “o quintal é uma riqueza, eu planto de tudo. Agora, a horta medicinal que mantenho é muito pequena, às vezes é o tempo corrido. Depois vou ali te mostrar a hortelã grossa, miúda, capim santo”, afirma.

Ela conta que o gosto por aprender é grande, por isso participa de todos os cursos de capacitação voltados para mulheres agricultoras que são oferecidos por entidades e órgãos públicos em parceria com a escola do assentamento rural, “às vezes tiro um tempinho corrido e vou para aprender”, acrescenta.

Para ela, é muito importante a relação profunda que tem com a terra e a criação de pequenos animais, como o galinheiro repleto de galinhas poedeiras. Ela comercializa somente os ovos nas feiras, mas tem algo mais especial nisso tudo: “Meu esposo reclama quando estou no mato, é porque eu me sinto bem em estar trabalhando. Quando eu estiver dando aula, ainda vou tirar um tempinho, né? Tem vezes que até no domingo pela manhã vou pra roça, eu gosto e não sinto uma dor no dedo. Não vivo em casa parada, estou sempre indo pra roça”, conta.

Antonia da Silva Calheiros  
Rosânia do Nascimento

## Geni Nazário Santiago da Silva



### **Por direitos sexuais e reprodutivos no campo, já!**

No Assentamento Dom Hélder Câmara, no município de Murici, vive a agricultora aposentada Dona Geni. Ela conta que não frequentou a escola por muito tempo em sua infância, mas com o pouco acesso aos estudos consegue ler e escrever textos escritos ainda hoje, a razão é que ela é a filha mais velha de um casal de camponeses. Assim, ela relata que na época o seu pai: “vivía trabalhando na usina, então, como mais velha, era obrigada a trabalhar limpando os matos da usina. Então, a minha infância foi trabalhar na roça, fazendo farinha com a minha mãe e meu pai, trabalhando na roça e no campo. Só tinham dois irmãos que me ajudavam, os outros eram muito pequenos, eram 7 irmãos pequenos e eu, a mais velha. Depois fui morar com o meu marido, me casei e fiquei trabalhando com ele ajudando nas roças, a gente morava no sítio da mãe dele em Branquinha. Então, meu marido sempre viajava, eu ficava com os meninos, botava uma rocinha”.

Anos mais tarde, o esposo decidiu participar de acampamentos no município de Murici, engajando-se no processo de luta em defesa dos projetos de reforma agrária na zona da mata alagoana, “ele passou três anos acampado aqui na debaixo da lona preta, eu ainda vim aqui com uma criança novinha, ela morreu e nós enterramos no Monte Sinai”, acrescenta. Ao todo, Dona Geni teve “17 filhos e três abortos, então considero 20 filhos, né? Todo ano tinha um filho, depois morreram 7 e tenho 10 filhos vivos, mas só um vive aqui. Às vezes vou pra médica e ela diz que sou uma mulher forte, porque pari muito, né?”, relata.



Dona Geni não levou mal o comentário da médica em questão, mas o teor da fala de uma profissional da saúde reforça preconceitos em relação às mulheres pobres e, em segunda instância, contribui para arrefecer a desinformação em contextos rurais. As mulheres camponesas historicamente tiveram menos acesso aos direitos sexuais e reprodutivos no Brasil, principalmente considerando a baixa escolaridade e o machismo atrelado às suas vivências familiares e religiosas.

Aliado a isso, em geral, elas se casaram muito cedo por arranjos matrimoniais acordados por suas famílias, assim, dificilmente eram orientadas a evitar filhos por métodos contraceptivos, ou ainda, informadas quanto à prevenção e tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Desse modo, vale reiterar que os métodos contraceptivos e informações a partir de evidências científicas se tornaram mais acessíveis e difundidos à medida em que o movimento feminista brasileiro lutou por esses direitos a partir da criação e implementação de políticas públicas específicas para mulheres, garantidas e oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em todo território nacional.

Nos diversos assentamentos rurais do estado de Alagoas visitados pelo projeto Territórios Livres (ABA), as agricultoras relataram que fugiram de casa ainda na adolescência, como estratégia de “fuga” à exploração de trabalho sofrida em regime familiar, mas depois de casadas, entenderam que o problema maior é o machismo perpetuado por figuras masculinas, sejam pais, tios, maridos e até mesmo os seus filhos. Assim, faz-se necessário reforçar que existem outras variáveis de análise, como a violência doméstica e/ou sexual sofrida por adolescentes e jovens mulheres em contextos rurais que explicitam a necessidade de permanecermos atentas à interseccionali-



dade de gênero, cor/raça, etnia, classe e geração.

Depois de 45 anos de casamento, o esposo havia ficado cego por complicações de saúde, que o levaram a fazer tratamento em São Paulo, mas veio a falecer no ano passado depois de uma parada cardíaca. Viúva, ela tenta retomar as atividades cotidianas, “eu desde que nasci sempre fui da roça; da roça eu sei tudo”, acrescenta.

Realmente, Dona Geni nos conta que desde a infância caçava e pescava para saciar a fome dos irmãos e irmãs. Costumava pescar uma espécie de peixe chamada caroá, nos açudes e brejos próximos da sua residência. Ela conta que o único alimento que não faltava em casa era a farinha de mandioca. Em tempo de plantio nas usinas canavieiras, a família toda era envolvida no trabalho, “limpava os matos, semeava o adubo, semeava cana quando era tempo de plantio, tudo isso eu fiz”.

Aos 65 anos, ela ainda lembra de alguns episódios da infância passada entre a residência precária da família e as labutas extenuantes na lida com a cana de açúcar, inclusive, reitera que depois desse passado difícil descobriu o que era agrotóxico. Assim, ela faz questão de dizer que mesmo diante dos reveses da vida difícil, na época da usina canavieira, o seu pai segue lúcido aos 96 anos e reside com um dos filhos em Maceió.

Geni Nazário Santiago da Silva  
Rosânia do Nascimento



## Eu, mãe solo

A vida de Luciana é dividida entre o campo e a cidade. Ela atua como técnica de laboratório em Murici e sua jornada de trabalho é árdua em um hospital, ela dá plantões de 24 horas, seguidos de quatro dias de folga. A sua trajetória de vida difere um pouco da maioria das mulheres em áreas rurais, haja vista o alto índice de analfabetismo ou de baixa escolaridade, em um corte de raça/cor, etnia e gênero, a partir de dados quantitativos referentes aos assentados/as no Brasil.

O Assentamento Dom Helder Câmara, localizado no município de Murici, na zona da mata alagoana, “possui 303,53 hectares, sendo 24,0 ha destinados à área de RL, cerca de 8,0 ha são exclusivos para atividades ou empreendimentos coletivos e em torno de 271 ha são divididos em lotes para produção, o que equivale a uma média de 5,0 hectares por família” (Santana; Gervais; Mattos, 2021, p. 5).

Assim, os autores argumentam que no Brasil o Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA), operado pelo INCRA, é destinado a famílias que não possuem recursos financeiros para comprar uma parcela de terra. Devemos sinalizar que os assentamentos rurais surgem como fruto de mobilização e luta política em defesa da justiça social em cumprimento ao preceito constitucional atrelado à função social da terra, portanto, vender títulos é inegociável, haja vista que as famílias assentadas possuem a concessão de uso (CCU) da terra pública da União (Santana; Gervais; Mattos, 2021, p. 5).

Para ela, a profissão escolhida na área da saúde é muito importante na sociedade, “para você saber o diagnóstico de uma doença, você deve passar antes por análises em laboratórios”, explica. Quando estimulada a falar sobre a importância de sua profissão para inspirar outras agricultoras, ela responde que “no fundo, as mulheres têm pouco valor em nossa sociedade, né? Então algumas profissões não são valorizadas. Sinceramente, técnica em laboratório não é valorizado mesmo. A gente trabalha muito, mas existe pouca valorização”, acrescenta.

Ela revela que escolheu politicamente seguir mãe solo após repensar algumas relações conjugais, separou-se do parceiro quando descobriu a primeira gravidez há cerca de 30 anos e seguiu posteriormente com a criação dos dois filhos e da neta pequena. Decidida e confiante, Luciana apostou no caminho da sua profissionalização na área da saúde para galgar o seu espaço na sociedade. O seu pai mora na residência com ela e a família se organiza conjuntamente para comercializar alguns produtos da terra em Murici e na Feira Sustentável da Semarh, em Maceió, “vendo tudo que eu tenho, coco, abacate, laranja, banana, abacate, abacaxi, graviola, mamão, tomate cereja, faço goma, bolo”, detalha.

Os pais de Luciana tinham sido agricultores há muito tempo, antes de se mudarem para a capital do estado. Depois de se aposentar, o pai propôs à família retornar às suas origens rurais. Na época, ela enfrentava desafios com o filho mais novo: “ele dava muito trabalho, mas hoje graças a Deus não dá mais. Meu pai vendo aquilo ficou cansado e decidiu vir com a minha mãe. Eu fiquei em Maceió com ele. Construíram uma casa lá no povoado, depois meus irmãos construíram essa casa mais aqui em cima para ficarmos mais relaxados. Depois que meu filho se recuperou, hoje mora em Maceió”, narra.

Luciana Maria da Silva  
Rosânia do Nascimento

## Maria Letícia da Silva



### Águas da memória de uma menina negra assentada

A agricultora Maria Letícia introduz uma reflexão para repensarmos a importância de visibilizar as mulheres negras em áreas rurais. Ela acrescenta: “antes me autodeclarava parda, depois o meu ex-esposo falou que eu era negra por conta do meu cabelo e realmente o meu cabelo é cacheado puxando um pouco para o crespo. Agora por diante, quero me autodeclarar negra, apesar do meu pai biológico ser branco, eu nunca o vi, mas a minha mãe é negra, tenho traços de negra. Então a partir de hoje, estou falando aqui para vocês, vou me autodeclarar negra, certo?”, afirma contundente.

Como nos ensina a intelectual negra, Maria da Consolação André (2008), fazer essa jornada em defesa da negritude em uma sociedade racista como a bra-

sileira não foi simples, nem fácil. Então, os sujeitos negros precisam, ainda hoje, se apropriar constantemente dos processos de subjetivação. Fruto disso, a dificuldade de se autoconhecer pessoa negra deve-se à naturalização da inferioridade dos antepassados africanos no âmbito intelectual, emocional, econômico, político e social.

Assim, quando a agricultora Maria Letícia, mulher negra assentada, anuncia a sua autodefinição racial para a equipe Territórios Livres (ABA), ela rompe com o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento. Afinal, antes mesmo de decidir-se por essa posição política, os marcadores de diferença (fenótipo) que atravessam o seu corpo negro já haviam a situado na comunidade em que cresceu. Ela relata diversos episódios de preconceito racial e racismo sofridos na infância, no seio familiar e na Escola, além disso, o bullying praticado contra ela na escola estava associado à gordofobia.

Atualmente, aos 26 anos, ela cursa licenciatura em Pedagogia, “a faculdade que eu faço é EAD, 50% online e 50% presencial. Depois que eu me formar, pretendo atuar em sala de aula, trabalhar com crianças, jovens e até mesmo adultos”, acrescenta. Para Maria Letícia, o grande sonho é se tornar professora no Assentamento Dom Hélder Câmara-AL, porém, ela reconhece que podem surgir oportunidades para além do seu lugar de origem, a jovem pretende abraçar a educação como projeto político emancipador.

Desde que retomou os estudos universitários, Maria Letícia anda refletindo muito sobre o lugar das mulheres na sociedade brasileira, argumenta que “é super importante a mulher estudar, porque daí ela passa a ter mais autonomia, mais liberdade, mais empoderamento, mais conhecimento, certo?”, argumenta.

Pouco tempo depois da nossa conversa sobre o empoderamento das mulheres pela educação superior, a chuva começou a cair no quintal produtivo de Maria Letícia. Foi assim que desaguamos a conversar sobre as águas da memória da menina assentada. Às vezes, existem episódios de violência, em diversos níveis físicos, simbólicos, emocionais, patrimoniais que refletem na autoestima e nos dilemas materiais da vida adulta sofridos diretamente por ela e/ou por outras pessoas ao seu redor rural. Porém, ela reitera que decidiu apoiar positivamente a figura da avó materna.

“Da minha infância, lembro, aos 03 anos de idade, vivia na casa de minha avó com as minhas tias, tios, primas, a minha mãe também morava na casa da minha avó, daí a minha mãe conheceu um senhor, através de uma irmã dele, que mora por trás da casa da minha avó. Em um dado momento, a minha mãe me pegou, juntou as coisas delas, acompanhada dele, me trouxe para morar aqui. Quando acordei, me deparei em uma casa recém-construída, eram as casas desse assentamento, se encontrava vestígio de cimento, de poeira de construção no chão, fogão não se tinha, o que tinha era um fogo a lenha improvisado com dois tijolos, e minha mãe cozinhando miojo para mim e para minha irmã, que era maiorzinha do que eu, meu irmão menor nessa época tomava leite”, conta.

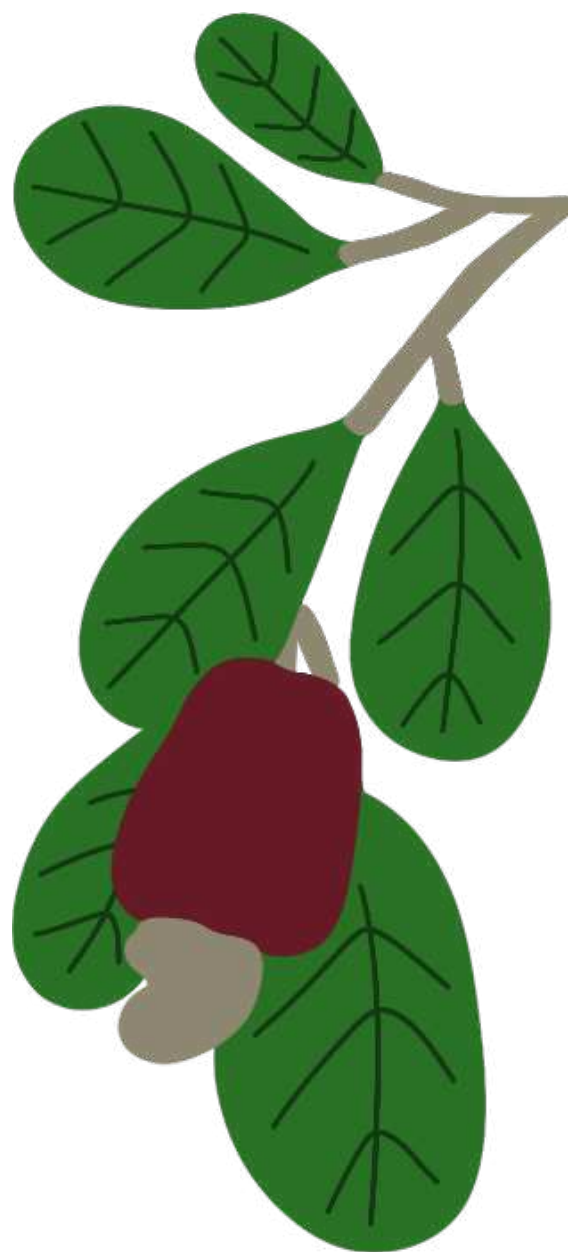
Ainda sobre a importância dos direitos de meninas e mulheres, Maria Letícia defende que o campo da educação pública precisa se sensibilizar sobre os direitos das crianças e adolescentes em contextos rurais, principalmente em relação aos casos de violência sexual subnotificados ou silenciados no seio da família e das organizações comunitárias.

Esse chamamento da jovem estudante de Pedagogia é de suma importância para repensarmos as produções acadêmicas sobre a violência contra crianças e adolescentes em áreas rurais, pois dificilmente essa agenda política possui centralidade nos debates quando se discute políticas públicas específicas para esses segmentos de meninas e mulheres assentados/as. Por vezes, nessa faixa etária de desenvolvimento socioemocional, as crianças e jovens já convivem com a violência agrária que acomete sua comunidade mais ampla (são vítimas de despejos, episódios de violência de jagunços e policiais). As pessoas adultas acabam tomando maior espaço nas decisões familiares e organizativas nos assentamentos rurais, então, a violência doméstica, sexual e outras variáveis sofridas por elas são menosprezadas, silenciadas ou tratadas como pauta minoritária.

Devemos reiterar que a Escola e a família, infelizmente, podem ser espaços de reprodução de violência de toda ordem, portanto, esses segmentos de assentados/as crianças e jovens que são vítimas ou se envolvem em casos de violência têm mais dificuldades para serem ouvidos/as, apoiados/as e direcionados/as para os serviços públicos especializados, como delegacias, centros de referência em assistência social, atendimentos psicossocial e jurídico, para tratar dos casos judiciais e/ou traumas psicológicos e emocionais decorrentes de abuso infantil.

Para Maria Letícia, educadora em formação, mãe, mulher negra e jovem assentada, essas percepções que elabora sobre a violência agrária em interface com a violência doméstica contra meninas e mulheres decorre dos seus estudos acadêmicos e vivências nos assentamentos rurais, o que nos leva a refletir sobre os significados de ser mulher em áreas rurais no Brasil: “para mim ser mulher é ter empoderamento, ser mulher é ser independente, ajudar as outras, empoderar as outras, defender as outras mulheres, é saber que eu posso subir no telhado sem precisar estar chamando um homem. Ser mulher para mim é ter a liberdade de falar, de estudar, de trabalhar, de ir para a feira, de criar o meu filho, se for possível, sem ajuda de homem, porque senão até hoje estaria com o pai do meu filho, sendo humilhada por ele”, reflete consciente que tomou a decisão certa em seguir nos trilhos da educação libertadora.

Maria Letícia da Silva  
Rosânia do Nascimento



## Maria Madalena da Silva



### Em meio a perdas e ao luto, a luta de mulheres liberta

Maria Madalena, conhecida por Dona Nena, recorda que durante a infância viveu intensas mudanças de residência. Em seus próprios dizeres, ela e a família viviam de “fazenda em fazenda”. Por conta disso, Dona Nena não conseguiu concluir os estudos escolares. Depois que se tornou moça, casou-se, vieram os filhos e os estudos foram ficando cada vez mais distantes da sua realidade social. Já na fase adulta, ela conheceu alguns projetos de educação popular desenvolvidos dentro dos acampamentos rurais que fez parte, mas conta que conseguiu avançar pouco na leitura de livros.

Morando e trabalhando nas usinas de cana de açúcar nas cercanias de Muri-ci, Alagoas, ela conta que o padrasto e a sua mãe atuavam em várias frentes, cor-

tavam cana, faziam a levada, faziam de tudo e, no caso de sua mãe, as atividades domésticas e o cuidados dos filhos e filhas aumentavam ainda mais a jornada de trabalho. Dona Nena conta entristecida que hoje resta apenas ela, pois já perdeu seus quatro irmãos, sendo duas mulheres e dois homens. Ela não entrou em detalhes sobre os falecimentos de sua parentela, respeitamos o silêncio que pairou no ar observado a partir da mudança do seu semblante. Os seus pais já faleceram também, por isso ela tem tanto amor e apego aos seus filhos e suas companheiras de luta. Quando pensa na importância de manter a família unida, ela guarda as palavras de sua mãe: “mesmo você não sabendo ler, saiba respeitar, saiba entrar e saiba sair”.

Depois de um período em que Dona Nena e seu esposo viviam precariamente nas cidades da região, o casal decidiu retornar à terra. No início, ela conta que mantinha certo temor em relação às táticas usadas pelo Movimento Sem Terra: “achava que nunca ia ser Sem-Terra, quando eu vi fechando a pista, ficava invadindo as coisas, tomando o que é dos outros”, relembra.

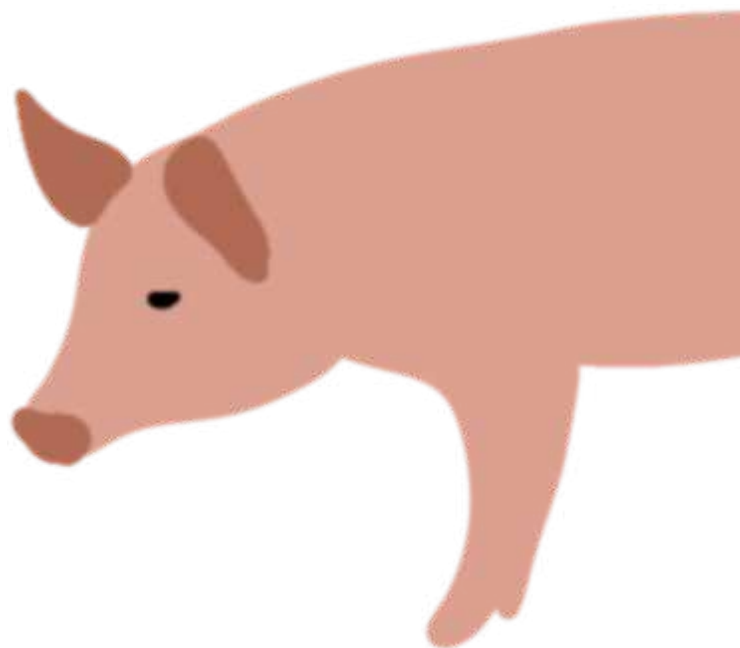
No entanto, o desemprego batia sobre a realidade da família, a decisão de se juntar ao Movimento Sem-Terra veio logo de imediato com a necessidade de buscar formas de voltar a morar no campo: “vou entrar pra esse Sem-Terra”, disse o marido. A primeira experiência começou em uma fazenda improdutiva nas cercanias do Seridó, no município de Murici. Literalmente, se lançaram ao Movimento com pequenas enxadinhas e a vontade de transformar a realidade da família, ela acompanhou o marido sem saber dos obstáculos que estavam por vir, apenas com a esperança de construir dias melhores.

Seguindo a bandeira vermelha da luta, ela lembra dos dias em que ela e a família ficaram acampadas à beira de uma pista. Contando com a colaboração de outras mulheres camponesas, resolveram acompanhar outros processos de ocupação da Fazenda Bota Velha, protagonizados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Depois do pouco sucesso nesses dois acampamentos, seguiram o marido e elas decidiram protagonizar a ocupação da Fazenda Santa Cruz. Nesse meio tempo de lutas constantes, o marido de Dona Nena sofreu bastante desde os derrames cerebrais, o que o levou a ficar sem trabalhar e, mais tarde, o quadro se agravou e ele veio a falecer.

Depois da morte do esposo, Dona Nena encontrou apoio nas palavras e disposição de uma cunhada, ela a encorajou a seguir firme nas atividades desenvolvidas na casa de farinha. A lida com a plantação de macaxeira à feitura da farinha abriam caminhos para trazer o sustento para o lar e permanecer ativa no assentamento. Além disso, ela colhe laranja, batata e banana e comercializa tudo nas feiras da região. Para ela, a casa de farinha hoje representa a sua liberdade, pois apesar de ter aprendido a plantar, moer, peneirar e extrair a goma de macaxeira com a sua mãe, recorda que o fazendeiro, às vezes, proibia as mulheres de se movimentarem pelas plantações. A venda de produtos era proibida e o que a família agregada plantava e colhia era repassado para esses donos da fazenda, ou seja, eles tinham o poder de cercear as formas de sustentabilidade financeira e a própria soberania alimentar e nutricional dessas famílias.

Depois de tantas perdas na vida, Dona Nena se diz orgulhosa de ter insistido em voltar à terra, ela acrescenta: “sinto muito orgulho de ser o que eu sou, porque antes eu ia tá na rua, hoje em dia é tudo fartura o que tenho, tenho o meu pedacinho de terra”. Em outro momento, a agricultora revelou a importância que o movimento de mulheres agricultoras teve para seu processo de empoderamento, ela afirma emocionada que ao lado de suas companheiras de lutas se sente mais livre, “junto dessas meninas, não sei, elas são tudo. Onde estou, posso viajar com elas pra onde for, elas me tratam como se eu fosse uma mãe para elas. Elas cuidam de mim, têm cuidado até para eu dormir, por isso tenho tanto carinho”.

Maria Madalena da Silva  
Rosânia do Nascimento



## Maria Rita Rosa dos Santos



### Precisamos falar da saúde das mulheres camponesas

Aos 50 anos, a agricultora Maria Rita, conhecida por Irmã Rita, do Assentamento Dom Hélder Câmara-AL, interrompeu suas idas à Feira da Centenário, em Maceió-AL. Atualmente, o marido se responsabiliza pela comercialização dos alimentos produzidos pelo trabalho familiar nas feiras em cidades circunvizinhas e na região metropolitana.

Desde que enfrentou dois cânceres (leucemia e câncer de mama), Maria Rita se sente impossibilitada de lidar com os obstáculos enfrentados pelas agricultoras assentadas para comercializar os alimentos. Ela precisa cuidar prioritariamente da saúde integral, assim, evita se expor ao sol a pino, aos esforços físicos na lida com a terra e às longas esperas cumpridas no transporte público e/ou alugado

para realizar o itinerário feito da sua residência rural até as feiras nas cidades. “Tive câncer bem antes, fui aguentando, até aparecer nos seios, aí tive que retirar nódulos nos seios. Quando aconteceu isso, fiquei sem poder ir à feira, mas daqui a alguns dias quero voltar”, relata.

No Brasil, a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta, instituída pela Portaria nº 2.866, de 2 de dezembro de 2011, é considerada uma grande conquista para os povos, comunidades e populações do campo, incluindo o segmento de acampamentos e assentamentos. As mulheres residentes em áreas rurais enfrentam numerosas dificuldades relacionadas à baixa efetividade de ações e estratégias que assegurem a prevenção, o diagnóstico e o tratamento de doenças oncológicas, principalmente a alta recorrência de casos de cânceres uterinos e de mama no segmento de mulheres cisgêneras.

No rol das dificuldades, podem ser listados o acesso à atenção básica de saúde e aos métodos de diagnósticos (exames clínicos e mamografia), pois as mulheres residentes em áreas rurais dificilmente dispõem de uma unidade básica de saúde próxima das suas residências, elas precisam se deslocar até a sede do município e/ou de uma cidade mais próxima à sua localidade. Somado a outros fatores socioeconômicos, devido à baixa escolaridade, elas tardam em ter acesso a informações seguras sobre prevenção e diagnóstico precoce de doenças oncológicas, pois os exames e tratamentos são feitos, em geral, em centros de referência nas capitais dos seus estados (Brasil, 2015).

Diante disso, como relatado por Maria Rita, as agricultoras compõem o grupo de mulheres que têm mais dificuldade de acesso aos serviços psicossociais, na rede pública ou privada, pois os agravos do adoecimento ou tratamento por terapias invasivas e agressivas acabam interferindo na saúde mental, sobretudo, impactando a autoestima e a autoimagem. “No início, tive leucemia, depois fiquei boa. Quando tive leucemia todos os meus cabelos caíram, fiquei careca. Um dia saí com um pouco de cabelo, quando foi a noite voltei pra casa, Sara olhou assim, eu disse, não tenha medo, é a mamãe, caiu tudo agora. Nos primeiros dias eu me escondia um pouco, não vou negar. Depois eu disse ‘eu vou me enfrentar, se eu sou forte, vou ter que me enfrentar’. A primeira coisa é você se enfrentar para depois enfrentar os outros. Tirei a touca da cabeça e comecei a sair, depois começou a crescer o cabelo”, conta a agricultora.

Para Maria Rita, a ancestralidade originária e negra potencializa os seus caminhos na luta pela terra, ela conta um pouco sobre as memórias que guarda de sua avó, falecida aos 107 anos e descendente de povos indígenas da região. “A minha avó é descendente de índio, então, conversei com ela perguntando de onde vinha a sementinha. Ela tinha os hábitos de dormir na rede, os derivados que ela usava da mandioca, a casa de taipa, bem diferente dessa de hoje em que vivo, mas eu me criei assim. Aí eu conheci outra avó, a vó Joana, ela me dizia que era descendente de pessoas que vieram escravas para o Brasil. Quando eu vi no meu registro parda, cor indefinida, não entendi. Depois fiquei feliz, porque sou uma mistura disso tudo”, conta.

Quando estimulada a falar sobre o seu processo de escolarização formal, Maria Rita relata que chegou até o antigo 2º grau, tendo interrompido os estudos para trabalhar ao lado da família. Ela reforça que o direito à educação, como dever do Estado e da família foi negado desde suas antepassadas, “eu morava na roça, nenhum dos meus tios e minhas tias estudaram, eu, como filha e neta, também não tive condições. A minha avó pra fazer dinheiro, fazia farinha, tirava goma, como até hoje eu faço tapioca e pé de moleque pra vender na feira. Então, faço o que minha avó fazia, o que minha bisavó fazia”. Além dos fatores socioeconômicos que embargaram a trajetória de todos os familiares, a agricultora reflete sobre o machismo praticado pelas figuras masculinas, “era muito machismo na família, diziam que mulher não podia estudar. Daí decidi casar pra poder estudar. Casei aos 16 anos, aos 17 anos engravidei e perdi o meu primeiro filho, depois me separei do marido. Só que na família também não podia ter mulheres separadas, só viúvas, casadas ou moças, agora imagine a barra que eu enfrentei?”, interroga.

Para ela, que teve que lidar desde cedo com as opressões reproduzidas no seio da própria família, é importante lembrar da base aprendida com as figuras das avós, “a roça, a plantação de macaxeira, a avó levava a gente pra casa de farinha, ela nos dava uma faca de madeira, um tio nosso era jeitoso e fazia uma faquinha pra gente não se cortar, daí a gente limpava a macaxeira pra fazer farinha. Ali foi a base, lembro muito da minha avó. Eram 14 pessoas dentro de casa, ela tinha que ter alimentos para dar pela manhã, meio-dia e à noite. Nunca vi a minha avó aborrecida, sabe? Nunca vi minha avó desesperada, às vezes sentia que ela estava um pouco preocupada, porque no sertão, eu sou sertaneja de Sergipe, tinha época que dava muitas secas. Tinha não, até hoje ainda tem, mas a gente não tinha cis-

ternas, a gente tinha os poços que a gente cavava pra juntar água. Então lembro da avó, o lado forte, ela não falava palavrões”, narra.

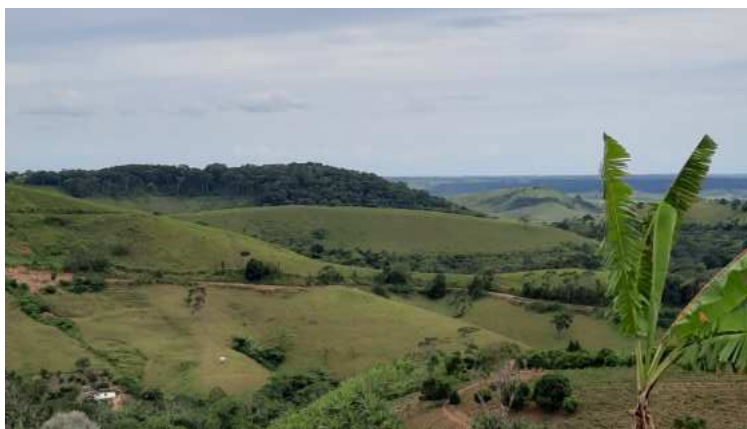
Maria Rita Rosa dos Santos  
Rosânia do Nascimento

### Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.



## Regina Maria da Silva



### Plantar a agrofloresta, colher sociobiodiversidade

Dona Regina estudou até o ensino fundamental, mas a vontade de voltar a estudar foi tamanha que ela concluiu depois de adulta alguns cursos profissionalizantes para balconista e recepcionista. A decisão certa tomada a possibilitou trabalhar durante 28 anos como servidora pública estadual. Mesmo vivendo em Maceió, por conta do trabalho estatutário, as origens camponesas não adormeceram no seu coração, sentia como se fosse um chamamento às suas raízes familiares. Em um certo dia, o marido e o sobrinho souberam da notícia de um acampamento e decidiram acompanhar o movimento social, “oxente, deixei tudo e vim embora. Sou filha de agricultor, neta e bisneta de agricultores, sou descendente de índia, a minha avó era índia”, acrescenta.

Na infância, ela cresceu com a família na Fazenda Amor, na Usina Peixe, no município de Porto Calvo-AL. Ainda hoje, moradora do Assentamento Dom Hélder Câmara-AL, a agricultora aposentada gosta de plantar e colher, “adoro quando estou tirando acerolas, bananas. Tá vendo aquelas canas ali? Ali é o meu quintalzinho. Tá vendo aqueles cachinhos de bananas? Tirei aquele monte porque já estavam amadurecendo”, conta empolgada. No meio de tantas árvores frutíferas em boa convivência com inúmeras espécies nativas de recuperação ambiental, Dona Regina afirma que sente muito orgulho dos sistemas agroflorestais biodiversos implantados por pés de coqueiros na área mais alta da pequena propriedade, “eu fico só renovando, ouvindo os passarinhos cantando, acho muito bonito”, acrescenta.

Atualmente, ela reside sozinha no Assentamento Dom Hélder Câmara, mas periodicamente recebe visitas durante as férias de trabalho dos três filhos, pois “tenho outras duas filhas, uma mora no Mato Grosso e a outra na Paraíba, e ele, meu filho, mora em Santa Catarina”, explica. Apesar da distância geográfica, ela acredita que os filhos retornarão algum dia para o chão da roça, “o sonho do meu menino é continuar. Nesse ano, vou pedir muito a Deus para ele vir cuidar de mim, é o sonho dele estar pertinho de mim”, roga a mãe amorosa. Assim, podemos afirmar que “nascer e crescer no assentamento representam, para o jovem rural, uma experiência muito forte, cheia de emoções e eventos, que vão aos poucos construindo a sua identidade de jovem: um jovem rural com a expectativa de tornar-se agricultor” (Malagodi; Marques, 2007, p. 200).

Como continua a nos ensinar Edgard Malagodi e Roberto Marques (2007, p. 197-198), a saída dos jovens rurais dos seus lugares de origem pode estar atrelada às transformações do campo no interstício dos anos 1970-1990, portanto, colocaram os jovens “em uma dinâmica que influencia e é influenciada por suas trajetórias de vida”. Por se tratar de uma categoria heterogênea e plural, a juventude rural não pode ser definida somente pela idade cronológica, ela concebe projetos de autonomia pessoal, ora a saída desse segmento é negociada no interior das próprias famílias, ora são reflexos de situações espaciais e históricas diversas, como o acirramento de conflitos agrários e/ou negociações matrimoniais e herança.

Enquanto os filhos não retornam para o assentamento, Dona Regina dá prosseguimento ao modo de vida rural, ela se diz muito engajada nas feiras que acon-

tecem semanalmente e mensalmente na região, “todos os domingos, quando eu tenho mercadoria para ir, todos os domingos eu vou; quando não tem, não vou. Vou no dia que eu tenho”, explica. Para contribuir com as inúmeras atividades agrícolas do lote, ela paga um trabalhador rural, também morador do assentamento. Desde que o esposo faleceu, Seu Agenor, a agricultora conta que teve muitas dificuldades para elaborar o luto e dar continuidade à vida, ela revela como a solidariedade camponesa foi importante para ela retomar as atividades cotidianas, “passei uns dias querendo vir sem ter forças, aí tudinho ligaram para mim, chamaram para eu vim embora que me ajudariam aqui, ‘não fique com medo, estamos aqui pra te ajudar. Se não quiser ficar aí sozinha, vem ficar com a gente’, eles me deram a maior força. Hoje eu não tenho vontade de sair daqui pra nada”, conta emocionada.

A resiliência de Dona Regina é bonita de se notar, recentemente ela comprou um carro e se matriculou em uma autoescola, agora ela quer conquistar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), “nunca me interessei, desde que me entendo por gente, piveta, criança, na minha casa tinha carro, mas eu nunca liguei. Tinha cinco tios homens, todos dirigiam, meu pai dirigia, meu avô dirigia, eu nunca liguei, né? Quando casei, meu marido dirigia, todo mundo dirigia. Quando meu marido se foi, pensei que alguma coisa mudou, viu? Fiz a minha matrícula para dirigir só por aqui mesmo. Tô dependendo dos outros, quero ficar dependente de mim”, revela.

Regina Maria da Silva  
Rosânia do Nascimento

## Referências bibliográficas

MALAGODI, Edgard; MARQUES, Roberto. Para além de ficar ou sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 200, pp. 197–214.

## Zilma Maria dos Santos Lima



### Mulher originária

Quando falamos das mulheres no campo, a ancestralidade indígena é subtraída ou sub-representada nas produções acadêmicas e, muitas vezes, nas organizações e movimentos sociais. Na América Latina e Caribe, as mulheres indígenas denunciam as grandes empresas agroalimentares que vilipendiam, ainda hoje, os territórios, povos e comunidades tradicionais. Mesmo diante de tamanha violência colonial, elas protagonizam debates a favor da soberania alimentar e do bem-viver e, no âmbito das suas terras e comunidades, as mulheres indígenas são reconhecidas por seus povos como guardiãs dos conhecimentos ancestrais.

No Assentamento Dom Hélder Câmara, Alagoas, a conversa sobre ancestralidade indígena começou assim, a pesquisadora Marina Tauil fez a seguinte pergunta

para Dona Zilma: “Como a senhora se considera, branca, preta, parda ou indígena? Qual a etnia?”. Ela respondeu imediatamente que se considera, na atribuição usada oficialmente pelo Brasil, como uma pessoa “preta”. Marina acrescentou: “preta... mas a Maria disse que a senhora tem ascendência indígena também, não tem?”. Nesse momento, Zilma fez um esforço para resgatar a memória a partir da narrativa de uma ancestral originária. A agricultora continua: “Tenho, por parte de mãe. A minha mãe, no caso a avó dela, foi pega no mato. Assim, a minha bisavó foi pega no mato, o cachorro que pegou”.

Para Ingrid Macedo (2022), mulher indígena do povo Pataxó-BA, é preciso desmistificar a normalização da violência colonial sofrida pelas mulheres indígenas nas histórias familiares brasileiras. As expressões “minha avó foi pega no laço”, “pega na mata” ou “à dente de cachorro”, usadas para se referir à ancestral indígena, revelam que o rapto e o aprisionamento foram práticas violentas usadas para o “amansamento” e agrupamento de tais mulheres nos arranjos matrimoniais brasileiros. Portanto, os homens partiam do ponto de vista da dominação e controle. Depois da captura, as mulheres indígenas sofriam outro processo desolador, perdiam o seu pertencimento étnico e a relação comunal com o seu território, haja vista que dificilmente uma pessoa na atualidade que conta essa narrativa de uma “avó pega no laço” consegue se lembrar do povo a qual ela pertencia. Como se tratava de integração forçada, à medida que o número de descendentes aumentava, essa história se perdia no tempo.

Por mais que o silêncio e o apagamento teimem em se impor até hoje nas histórias familiares, faz-se de suma importância apresentar a crítica de Ingrid Macedo (2022), intelectual indígena, para revelar o pertencimento da alagoana Dona Zilma que, mesmo diante da dificuldade de acessar a memória das suas antepassadas indígenas e negras, carrega em seu corpo-território a força ancestral. Como o projeto Territórios Livres se baseia no escopo da Agroecologia e da economia feminista, tendo como recorte temporal o interstício de 2021 a 2022, precisaríamos de um tempo maior dedicadas em pesquisas biográficas, etnográficas e historiográficas para nos aprofundarmos nas raízes familiares dessa agricultora. No entanto, ela ainda tem muito a nos ensinar, como apresentado a seguir.

Como a maioria das agricultoras da zona da mata alagoana, Zilma estudou muito pouco, ela acrescenta que nem se recordava mais do tempo em que fre-

quentou a escola. Atualmente, ela reside na companhia de três filhos e do cônjuge. Ao todo, ela pariu treze filhos. Hoje em dia, a principal renda da família advém da aposentadoria do casal e dos produtos comercializados nas feiras mensais em Maceió e, semanalmente, em Murici. As frutas são o carro-chefe, os caixotes dispõem de bananas, mangas, jacas e abacaxis. Outra especialidade é o fabrico de tapiocas, beijus, bolos artesanais e doces, como a cocada.

A agricultora vive nessa terra desde a “lona preta”, ou seja, fez parte dos últimos vinte anos do acampamento até a regularização do Assentamento Dom Hélder Câmara, situado no município de Murici. Ela acrescenta que passou três anos morando com os filhos pequenos no acampamento, as dificuldades eram grandes tendo em vista a preocupação do casal em garantir a alimentação, saúde, segurança e a frequência na escola. Ao mesmo tempo, Zilma conta que “queria ter uma terra para mim, morava na terra dos outros. Ele não queria vir porque era muito menino, para cuidar de casa, mas eu disse: ‘eu vou’. Eu me imaginava vindo morar aqui para ter uma terra boa, morar em uma casa boa. Na fazenda, morava em umas casas velhas, caindo as paredes. Aí realizei o meu sonho, porque ganhei a casa”, arremata. O protagonismo feminino também se faz notar na documentação da terra, ela afirma que está no nome do casal.

Zilma Maria dos Santos Lima  
Rosânia do Nascimento

## Referências bibliográficas

MACEDO, Ingrid, de nome indígena Juacema. **A ancestral pega no laço e a normalização da violência contra mulheres indígenas**. In: Assembleia Popular. 2022. Disponível em: <https://www.assembleiapopular.com.br/post/a-ancestral-pegano-laço-e-a-normaliza%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%Aancia-contra-mulheres-ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

## Maria Helena de Moraes



### Na força do meu Axé

Na frente da casa de Maria Helena, do Assentamento Fidel Castro, localizado no município de Joaquim Gomes, estão dispostas muitas plantas ornamentais, as samambaias e suculentas ganham forma de pendentes, elas embelezam a varanda. No canto esquerdo, assim como vimos em outros quintais da Zona da Mata alagoana, as espadas de São Jorge energizam o ambiente, elas protegem o lar e espantam o pessimismo. Tudo o que encontramos em Maria Helena foi energia boa, uma agricultora adepta ao candomblé, consciente de sua negritude e da importância que ela exerce coletivamente na defesa da democracia brasileira.

Ainda hoje, o Nordeste é considerado um dos últimos “bastiões” católicos do Brasil. No Assentamento Fidel Castro, em Alagoas, o aumento de fiéis protestantes

e evangélicos cresceu bastante nos últimos anos. Segundo a análise dos dados do Censo Demográfico de 2010, a filiação religiosa diversificou-se no país, embora o crescimento da fé evangélica tenha aumentado exponencialmente comparada a outras religiões (Carneiro, 2012). O que sabemos sobre os Povos e Comunidades de terreiro no contexto dos assentamentos rurais? Como as agricultoras adeptas ao candomblé se sentem, se expressam e lidam com o racismo religioso no seu cotidiano familiar e comunitário? O número de pessoas autodeclaradas adeptas ao candomblé em pesquisas censitárias no Brasil sempre foi pequeno. Como sabemos, a colonização portuguesa impôs o catolicismo como religião oficial, do mesmo modo, as religiões de matriz africana, em sua diversidade, resistiram à violência e à criminalização.

Para Maria Helena, a sua condição de mulher negra, agricultora rural e adepta ao candomblé, a enche de orgulho, ela não titubeia, assertiva diz: “Eu me considero preta, negra mesmo. Eu queria ser bem neguinha. Eu sou do candomblé, já sofri muita discriminação do católico, o candomblé participa muito da igreja também. Às vezes, umas irmãs evangélicas que não têm muito preconceito chegam e convidam para ir à igreja delas, eu aceito. Para mim, não vejo diferença, o deus é um só”. Como vimos, Maria Helena professa a sua liberdade de crença, prevista como direito e garantia fundamental na Constituição Federativa brasileira, além disso, demonstra como a irmandade entre as mulheres agricultoras pode ser construída a partir da diferença e da solidariedade.

No entanto, agricultoras como Maria Helena podem se sentir isoladas e acossadas devido às tentativas incessantes de se converterem à fé cristã, elas precisam de uma rede e espaço para cumprirem suas obrigações comunitárias, devocionais e sacramentais. Em contraponto, a violência cotidiana reproduzida por meio de gestos e burburinhos pode se repetir em outros contextos rurais, como o caso noticiado sobre Francisca dos Santos, a última umbandista do Quilombo Teixeira, no Sertão do Moxotó-PE (Amorim, 2021). Assim, faz-se necessário pontuar que o racismo religioso enfrentado por pessoas adeptas ao candomblé e umbanda ganha outras proporções, pois diariamente são vítimas de muita violência, como a destruição dos templos religiosos e a estigmatização social que podem impactar o convívio social e até mesmo a participação plena na vida pública, profissional, cultural ou cívica.

Como nos ensina o babalorixá Sidnei Nogueira (2020, p. 63), historicamente os quilombos-famílias possibilitaram “instrumentos de luta, resiliência, saúde mental e espiritual ao oprimido”. Ademais, desde o surgimento da Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), os Povos e Comunidades de terreiro lutam em defesa do direito humano à alimentação (Brasil, 2018).

Desde a tenra idade, Maria Helena esteve em luta por sua existência, ela não pôde ser criada pelos pais, que a entregaram aos cinco meses de vida para avó. O pai, ela só conheceu aos cinco anos de idade quando ele retornou de Brasília, e depois desse episódio, ele reapareceu apenas na sua fase adulta. Em razão de ser sustentada financeiramente por um tio, agregado na Fazenda Gravatá, propriedade de Hélio de Murici, ela ficou distante da escola. “Eu nunca estudei. Fui criada por um tio que dizia que o que ele sabia dava para dar de comer a mim e a minha avó, só que ele morreu e levou o que ele sabia, eu fiquei”, conta. Quando perguntada das lembranças da avó, ela responde que, “eu não lembro muita coisa não, saísse muita coisa da minha mente. Aprendi com o tempo, com a luta, o tempo foi ensinando”, muitas vezes, essa é a forma como mulheres tão guerreiras e emblemáticas como Maria Helena lidam com a memória afetiva.

Aos trinta anos de idade, ela se mudou para Maceió depois que o esposo sofreu um acidente de carro, o filho mais velho tinha sete anos. Com a necessidade de procurar tratamento e melhores condições de vida, a família permaneceu na cidade por um tempo. Depois, seguiram para a ocupação do Bolo e, em seguida, foram batendo de acampamento em acampamento. A Boa Escolha foi a penúltima ocupação, depois vieram para a ocupação que deu origem ao Assentamento Fidel Castro, antiga Fazenda Pimentas, foi aqui que se assossegararam.

Maria Helena conta que recebeu muitas ameaças no tempo em que permaneceu acampada. Um dos netos que ela criou, hoje com 24 anos, nasceu no acampamento, por isso já se somam muitos anos em luta e resistência. O cenário de apreensão é descrito da seguinte maneira: “Chegavam os empregados dos latifundiários todos armados, arroteavam o acampamento todos armados, botando pressão de noite, a gente com medo. Com quinze dias a gente ia para outro canto, voltava de novo. Foi muito sofrimento debaixo da lona preta”, narra.

Atualmente, ela vive da pensão do marido e da renda que adquire com as vendas dos produtos da terra. Depois da morte do cônjuge, Maria Helena desen-

cadeou muitos problemas de saúde, pois juntos criaram quatro filhos, três meninas e um menino. Ela também criou sua neta, Marta, desde menina, o Mateus, o César, ou seja, os três filhos da sua filha Lucy. A respeito da figura de avó que cultivava com muito afeto, diz que “quando criei os meus filhos, acho que não estava para ser mãe. Com os meus netos já foi outra coisa, a gente vai mudando. O amor pelos netos dobra, a gente tem amor pelos filhos da gente, mas os netos a gente ama o dobro”, conta emocionada.

Nos últimos anos, ela teve a saúde fragilizada, somado ao falecimento do esposo, passou por um quadro agudo de infecção por Covid-19 e Zika vírus. Para piorar a realidade, as fortes chuvas terminaram de prejudicar as plantações. A macaxeira, por exemplo, apodreceu. Ainda que diante dessa realidade, ela aposta na criação de animais, cria galinhas, patos e porcos. Ela tem vendido galinhas caipiras na Feira Camponesa Itinerante do Bicentenário, no Conjunto José Tenório, Serraria, realizada há quinze anos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). A agricultora leva seus produtos da terra para comercializar na Feira Agroecológica Novo Jardim, que acontece na Praça da Faculdade, situada no bairro tradicional do Prado, em Maceió.

Para ela, a relação com o fortalecimento da produção orgânica e agroecológica, em alguma medida, depende da conjuntura política municipal e estadual. Houve um tempo em que uma ex-prefeita do município de Joaquim Gomes organizou uma feira que acontecia às terças-feiras. Depois de um novo pleito ocupado por outro político pouco afeito à agricultura familiar, as coisas foram piorando. Hoje, a vizinha Nilda, recorrendo ao frete particular, tenta incentivar as agricultoras dos assentamentos para circularem com os seus produtos em localidades circunvizinhas. Por vezes, como conta Maria Helena, “a gente tem que colocar na ponta do lápis o que a gente vai levar para vender para tirar o lucro da gente, porque não adianta ir para feira e o lucro servir somente para pagar o frete”, acrescenta. A equação se resolve comparando os gastos de produção e comercialização dos produtos com os dividendos. Assim, a matemática prática e implicada politicamente possibilita a construção de uma análise social dos obstáculos enfrentados pelas mulheres agricultoras.

No dia a dia do quintal, Maria Helena anda orgulhosa em meio às plantas medicinais, como a cidreira, hortelã miúda e grossa, os pés de ora-pro-nóbis e de canela chamam atenção pelo crescimento. Ela também não esconde as agruras

dos plantios, pois para irrigar a área plantada recorre a bomba elétrica, o que torna os custos de produção mais elevados. Para garantir a produção livre de venenos, a agricultora compra calcário para utilizar na plantação de milho. A família tem preferência por adubo orgânico, usando fertilizantes à base de esterco de gado e galinha. No entanto, ela se sente “ilhada” em sua decisão política, pois alguns vizinhos fazem uso de agrotóxicos.

“O quintal significa tudo, é dali que eu tiro uma cebola, um coentro, um tomate, tudo. Se a gente não tiver quintal, não tem nada”, reflete. Diante dos planos que cultiva, a agricultora conta que deseja construir uma cisterna, pois poderá plantar durante o verão. Como argumentado, trabalhar no “inverno” é mais lento, pois as chuvas podem afetar a plantação drasticamente. Quando perguntada sobre os sonhos, Maria Helena diz o seguinte: “Esses dias estava me perguntando, meu deus, os meus sonhos estão ficando velhos como eu? Eu ainda tenho um sonho de ter uma cozinha e trabalhar com bolos. Cheguei a trabalhar com bolos nas feiras de Joaquim Gomes, levava na carroça, vendia aqui de porta em porta no assentamento, vendia para a merenda escolar, mas o pneu está quebrado e não consigo consertar. O meu maior sonho é esse, ter um forno industrial, ter uma cozinha”, revela.

A depender da qualidade dos bolos, doces e geleias produzidos por Maria Helena, os produtos vão ser popularizados com muita facilidade. Recentemente, ela ficou famosa nas redondezas, “eu não sei se foi em referência à minha geleia de pimenta, porque ela já foi até para os Estados Unidos. Participei de um curso a convite de um amigo do assentamento, levei doce de banana, de abacaxi. levei nego bom, um bocado de coisa. As mulheres que foram para essa reunião vieram de vários cantos, aí compraram a minha geleia de pimenta dizendo que ia levar para os Estados Unidos”, conta empolgada.

Quando tem qualquer movimento e agitação popular, ela participa, como a Caravana Lula Livre, em que a agricultora e as/os companheiras/os de luta foram a pé até a cidade de Arapiraca, percorrendo cerca de 167 km de distância do município de Joaquim Gomes. Mesmo com a diabetes e pressão alta, a agricultora acrescenta que não passou mal, qualifica a sua participação como tendo sido política. A cada parada no meio da estrada, havia a tenda da saúde, que aferia a pressão das/os militantes. Em 2023, ela foi de ônibus para a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

Perguntada sobre a motivação que a leva a participar desses processos de luta intensos, Maria Helena responde que o MST é a principal base do Partido dos Trabalhadores (PT), ainda que mantenha como horizonte programático e político a sua autonomia e independência. Acrescenta ainda, “se a gente ficar aqui dentro de casa vai adquirir o quê? Se a gente já luta tanto e ainda é excluído. Se a gente ficar aqui sem lutar, a gente vai fazer o quê? Através do nosso movimento, todo mundo aprendeu a lutar por seus ideais, os professores, todo mundo aprendeu com o MST. Porque antes, antigamente, ninguém via a luta por nada”, defende.

Maria Helena de Moraes  
Rosânia do Nascimento

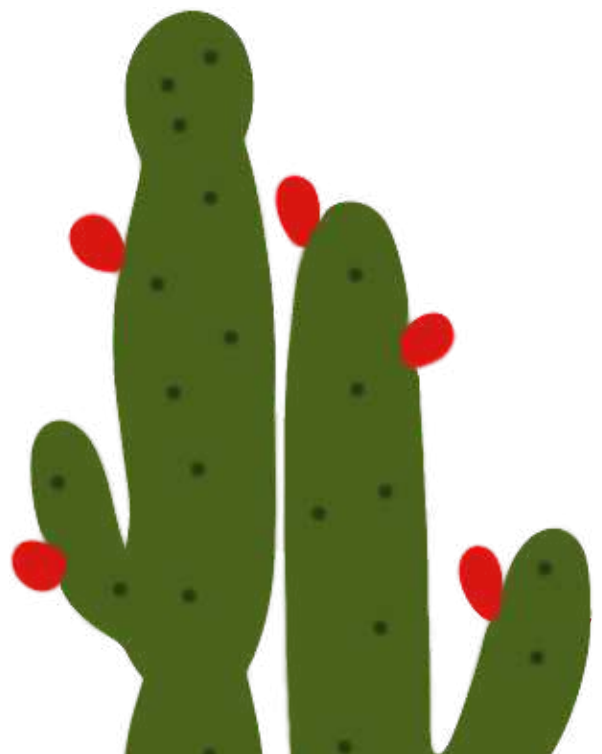
### Referências bibliográficas

AMORIM, Géssica. Francisca dos Santos, a última umbandista do quilombo Teixeira. Marco Zero, 2021. Disponível em: <https://marcozero.org/francisca-dos-santos-a-ultima-umbandista-do-quilombo-teixeira/> Acesso em: 23 de abril de 2023.

BRASIL. **Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e Povos de Terreiro: Segurança Alimentar, nutricional e Inclusão produtiva.** Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

CARNEIRO, Júlia Dias. Nordeste e Sul são os últimos ‘bastiões’ católicos do Brasil. Rio de Janeiro: BBC Brasil, 2012. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629\\_mapa\\_religioes\\_jc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629_mapa_religioes_jc) Acesso em: 23 de abril de 2023.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020 (Coleção Feminismos Plurais).



## Josefa Águeda Póvoas Marinho



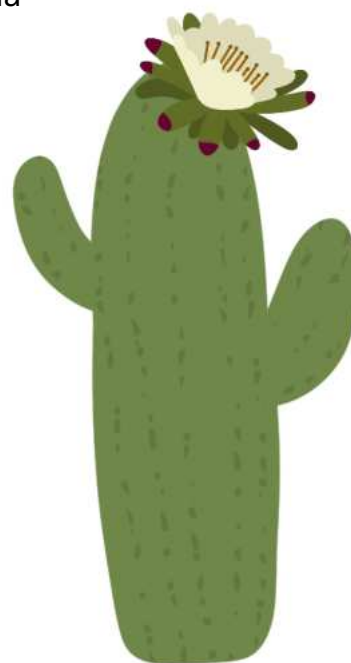
### O meu quintal é a minha cozinha

Com a agricultora Josefa Águeda, do Assentamento Flor do Bosque, situado no município de Messias, na Zona da Mata alagoana, aprendemos a ressignificar o ato das famílias camponesas nordestinas nomearem as crianças a partir de suas crenças e rituais. Ela conta que antes mesmo de nascer, sua mãe havia escolhido o nome Águeda, no entanto, os saberes e crenças da parteira fizeram ela mudar de ideia, ou melhor, escolher o nome composto para a filha, como a agricultora conta na sequência: “Nasci com o umbigo enrolado no pescoço. Na época era assim, se fosse menina, colocava o nome de Josefa; se fosse menino, José, para não correr o risco de morrer afogada depois. A parteira disse que tinha que colocar o meu nome de Josefa, mas a minha já tinha escolhido Águeda. Então, ela decidiu colocar o meu nome de Josefa Águeda”, explica.

A agricultora conta a anedota sobre o seu nome para expressar a importância das histórias aprendidas com as mulheres da família ou comunidade. Ao mesmo tempo, ela dá muita importância para os saberes transmitidos por seus irmãos e irmãs, tendo construído o que ela chama de “turma de roça” e, em seguida, acrescenta: “Eu me vejo muito em meus irmãos e irmãs. Nós somos oito, nasceram onze, mas três morreram, aí ficaram quatro homens e quatro mulheres. A gente nasceu e cresceu em um sítio no interior de Pernambuco, na divisa entre o agreste e o sertão, entre Iati e Águas Belas. Eu me vejo na primeira infância com os meus irmãos, brincando, arengando e muito ligados. Depois nós formamos uma turma de roça para trabalhar, os meus irmãos mais velhos, porque o meu pai era o dono da roça, ele não era de trabalhar na roça. A minha mãe cuidava da casa, da comida, da gente, a minha mãe trabalhou por muito tempo na roça, mas eu não lembro muito porque era muito pequena. Cresci e fui pra roça com quase 12 anos de idade. Antes lembro de ter ido com o meu pai, ele me ensinando a arrancar feijão, deveria ter entre sete a oito anos, lembro de um gesto que ele fez. Era ele, um trabalhador e eu, como abaixava para arrancar o feijão, ele pegou um pano, amarrou em minha cintura pra eu conseguir abaixar e pegar o feijão. Depois, até essa faixa etária, era eu e meus irmãos”, narra.

A trajetória das crianças e mulheres aparece protagonizada no discurso da agricultora Josefa Águeda, ela enfatiza a importância de seus irmãos e irmãs na divisão do trabalho familiar, a “turma da roça” formada pelos filhos e filhas do casal operava quase por completo o trabalho nos roçados e, no caso da sua mãe, ela conjugava vários ofícios, cuidava dos filhos e da manutenção do lar doméstico. A presença ativa da matriarca desafiava os vieses patriarcais, como a força física e dureza associada à figura do pai e esposo.

Nesse sentido, Josefa Águeda reflete sobre o ofício de professora, exercido pela mãe na juventude, algo que ela mesma teve dificuldade de se afirmar enquanto tal, como podemos observar na sequência: “Minha mãe teve um papel mais marcante. Nesse contexto do meu pai ser mais rígido, muito mais duro, a minha mãe conseguia manter a família. Minha mãe parecia ser mais fraca fisicamente que o meu pai. A gente achava que ele era o todo



poderoso nesse sentido da força física, se fosse para bater, mas a minha mãe aparentemente submissa e frágil conseguiu manter a família, os filhos e a ele também. Quando a minha mãe morreu, há seis anos, o meu pai definhou. Aquele homem enorme e forte, definhou. A mamãe cuidava da casa, cuidava da gente, começou a dar aula, mesmo sem saber direito. Ela fez a 1ª e a 2ª série do primário, ela aprendeu a ler e fazer contas. No sítio onde a gente morava não tinha professora, então os pais foram na casa do pai dela para ela ser a professora. Tem uma turma lá mais velha do que eu, mais de sessenta anos, que a minha mãe alfabetizou. Depois eles tiveram os filhos deles, a minha mãe foi ser professora pelo município para alfabetizar essa turma também. Só que não parecia, ela era uma pessoa muito simples e sem formação acadêmica, mas ela sabia ler, escrever e as quatro operações, ela ensinou, a turma aprendeu. Aqui tem pessoas que foram ex-alunos dela que é diretora de escola hoje e foi para frente. Então a mamãe tem um reconhecimento enorme naquela região entre os jovens, adultos e crianças”, relata orgulhosa.

Voltando ao passado, Josefa reflete sobre os tempos em que a família e vizinhança de lotes desconheciam o uso de agrotóxicos nas plantações, a agricultora relata que já testemunhou diversas complicações de saúde decorrentes da contaminação e envenenamento sofrida por vizinhos. Para ela, as plantações dispensavam o uso de veneno, pois recorriam a práticas orgânicas e tradicionais. “Só voltando na questão da roça, quando se fala da relação da roça e plantação sem o uso de veneno é porque era normal. Não era assim ‘porque não ia usar veneno porque era agroecológico, orgânico’. Não era normal usar, não tinha, ninguém nem sabia, ninguém falava disso. A gente plantava e cuidava da roça normal. Tenho 54 anos, até os 20 ou 30 anos, a gente não sabia. Agora quando eu participo dos movimentos, eu não uso simplesmente por opção de agora ser orgânica, não. Eu não uso porque não cabe em minha mente obter um produto que vai envenenar uma planta, porque nunca ouvi isso. Ultimamente vim aprender o nome de Roundup aqui, até em Colônia se falava pouco, porque não era uma coisa tão comum. Talvez, agora esteja mais comum, quando a gente chega mais perto da capital, das fazendas, isso vai ficando mais comum para os pequenos agricultores, já escutei que é caro”, reflete.

Em seu relato, Josefa Águeda desvenda uma das falácias da indústria de venenos, pois “não é verdadeira a afirmação de que precisamos dos agrotóxicos para alimentar uma população crescente e faminta” (Londres, 2011, p. 23). Atualmente,

o Roundup, citado pela agricultora, é o agrotóxico mais conhecido e comercializado em todas as regiões brasileiras. Ele é o mais popular entre os pequenos produtores rurais também, tendo sido vendido como “mais fraquinho”, no entanto as evidências científicas comprovam que o glifosato pode provocar deformações em bebês que incluem, por exemplo, a microcefalia, afirma a pesquisadora Flávia Londres (2011).

Para enfrentar a problemática ambiental e de saúde pública instaurada pelo uso desenfreado de agrotóxicos no Brasil, a transição para modelos de produção agroecológica protagonizada pela agricultura familiar faz-se necessária para pautar a criação e efetivação de políticas públicas e programas governamentais no âmbito federal, estadual e municipal (Londres, 2011).

Nesse sentido, os quintais produtivos, as feiras agroecológicas e orgânicas protagonizadas pelas agricultoras oriundas de assentamentos rurais de Alagoas, demonstram um papel primordial nessa luta, a começar pelo entendimento que elas elaboram sobre os quintais. Conforme a agricultora Jose Águeda, “para gente o quintal é aquele espaço fora da cozinha que a gente planta algumas coisas. Quando você está em um ambiente de roça, maior e mais aberto, a visão já muda, acaba que o quintal se amplia. Para mim, o quintal é aquele espaço junto da casa, que pode ser maior ou menor, onde você pode plantar as coisas que você vai usar em casa, consumir ou vender. O meu quintal produtivo é a minha cozinha, onde eu me descubro, me revelo, onde eu vou, me preocupo se vou conseguir chegar na feira, se vai ter transporte. Então o mundo do meu quintal é a cozinha e a casa. Por exemplo, a partir de hoje a casa se transforma em uma mini padaria, eu vou me preparando, jogo água sanitária na cozinha, lavo a masseira e não trabalho com a masseira na próxima fornada. Para mim, cada massada é uma massada, cada fornada é uma fornada, então eu preciso desse ritual de preparar tudo para a próxima semana. Então, é aqui nesse ambiente que crio, recrio”, acrescenta.

No assentamento, ela e o esposo Ronaldo estão há cerca de 6 anos, na casa em que moram, atualmente estão há pouco mais de 1 ano. A pequena propriedade, como um todo, é uma área comunitária que reúne outras quatro famílias. Antes de construir a residência, o casal foi acolhido durante quatro anos no lote do Cicinho e Marilene. A principal renda é do Ronaldo, ele é professor concursado do estado e Josefa tem a sua renda oriunda do seu ofício, como ela se autodefine, é uma

artesã tabira. Ronaldo possui graduação, mestrado em filosofia e trabalhava, até recentemente, em uma escola no município de Colônia Leopoldina, até conseguir a transferência para outra unidade escolar no município de Messias, onde está localizado o assentamento em que o casal reside. Ela chegou a cursar até metade do curso de Pedagogia, mas teve que parar os estudos, revela que “sempre fui mais apaixonada pela área de história, antropologia, essa coisa de entender toda a questão humana. Depois, entrou esse aspecto da terra, toda essa ligação da gente com a terra, mas cursei dois anos de pedagogia, tenho amor pelas crianças também”, conclui.

O Cicinho, esposo da agricultora Marilene, incentivou Josefa Águeda a vender os seus primeiros pães em feiras. Ela começou a fazer os pães há cerca de quatro anos, a padeira tabira, como ela prefere ser chamada, tem uma história muito bonita com o valor afetivo e comunitário dos alimentos que comercializa. Em suas palavras, “aprendi a fazer pão com algumas irmãs, elas faziam pão de queijo e outros pães também. Quando morei em Colônia, lá na Comunidade do Catita, e lá tinha um integrante chamado Bunho que me ensinou a fazer pão. Ele me ensinou e peguei o jeito, eu fazia pães para a comunidade. Quando eu vim para cá, eu não sabia direito o que iria fazer para sobreviver, eu comecei a fazer farinha multigrãos. De início comecei a fazer pães para casa, em seguida, partilhei com a família do Cicinho e Marilene, e ele já estava frequentando a feira há mais ou menos um ano. Aí ele falou para eu fazer os pães e levar para a feira. No início fiquei com vergonha, porque quando você faz um produto, você vai ser avaliado. Comprei uma caixinha, fiz quatro pães a R\$5 reais cada, no final da tarde o Cicinho chegou com a caixa vazia e os R\$20. Fiquei com uma alegria e pensei ‘que coisa bonita’. Na outra semana, fiz oito pães, mandei e a caixa chegou novamente vazia, e com R\$40 no bolso. A gente foi nesse ritmo até as clientes quererem me conhecer pessoalmente. Quando comecei a mandar 16 e a caixa continuou a voltar vazia, pensei que já tinha chegado num ponto em que se mandasse mais pães, eles não voltavam mais”, conta realizada.

Como Josefa costuma salientar, à medida que seus produtos conquistam a clientela, ela começa a observar a transformação de si, ela começou a se sentir mais confiante para demonstrar a sua capacidade de acessar memórias afetivas construídas com seus irmãos, irmãs e companheiros de luta para se tornar a padeira famosa da comunidade. O quintal produtivo, neste caso, engloba a padaria

tradicional que mantém na pequena propriedade, e ela faz questão de externar que segue todos os padrões de qualidade.

Depois, a clientela começou a pedir pão sem glúten e outras variedades especiais, aos poucos ela começou a realizar pesquisa para agregar maior valor nutricional e afetivo aos pães. Dessa forma, ao agregar, os pães ficaram enriquecidos, um equilíbrio entre qualidade, prazer e saúde. Nos pães, ela costuma colocar passas, castanhas e amendoim. Em todos os processos, essa relação é incorporada, como o uso de óleo de girassol não-transgênico, açúcar demerara, batata, chia, açafraão, farinha não-transgênica, coco, aveia, ovos caipiras que são comprados diretamente das feiras agroecológicas e orgânicas das quais a agricultora e pa-deira participa.

No decorrer desse desenvolvimento de si e da afirmação dos seus produtos com alta qualidade, ela ampliou a parceria entre os companheiros de luta, começou a comercializar na banca do casal Cicinho e Marilene, e mais tarde passou a vender na banca de Dona Maria. Josefa Águeda acrescenta que diante disso começou a alimentar novos sonhos, “eu não sei se é um sonho, mas tenho vontade de ter um carrinho para carregar os meus pães, porque é tão sofrido você depender dos outros. Por exemplo, já tem três domingos que vou à feira pegando van, e é muito complicado. Ronaldo me leva até a BR, eu vou com duas caixas de pães e levo as bananas de Dona Maria, a gente faz essa parceria. Pego duas vans até a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), desço e quando chego na Centenário me sinto em casa, é minha casa de domingo pela manhã. Os meus colegas vão me arranjando caixas, levo uma toalha verde e de renda bem bonita, boto os pães e pronto. Tenho banca, mas quando o carro da prefeitura não vem, eu não levo”, relata.

Assim como outras agricultoras e artesãs da região, Josefa Águeda constata que a maior dificuldade que enfrenta diz respeito à logística e a falta de programas municipais que estimulem e incentivem a produção e comercialização de produtos da agricultura familiar do município de Messias, especialmente aqueles produzidos pelos assentamentos rurais. Para construir os espaços agroecológicos e feiras em outras localidades e cidades, em alguns circuitos, ela costuma pegar até quatro transportes, incluindo trajetos feitos de carro, caminhão, van e moto, por isso o cansaço desanima.

Diante disso tudo, Josefa Águeda tem construído profundas reflexões sobre a importância dos seus produtos artesanais e o papel desempenhado pelas mulheres. Para ela, “todo alimento que você faz em casa é uma arte, você precisa ser um pouco artista para juntar vários ingredientes e conseguir chegar naquele sabor agradável, sem que ninguém desapareça ou sobre apareça. Então, você precisa criar uma comunhão, um bem-estar para todo mundo. A cozinha é esse espaço que exige que você tenha essa veia artística, a intuição, a sabedoria, que é muito comum a mulheres, especialmente. O cuidado com a arte, a comida tem a capacidade de tocar afetos. A comida é o gosto da tua infância, da tua mãe, da tua avó. Quando você faz um produto, ele te revela. Assim, você faz um pão ou qualquer outro produto, então foi você quem fez, você que pensou, agiu, organizou, você vai passar para alguém. Quem comprar vai querer saber como você fez, ficou mais tempo, menos tempo, daí você vai se expor, contar sobre a sua ação. É diferente quando você faz e põe no supermercado, não tem ninguém lá, é você e a prateleira, ela é silenciosa, não diz nada. O produto de uma prateleira de um supermercado não tem vida, o produto de uma pessoa que vende na feira tem uma história. No supermercado a história é de uma empresa, é a história de exploração. O produto da agricultora, do artesão do campo, que fez e foi à feira, naquele produto tem um pouco da história dela. É a vida da gente! O dinheiro importa ali, porque você vai depender dele, mas as relações, a troca, entre você e o consumidor. Nesses quatro anos que trabalho com pão, o meu crescimento tem a ver com os feedbacks das consumidoras e consumidores, clientes e amigos”, a agricultora e padeira artesã arremata suas reflexões nos oferecendo pressupostos valiosos para o fortalecimento da ciência agroecológica.

Josefa Águeda Póvoas Marinho  
Rosânia do Nascimento



## **Caminhar devagarinho**

Faz um dia ensolarado e Marilene usa um chapéu de palha e um vestido florido. A agricultora, de corpo franzino e olhar marcante, caminha devagar entre a horta de couve, rúcula, cebolinha, alface, agrião, brócolis e a plantação de bananas. Mais à frente, ela mostra as hortaliças colhidas e reservadas em uma espécie de baú, ela nos convida para voltar à sua residência. No meio do caminho, as flores de hibisco na cor rosa contrastam com o verde escuro de mais pés de laranjas pela área.

Nem tudo são flores na trajetória de Marlene, do Assentamento Flor do Bosque, localizado no município de Messias, zona da mata de Alagoas. Antes de começarmos a falar sobre sua participação nas feiras agroecológicas de Maceió, Ma-

61. Segundo o Art. 1º da Lei Nº 14.601, de 19 de junho de 2023, "fica instituído o Programa Bolsa Família, no âmbito do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, em substituição ao Programa Auxílio Brasil, instituído pela Lei nº 14.284, de 29 de dezembro de 2021".

rilene preferiu falar da infância. Atualmente, ela tem 54 anos e participa ativamente das decisões que envolvem o seu ambiente familiar e a produção rural destinada às feiras na cidade. Na residência moram ela, o marido e o filho. No entanto, ela recorda que foi impedida de estudar pelo próprio pai, agricultor, em virtude da ideologia patriarcal fortemente arraigada nas famílias rurais do Nordeste, a agricultora disserta: “A regra dele era essa, o risco da gente crescer e mandar carta e bilhete para namorado. Ele nunca deixou eu ir pra escola. Assim, tiveram duas irmãs mais velhas, entre 18 irmãos e irmãs dos dois casamentos do meu pai, que ainda foram para aqueles grupos escolares pequenos, elas aprenderam muito pouco, mas elas leem e assinam. Mas logo depois ele proibiu. Ele não chegava a ser violento, apenas gostava de dar ordem e ser cumprida, o que ele falava tinha que obedecer”.

Quando se trata do nível de escolaridade das mulheres no Brasil, alguns estudos recentes revelam que as “mulheres brasileiras têm 34% mais probabilidade de se formar no ensino superior do que seus pares do sexo masculino, mas também menos chances de conseguir emprego” (BBC News Brasil, 2019). A pesquisa resulta das conclusões do relatório *Education at Glance 2019*, cujos dados foram divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A disparidade de gênero, em certo sentido, explicita as barreiras relacionadas à inserção e ao sucesso na carreira profissional impostas às mulheres. No entanto, os dados circulados em ampla abordagem jornalística sub-representam as mulheres brasileiras rurais, pois historicamente elas enfrentam maiores dificuldades para concluir o primeiro ciclo da escolarização formal: a alfabetização.

Como relatado pela agricultora Marilene, “posso dizer que não tive uma infância como as crianças de hoje têm, a minha infância foi trabalhar na roça, lá para os meus oito anos de idade a gente já começou a trabalhar”, acrescenta. A experiência de vida de Marilene se assemelha à realidade de outras mulheres nascidas na metade do século XX. Em estudo recente, Marileia Moraes e Maria Simone Schwengber (2017), afirmam que nesse contexto cerca de 50% da população brasileira acima dos quinze anos de idade era não-alfabetizada.

Hoje, algumas políticas públicas e programas de erradicação do analfabetismo conseguem impactar as histórias de vida dessas mulheres, mas frequentar os bancos escolares não é fácil para aquelas que foram desautorizadas a aprender a ler e escrever pela dominação masculina e pelo Estado brasileiro, afinal, as polí-

ticas educacionais tardaram em alcançar os contextos rurais. A agricultora reconhece que recebe incentivos de pessoas próximas, acrescenta que “a verdade é que fiquei com vergonha. Depois de adulta, assim, fiquei com vergonha. Quando você é criança é o início, depois de adulta fiquei com vergonha de ir para escola”, reflete. Acima de tudo, a agricultora acredita no poder transformador da educação, conta que seu único filho estuda na sede do município de Messias, hoje, felizmente existe o transporte escolar. Ele sai bem cedinho e retorna ao meio-dia, e a mãe acredita que a leitura e a escrita vão abrir caminhos para romper com as “heranças educativas do analfabetismo” (Moraes; Schwengber, 2017).

Quando chegamos na pequena propriedade de Marilene, a família estava recebendo o Auxílio Brasil<sup>61</sup>, do governo federal. A renda é complementada pelos produtos comercializados aos domingos na Feira Agroecológica e Orgânica de Farol, situada na Praça do Centenário, em Maceió, Alagoas. O marido tem frequentado sozinho, por conta das dificuldades com o transporte, ela frequentou apenas quatro vezes. No início, as agricultoras e agricultores do Assentamento Flor do Bosque recebiam apoio da Prefeitura Municipal de Messias, mas a nova gestão não tem se comprometido totalmente com a logística das/os feirantes assentadas/os. “Tem um carrinho que vai, a prefeitura ainda fornece o combustível. Como ela deixou de fornecer o caminhão, então, ficamos sem carro, porque ela fornece agora 20 litros de combustível”, explica.

Para Marilene, falar da importância das mulheres na sociedade é repensar o que elas enfrentaram no passado. A sua mãe casou-se aos 27 anos de idade, ela foi a segunda esposa e criou todos os 19 filhos/as do cônjuge. “Ela deu conta de todos até se casarem, ter a sua casa, tomar o rumo da vida de cada um. Não é qualquer uma que aceita, mas como a gente sabe, tudo mudou, nos tempos lá atrás as mulheres aceitavam tudo, o que viessem elas estavam preparadas para enfrentar. Só que agora modernizou”, reflete. Em relação ao seu estado civil, ela acrescenta: “casar, eu não sou casada, apenas colegas. Não casei no papel, na igreja, a gente mora junto”, reitera que estão juntos desde 2006.

Ao falar da união, Marilene relembra os momentos em que estiveram acampados, “primeiro ele acampou, mas depois demorou muito. Ele trabalhava na construção civil, então ele acampou para ter a terra e nela trabalhar por conta própria. Sempre nos fins de semana, eu vinha. Depois a gente deu uma saída, quando as

terras saíram tudo, a gente não estava mais no acampamento, mas aí onde a gente mora hoje, aqui tinha um outro rapaz com um filho com deficiência, ele enfrentava muitas dificuldades para acompanhar o tratamento em Monsenhor Paulo, não vinha carro até aqui, então ele decidiu procurar uma casa na rua, pra ter mais facilidade para o filho dele. Então, meu marido já tinha acampado e ajudado nessas casas construídas também, ele já era do lugar, aí então, entraram em contato e fizeram a transferência, ele foi para a nossa casa na rua e nós viemos para aqui”, narra o processo de uma década de luta por permanência no assentamento.

Marilene Mota  
Rosânia do Nascimento

### Referências bibliográficas

MORAES, Marileia; SCHWENGBER, Maria Simone. Mulheres e heranças educativas do analfabetismo. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 233–249, Maio/Ago. 2017.

IDOETA, Paula Adamo. “Mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas têm mais dificuldades em encontrar emprego”. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49639664>.

## Julita Maria Cavalcante do Nascimento



### Os sonhos não morrem no coração de uma mulher negra

Há algum tempo, a divisão sexual do espaço público e privado é questionada pelo movimento agroecológico feminista. “A análise do que é ou não permitido às mulheres expressar, desejar, realizar em suas vidas” (Siliprandi, 2015, p. 38). Como as agricultoras do Assentamento Flor do Bosque, zona da mata alagoana, se expressam em relação aos elementos materiais e imateriais do seu cotidiano? Julita, conhecida carinhosamente por Preta, apresenta o fogão a lenha e, peculiarmente, as panelas estão penduradas nos caibros. Ainda do lado direito do telhado, ela aponta para alguns utensílios, como colher de pau grande, martelo e facão. Disposto em outro canto, é possível identificar um pedaço de tela daquelas usadas como proteção de galinheiro. No alforje marrom há muitos segredos, que somente a fabulação revela os itens guardados.

Do lado esquerdo do fogão a lenha, o paineleiro vertical reluz o zelo das panelas areadas com muito empenho. Outro detalhe que encanta é a presença de um tamborete em cima do fogão, ele está repleto de bananas maduras. Acima deste, as tampas da panela estão guardadas em uma peça de estopa costurada à mão. Tudo chama atenção neste espaço. O chão batido bem varrido e as ervas secas à mão de Julita. Saindo dali, a agricultora emite um som vibratório pelos lábios que atrai as galinhas, as goiabeiras rodeiam o galinheiro e se encontram com as extensas espadas de São Jorge que transbordam de um balde velho.

Voltando ao fogão a lenha de Julita, a crosta escurecida que cobre metade da chaleira que está no fogo nos remete a pensar o lugar das mulheres negras no passado do Brasil, ou seja, de um lugar social que reproduz estereótipos para o deslocamento a um lugar emancipatório na atualidade (Gonzalez, 2020). Primeiramente, é importante abordar com sensibilidade a autodefinição da agricultora, com a consciência política de si e do mundo, ela defende: “Eu me considero preta, era para ser negra, mas ninguém quer colocar negra, quer botar preta, mas é negra”.

Julita estuda no período vespertino na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola realmente está muito próxima da sua residência, pois do quintal é possível avistá-la. Mas nem sempre foi assim. O direito à educação é uma conquista política recente, pois “nessa época meu pai não deixava estudar, ele bebia muito e dizia que a gente ia se mudar, mas nem se mudava, dizia que ia embora e não ia, hoje, eu me sinto bem, converso na estrada e fico aprendendo, mesmo na leitura e na mente, é bom estudar. A importância de estudar é aprender a ler para eu poder trabalhar, a pior parte é essa, você não estudou e não tem o seu emprego”, acrescenta.

Ainda sobre a infância vivida nas fazendas e sítios de terceiros: “tem coisa boa e coisa ruim, liberdade foi uma coisa boa. brincar e correr foi a melhor parte. O sofrimento foi trabalhar pequena, desde pequena já trabalhava e o espancamento da minha mãe. A mãe trabalhava limpando o mato e como eu era pequeninha ia tirando os tocos do que sobrava das moitas. Depois fui crescendo e trabalhando com cana, adubando, limpando. Depois passava um tantão de tempo, me abusava e ia trabalhar na casa de família, até os quinze anos já tinha começado trabalhar na casa de família”, relata.

Para a historiadora Maria Aparecida Prazeres Sanches (1998, p. 38), entre 1900 a 1950 no Nordeste brasileiro “encontrar emprego como doméstica era relativamente fácil. Não faltavam famílias que apreciassem ter uma a quem pudessem delegar todo o serviço de manutenção de suas residências”. Isto posto, a cozinha, desde o passado escravista, passou a ser associada à figura das mulheres negras.

No entanto, as condições físicas degradantes e a forma de tratamento que inferiorizava tais trabalhadoras, levou algumas a refletir e despertar a consciência crítica, como foi o caso de Julita: “eu nunca gostei de trabalhar em casa de família, é muito serviço, ficava até tarde tendo que passar ferro, como era no interior, não tem esse pensamento que tem hoje, né? Trabalhava muito, ficava triste. Eu passava quinze dias sem vir em casa, quando estava longe, passava um mês sem vir em casa. Sentia discriminada na parte dos pratos, era separado, eu não gostava, não. A empregada que trabalhava tinha seu prato e caneco separados, e só comia depois que todo mundo terminava. Na casa, dormia em um quartinho mais atrás. A cama e a mesa de passar ferro ficavam no quarto em que eu dormia”, relata.

A violência de gênero perpassa todos os âmbitos da sociedade, no campo e na cidade. Perguntada sobre as relações de trabalho nas fazendas, ela declara que “trabalhava porque já estava cansada do campo. E a parte do campo, o fazendeiro queria se aproveitar das meninas e dos trabalhadores. De primeiro, na fazenda, tinha administrador, contador, conferente, tinha muita gente para mandar, a gente não tinha uma havaiana para pôr nos pés, aquele bolo de barro rachava, abria, era uma dor. De cima do cavalo, eles me mandavam ajeitar a cama, eu, malcriada, dizia ‘desça para vir ajeitar aqui’. Eles diziam que iam contar pra minha mãe. A gente não tinha bota para trabalhar, era tudo pobrezinha”, acrescenta.

A lida com a terra, ela aprendeu com a família. “Aprendi com a minha mãe. Lá em casa sempre teve roça de macaxeira, mas meu pai sempre tava se mudando. Naquele tempo era assim, estava nessa casa assim, daí chegava em outra fazenda e morava em outra casa desocupada, mas a gente não tinha nada. Meu pai ia para a mata, trazia coco e ralava pra gente comer com farinha, pra gente dormir. Minha mãe pisava banana, a gente comia, às vezes tinha só feijão, água e sal. Chegou um tempo que não tinha nem farinha lá em casa, o meu pai saía para trabalhar sem nada, na volta trazia só maxixe. Mas sempre tinha coco, a gente chupava cana”, revela.

A agricultora Julita teve quatro irmãos, Diva, Petrúcio, Pedro e Paulo, ela é a caçula. Portanto, passou grande parte da vida trabalhando com a família nas fazendas da região. Depois desse encontro com Beneval, seu cônjuge, o casal mudou-se para a cidade de Messias. “Depois que casei não deixou mais eu trabalhar, mas depois, como a Maria, minha comadre e irmã, estava aqui sozinha, aí eu vim. O filho da comadre saiu, ela ficou sozinha aqui, doente, ela me chamou para vir pra cá”, conta como chegou ao atual assentamento.

Para ela, o quintal é sinônimo de autonomia e acolhimento, ela o delimita a partir de suas atividades diárias que perpassam a divisão do âmbito doméstico, portanto, ele “é essa área que começa na cozinha e até ali no galinheiro é o quintal. Acho o quintal melhor que dentro de casa, fico mais tempo aqui fora que dentro de casa. Para mim a mesa é sagrada porque nunca falta comida, recebo muita gente”. Quando a visitamos, a produção não estava indo muito bem, e ela usou os conhecimentos adquiridos para identificar o que estava acontecendo de errado. Às vezes, pode ser a mudança de tempo, fortes chuvas ou estiagem e no nível político, as agricultoras enfrentam dificuldades para acessar a assistência técnica especializada ou o crédito rural. Em determinadas situações, o estado emocional pode influenciar na relação íntima que elas têm com a terra.

No entanto, no caso de Julita, ela tem dito que as dificuldades atuais se dão com a irrigação das hortas. Observando ao seu redor, ela percebeu a mudança “pelos matos, quando os matos estavam tão secos. Tenho só essa horta, a dificuldade é para aguar todos os dias. Toda planta daqui boto lá no viveiro. Mas minha filha, essa horta daqui deu uma caída danada, a hortelã grossa, a hortelã miúda, alfavaca, pimentão, pimenta de cheiro, alfavacão, um pé de abacate, um pé de moringa, um pé de capim santo, dois pés de citronela, um pé de urucum e uns pés de cidreira”, acrescenta.

As condições desfavoráveis não a esmorecem, ela continua firme em seus propósitos, Julita tem dito que “depois que eu me aposentar, vou cobrir aquela parte da casa com telha para eu receber mais gente. Quero ter couve e alface. Vou organizar ela, e ela vai ter vida de novo. Aqui já nasceu de novo muita alfavaca e mastruz, vou colher tudinho, aprendi a limpar tudinho. Já tenho ora-pro-nobis, ora-pro-nobis é a minha vida. Ainda tenho dois pés de mamão”, descreve muito animada os planos futuros para a horta.

Além das atividades que desempenha cotidianamente no quintal e no roçado, ela se envolve em aparições públicas ao lado de outras agricultoras, “participo da associação e desse grupo da Romaria da Terra”, acrescenta. Foi inserida nessas organizações e grupos que passou a se reconhecer como elo importante na luta em defesa da terra e da agricultura de base agroecológica e orgânica. Para ela, é “bom demais, você conhece novas pessoas, faz amizade, tem outro conhecimento. Mesmo para mim, que ainda não sei ler, o conhecimento fica na cabeça, aprendo o que é bom e penso no alimento saudável. Quando morei na rua, só comia veneno, não sabia. Hoje quando os meninos compram fico brava, a Maria já está plantando cebolas e temperos já pra gente não comprar na rua. Na rua a gente comprava bananas de manhã, quando era de tarde já estavam todas amarelas, veja, quando você compra orgânico, dura muito mais, a natureza, o silêncio, os passarinhos cantando, perfeito”, explica.

Como sabido, as agricultoras enfrentam muitos desafios para conquistar e garantir os direitos fundamentais e sociais básicos. Portanto, tornar-se beneficiária da previdência social no Brasil, para as mulheres rurais, foi conquista recente, oriunda da participação delas na Constituinte (Siliprandi, 2015). Antes disso, o acesso à aposentadoria e salário-maternidade, por exemplo, não fazia parte da realidade nacional, como podemos constatar no relato pessoal de Julita: “Meu sonho é aposentar, estou contando os dias para me aposentar. Para comprar minhas coisas e não ser dependente, pra viajar para os cantos, porque comprar as coisas para depois pagar é muito chato, eu não gosto não. Tinha Bolsa Família, mas cortaram, mas eu também não fiz uma dívida. A minha dívida é de R\$ 20 para baixo, sempre uma filha paga por mim. Mesmo que meu marido mande eu comprar alguma coisa na loja, eu não vou não, fica chato. Gosto de comprar as coisas com o meu dinheiro”, reflete.

A história de Julita revela que as mulheres rurais enfrentam as artimanhas machistas e racistas, pois muitas agricultoras e suas famílias foram expulsas do campo no passado, assim, tiveram que exercer a função de trabalhadoras domésticas nas cidades pequenas ou capitais dos seus respectivos estados, outras tantas mantêm essa relação sazonalmente até hoje, para suprir as necessidades básicas da família na ausência e ineficiência de políticas públicas. No Brasil, a regulamentação dos direitos trabalhistas das domésticas é tardio, por exemplo, a obrigatoriedade do recolhimento do FGTS por parte do empregador e o segu-

ro-desemprego foram incluídos em 2015 pela então presidenta Dilma Rousseff. Então, as agricultoras que exerceram o trabalho doméstico nos ensinaram muito sobre a longa jornada a favor dos direitos das mulheres brasileiras.

Julita Maria Cavalcante do Nascimento  
Rosânia do Nascimento

### Referências bibliográficas

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia:** transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano e caribenho:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. Fogões, Pratos e Panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico. Salvador 1900/1950. **(Mestrado em História).** Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: UFBA, 1998.



## Josefa Olindina da Silva



### Quintal é sinônimo de autonomia e acolhimento

O Assentamento Flor do Bosque está localizado no município de Messias, na zona da mata alagoana, sendo composto por cerca de 33 famílias (Santana; Gervais; Mattos, 2022). Falar em assentamentos rurais é reconhecer que ainda não temos a reforma agrária democrática efetivada, mas, ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que a mobilização social dos anos 1990 foi responsável por desvelar a concentração de terras e de riquezas no universo agrário brasileiro. São muitas as personagens femininas que resistem no campo, o seu trabalho e presença estão por toda parte nas pequenas propriedades, basta olhar para as frutas dispostas em fogões e mesas, como observamos algumas unidades de graviolas, cajuzinhos e goiabas colhidos por Dona Josefa, agricultora do Assentamento Flor do Bosque.

Bernardo Mançano Fernandes (1999) questiona o consenso sobre “Qual reforma agrária?” temos para apresentar a seguinte pressuposição: “Que reforma agrária?”. O geógrafo defende que no período do governo FHC ao primeiro governo Lula não possuímos um projeto de reforma agrária para o Brasil, pois, na realidade, desenvolvemos uma política de assentamentos rurais destinada a famílias organizadas em defesa da luta pela terra. Aproveitando as indagações do estudioso, acrescentamos: de quais famílias organizadas estamos falando? Quais são os sujeitos políticos que constroem a ocupação e resistência dos assentamentos rurais? De lá para cá, algo mudou? Como a agroecologia se encontrou com a luta das famílias assentadas, tendo em vista o papel desempenhado pelas mulheres?

Antes de responder, é preciso escutar com atenção a paisagem dos assentamentos rurais. Sim, a paisagem de um assentamento rural é polifônica. Foi assim que chegamos em uma tarde ensolarada no Assentamento Flor do Bosque. Ao fundo, o som emitido por grilos e cigarras compunha uma verdadeira sinfonia no quintal produtivo de Dona Josefa. Depois de uma breve conversa no fogão a lenha na parte externa da sua residência, ela nos levou para conhecer o plantio recente do roçado da família, o milho já apresenta espigas, crescendo em consórcio com o feijão, este último cultivar está sendo protegido por folhas secas de coqueiros. Na agricultura familiar de base agroecológica e orgânica, o conhecimento é aplicado nos roçados e quintais, portanto, em cada técnica e prática tem trabalho de mulher.

A palha de coco, por exemplo, é usada como proteção da horta. Como a agricultora relata a dificuldade diária com a irrigação, a cobertura sustentada por forquilhas protege os pés de alface, rúcula, salsa e coentro do sol forte, permitindo-lhes um bom crescimento. Além das hortaliças, a agricultora cultiva plantas medicinais, como capim santo e cidreira. Usa no seu cotidiano familiar, faz chás e leva os produtos para a Feira Agroecológica e Orgânica da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), realizada dominicalmente na Praça do Centenário, em Maceió.

Naquela tarde, o caminhar do sol nos direcionou à procura de sombra debaixo da copa de uma árvore nativa ou de uma outra, plantada pela família há pelo menos duas décadas. “A gente tava acampado em Mumbuca, veio de lá para cá. Como a gente morava em Maceió, vivia por lá, ele era sempre lá e cá, uma correria. Ele disse que qualquer lugar ele ia, até que um rapaz disse que aqui tinha uma vaga. Isso já tem mais de 20 anos, porque a minha filha tem 28. Aqui no assen-

tamento, de acampamento à luta, vamos fazer 16 anos". Ao todo, ela teve quatro filhos, os homens moram fora do assentamento, residindo respectivamente em Sucupira, Pernambuco; Maceió, capital de Alagoas, e Mato Grosso. A filha do casal mora próximo à sua residência.

A paisagem da zona da mata alagoana se revela pelos barulhos emitidos pelos seres que a habitam. O mugido do gado e a presença de cavalos abriu precedentes para compreendermos como os papéis de gênero organizam a pequena propriedade, ontem e hoje. Dona Zefinha conta que cuida dos pequenos animais e o esposo toma conta dos bovinos e equinos. Enfrentadas as artimanhas machistas, o quintal produtivo possibilita o surgimento do protagonismo das mulheres e a afirmação de sua autonomia, "a mente da gente fica mais arejada, com mais força. Tem hora que estou assim desanimada e vou para a horta. Depois de mexer em uma coisa, mexer em outra, aquilo ali vai melhorando", reflete.

A paisagem do assentamento possui sua polifonia, mas convive com o silêncio imposto às mulheres devido às relações assimétricas de poder persistentes no campo. As agricultoras dedicam-se a um trabalho exaustivo nas pequenas propriedades rurais, pois historicamente foram atribuídas ao papel secundário na agricultura familiar, erroneamente chamado de trabalho improdutivo (Federici, 2017), mas as suas práticas possibilitam a continuidade do modo de viver e resistir nos assentamentos rurais. Nesse sentido, temos que irromper o código silente por detrás das figurações de "esposa que ajuda o marido" ou "mãe zelosa que só cuida da casa" para reconhecer o protagonismo feminino na agricultura familiar.

Ainda hoje, algumas agricultoras brasileiras enfrentam dificuldades em ecoar suas vozes plurais. A princípio, historicamente, as mulheres do campo sofreram com a ausência da escolarização formal, como relata Dona Zefinha, "estudei até a primeira. Não tive oportunidade, né? Os pais trabalhavam e nunca ficavam em um canto certo para colocar a gente na escola. O meu pai até me botava na escola para eu estudar, mas só que assim, como tive que ajudar em casa, minha mãe saía para trabalhar e eu ficava com as crianças. Bom, já tive vontade, mas fiquei cansada e não fui, porque era na quarta-feira à noite. Estudar à noite era complicado. A minha correria é demais", explica.

Quando perguntada sobre a vida nas fazendas de terceiros, a agricultora de-

clara: “A minha infância foi boa graças a Deus, apesar de humilde. Os meus pais foram bênção, entendeu? Das dificuldades lembro, sim, dos dez anos que mãe viveu em Sucupira. Eu estava com 8 anos e a gente teve que se mudar para Alagoas. Eu não sou daqui, sou de Sucupira, Pernambuco. Meus avós eram agricultores. De vez em quando a gente vai lá, minha irmã vai para Caruaru e passa lá em Sucupira na casa do meu tio”, relembra.

Josefa Olindina da Silva  
Rosânia do Nascimento

### Referências bibliográficas

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Que Reforma Agrária? In: **GeoUERJ: Revista do Departamento de Geografia**, UERJ, RJ, n. 6, p. 7-15, 1999.

SANTANA, José Ubiratan; GERVAIS, Ana Maria; SCHIRMER DE MATTOS, Jorge Luiz. Dinâmica dos Territórios Camponeses em Alagoas: a articulação de famílias assentadas para ampliar a Agroecologia em áreas de Reforma Agrária. In: **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 34, pp.1-12, 2022.

## Maria José Cavalcante



### Alumiar a caminhada

Maria José, do Assentamento Flor do Bosque–AL, surpreendeu a equipe Territórios Livres ao responder sobre a sua religião, ela acrescentou ser devota à natureza. Ela é formada como Técnica em Agropecuária e Agroecologia, e atualmente é graduanda em Agroecologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Para ela, a educação, primeiramente, lhe dá “autonomia de título, é o que a sociedade pede; segundo, essa questão das técnicas da academia, que possibilitam estar dentro daquilo que a sociedade pede”. Ela acrescenta ainda que “boa parte da agroecologia é vivência, eu estou buscando mais a teoria, que a prática tenho da agroecologia”, defende.

Por muito tempo, a universidade foi um espaço dominado pela elite branca, masculina e do Sul/Sudeste, essa realidade passou a sofrer mudanças gradativas

e lentas a partir da democratização da educação superior iniciada no século XX e concretizada a partir das políticas afirmativas implementadas ao longo dos anos 2000, portanto, é algo relativamente recente no cenário brasileiro. Em relação à participação das mulheres em cursos de graduação, como demonstra o estudo da cientista política Anna Carolina Venturini (2017), elas conformam o maior grupo numericamente nas universidades. No entanto, quando os dados são desagregados em se tratando do mercado de trabalho, a disparidade de gênero se revela.

A autora acrescenta que somado ao machismo, ao levar em consideração a intersecção de raça, classe e cor/etnia, corrobora que as pessoas indígenas e negras, principalmente oriundas das classes populares e das regiões Norte e Nordeste, tiveram que lidar com obstáculos maiores no ingresso e permanência nos cursos de graduação e pós-graduação, haja vista que são os segmentos mais numerosos na educação básica pública e gratuita (Venturini, 2017).

Agora, de quais mulheres estamos falando quando se trata da feminização do ingresso na educação superior? Nessas pesquisas, ainda que sejam pioneiras e relevantes, muito pouco é falado a respeito das mulheres dos espaços rurais brasileiros. Como demonstrado em grande parte das histórias de vida das agricultoras do projeto Territórios Livres (ABA), a educação foi um direito negado desde a tenra idade, pois muitas foram afastadas, na infância, dos bancos escolares, tendo em vista a participação no trabalho familiar. Outras vezes, o Estado negou o acesso à educação pela ausência de instituições escolares em áreas rurais. Além de tudo, nos relatos destas mulheres foi recorrente a proibição ou a interrupção dos estudos associadas às figuras de pais, tios, padrinhos e cônjuges.

Esse arranjo patriarcal, racista e classicista explica, em partes, o porquê da trajetória de inúmeras agricultoras se encontrarem com o trabalho doméstico nos centros urbanos. Diante disso, a agricultora Maria José relata a importância do diploma em sua vida, “depois que eu terminar, é um orgulho para mim que sou assentada pela Reforma Agrária, ex-canavieira, ex-doméstica, ter um título de universidade. Para mim, é importante, para minha comunidade, também, isso dá um peso para minha comunidade”, conclui.

Maria José demonstra que não basta apostar na democratização do ensino superior no Brasil, precisamos entender em quais cursos de graduação e/ou pós-

-graduação as pessoas oriundas do campo estão presentes e frequentes, tendo em vista os projetos políticos individuais e de suas comunidades de origem. A agricultora assente que o diploma permite a mobilidade social e o reconhecimento público, ao mesmo tempo que responde aos critérios acordados pela própria sociedade, no entanto as agricultoras e agricultores não são alheios aos conhecimentos e saberes produzidos na academia e para além dela, pelo contrário, possuem estes atributos somados às práticas ancestrais da agricultura, mas claro que prospectam aliar tais campos do conhecimento acadêmico e tradicional em defesa da agroecologia, por exemplo.

O professor Romier da Paixão Sousa (2017) acrescenta que somente a partir da década de 1990, no Brasil, a defesa de agrossistemas nas ciências agrárias e ciências sociais, permitiu abrir caminhos para a institucionalização do conhecimento agroecológico na universidade. Para isto acontecer, foram fundamentais as experiências no campo e as articulações dos movimentos sociais agrários, a título de exemplo, a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), em 1998.

Atualmente, “na minha unidade produtiva, no total, são 5, tia, mãe, filho e filha e eu. A renda fixa é a Bolsa Família, a pensão de Dandara, algumas coisas que vendendo do lote e a aposentadoria da minha mãe”, conta. Ser mulher, agricultora e estar à frente de um lote de assentamento é “para mim, não me retornou a opção de ser a dona da casa ou a mulher do dono da casa, eu sempre lutei pela terra. Para mim, a terra é opção de vida, é a minha vida, o meu objetivo de estar viva é a terra. Acredito na terra, porque ela nos dá tudo que a gente precisa, desde a existência à alimentação, da água à respiração. A única saída que eu tive para ter essa terra foi entrar na organização do Sem-Terra pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Entrei solteira e permaneço solteira, me restou ser a principal dentro do lote, e isso não me faz inferior por essa questão da produção”, proclama.

Entre acampamento e assentamento, Maria José soma duas décadas de luta. “Tudo eu tenho, tudo eu planto. Basicamente não sei tudo, mas cada dia aprendo algo, isso me ensina ter uma relação de respeito com a mãe natureza. Aprendi a respeitar a terra, não usar veneno, não queimar o solo. Utilizo alguns preceitos do padrinho Padre Cícero, apesar de não ser devota dele, ele dizia ‘não plante morro acima, não queime o solo’, baseada também nas práticas das camponesas e cam-

poneses”, acrescenta. A força para persistir em defesa da luta pela terra advém das experiências difíceis que viveu com a família no passado, a agricultora relata que “a minha infância foi baseada na fome, no êxodo rural e na cana de açúcar. Sou vítima da monocultura, do agronegócio, o negócio da cana de açúcar tem uma dívida comigo, com os meus companheiros de luta pela Reforma Agrária”, reforça.

Com ela, aprendemos que autonomia e pensamento crítico se forjam na luta. Maria José tem dito nos espaços políticos que a monocultura de cana de açúcar, no primeiro momento, explorou as camponesas e camponeses de Alagoas e, à medida em que sofreu transformações produtivas no decorrer do século XX, expulsou as famílias agregadas para as periferias dos centros urbanos. A agricultora relembra que na infância teve que se alimentar das sobras das fazendas em que morou com a família, e descobriu a fome e a exploração do trabalho doméstico na cidade. “Aos 17 anos vou pra Maceió à procura de emprego como doméstica, mas isso não me atraía, sabe? Ainda que eu tenha participado na Câmara dos Deputados da lei que fala dos direitos das domésticas, como ter salário, fichar carteira, me orgulho disso, mas não é o que eu queria para mim, queria produzir, queria plantar, ainda que não tivesse origem camponesa, minha origem é cortar cana”, tensiona.

Sobre a família, especialmente a ausência da figura paterna e o distanciamento da mãe em determinados momentos da vida, Maria José reflete: “claro que ela não teve as mesmas oportunidades que eu tive, mas agradeço muito a ela. Ela foi violenta, mas ela foi tratada assim, ela repassou isso para mim e meus irmãos. Mas hoje eu a acolhi, ela não acampou comigo, ela dizia que não era para lidar com os Sem-Terra, porque a sociedade dizia e a televisão mostrava para ela que os Sem-Terra eram ladrões, criminosos, ela tinha medo. Cortei o umbigo com ela”. A jovem destemida contrariou a mãe e decidiu seguir sozinha para um barraco no acampamento, depois de conseguir se estabelecer no atual lote, ela resolveu reunir a parentela.

A sabedoria de Maria José atravessa o âmbito familiar, ela inspira muitas outras mulheres dos movimentos que ajudou a construir, tendo sido pioneira das primeiras organizações e formações políticas em defesa da luta pela terra na região. “Então, eu devo boa parte da minha formação de eu estar no Movimento Sem-Terra à Irmã Rita, uma irmã belga que me acolheu dizendo para eu ir por aqui, ela me apresentou ao movimento de mulheres. Na organização, fui trabalhar com as mulheres, desde sempre trabalhei com as mulheres. Não compreendo nada de fe-

minismo teórico, eu conheço o feminismo na prática. Toda formação tem que ser partilhada, quando ela não é partilhada, ela é vendida. Vender informação é crime. Quando você recebe oportunidade, você tem que oportunizar outras mulheres. Sem as mulheres eu não sou nada, eu sou somente mais uma dentro do conjunto. Isso só é possível dentro da luta, ninguém vai dar isso para a classe trabalhadora, isso se faz dentro da organização com as mulheres organizadas”, arremata.

A luta política se parece muito com os tempos da agricultura, ela acrescenta que percebe muitas mulheres, que participaram de suas formações políticas lá no passado, trilharem os caminhos da emancipação feminina camponesa no hoje, no ontem e no agora, conjugando os ciclos do semear e colher. Para Maria José, o princípio que a motiva é a terra, e não envolve vaidade ou preciosismo individual, ela entende que as sementes são lançadas para vingarem mesmo, por isso recuar e abrir espaço para as jovens ou outras mulheres adultas também é importante. A sua contribuição é perene e reconhecida entre os grupos de mulheres assentadas e acampadas da região, no entanto ela incentiva e acompanha os passos das companheiras, preferindo dedicar-se à prática da agricultura em si, dedicando-se à sua formação acadêmica.

Tendo como horizonte as bases da agroecologia, Maria José articula sua experiência de luta e pensamento sofisticado na seguinte passagem: “Quero mostrar que a Reforma Agrária é possível, as mulheres já fazem isso há décadas, há milênios, que fazer agricultura é a saída para a questão da fome. No mundo tem muita terra, a gente precisa espalhar o povo na terra e não dividir a terra para o povo. Isso não é meu, já ouvi falar. Acho interessantíssimo a questão das mulheres, a mulher quando pensa no quintal produtivo, e aqui a gente precisa destrinchar porque eu sou ex-fateira, né? Fateira é aquela que pega o fato do boi e começa a tirar a tripa sem pocar as vísceras para não sair as fezes. Assim, as mulheres destrinçam os quintais, a agricultura, da melhor forma. Por que? Porque ela pensa nas plantas medicinais, ela pensa na questão das frutíferas, nas galinhas, nos pequenos animais, da lenha que vai cozinhar. Então, ela tem um contexto do seu quintal produtivo, quando ela pensa em plantar abacaxi, ela não pensa em plantar o monocultivo do abacaxi. A mulher pensa no conjunto da agricultura. Isso é agricultura quando você pensa na diversidade, na produtividade com qualidade. Ela pensa em não colocar veneno, a gente prega a agroecologia”, reflete.

### Referências bibliográficas

VENTURINI, Anna Carolina. A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's World Congress** (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017.

SOUSA, Romier da Paixão. Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 140, p.631-648, jul.-set., 2017.



## Marinalva Celestina da Conceição



### Galega e o galinheiro agroecológico

Marinalva, conhecida por Galega, relata a sua experiência no manejo de galinhas e codornas em sua pequena propriedade situada no Assentamento Flor do Bosque, Alagoas, “Das galinhas pequenas, tiro os bruguelinhos, aí, eu coloco em um negócio, boto um bico de luz e crio. Quando elas estão com quinze dias de tirada, eu tiro da lâmpada, elas se criam sozinhas”. A criação de animais de pequeno porte pode ser compreendida como um sistema de alimentação alternativo implantado por meio dos conhecimentos, saberes e práticas mantidas por mulheres assentadas no Brasil. Antes disso, ela havia dito em outro momento do nosso encontro que sabia muito pouco devido à interrupção dos estudos formais, depois a agricultora ficou mais à vontade para continuar o relato e, orgulhosa de si, afirma que pretende construir uma granja de codornas. Ela acrescenta que é uma carne bem apreciada no exterior.

Em continuação, Marinalva compartilha: “Essas, estou criando porque quero criar um galinheiro, vou fazer um negócio de codorna para venda dos ovos, vou fazer uma granja de codornas, mas elas são caras. Aí pensei, compro só a primeira e por diante vou fazendo a minha criação. Criação de pinto novo, galinha nova e burguesa é comigo mesmo”. Na literatura, o Sistema Alternativo de Criação de Galinhas Caipiras (SACAC) constitui uma das bases da agroecologia, neste caso as mulheres desempenham papel fundamental no desenvolvimento ou manutenção de técnicas agroecológicas, pois elas têm atenção aos equipamentos, instalações e até à medicação desses animais no espaço rural (Araújo et al., 2020).

A agricultora conta emocionada o significado de ser uma mulher assentada, “para dizer a você, saí do corte da cana e da limpa do mato depois que vim acampar, trabalhei muito nas canas, para não assujeitar meus filhos, porque não tive sorte com marido. Tive 5 filhos, aí me separei e fiquei cuidando dos meninos sozinho, sem a ajuda de ninguém, só de Jesus. Tinha dias que cortava de 200 a 300 feixes de cana. Hoje não é mais assim, é esteirado. Mesmo depois que saí de casa, me casei e arrumei filho, continuei trabalhando na cana”, explica. Por outro lado, ainda detalhando a rotina pesada de trabalho da infância à atualidade, a agricultora relativiza o seu trabalho por ter sido a principal provedora dos filhos, ela afirma sentir-se feliz “porque eu tinha saúde, trabalhava muito, mas tinha saúde. Hoje em dia, olho assim e dá vontade de fazer alguma coisa, mas não posso mais porque acabei meus dias de vida trabalhando para comer, cortando cana, limpando mato, semeando adubo”, explica.

Hoje, aos 62 anos de idade, Marinalva acumula no corpo a exploração de trabalho ocorrida nas usinas de cana de açúcar: “Então, hoje ainda subo em um pé de manga, pinto o escambau, mas estou doente. Eu me levanto bem de manhã cedo, mas à noite estou gemendo de dor. No outro dia, acordo bem cedo, boto a enxada nas costas e vou pra roça”, conta. Segundo Marceli Rocha Leite et alii (2018), em estudo publicado na Revista de Saúde Pública da USP, nos últimos anos o interesse pelas condições de saúde ocupacional das pessoas cortadoras de cana de açúcar no Brasil tem crescido. Assim, os pesquisadores concluíram que durante o corte manual, existem muitos riscos à saúde, como riscos físicos, riscos químicos e riscos biológicos. Associada ao trabalho de corte e moenda, a pesquisa bibliográfica corrobora que persiste a elevada morbidade e mortalidade de trabalhadoras/es associada à cana de açúcar.

Como vimos na história de Marinalva, desde a infância ela convive com a labuta da cana, portanto, os esforços físicos, repetitivos, vigorosos e rápidos acometeram a sua coluna vertebral e, de igual forma, ela sofre com hipertensão, pois “só na Fazenda Laginha, trabalhei 25 anos, trabalhei clandestina, sem ficha, trabalhava para as empreiteiras da fazenda, entendeu? Saí pra fora sem direito nenhum, foi igual ganhar um chute na bunda e acabou”, revela. Além disso, a agricultora assentada reitera que chegou a cortar cerca de 300 feixes de cana por dia, ou seja, do plantio à moagem. O ritmo de trabalho, no decorrer do tempo, fez com que ela se tornasse uma trabalhadora acometida por doenças ocupacionais e sem acesso aos direitos previdenciários.

O contexto social e político em que Marinalva cresceu e lutou não foi fácil, ela é vítima e testemunha das desigualdades produzidas pela cana de açúcar, como sabido, marca histórica e tão velha quanto a colonização portuguesa nas Américas. No meio disso tudo, ela reúne forças para cantar, “hoje, às vezes, quando a gente começa a contar as histórias, dá vontade de chorar. Tem horas que estou cantando uma música, né, porque quando estou trabalhando na roça, canto umas músicas que eu mesma faço. Vem assim da cabeça da gente, aí começo a cantar porque no sítio sou livre e na cidade me sinto presa. No sítio você sai na porta da cozinha, você vê a capoeira, o pé de pau, as árvores, no terreiro você vê uma galinha, o cachorro. Na rua, você sai na porta da cozinha e vê o muro do vizinho, na frente você vê a rodagem, de banda você vê uma casa colada na outra, você se sente presa, e aqui, eu tenho asas”, afirma.

A agricultora de Flor do Bosque aprendeu a forma de se expressar durante os dez anos em que permaneceu acampada com os filhos e filhas em Alagoas. Ela continua, “no campo a gente tem asas para voar. Vou cantar minha música: vou embora lá pra roça, vou sair dessa cidade, na roça me sinto livre, tem terreiro pra barrer/ Uma casa pra morar, eu não posso me esquecer, com o professor Valmir me ensinando pra valer”, entoa. Na sequência, ela conta que desabrochou para os cantares e cânticos rurais a partir da experiência nos acampamentos, “quando acampeei, disse que ia fazer uma música na beira da pista. Uma vez, chegou um monte de policial pra tirar a gente, na cavalaria mesmo, aí o Padre André, da CPT, falou pra pisar firme no chão”, relata. Para Apoliana Groff e Kátia Maheirie (2011), a relação entre a música e a mística do Movimento de Trabalhadores Sem-Terra (MST) vem desde o período do Movimento com as Comunidades Eclesiais de

Base (CEB's), haja vista que a música foi, e continua sendo usada, como veículo de conscientização política, de identificação coletiva, de sensibilização pela afetividade de acampadas/os e assentadas/os por todo o país.

Marinalva Celestina da Conceição  
Rosânia do Nascimento

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Valesca de Almeida et alii. Criação de galinhas caipiras: implantação de sistema de alimentação alternativo em assentamento rural. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, n. 2 (2020).

GROFF, Apoliana; MAHEIRIE, Kátia. A mediação da música na construção da identidade coletiva do MST. In: **Política e Sociedade**. Volume 10 – Nº 18 – abril de 2011, p. 351–370.

LEITE, Marceli Rocha. O trabalho no corte de cana-de-açúcar, riscos e efeitos na saúde: revisão da literatura. In: **Revista de Saúde Pública da USP**, 52: 80, 2018.

## Madalena da Rocha Silva e Edcleide da Rocha Silva



### Dona Magal, matriarca negra

A casa de Dona Madalena é marcada pela presença de crianças, elas riem alto no fundo enquanto tentamos aplicar o questionário do Projeto Territórios Livres (ABA). A agricultora alagoana, do Assentamento Padre Emílio April, eleva a voz para se autodefinir em alto e bom som como uma mulher preta, esquivando-se em ouvir as demais categorias étnico-raciais adotadas oficialmente no Brasil<sup>62</sup>. Os sons jocosos das crianças alternam com os ruídos que sopram da janela da cozinha, a nossa voz se esvai na paisagem cultural. Interrompemos a leitura das perguntas por um lapso de tempo para observar atentamente a interação de Dona Magal, como carinhosamente é chamada em sua comunidade, com a família.

A casa da avó é um espaço brincante, educativo e de encontros. A agricultora mora com o cônjuge, José Marcos, mas as casas das filhas Edcleide e Edclaudia

62. Conforme já insistimos em outros lugares, a adoção do Projeto Territórios Livres obedece aos critérios de autodeclaração (preta, parda, branca, amarela e indígena) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Estatuto da Igualdade Racial.

ficam em frente à sua, as duas netas fazem a maior algazarra no recinto, “meu menino trabalha na cidade, quer dizer, quando se junta para comer, para tudo, é só aqui. Só vai para casa dormir, quer dizer que mora aqui comigo, todo mundo mora junto”, acrescenta Dona Madalena. Da janela da cozinha, avistamos muitas frutíferas no quintal, as mangueiras e bananeiras formam um verdadeiro dossel. Os frutos avolumam a mesa, são bananas, jacas e abacates com a aparência livre de agrotóxicos que corroboram o compromisso da agricultora conhecedora do chão que pisa, ela e a família cultivam os frutos da terra. Por aqui, já são mais de quatro décadas fincadas nela, “nasci e me criei aqui na roça, morava ali embaixo, mas é a mesma terra, só mudou de casa”, conta.

A principal renda da família advém de políticas públicas de transferência de renda no âmbito federal, o marido possui plantações e Dona Madalena faz “doce mamão, doce de leite, doce de banana, doce de abacaxi, aí eu levo para feira em União dos Palmares e acabo ajudando na renda da casa. Eu também faço pé de moleque, bolo e beijus. A mandioca, quando tenho, tiro daqui. Quando a gente não tem, compra do vizinho, mas tudo é daqui, como se diz, tudo é produto natural. A mandioca não leva veneno, não leva nada”, acrescenta. A destreza na arte da cozinha ela aprendeu com a mãe, “ela trabalhava de cozinheira de festa de casamento, festa de batizado, o que tivesse, o povo vinha chamar ela. A minha me levava pequeninha pra servir de companhia pra ela. Chegava lá, ela pegava uma galinha, tirava o couro todinho da galinha, tirava as asas, tirava as coxas. Fui olhando e aprendi. Tudo que ela fazia, eu aprendi. Aprendi a fazer buchada, galinha, tirar o papo do peru. É um prato muito gostoso, a galinha cheia”, revela.

Como relata a agricultora, o esposo, José Marcos, trabalhava de maneira extenuante na usina de cana de açúcar, devido à exploração de trabalho pela qual era submetido, a saúde vivia fragilizada, a coluna vertebral revelava o esgotamento físico do trabalhador, por isso desde sempre a agricultora compartilhava a tarefa de fazer o alimento chegar à mesa da família, a sua participação foi decisiva no incentivo da prole em se comprometer com a renda, como acrescentado a seguir: “Às vezes dava, às vezes não dava, mas sempre eu continuava trabalhando na roça, eu ia ajudar o meu marido, mas sempre fui das pessoas que gosta de trabalhar pra pessoa mesmo, eu sempre plantava um coentro, uma cebola verde, maxixe, quibó. Com sete anos de idade já comecei na feira em Rio Largo, Murici, União dos Palmares e Lage, eu ia para essas feiras durante a semana. Cresci e me casei, aí

meu marido ia cortar a cana, mas o dinheiro não dava, então eu fazia assim, comprava as sementes de coentro na rua, chegava em casa e plantava, depois ia com o menino mais velho vender na feira. Dava pra gente viver porque a gente vendia os coentros na feira. Quando terminava, não dava pra comprar um chinelo para cada um, então, comprava pra um, na outra semana comprava pro outro e assim a gente ia dividindo”, conclui.

Durante a infância, o principal desafio para continuar nos estudos, segundo ela, foi a distância de sua casa em relação à escola, ela costuma andar “até a pista a pé, enfrentava uma mata que tinha todinha, de lá nós descia a ladeira para ir para o colégio”, relata. Ela reitera que, ainda hoje, a escola e o posto de saúde não possuem prédios físicos no assentamento rural, as crianças e adolescentes precisam ir para outra comunidade. A terra foi conquistada com muita luta, a longa jornada envolveu toda a família, “acampamos, meu marido foi e andou muito embaixo das lonas pra fazer acampamento em Maceió, minha mãe e meu marido. Chegou um tempo que não fui mais, mas ainda fui duas vezes, a gente andou tanto, eu não podia andar muito porque meus ossos faltavam a força, era muito puxado. A caminhada era pra gente conquistar a terra. Para o homem vender, a gente ia para o palácio do governador chamar atenção pra ele ver que o povo tava querendo, e nós ia passar de dois a cinco dias pra lá, depois voltava pra cá tudo cansado, às vezes voltava animada, às vezes desanimada e, assim, ia. Antes a gente morava de morador do dono dessas terras, meu marido trabalhava pra ele, cortava cana. Quando a gente via ele adoecido da coluna, a gente ia cortar cana, limpar cana, amarrar cana, fazer tudo, eu e os meninos, ia todo mundo até a Edcleide”, relata.

A agricultora participa de feiras desde os 7 anos de idade. Hoje, aos 54 anos de idade, além da produção de beijus, bolos, geleias e doces fabricados por ela, Dona Magal costuma levar muitos remédios naturais para os clientes, “a feira para mim é a maior diversão, eu me divirto muito, converso com os meus clientes, repasso as coisas que eu faço pra eles, digo como faço, levo ervinhas do mato pra eles tomarem chá, eles pedem, eu levo. Ensino como eles vão tomar o chá. Quando eles pedem, levo pitanga, folha de amora, folha de araticum, folha de goiaba, cana do brejo, mastruz, hortelã, levo tudo pra vender”, explica.

A filha Edcleide participou da nossa conversa, ela nos explica quais eram os grupos sociais envolvidos no conflito com o fazendeiro após Dona Magal afirmar

ter sido expulsa da terra e ter visto a sua casa e plantação serem destruídas a mando dele, “como você viu aqui tem dois tipos de pessoas no assentamento, as pessoas que eram moradoras do fazendeiro e as pessoas que pagavam o foro pelo uso da terra para o fazendeiro. A Dona Maria do Socorro pagava o foro, a gente era morador. Então, como era morador, a gente morava em outra área de domínio da fazenda, que era o canavial. Pra cá, pra essa área, eram só os moradores. Quando o fazendeiro morreu, o filho arrendou a terra pra outros latifundiários, daí todos os moradores da fazenda foram expulsos sem direito trabalhista. O que aconteceu no caso do meu pai, a gente morava lá, eu já era nascida, tiveram três dias pra colher o que podia, e o que não podia o trator foi passando por cima pra ser socado de cana. Então a gente vivenciou tudo isso”, descreve.

Nesse sentido, as famílias expulsas passaram para a condição de sem terra, algumas pessoas tiveram que vender os pequenos animais e o gado de corte às pressas por um preço abaixo daquele praticado no mercado, outras famílias conseguiram comprar um rancho em União dos Palmares-AL. Existiram casos em que pessoas sem terra foram morar em barracos precários nas periferias urbanas, como nos conta Edcleide, “enquanto painho, mainha e minhas tias estavam ajudando na colheita, passava um trator em cima dos roçados virando tudo, o amendoim, o coentro, tudo. A gente ainda queria sair em um acordo de paz, a minha avó se preocupava muito porque ele era fazendeiro, ele podia matar. Ao invés de pagar os direitos trabalhistas do meu pai, aliás, eram anos e anos, ele se criou trabalhando pra ele, ele pegou e deu esse sítio daqui debaixo, é um hectare de terra, que era a área dos posseiros. Então, não era uma área arrendada a ninguém”, relata.

Na sequência, Dona Magal continua o relato sobre as investidas de expulsão operadas pelo fazendeiro: “esses canhão de água que tava falando, eles botavam os canhões pra molhar a terra e batia na casa da gente, caíam os torrões das paredes porque a casa era bem fraquinha, era de taipa”. E Edcleide, a filha, acrescenta que “a força dos grandes canhões era arrojada, batia nas paredes e elas caíam, a gente dentro da casa ainda”. Voltando ao relato da agricultora, “nessa época a gente tinha muita batata e macaxeira, cada macaxeira bonita, a gente tirava de saca e levava pra feira. Depois ele foi à procura de uma casa, a gente já tinha vendido o gado, a gente tinha seis cabeças de boi, cada coisa mais linda do mundo, tinha novilha, vaca buchuda, os bezerrinhos. Saíram ele e o irmão pra ver uma casa na rua, ficamos eu e minha irmã arrancando batata. Nós arrancamos quinze sa-

cos de batata, eu e ela, lavamos e quando ele chegou tava aquele tanto de batata para ensacar. Depois levamos pras feiras em União e Lage, vendemos tudo”, conta emocionada.

Para Weldja da Silva Lima (2021), os jornais das décadas de 1980 e 1990, no estado de Alagoas, evidenciam a expropriação dos empregados de fazendeiros, moradores de engenho e dos trabalhadores/as rurais de usinas. A autora nos lembra que esse processo de expulsão do campo foi incentivado pela conjuntura política da ditadura civil-militar, tendo no Estatuto da Terra, pela Lei nº 4504, de 30 de novembro de 1964, a ideologia da chamada “modernização do campo”.

Madalena da Rocha Silva  
Edcleide da Rocha Silva  
Rosânia do Nascimento

### Referências bibliográficas

LIMA, Weldja Marques da Silva. Do conflito à re-volta: o deslocamento campo-ci-dade-campo entre camponeses em Alagoas. 2020. 158 f. Dissertação (**Mestrado em Sociologia**) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas. Maceió: UFAL, 2021.

## Maria do Socorro Soares Chicuta



### A etnomatemática camponesa

Em diversos assentamentos rurais pelo Brasil, a educação diferenciada para a realidade do campo como direito social continua a ser a ponta de lança da luta política pela terra. Na maioria das histórias de vida das agricultoras do Projeto Territórios Livres (ABA), a interrupção dos estudos explicita as desvantagens sociais das mulheres adultas que, no passado, tiveram que abandonar os bancos escolares em razão do machismo e do racismo. No entanto, os assentamentos rurais podem ser vistos como espaços educativos e educadores, ainda que persistam as dificuldades em universalizar a escolarização formal, pois as pessoas assentadas desenvolvem saberes e práticas na mediação da terra e da vida, inclusive a etnomatemática.

Foi assim que aprendemos com a agricultora Maria do Socorro, do Assentamento Padre Emílio April, na zona da mata alagoana, pois ao relatar como a sua família camponesa lidava com a terra, ela enfatiza os aprendizados recebidos do pai acerca das atividades produtivas, “sobrevivia assim, ele tinha um gado, ele plantava muita lavoura e vendia para os vizinhos. Primeiro era por litro, hoje é por quilo, é diferente”, acrescenta. Como se percebe, a agricultora corrobora que no trabalho coletivo é possível transmitir conhecimentos práticos e científicos, as circunstâncias da vida no campo são imbuídas de noções matemáticas.

Para Lilian de Campos Cruz e Rodrigo Daúde (2021), os conhecimentos etnomatemáticos podem se apresentar por meio da confecção de equipamentos de trabalho, dosagem de inofensivos naturais, quantidade de fertilização natural, construção de currais e hortas. Isto posto, a riqueza cultural e social dos assentamentos rurais propicia o desenvolvimento e transmissão desses saberes e práticas, tendo na geração (mãe, pai, filhas/os; avós/ôs e netas/os) o elo primordial para criar e rememorar conhecimentos sobre o espaço e a geometria dos roçados aos quintais produtivos. A agricultora Maria do Socorro explicou tudo isso ao demonstrar o conhecimento familiar sobre a atualização do sistema de medidas matemáticas. Em outro momento, ao rememorar a infância na fazenda, ela acrescenta que “todo ano a gente trabalhava naquele posto, hectare, era quadro, está entendendo? Mas diminuíram para hectare, diminuíram uma tarefa ou duas, vai mudando de leis”, conclui.

Existem modos de efetuar medidas de terras, elas são intrínsecas à história do latifúndio no Brasil, as noções de fazenda, quadros, braças e tarefas equivalem às dimensões usadas nas propriedades privadas e/ou comunais, sejam os latifúndios, pequenas propriedades, roçados e/ou comunidades. Assim, a depender do tamanho da área e dos sujeitos que se encarregam das atividades produtivas nela, é possível revelar as relações sociais que a constituem. Esse é um processo que não se dissocia da memória individual e coletiva das mulheres assentadas, elas conseguem apreender tanto o sistema de medidas quanto os atores sociais que disputam a terra.

Como observado na seguinte passagem de Maria do Socorro: “ele não perdeu, ele colheu, porque fomos no Incra e o Incra pagou, está entendendo? Nós não pagamos. Eu era rendeira dele, eu era moradora de fazenda, já é diferente. A fazen-

da é uma e o rendeiro é outro". A agricultora explica para a pesquisadora Marina Tauil que o usineiro não perdeu nada com a criação do assentamento rural em que ela mora, pois ele foi indenizado pelo Estado brasileiro pela política de regularização fundiária nacional, ou seja, ele pôde usufruir de um montante financeiro, fruto da expropriação do trabalho dos pequenos rendeiros e famílias agregadas. Nessa matemática, o latifundiário não tem seus bens subtraídos, eles são ressarcidos em moeda corrente, mas na multiplicação da vida e na defesa da agroecologia, as agricultoras assentadas ganham por notabilizar toda a sociedade a se comprometer com a justiça social, e não com o lucro.

Além da etnomatemática, Maria do Socorro compartilha a sua versão da historicidade da luta pela terra na zona da mata alagoana: "Nós passamos cinco anos ou mais acampadas, só andando, não foi? Eles viam a gente passando fome, a nossa história. Teve uma vez que comemos farinha com cebola lá na praça federal pra não morrer de fome, e nós vencemos. Uns diziam que a terra não ia sair, mas nós dizia que ia lutar. Passava dois, três dias lá, deixava eles de menor, às vezes deixava a comidinha ou levava eles também, em casa ficava um ou dois", conta.

Em continuidade, ela retrata como a violência no campo ocorria na década de 1990, durante o tempo do acampamento: "Se eu morresse hoje, estaria satisfeita, não desejando, tá entendendo? Ele ainda botou um revólver, eu não vi, na frente de uma menina. Ele dizia que se perdesse isso aqui, ia colocar escorpião, mas nós não aceitamos. A gente achou melhor o Incra comprar, pagar ele, e nós ficar responsável, tá entendendo? Mas foi muita luta, viu? Foi muita luta! Começou em 1980 e terminou em 2007. Ameaçaram, ainda fui presa durante 24 horas", conta sua luta pelo "chão de dormida" diante da criminalização das famílias sem terra. A agricultora relata o papel desempenhado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)<sup>63</sup>, no entanto, é importante reiterar que o serviço pastoral não protagoniza os acampamentos rurais, propriamente levado à frente pelas famílias sem terra, ela contribui na organização da luta política (Lima, 2016).

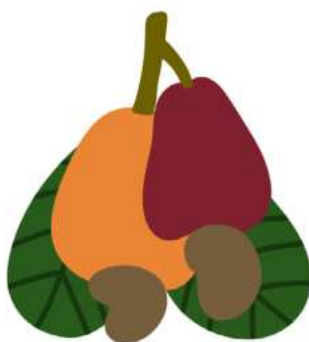
Maria do Socorro Soares Chicuta  
Rosânia do Nascimento

63. A Comissão Pastoral da Terra de Alagoas acompanha, na região da mata alagoana, cerca de 256 famílias em cinco acampamentos: Flor do Bosque (35 famílias), no município de Messias; Dom Hélder Câmara (62 famílias), no município de Murici; Padre Emílio April (42 famílias) e Santa Maria Madalena (74 famílias), no município de União dos Palmares; Rio Bonito (43 famílias), no município de Flexeiras (Lima, 2016).

## Referências bibliográficas

CRUZ, Lilian de Campos Marinho; DAÚDE, Rodrigo Bastos. Etnomatemática e o Assentamento Rural Che-Guevara: pulsões de sobrevivência e transcendência no saber/fazer do assentado. In: **REMAT**: Revista Eletrônica da Matemática, Bento Gonçalves, v.7, n.1, pp.1-21, 2021.

LIMA, José Carlos da Silva. Terra: Poder e Liberdade: a ocupação semterra na Flor do Bosque. Dissertação (**Mestrado em História**). Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió: UFAL, 2016.





## Dar ouvidos aos nossos sonhos

O dia ensolarado deixou a pele de Ivanilda mais bonita, a câmera posicionada capturou o seu corpo na paisagem cultural ao redor: a agricultora em seu quintal produtivo, os pés pequenos de macaxeira e banana anunciando a fartura vindoura. No início, ela demonstrou estar envergonhada, quantas vezes as agricultoras posam para fotografias oficiais? Em quais delas estão protagonistas de sua história, do seu trabalho? Aos poucos, o sorriso aberto revelou suas origens ancestrais. O fortalecimento do movimento de mulheres no campo, especialmente no Nordeste, tem ensejado a importância da dimensão da ancestralidade e pertencimento. Ao percorrer um assentamento rural, e “dar ouvidos” às histórias das agricultoras que o compõem, podemos observar a re-existência negra e indígena refletida na tez dessas pessoas, ainda que o Estado brasileiro tenha imposto duramente a classificação de “pardos” nos documentos oficiais.

Em 2021, Ivanilda teve que interromper o segundo ano do Ensino Médio. Ela conta que a desistência ocorreu por falta de companhia para retornar para casa à noite, pois o caminho era feito ao lado de outras mulheres, estudantes do Assentamento Pedra Talhada, situado no município de Joaquim Gomes<sup>64</sup>, Zona da Mata de Alagoas. A agricultora, de 50 anos, justifica da seguinte maneira: “só falta um ano para eu terminar o 2º ano do segundo grau, é porque não tem ninguém para ir comigo pegar o ônibus lá na estrada, as meninas daqui casaram tudinho. Tenho medo de vim sozinha de lá para cá, a gente chega umas 22h às 23h, e o meu marido não quer ir me buscar no ponto de ônibus, ele dorme cedo. Mas a menina que mora ali disse que vai este ano, amanhã mesmo vou lá chamar pra gente fazer a matrícula na escola”, conclui.

A conquista do diploma do Ensino Médio simboliza a ruptura com o passado de exclusão e machismo, pois as mulheres de sua família, avós, mães, irmãs e tias, não tiveram a oportunidade de frequentar regularmente a escola. Nesse sentido, a interrupção dos estudos desta agricultora precisa ser compreendida à luz da criticidade da situação concreta que a envolve. O patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1997), afirma que o conceito de evasão escolar esconde uma ideologia perversa, ele adverte para o uso do advérbio “fora”, na seguinte alocução: “Dona Ivanilda, agricultora alagoana, 50 anos, está fora da escola”. Para o autor, o que persiste no Brasil é a expulsão, seguida da proibição de que nela, na escola, estejam todas as pessoas pobres. Ou seja, não se está dentro da escola baseado apenas em quereres individuais, como veremos à frente, na trajetória de vida da agricultora Ivanilda, “(...) ora são proibidas pelo sistema de entrar nas escolas, ora de nelas permanecer” (Freire, 1997, p. 10).

Ivanilda relembra o passado com a voz embargada, acrescenta que “a minha infância foi boa, porque cresci com pai e mãe, a gente trabalhando no campo. A gente sempre numa boa, a família junto. Tive seis irmãos. Trabalhava na fazenda dos outros, de roça e com cana”, relata. Em diversos momentos da tenra idade, ela teve que interromper os estudos devido às circunstâncias envolvidas ao regime de trabalho exaustivo em que ela e a família estavam submetidos em sítios de terceiros na região de Joaquim Gomes.

Em outras situações, a ausência de unidades escolares refletiu a relação violenta do latifúndio, apoiado em suas dimensões classicista e machista. Não havia

---

64. Historicamente, a área que compreende o município de Joaquim Gomes pertenceu ao grupo indígena Urupês. Mais tarde, já adiantada a colonização, registrou-se o topônimo Urucu. Até 1890, o antigo engenho São Salvador, de propriedade de José Correia de Araújo Barros, marcou a raiz latifundiária (Alagoas, 2014).

escolas perto dos sítios em que morou, o sol a pino nos canaviais afastava a menina dos cadernos e livros. A educação realizada por professoras/es particulares ficava reservada às famílias dos patrões, que muitas vezes, saíam para concluir os estudos formais fora dali. Como Ivanilda se reporta, “a gente trabalhando o tempo todo com a minha mãe, a gente não tinha como vim do interior que a gente morava para estudar na cidade”, acrescenta.

A agricultora acredita que a existência do transporte escolar, com qualidade e segurança, facilitaria a continuidade dos estudos. Além da distância existente entre a escola e a sua residência dificultar a regularidade nas aulas, existem os riscos de acidentes no percurso, pois o transporte é feito em caminhões pelas estradas de barro. O poder municipal já foi notificado pela Justiça, em 2017, para garantir melhores condições de transporte para os estudantes que moram nas áreas rurais deste município (Portal G1 – Alagoas, 2017). Segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a taxa de abandono no Ensino Médio da rede pública de Joaquim Gomes é superior, comparada à taxa do Ensino Fundamental (Alagoas, 2014), o que nos faz pensar na permanência destes/as estudantes, jovens e adultos/as, como tema para refletir sobre a efetividade e a avaliação de políticas públicas voltadas para a educação do campo.

Até os 17 anos de idade, diante das dificuldades relatadas anteriormente, Ivanilda conseguiu alcançar até o 5º ano do antigo primeiro grau (atual primeiro ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais). Depois disso, ela passou longos anos fora da escola, em virtude dos encargos trazidos pelo casamento e da chegada das/os três filhas/os. Ela casou-se aos 18 anos e voltou a estudar dez anos mais tarde. Perto de completar 50 anos, com todos as/os filhas/os criadas/os e casadas/os, ela reflete que esse sonho permanece vivo e acrescenta ainda que “se todo tempo tiver oportunidade, ainda penso em me formar em alguma coisa, gostaria de fazer, assim, o que eu gosto, ajudar as pessoas carentes. A minha filha mesmo está terminando o curso de enfermagem, ela tem 31 anos de idade”, relata.

No acampamento, ela e a família passaram cerca de onze anos. Somando o tempo da lona preta e a regularização da terra, já se passaram dezenove anos que a família re-existe no Acampamento Pedra Talhada. Por outro lado, a agricultura está em sua vida há mais tempo: “Foi minha mãe que me ensinou a mexer com a

terra, porque meu pai trabalhava como motorista. A gente morava na fazenda, o dono dava um pedacinho de terra e a gente trabalhava pra gente, plantava batata, inhame”, descreve.

Toda semana, Ivanilda organiza em caixas os produtos que a terra dá e segue para comercializá-los em feiras de produtos orgânicos em Maceió. A agricultora explica a importância da certificação por controle social na venda direta (OCS): “A gente precisa de um selo orgânico. Para ter esse selo, a gente precisa ser acompanhado. No caso, eu vou para a feira e vendo as minhas coisas, por isso estou participando”, explica. A agricultora sai de casa cedinho com as caixas repletas de bananas, batata e macaxeira, ela também leva outros produtos, como pé de moleque, tapioca e beiju. Em todo processo, a coletividade impulsiona as atividades: “descasco a macaxeira, ralo na casa de farinha do assentamento, de um vizinho aqui do meu lote, e tiro a goma em casa”, acrescenta.

O custo maior para participar das feiras agroecológicas e orgânicas na região é destinado à logística. O grupo formado por cerca de cinco feirantes do Assentamento Pedra Talhada dividem o transporte para comercializar nas localidades rurais e cidades circunvizinhas. Por cada ida à feira, elas pagam em média R\$ 100 pelo frete, e a prefeitura municipal contribui com 50 litros de combustível. Quando a feira acontece no Sítio de São Jorge, o grupo sai na quinta-feira, volta sábado pela manhã e, na semana seguinte, se dirige para Eustáquio Gomes. Ivanilda e os demais feirantes permanecem por lá entre sexta-feira e domingo, retornando para o assentamento no final do dia.

Hoje, cada vez mais aliada a outras mulheres e movimentos sociais, a agricultora reflete sobre o seu papel de mulher no campo: “Eu sempre trabalhei com o meu esposo, ele trabalha a parte dele e eu a minha. Nunca dependi dele para nada. A mulher que depende do esposo, acho que ela sofre um pouquinho. Gosto de plantar de tudo, o meu marido diz que faço uma salada de frutas. Ele planta macaxeira só em um canto e batata no outro. Eu não, planto macaxeira e naquele espacinho que sobra eu planto milho, planto pés de pimenta, planto de tudo. A gente aqui não usa veneno na terra, se eu levo feijão pra uma feira, a casca eu não deixo lá, eu trago pra casa, depois coloco nos pés de banana, nos pés de macaxeira. Uso esterco de gado ou de galinha, pego ali no vizinho”, destaca.

Em sua pequena propriedade, ela tem “pé de abacate, laranja e limão. Aqui não tem irrigação, a gente tem que aguar com a mão”, explica. Além da produção

no quintal, que inclui plantas medicinais, como a babosa, hortelã grossa e miúda, cria-se galinhas e porcos, o marido tem apreço pelos cavalos e vacas. Pensando nas últimas conquistas, Ivanilda destaca que as mulheres se reúnem com frequência para realizar mutirões no Assentamento Pedra Talhada e Pimenta, “é importante porque é igual a uma reunião, uma vai para ajudar a outra, vai trabalhar e aprender uma com a outra”, conta.

Diante das dificuldades enfrentadas após a criação do assentamento, como o acesso ao crédito rural e as promessas não cumpridas de residências de alvenaria, ela faz uma análise da conjuntura: “Se a gente for fazer um acampamento sem ter um movimento, a gente não vai se criar, porque é ele que corre atrás de tudo. Quando a gente estava acampado, sempre tinha reunião ajudando a gente a fazer as coisas, tinha mobilização, caminhada. Depois que passa a ser assentado fica dependendo do Incra, vai quem quer, mas a gente tinha que ter o direito de ir para todas, para ajudar aqueles que não ganhou ainda”, reflete.

Ivanilda Alexandre da Silva  
Rosânia do Nascimento

## Referências bibliográficas

ALAGOAS. **Perfil Municipal Joaquim Gomes**. Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico, v.2, n.2, 2014.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1997.

PORTAL G1 ALAGOAS. Justiça determina que prefeitura de Joaquim Gomes, AL, providencie transporte escolar adequado. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/justica-determina-que-prefeitura-de-joaquim-gomes-al-providencie-transporte-escolar-adequado.ghtml>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

## Silvaneide dos Santos da Silva Mota



### “Deixa a minha história falar”

Silvaneide interrompeu o fluxo da entrevista com a seguinte sentença: “Deixa a minha história falar”. Com muita propriedade, ela nos sensibiliza para escutá-la com atenção, não na ordem que o nosso questionário orienta, mas na cadência de uma vida de lutas e conquistas. Respeitando o que ela proclama, a sua história segue contada em primeira pessoa e está organizada em três momentos principais: a infância no entorno da Lagoa Mundaú, situada no bairro de Fernão Velho, Maceió-AL, a vida de trabalhadora urbana e sua relação com o pequeno quintal e, por fim, as experiências em ocupações até o estabelecimento da sua família no Assentamento Zumbi dos Palmares, situado no município de Branquinha, Zona da Mata de Alagoas.

62. Conforme já insistimos em outros lugares, a adoção do Projeto Territórios Livres obedece aos critérios de autodeclaração (preta, parda, branca, amarela e indígena) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Estatuto da Igualdade Racial.

“Me criei em Maceió, vim morar aqui no assentamento em 2005. Fernão Velho é um bairro de Maceió que tinha uma fábrica de tecidos, é um bairro que fica na beira da Lagoa Mundaú. Meu pai dizia assim: ‘Silvaneide, vem aqui’, e eu já estava no pé dele. Fui criada tomando conta dos meus irmãos, eram cinco irmãos. Minha mãe lavava roupa de gaia, eu tinha que cozinhar para ele, era tudo dentro de casa. Meu pai naquela época trabalhava cortando lenha, era cortador de lenha, ele trabalhava nas matas.

Eu não tenho conhecimento dos meus avós, porque nunca os conheci, nem do meu pai nem da minha mãe. Eu só tenho conhecimento de uma tia que era deficiente, ainda cuidei dela. Ela morava em Atalaia, eu acho, fazia farinha. Em um dia, ela estava com o corpo quente e cheio de pó da farinha, tomou banho apressada para ir na rua, ficou com um lado do corpo todo comprometido. Eu dava banho nela, cortava o cabelo, colocava no banheiro. Quando ela morreu na minha casa, eu já estava mocinha.

Nunca tive infância na vida, minha infância foi sempre trabalhar, nunca fui criança de brincar, vejo hoje meus sobrinhos brincando com o celular, é tempo de quebrar o pescoço, eu nunca tive isso. Nunca tive uma boneca, meu irmão nunca teve um carro para brincar. A nossa infância sempre foi trabalhar. Sempre. A gente pequeno, na época, que eu me lembre assim, acho que eu tinha 7 ou 8 anos, passamos por muitas dificuldades. Não é porque o meu pai não trabalhasse, ele trabalhava.

O dinheiro que meu pai ganhava, ele só pagava aluguel, comprava leite para os menores, e não dava. A gente pequeno saía, é que você não é daqui, não sei, a gente tirava sururu<sup>65</sup>, a gente ia para Lagoa Mundaú. A gente pegava uma lata, daquela que peguei lá no viveiro, eu descia com ele a pé para a lagoa, é porque vocês não conhecem a estrada velha de Fernão Velho, a gente descia a pé, crianças, tirava o sururu com a lata, a gente levava o balaio para lavar lá e tirar a lama, eu subia com o balaio na cabeça, ele, com a lata, dividida meio a meio. Chegava em casa, a gente ia despinicar com a minha mãe, depois a gente ia vender. A gente pegava uns pratinhos de estanho, que existiam naquela época, a gente saía de porta em porta para vender. Isso para comprar o café, o açúcar e a farinha. Só. E a comida era sururu. Graças a Deus tinha a lagoa para sustentar. Hoje a gente está aqui, agradecida a Deus por tudo isso”.

---

65. Sururu (*Mytella strigata*) é um mexilhão de ambiente costeiro e estuarino. O Conselho Estadual de Cultura de Alagoas considera a Moqueca de Sururu e o Caldo de Sururu como Patrimônio Imaterial.

Como nos conta Silvaneide, ela cresceu no entorno da Lagoa Mundaú e a família passou por dificuldades para se manter socioeconomicamente. Diante das dificuldades de empregabilidade do pai, ela e os irmãos saíam cedo para caçar e beneficiar o mexilhão característico de ambientes estuarinos alagoanos, o que conseguiam vender de porta em porta na cidade servia para adquirir os alimentos secos. No entanto, apesar dos revezes da vida desta família, é preciso destacar a riqueza do ecossistema marinho descrito nas lembranças da menina Silvaneide, pois a Lagoa Mundaú faz parte de um complexo estuarino de grande importância para a pesca artesanal.

A pescadora quilombola Elionice Conceição Sacramento (2021, p. 42), do Quilombo Conceição, Recôncavo Baiano, reflete sobre o processo de pauperização das famílias que habitam os ambientes costeiros e estuarinos no Nordeste brasileiro. A lógica da pobreza, a pressuposta escassez dos recursos e a baixa escolarização, podem gerar vergonha e constrangimento nas crianças e mulheres que dependem da atividade da pesca e mariscagem. Ela continua: “Minha mãe não deve nada para mim ou para minhas irmãs. Fez o possível para nos garantir o melhor, transmitiu-nos a melhor educação para nos tornarmos mulheres e homens de bem. Se algo nos faltou, a responsabilidade foi do Estado brasileiro”. Dito isto, Silvaneide desempenhou, desde menina, um ofício tradicional que exigia o conhecimento de fabricação e manuseio dos instrumentos de pesca/mariscagem (jereré, balaio). A pauperização e exclusão social sofridas durante a infância são de responsabilidade da lógica do latifúndio brasileiro.

\*\*\*

“Desde Maceió eu sempre tive plantas em minha casa. Gosto muito da parte das hortaliças, eu não consigo fazer canteiros, trabalhar meio curvada. Trabalho muito ali no viveiro, Delso deixa eu fazer essa parte. Ou então ele faz os canteiros, e eu vou lá plantar as hortaliças, macaxeiras, batata, ele faz os canteiros e eu vou semeando e plantando. A gente planta de tudo um pouco. Plantei colônia, cidreira, capim santo, mas eu perdi tudo. Às vezes, o que eu acho ruim é quando chove demais, aqui alaga. Desde o inverno de março para cá a gente não plantou mais nada, tudo está cheio d’água. A minha parte alta do lote seca demais no verão. Eu não tenho como plantar lá. Agora que choveu, lá em cima está ótimo, plantei abacaxi, inhame e batata. Aqui embaixo está muito alagado.

A planta me traz paz, gosto do verde. quando eu estou ali eu me sinto bem. Adoro estar cuidando, arrancando, plantando. Se tiver flor, melhor ainda, acho lindo. Uma casa que tem planta é diferente. Agora mesmo estou cuidando de uns pés de zamioculca<sup>66</sup>. Você lidar com a terra é tão bom. Toda vida morei em Maceió, trabalhei em lojas chiques que exigiam muito de você a boa aparência. Às vezes, fico me lembrando como eu era e como eu sou. Prefiro hoje, apesar de eu ter passado dois anos chorando para ir embora daqui, mas hoje eu não troco isso aqui por nenhum lugar. Quando eu olho assim para as bananeiras e os coqueiros daqui, é outra coisa. Todo grude da unha, a terra há de comer”.

Em outro momento, Silvaneide respondeu como se vê segundo os critérios de autodeclaração, que “pelo meu documento é parda, o que tem lá”. A forma como a agricultora articula a percepção racial sobre si, a partir do que escreveu o tabelião do cartório, nos faz pensar em Lélia González (2020, p. 214), ela afirma: “Desse censo não tem senso”. No caso da população negra, afirmar a sua existência demográfica foi uma conquista histórica, tendo em vista que a estrutura colonial e escravista contribuiu para a estereotipação dos antepassados africanos. Nas relações familiares, religiosas, escolares, em rimas de cordel e até mesmo nos ditados populares, a negritude foi associada ao mal, ao feio, ao delinquente e ao atraso. Crescendo em uma sociedade racista e excludente, como afirmar positivamente a negritude?

A mineira Lélia Gonzalez (2020, p. 215) afirma que o que complica a autodeclaração racial é o que ela chama de “contínuo de cor”, que na ideologia e na prática funciona para deixar a hierarquia entre os grupos sociais funcionando perfeitamente, ou seja, “cada coisa no seu lugar, cada um no seu lugar”. Quando sabemos das nossas origens ancestrais, africanas ou originárias, as lutas políticas fazem sentido e mobilizam toda a sociedade brasileira. No mesmo texto, Lélia González conta que no seu estado de origem, ela foi chamada de “roxinha”, na certidão, “parda”. Em uma conversa informal em uma via carioca, ela foi chamada de “morena”. Portanto, ela conclui que se tornar negra é uma conquista!

Esse início de conversa demonstra que articular a identificação racial é importante para os contextos políticos e sociais nos quais estão protagonistas as agricultoras de Alagoas. A identidade negra importa, sim, para reivindicar a cidadania no campo e na cidade. Para a Agroecologia brasileira urge pautá-la com pro-

---

66. Nativa da Tanzânia, continente africano, a zamioculca (*Zamioculcas zamiifolia*) pode ser considerada uma suculenta pertencente à família Araceae.

fundidade em nossas práticas e discursos. Assim, Silvaneide é uma mulher negra<sup>67</sup>, a despeito do que consta em um documento do cartório em que foi registrada, o seu corpo, identidade e história familiar entrecruzam o legado ancestral alagoano e os dilemas enfrentados pelas mulheres negras camponesas no Brasil.

\*\*\*

Silvaneide trabalhou como operadora de caixa na Cooperativa do Banco do Brasil, entre 1988 e 2003. Nesse meio tempo, surgiu a possibilidade de sua família ocupar uma parte da terra improdutiva à margem de uma rede elétrica, e ela continua a narrar: “Meu pai não queria, ele falava ‘eu sou crente, não vou fazer um negócio desses não, não é certo’. Aí esse meu tio foi, o pescador, e disse: ‘pois eu vou pegar’, ele pegou um terreno de 6 x 10. A gente vivia de aluguel. Depois que todo mundo pegou e fez, papai pegou. Lá perto a gente tinha uns eucaliptos, hoje é a Colina dos Eucaliptos, tinha muita madeira, a gente morou ali por treze anos. A gente saiu de lá, comprou essa casa aqui, era bem miudinha, para passar, batia a cabeça”. Assim, foi com o trabalho na cooperativa que ela conseguiu fazer a reforma na casa, pois tinha cinco irmãos e todos dormiam espalhados pelo chão, “apenas meus pais dormiam no único quarto da casa. Meu tio, pescador, que incentivou a família a fazer parte da ocupação, também morava com esta família”.

Logo após encerrar o vínculo empregatício com a Cooperativa do Banco do Brasil, Silvaneide e o esposo aceitaram o convite de um irmão recém-separado, para morar com ele no Assentamento Zumbi dos Palmares. Mesmo não participando das lutas iniciais, Silvaneide faz questão de destacar que participou de outra experiência de acampamento em Carrapateira, mas sofreu despejo. Em prosseguimento a sua chegada e permanência no assentamento, ela disserta: “Aqui, o dono tinha falecido e o filho dele não queria. Como meu irmão morava próximo, ele disse que o filho do Luís queria vender. Com a cara e a coragem, a gente veio. Pela fé eu dizia: ‘esse lote vai ser meu’, mas pelo dinheiro, eu não tinha. Todos os dias eu dizia isso, apareceram cinco compradores para esse lote e ninguém comprou. Só que na época em que trabalhei na cooperativa para construir a casa dos meus pais, eu juntei um dinheirinho em uma poupança conjunta com o meu esposo. Com esse dinheiro a gente comprou uma casa no Mutange<sup>68</sup> em frente ao campo do CSA<sup>69</sup>, só que ali na parte da favela, aí tinha a linha do trem, depois da linha que começavam as casas. A gente comprou a casa ali, mas eu já não me lembro quanto

67. Em se tratando dos critérios de autodeclaração adotados no Brasil, respeita-se o que diz cada pessoa e, em segundo lugar, leva-se em consideração o fenótipo (cabelo, cor da pele, por exemplo).

68. O bairro ficou conhecido nacionalmente após o crime ambiental envolvendo a Braskem. Os moradores eram, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo.

69. O Centro Sportivo Alagoano é uma agremiação esportiva de Alagoas.

foi. Dessa casa, comprei esse lote. Nem precisou botar placa de venda, bastou falar e apareceu o comprador oferecendo R\$13 mil. Compramos isso aqui por R\$ 8 mil”.

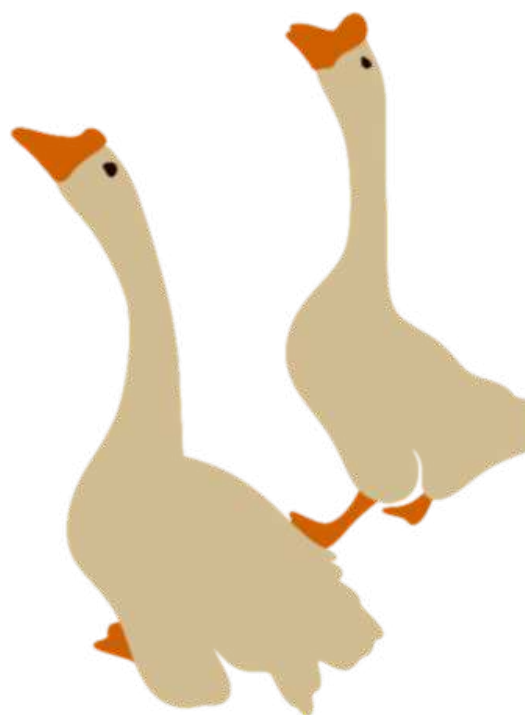
Atualmente, Silvaneide faz parte da Feira Agroecológica da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A respeito das lutas cotidianas travadas no campo e na vida, especialmente no papel que exerce nos cuidados dos enfermos da família (pais, sogros, tios e tias), a agricultora defende que “a mulher é valente, ela é corajosa. Acho que ser mulher é tudo. Acho que Deus criou a mulher no tempo certo, ser mulher é ser tudo, é ser lutadora, batalhadora. A mulher enfrenta cada coisa. Ser mulher é ser guerreira, é lutar, e mulher só luta para vencer, a mulher nunca perde batalha, não. Ela sempre entra em uma guerra e vence”, conclui.

Silvaneide dos Santos da Silva Mota  
Rosânia do Nascimento

### Referências bibliográficas

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da Diáspora Negra ao Território de Terra e Águas: Ancestralidade e Protagonismo de Mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA**. Curitiba: Appris Editora, 2022.



## Maria Lucilene dos Santos



### A agroecologia é tempo

Maria Lucilene, do Assentamento Zumbi dos Palmares, no município de Branquinha, Zona da Mata de Alagoas, interrompeu os estudos no atual 9º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais<sup>70</sup> logo após se tornar uma jovem mãe de sete filhos e filhas. Em suas próprias palavras, ela insiste que: “Desisti por conta da família, eu tinha que botar os meninos para estudar, eu não dava conta de estudar e os meninos estudar ao mesmo tempo, cuidar da roça, tudo ao mesmo tempo. Fiz a roça e os meninos estudaram. Tive seis filhos, morreu um, o Vinícius é adotivo, mas ficou no lugar do outro. No caso, tive sete”, conclui.

A respeito do filho Vinícius, ela antecipa que ele tem uma história para contar, no entanto, antes disso ela considerou importante ressaltar o valor da escuta sen-

70. Lembrando que esta é a expressão usada atualmente na política nacional de educação no Brasil, adotada sob a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração.

sível apreendida com os pais e avós não-alfabetizadas/os. Maria Lucilene lembra que os pais não tinham terra própria, trabalhavam para terceiros, mas mantiveram o hábito de sentar com os filhos no terreiro para contar histórias. Ela revela que as expressões de cuidado e carinho partiam de outro tipo de expressão. Às vezes, podia faltar um afago ou uma palavra doce no dia a dia, ela recorda que os pais não admitiam a interrupção de suas falas e ações pelas crianças, mesmo que estivessem equivocados, os filhos eram repreendidos duramente. Isso não quer dizer que ela, enquanto filha, aceitou tacitamente a severidade de sua criação. Ela conta que “eu era teimosa, mas a teimosia me ensinou a ser forte na vida, a não ser negativa. Mesmo que não dê certo, a gente tem que colocar que vai dar certo”, arremata.

A agricultora considera que naquele tempo as relações hierárquicas dos pais para com os filhos representavam muito a estrutura fundiária violenta. Contudo, ela tenta se reportar aqui às lembranças positivas, pois com os pais aprendeu bons exemplos, como não pegar o que era alheio, trabalhar para ter o seu próprio sustento, ter simplicidade na vida, na casa, e manter como horizonte a construção de uma vida alegre. Com os avós, a relação foi marcada por gestos de carinho e acolhimento: “Conheci meu avô, pai de mamãe, e conheci uma avó, mãe de meu pai. Assim, eu tinha recordações boas, eles eram muito acolhedores, ensinavam coisas boas para a gente também. A minha avó ensinava muito a rezar. Ela sentava em uma mesa e chamava todos os netos para ensinar as orações dela, aprendi muito com ela essa coisa de ser católica, de rezar um pelo outro. Todos saíam, mas eu continuava a dar ouvidos, ela dizia que gostava de mim porque eu dava ouvidos ao que ela falava. Ainda hoje eu tenho isso dela, dar ouvidos ao que o outro fala, mesmo sendo velhinho, eles têm o jeito de se expressar, a gente tem que respeitar”, relata.

Como pudemos perceber, Maria Lucilene aprendeu com a sua família alguns princípios fundamentais para luta política pela vida e terra, como acolhimento, escuta sensível (“dar ouvidos a todos”), perseverança e insistência, que edificaram o caminho aberto por ela para trazer, em 1996, seu marido, filhos e filhas para o Assentamento Zumbi dos Palmares. Durante o tempo em que viveu na cidade, ela conta que “a gente não passou fome, fome de perder o cabelo, não, mas passou por muitas dificuldades”, pois o marido continuou a trabalhar em uma usina de cana, enquanto ela ocupou postos de trabalho subalternos e foi vendo a prole aumentar.

No entanto, a agricultora faz questão de ressaltar que o número de filhos não significa somente a sua vulnerabilidade social, claro que é um traço da sociedade

patriarcal e machista, que se estende para além da dimensão do mundo privado, no entanto ela reitera que teve cerca de dezesseis irmãos e irmãs, o que a fez despertar para a importância da comunidade e o compartilhamento dos bens coletivos. Tendo crescido em casa cheia, ela evita pensar na chegada de uma criança como “castigo” ou “atraso”. Isso explica o seu maior sonho da atualidade: contribuir com a coletividade e impulsionar sua banca de produtos nas feiras agroecológicas das quais participa. Ela diz que “gostaria de fazer uma farmácia viva, uma farmácia caseira, tanto para as pessoas que precisam, quanto para vender também”.

Tempos depois, Maria Lucilene decidiu investir no sonho de ter uma terrinha, ela e o marido cresceram em sítios nas imediações da cidade e à medida em que os filhos e filhas cresciam, o casal começou a apostar na luta pela terra como caminho de dignidade e pertencimento, tendo em vista a pauperização provocada pela lógica capitalista da cidade, especialmente quando eles se depararam com as dificuldades para garantir uma boa alimentação à família. Ela narra: “Botei no meu coração e pedi a Deus mais três filhos, mas eu queria de mães que não tivessem condições. Esqueci tudo isso, depois a gente veio parar nesse lote. A gente tentou, eu fui a primeira a dar o primeiro passo para a gente chegar até aqui, porque a cidade não dava para nós, a gente nunca conseguiu se adaptar à cidade, só comprar alguma coisa e voltar para o sítio. O meu marido também só falava em terra, mas não tinha aquela coragem de enfrentar. Geralmente o início não é fácil de enfrentar, matavam gente, aqueles problemas todos. Eu fui logo abrindo as portas, o meu irmão falou que estava tendo um acampamento em Cabeça de Porco, que hoje é Santo Antônio da Boa Vista. Fui na moto do meu irmão dar os nomes, fiquei lá o dia, voltei e falei para o meu marido, **ele disse que não tinha como faltar um dia de serviço na usina, mas eu falei que a usina não era dele, a gente nunca vai ter nada porque a usina é usina, é trabalhar para os outros.** Trabalhar para gente é outra coisa. A gente já não estava vivendo bem, a alimentação estava escassa, botei isso na cabeça dele, daí ele foi. Quando chegamos lá, pediram para a gente levar os meninos para pegar uma casa velha e ficar no acampamento, quem tinha menino não ficava no barraco de lona, ganhava uma casa, era temporária só para ficar, mas a casa estava cheia de escorpião. Ele limpou tudo ao redor e fez um barraco de palha para botar nossos meninos”, narra.

Em continuidade ao processo do envolvimento da família com as ocupações de terra, ela contextualiza a luta para permanecer em um acampamento que atendessem aos anseios e aos projetos da família: “Depois desse acampamento, Cabeça

de Porco, ele veio para cá. Ele já estava acostumado a trabalhar com cana, ele sabia que esse lugar era mais alto e tinha mais riquezas, aqui em Dois Braços, ele ainda tornou a desanimar. Quando ele desanimava, eu animava ele, dando força. Meu menino tinha nove anos e foi trabalhar no mercado, na cidade, ele já voltava com comida. Eles nunca foram de se estragar, eu criei eles sabendo como viver. Comprava açúcar, café, feijão e trazia para cá, com isso a gente foi se ajudando até conseguir plantar. Em outro espaço, que ainda não estava dividido em lote, ele plantou logo uns pés de macaxeira. Nessa época, a gente comia ela com molho de coentro, cortava o coentro, pegava o caldo da macaxeira, botava, jogava por cima da macaxeira e comia, porque nessa época eu já tinha parado de trabalhar e não estava recebendo salário, e ele já não estava trabalhando mais na usina, a gente tinha que se virar com o que arrumava. Depois a gente foi desse jeito até conseguir criar umas galinhas. Aqui era só cana e mato, a gente foi arrancando a cana para plantar comida, aqui não tinha um pé de árvore, meu marido arranjou aqui só um pé de goiabeira com um fruto que ele levou para mim, que até pouco tempo essa goiabeira morreu de tão velha”, prossegue.

Atualmente, depois de quase três décadas re-existindo no Assentamento Zumbi dos Palmares, alguns filhos e filhas se casaram e passaram a residir em lotes de terras no município de São José da Laje-AL, Sítio Pindoba, situado no município de União dos Palmares-AL, outros moram nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Além da aposentadoria dela e do esposo, a família, composta por quatro pessoas, vive da venda dos alimentos comercializados quinzenalmente ou semanalmente em feiras agroecológicas, como a Feira Agroecológica da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e em outros espaços de venda de produtos orgânicos.

A agricultora Maria Lucilene conta que durante a pandemia de Covid-19 a sua família e de outros assentados enfrentaram muitos desafios, mas conseguiram encontrar saídas para escoar a produção, garantindo o alimento à mesa das/os clientes e a renda familiar. Assim, as entregas a domicílio foram mantidas até hoje, a família trabalha unida para organizar as caixas com os produtos que são distribuídos por meio de motocicletas ou carroça. Ela explica da seguinte forma como funciona o serviço de delivery rural: “A gente manda o pedido na segunda-feira e tem até quinta para eles darem a resposta do que querem receber. A gente tem várias pessoas no grupo do whatsapp, tem uma lista com vários clientes e leva também algumas caixas feitas. Tem um cliente do Riacho Doce que a gente en-

trega de quinze em quinze dias, lá tem uma pessoa que organiza o que o pessoal quer e manda para a gente. A gente arruma tudo em caixas e leva. O que sobra por lá é organizado em uma xepa, às vezes sobram quatro bananas, aí organiza numa mesinha e uma pessoa que não conseguiu fazer o pedido vai lá e compra. Eu vou às quartas. E o marido vai quinzenalmente aos domingos. O filho mais velho fica mais na produção dos alimentos na roça. A filha organiza os pedidos pela internet porque ela tem mais facilidade com celular, ela mora com o marido em Pindoba, União dos Palmares, em uma parcela do sogro dela, e passa a lista para mim. A gente forma uma rede familiar que se ajuda”, conta.

O comprometimento da família com os valores da Agroecologia provoca nela profundo orgulho. A agricultora acrescenta que a importância do tempo é fundamental, e aqui é diferente do tempo linear e de escala industrial do agronegócio mecanizado. Como demonstrado em falas anteriores, a monocultura de cana produziu historicamente o empobrecimento do solo da área ocupada por essas famílias, além do uso de veneno para acelerar o monocultivo, havia a exploração do trabalho de famílias submetidas aos mandos patronais, outrossim, a biodiversidade da mata atlântica e transição para o bioma caatinga foi desconsiderada para atingir a maior produtividade de commodity agrícola, o tempo linear urgia e o tempo linear destruía o que a terra e as pessoas tinham de melhor.

Ao contrário da lógica colonial e capitalista, que toma o alimento como commodity agrícola (Delgado, 2012), a agricultora Maria Lucilene não se esqueceu da imagem de um pé de goiabeira resistindo no meio de uma plantação de cana de açúcar, daquela dificuldade que a família enfrentou no início da ocupação da terra para produzir os primeiros alimentos na pequena propriedade conquistada. Ela leva até hoje essa imagem de uma paragem sem vida como ensinamento para respeitar o tempo da natureza, o tempo do trabalho familiar, o tempo de colher os frutos que a terra dá.

A agricultora explica que para participar dos circuitos das feiras agroecológicas e orgânicas, foi imprescindível valorizar o trabalho do regime familiar e a produção livre de agrotóxicos. Além disso, ela detalha como entende o tempo da produção dos alimentos da seguinte forma: “A gente vende tudo o que a gente produz de acordo com tudo que dá no seu devido tempo. Porque a **Agroecologia é tempo**, têm coisas que até têm aqui, têm coisas que não têm todo tempo.

---

71. Conforme Nelson Delgado (2012), a tradução de *commodity* para a língua portuguesa é mercadoria. Como explica o autor a partir da tese de Karl Polanyi, os mercados precedem o advento do capitalismo, de modo que o termo *commodity* agrícola refere-se aos produtos comercializados nos mercados internacionais capitalistas (bolsas de valores). Considerando a divisão internacional do trabalho, estando o Brasil em posição periférica, produz-se aqui *commodities* agrícolas (arroz, trigo, carne, soja, sorgo, café), tendo origem desde o sistema da *plantation*.

Hoje, a gente tem laranja, banana, tá começando agora o jenipapo. Se for dizer o que a gente tem, você vai precisar de duas folhas desta que você tem nas mãos para anotar o que a gente planta. Agora, para a gente vender vai depender do que tem no momento. Eu não perco nada, se eu tirar uma abóbora, as sementes eu transformo em farinha, vendo. O tomate quando está muito maduro e não dá para vender, faço molho. Tenho até um bocado de molho aqui feito, depois vou dar dois a vocês. A gente sempre está se transformando, faz o colorau, amassa a puba. Geralmente, a gente trabalha com a família, só que chega um momento que estamos muito cansados, às vezes, bota uma pessoa para trabalhar”, explica.

No decorrer do tempo, Maria Lucilene percebeu que a saúde já denunciava o esgotamento de ter enfrentado muitas lutas e acrescenta: “Meu espírito está vivo e ainda está de pé. O corpo a gente vai levando, um dia com uma dor, e assim vai levando”. Como vimos em sua história, ela interrompeu os estudos para garantir a educação dos seus filhos e filhas, quando percebeu a escassez do alimento em sua mesa na cidade, ela fez o retorno ao campo com a família. Para permanecer no assentamento, o regime familiar precisou da sua figura como mola mestra, quando um esmorecia, ela encorajava, quando faltava a mistura no almoço, ela transformava as sementes de abóboras em farinha. Foi assim, mantendo o senso de comunidade que ela se tornou a mãe do pequeno Vinícius, como ela própria abriu no início, ele tem uma história à parte que merece ser contada. Afinal, temos atenção às infâncias do campo? **O que as crianças do campo nos ensinam sobre conquistar o direito à educação inclusiva e a seguridade social desse grupo?**

Com a palavra, Maria Lucilene, agricultora, mãe de um filho autista: “O Vinicius tem uma história. Ele tinha um ano quando eu descobri, não fui eu, foi uma irmã minha. Fiz o aniversário de um ano dele, aí ele só andava batendo palmas nas costas, ele não batia de frente, ele passava o dia todinho nesse papapá e nada ficava, hoje fica, ele virava tudo, isso aqui ficava um vulcão, toalha de mesa, lençol de cama, tudo ele mexia. O meu marido dizia que ele era muito esperto, não é porque ele é doente. A minha irmã olhou e disse que ele era especial, disse: ‘vocês cuidem dele’. Peguei ele doentinho, só pele e osso, ele já tinha autismo, mas a gente não sabia. Apanhei e trouxe o Vinicius para cuidar. Levei para o médico, ele encaminhou para um psiquiatra, que descobriu com o tempo, porque o autismo não se descobre logo, vai se levando, vai se vendo. Hoje, ele tem três CID<sup>72</sup>: distúrbio mental, autismo e hiperatividade”, explica.

---

72. Adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a sigla em inglês significa Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, a mais recente atualização data do ano de 2019, ratificada pelos países-membros na Assembleia Mundial da Saúde.

Como sabido, a escola com qualidade para as crianças e adolescentes do campo tem sido uma batalha longa travada pelas famílias, associações, movimentos sociais e entidades parceiras. A realidade é que muitos acampamentos e assentamentos rurais no Brasil dispõem de uma infraestrutura educacional precária, derivada do abandono do Estado, por isso o alto índice de analfabetismo gera vergonha e fragilidade na garantia da cidadania, e por outro lado, as forças antagônicas apostam na ideia errônea de que as crianças do campo pertencem ao atraso. O motivo dessa invisibilidade e exclusão social explica a razão pela qual inúmeras famílias cederam no passado à pressão da concentração de terra ao migrarem para as cidades grandes (Silva; Felipe; Ramos, 2012).

O que dizer quando esse quadro invisibiliza as crianças e adolescentes diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto de um assentamento rural? Como temos pensado as crianças e adolescentes neurodivergentes nestes contextos educacionais rurais e de lutas sociais? No caso de Vinícius, a tia e a mãe, Maria Lucilene, tiveram atenção e recorreram a um diagnóstico médico precoce para possibilitar-lhe dignidade, mas os desafios são enormes. É preciso enfrentar o desconhecimento de informações científicas, de políticas públicas fragilizadas ou inexistentes para alguns contextos regionais e rurais, o preconceito familiar e da comunidade que o envolve, a dificuldade de apreender os tempos do seu comportamento, da comunicação, interação social e os processos de aprendizagens distintos.

Afinal, é preciso construir um repertório sensível e atento para a sua singularidade como ser humano dotado de capacidades cognitivas específicas (e não menos importantes). Assim, Vinícius, como sujeito político que participa das lutas sociais do campo, merece que os seus direitos sejam respeitados e garantidos, como a socialização plena e o acesso à saúde e à educação. Quando perguntada como foi lidar com o diagnóstico do filho, a agricultora Maria Lucilene, mais uma vez, nos oferece um ensinamento valioso: “Para mim, eu que tinha que saber lidar com esse mundo dele. Para mim não foi um choque, eu estou acostumada a lidar com gente”, inspira.

Maria Lucilene dos Santos  
Rosânia do Nascimento

## Referências bibliográficas

SILVA, Ana Paula; FELIPE, Eliana da Silva; RAMOS, Márcia Mara. Infância no Campo. In: CALDART, Roseli Salete et alii (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, p. 419–425.

DELGADO, Nelson Giordano. Commodities agrícolas. In: CALDART, Roseli Salete et alii (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, p. 135–142.

**Posfácio**

**Colheita farta**

| Manoela Vianna

“Eu quero pedir para que cada uma de vocês bata o pé bem forte no chão e diga seu nome e de onde você vem. Vamos fazer isso para afirmar nossa presença, já que estar neste mundo não é fácil para a maior parte das mulheres”. Foi o que falou Camilla Lima, professora do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), para o grupo de 30 mulheres da comunidade rural Marrecos, em Lagoa de Itaenga, e de Paulista, região metropolitana de Recife. O encontro, realizado em abril de 2022, foi uma das atividades do projeto Construção de Territórios Livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia, razão deste livro. Neste dia, a equipe da Fundação Heinrich Böll, organização que apoia o projeto, teve o privilégio de participar da oficina junto com algumas mulheres, que também são autoras desta publicação.

Reafirmar a presença, dita pela professora Camila Lima naquele dia, também é para nós, da Fundação Heinrich Böll, o sentido que tem este projeto, promovido pela ABA, e que temos orgulho de apoiar. O projeto reafirma a presença das mulheres como protagonistas na resistência aos agrotóxicos, promotoras de uma alimentação saudável e potencializadoras da agroecologia.

No mundo de hoje sabemos como isso é importante. Segundo o Atlas dos Agrotóxicos, publicado em 2022 pela nossa sede, que fica em Berlim, na Alemanha, o número de pessoas afetadas por envenenamento por agrotóxicos a cada ano no mundo aumentou para 385 milhões. Os agrotóxicos podem ser encontrados em tudo – no mel, nas frutas e legumes, na grama dos jardins e até na urina e no ar. Essa situação grave tem impactos perversos em diversos campos: na saúde humana, na diminuição da biodiversidade de diferentes ecossistemas e na contaminação dos solos e das águas, por exemplo. Mas também tem consequências diretas na vida das mulheres, e é aí neste campo que as participantes do projeto “Territórios Livres” entram. Aprendemos com este projeto que os quintais de cada autora deste livro e de outras mulheres de todo o Brasil representam espaços de liberdade e acolhimento. É por isso que muitas dizem: “meu quintal é tudo”.

Mas o que a Fundação tem a ver com isso? A Fundação Heinrich Böll, organização alemã, acredita que “comer é um ato político”. Junto com parceiros, como a ABA, acreditamos que todos devem ter acesso a alimentos saudáveis. E que a situação de fome no Brasil, que voltou a ser tão grave nos últimos anos, tem solução se fortalecermos algumas iniciativas, como políticas públicas pró agroecologia.

cologia. Para nós faz diferença saber de onde vem o alimento e tudo que está por trás dele. Quando alguém compra um produto em uma das feiras do projeto “Territórios Livres”, há um mundo por trás daquilo que está sendo vendido. Quantas histórias podemos contar sobre o quintal produtivo, as agricultoras e o caminho percorrido até a comercialização?

Nossa Fundação tem projetos em 60 países e conta com mais de 100 parceiros. Temos um compromisso especial com organizações como a ABA, porque como diria o escritor premiado Heinrich Böll, que inspirou nosso nome: “Envolver-se é a única forma de enfrentar a realidade”. Por isso, reverenciamos todas as mulheres autoras deste livro, as promotoras do projeto e as participantes das atividades. Sem dúvida, este livro já é uma colheita farta das sementes de esperança plantadas durante o projeto, e que venham as próximas!

Manoela Vianna  
Coordenadora de Comunicação da Fundação Heinrich Böll Brasil

## Referências bibliográficas

ALAGOAS. **Perfil Municipal Joaquim Gomes**. Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico, v.2, n.2, 2014.

ALENTEJANO, Paulo Roberto. As políticas do Governo Bolsonaro para o campo: A contrarreforma agrária em marcha acelerada. In: **Revista da ANPEGE**, v. 16, nº. 29, p. 353 – 392, ano 2020.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

AMORIM, Géssica. Francisca dos Santos, a última umbandista do quilombo Teixeira. Marco Zero, 2021. Disponível em: <https://marcozero.org/francisca-dos-santos-a-ultima-umbandista-do-quilombo-teixeira/> Acesso em: 23 de abril de 2023.

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O Ser Negro: a construção de subjetividades em afro-brasileiros**. Brasília: LGE Editora, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. **Lendo com o pé na boca**. In: A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ARAÚJO, Valesca de Almeida et alii. Criação de galinhas caipiras: implantação de sistema de alimentação alternativo em assentamento rural. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, n. 2 (2020).

BEZERRA, Elaine Maurício. O trabalho a domicílio das mulheres do Cariri Paraibano no polo de confecções do Agreste de Pernambuco. 2011. 150f. **(Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais)** – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande: UFCG, 2011. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2240>.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia**. São Paulo: FFLCH – USP, 2017.

BRASIL. **Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e Povos de Terreiro: Segurança Alimentar, nutricional e Inclusão produtiva**. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

BRASIL. Lei Nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Brasília, DF: Presidência da República: Casa Civil, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). 2019. Presidência da República: Ministério do Esporte. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/acao-estrategica-do-programa-de-erradicacao-do-trabalho-infantil>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

BRITO, Fausto. **O deslocamento da população brasileira para as metrópoles**. Estudos Avançados, 20(57), 221–236. 2006 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200017>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

CARNEIRO, Júlia Dias. Nordeste e Sul são os últimos ‘bastiões’ católicos do Brasil. Rio de Janeiro: BBC Brasil, 2012. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629\\_mapa\\_religioes\\_jc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629_mapa_religioes_jc) Acesso em: 23 de abril de 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CASTRO, César Nunes. **Avaliação do programa nacional de apoio à captação de água de chuva e outras tecnologias sociais (Programa Cisternas), à luz dos objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília-DF; Rio de Janeiro-RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2021.

CHAGAS, Ivone Augusta. Transição agroecológica em assentamento rural: uma experiência dos assentamentos de Chico Mendes III em São Lourenço da Mata e Paudalho, Pernambuco. Dissertação **(Mestrado)**. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. João Pessoa: UFPB, 2016.

CONCEIÇÃO, Vanessa; XAVIER, Giulia; JORGE, Marisol. ANÁLISE | Efeitos da pandemia de covid-19: a alta da inflação no Brasil e no mundo. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/10/analise-efeitos-da-pandemia-de-covid-19-a-alta-da-inflacao-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

CRUZ, Lilian de Campos Marinho; DAÚDE, Rodrigo Bastos. Etnomatemática e o Assentamento Rural Che-Guevara: pulsões de sobrevivência e transcendência no saber/fazer do assentado. In: **REMAT: Revista Eletrônica da Matemática**, Bento Gonçalves, v.7, n.1, pp.1-21, 2021.

DELGADO, Nelson Giordano. Commodities agrícolas. In: CALDART, Roseli Salete et alii (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, p. 135-142.

DUARTE, Ana Maria. Mulheres na Reforma Agrária e políticas de crédito: avaliação do PRONAF Mulher em assentamentos de Monsenhor Tabosa-CE. Dissertação **(Mestrado)**. Universidade Federal do Ceará. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas. Fortaleza: UFC, 2010.

FAVERO, Celso Antonio; SANTOS, Stella Rodrigues dos (Orgs). **O campesinato e o Bolsa Família no semiárido do Nordeste**. Salvador: EDUFBA; EDUNEB, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns**. Tradução do Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Que Reforma Agrária? In: **GeoUERJ: Revista do Departamento de Geografia**, UERJ, RJ, n. 6, p. 7-15, 1999.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1997.

G1. #ViajoSozinha: Como a morte de duas turistas argentinas levou a debate sobre assédio. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/viajosozinha-como-morte-de-duas-turistas-argentinas-levou-debate-sobre-assedio.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano e caribenho**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROFF, Apoliana; MAHEIRIE, Kátia. A mediação da música na construção da identidade coletiva do MST. In: **Política e Sociedade**. Volume 10 – Nº 18 – abril de 2011, p. 351-370.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / Bell Hooks. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

IDOETA, Paula Adamo. “Mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas têm mais dificuldades em encontrar emprego”. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49639664>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020, p.28.

LEITE, Marceli Rocha. O trabalho no corte de cana-de-açúcar, riscos e efeitos na saúde: revisão da literatura. In: **Revista de Saúde Pública da USP**, 52: 80, 2018.

LIMA, Aline Barboza. Camponeses e feiras agroecológicas na Paraíba. 2017. Tese **(Doutorado)**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LIMA, José Carlos da Silva. Terra: Poder e Liberdade: a ocupação semterra na Flor do Bosque. Dissertação **(Mestrado em História)**. Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió: UFAL, 2016.

LIMA, Weldja Marques da Silva. Do conflito à re-volta: o deslocamento campo-cidade-campo entre camponeses em Alagoas. 2020. 158 f. Dissertação (**Mestrado em Sociologia**) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas. Maceió: UFAL, 2021.

LONDRES, Flávia. As sementes da paixão e as políticas de sementes na Paraíba. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014.

MACEDO, Ingrid, de nome indígena Juacema. A ancestral pega no laço e a normalização da violência contra mulheres indígenas. In: Assembleia Popular. 2022. Disponível em: <https://www.assembleiapopular.com.br/post/a-ancestral-pegano-la%C3%A7o-e-a-normaliza%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%Aancia-contra-mulheres-ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

MALAGODI, Edgard; MARQUES, Roberto. Para além de ficar ou sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 200, pp. 197–214.

MODELLI, Laís. Agrotóxicos banidos na UE encontram terreno fértil no Brasil. DW. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/agrot%C3%B3xicos-banidos-na-ue-e-eua-encontram-terreno-f%C3%A9rtil-no-brasil/a-61004105>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

MORAES, Marileia; SCHWENGBER, Maria Simone. Mulheres e heranças educativas do analfabetismo. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 233–249, Maio/Ago. 2017.

MOURA, Abdalaziz de. **Princípios e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS: uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo**. Glória de Goitá: Serviço de Tecnologia Alternativa, 2003.

MST. Pronera: 24 anos de conquista e resistência na Educação do Campo. MST. 2022. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/04/16/pronera-24-anos-de-conquista-e-resistencia-na-educacao-do-campo%EF%BF%BC/>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 245.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020 (Coleção Feminismos Plurais).

PACHECO, Iris; PEREIRA, Rosineide. A resistência negra brasileira também é a mulher negra camponesa. MST. 2017. Disponível em: <https://mst.org.br/2017/11/30/a-resistencia-negra-brasileira-tambem-e-mulher-negra-camponesa/>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

PARAÍBA. O que é o Orçamento Democrático Estadual (ODE). Governo da Paraíba. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/ode/o-que-e-o-ode>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

PERES, Marcos Augusto. In: Revista Sociedade e Estado – volume 26, número 3. Setembro/Dezembro, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/FzpMmtCqpRNfzPFxbKHfd9D/?lang=pt>.

PIMENTEL, Anne Geraldi. **Agroecologia: insurgência pela vida.** Curitiba: CRV, 2020. (Coleção Natureza e Povos).

PONTES, Emílio. A estreita relação entre mulher e água no semiárido: o caso do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais. In: **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero.** Ponta Grossa, v.4, n.1, p. 14–21, jan/julho de 2013.

PORTAL G1 ALAGOAS. Justiça determina que prefeitura de Joaquim Gomes, AL, providencie transporte escolar adequado. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/justica-determina-que-prefeitura-de-joaquim-gomes-al-providencie-transporte-escolar-adequado.ghtml>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Cartilha da Terra.** São Paulo: Expressão Popular, 2020. (Série Ana Maria Primavesi).

SACRAMENTO, Elionice Conceição. **Da Diáspora Negra ao Território de Terra e Águas:** Ancestralidade e Protagonismo de Mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas–BA. Curitiba: Appris Editora, 2022.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. Fogões, Pratos e Panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico. Salvador 1900/1950. **(Mestrado em História)**. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: UFBA, 1998.

SANTANA, José Ubiratan; GERVAIS, Ana Maria; SCHIRMER DE MATTOS, Jorge Luiz. Dinâmica dos Territórios Camponeses em Alagoas: a articulação de famílias assentadas para ampliar a Agroecologia em áreas de Reforma Agrária. In: **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 34, pp.1-12, 2022.

SANTOS, Stella Rodrigues dos (Orgs). **O campesinato e o Bolsa Família no semiárido do Nordeste**. Salvador: EDUFBA; EDUNEB, 2016.

Sem autor. Sobre nós: História. ASA Brasil. Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>. Acesso em: 29 de março de 2023.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, a agricultura e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, Ana Paula; FELIPE, Eliana da Silva; RAMOS, Márcia Mara. Infância no Campo. In: CALDART, Roseli Salete et alii (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, p. 419-425.

SOUSA, Romier da Paixão. Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 140, p.631-648, jul.-set., 2017.

UCHÔA, Victor. Danos do óleo no litoral do Nordeste vão durar décadas, dizem oceanógrafos. BBC News Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50131560>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.

VENTURINI, Anna Carolina. A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's World Congress** (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

ZAMBERLAM, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. **Agroecologia**: caminho de preservação do agricultor e do meio ambiente. Petrópolis: Vozes, 2012.

“Não planto transgênicos para Não Apagar Minha História”. AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia. Disponível em: <https://aspta.org.br/2016/08/29/campanha-nao-planto-transgenicos-para-nao-apagar-minha-historia/>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

**Dados internacionais de catalogação na publicação**  
**Bibliotecária responsável: Natália Vicente Montanha Teixeira (CRB-9/1642)**

Sementes da resistência : mulheres agricultoras construindo territórios livres / organizado por: Fernanda Savicki de Almeida e Marina Augusta Tauil Bernardo. – 1.ed. – Curitiba, PR: Edição das autoras, 2025.  
267 p.

ISBN 978-65-01-64851-4

1. Trabalhadoras rurais – Condições sociais. I. Almeida, Fernanda Savicki de. II. Bernardo, Marina Augusta Tauil.

CDD (22ª ed.)  
305.4

